

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

**O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS  
PARAOLÍMPICOS NO BRASIL**

**Tese de Doutorado**

**Vinícius Denardin Cardoso**

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

**O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS  
PARAOLÍMPICOS NO BRASIL**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

Porto Alegre

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Denardin Cardoso, Vinícius

O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil / Vinícius Denardin Cardoso. -- 2016.

217 f.

Orientador: Adroaldo Cezar Araujo Gaya.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Esporte paraolímpico. 2. Carreira esportiva. 3. Atleta paraolímpico. 4. Jogos Paralímpicos. I. Cezar Araujo Gaya, Adroaldo, orient. II. Título.

Vinícius Denardin Cardoso

**O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS  
PARAOLÍMPICOS NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano para obtenção do título de Doutor em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

**Banca Examinadora:**

.....  
Prof. Dr. Alberto Martins da Costa  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

.....  
Prof. Dr. Alexandre Carriconde Marques  
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

.....  
Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Conceito final: .....

Aprovado em ..... de ..... de 2016

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a minha esposa Rafaele Bastilha.  
Pelo constante incentivo em minha jornada acadêmica e por todo zelo e carinho ao  
maior presente de nossas vidas: nosso filho Murilo.  
Com todo amor e carinho.  
Te amo. Sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID, pela oportunidade de fazer parte do Programa de Pós-Graduação de uma das melhores Instituições de Ensino Superior do Brasil.

Aos funcionários da ESEFID, desde a direção até o Lapex, meu reconhecimento pelo trabalho constante em prol dos discentes e docentes da escola. Em especial ao Ezequiel, André, Isabel, Bete, Selda, Ana, Luciano. Obrigado.

À Universidade Estadual de Roraima – UERR, pela confiança e todo suporte prestado. Tenho plena certeza que retribuirei da melhor forma possível.

À minha mãe Sonia Denardin, meus irmãos, Diogo e Ana Carolina Denardin pelo carinho em todos momentos, sempre me incentivaram a crescer e desbravar novos caminhos. Obrigado por tudo.

Aos grandes amigos que PROESP-Br me proporcionou. Obrigado pela parceria e fraternidade no convívio diário com cada um de vocês. Sucesso à todos. Marcelo, Júlio, Arieli, João, Gabriel, Vavá, Carol, Fernando, Priscila, Bruna, Larissa, Débora e em especial a Prof<sup>a</sup>. Anelise Gaya.

Ao Projeto Refêrencias do Esporte Nacional de Alto Rendimento – Ministério do Esporte/ESEF-UFRGS, pela oportunidade de participação e aprendizado ao longo do Doutorado.

E especialmente ao véio Gaya. O ser humano mais ético, justo e franco que tive a honra de conhecer. Foram quatro anos de intenso aprendizado sobre como a vida é bela e simples de ser vivida. Sobre a necessidade de evoluir como ser humano, transformando a simplicidade de nossos atos em uma forma de mudarmos a realidade em que estamos inseridos. Onde a música, a filosofia, a família, um bom vinho, são mais importantes que a correria constante do trabalho acadêmico. Teus ensinamentos e tua paixão pela Educação Física me inspiram a continuar apaixonado pelo esporte paraolímpico. Foi um imenso privilégio ter compartilhado tudo isso convosco. De todo meu coração, com muita admiração. Obrigado Professor.

## RESUMO

O esporte paraolímpico brasileiro vive um momento de destaque esportivo em virtude de suas recentes conquistas: sétimo lugar nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e líder por três edições consecutivas dos Jogos Para-Panamericanos (2007, 2011, 2015). Esses resultados fazem com que o Brasil seja visto como uma potência paraolímpica mundial e ainda, contribuem para o crescimento do número de pessoas com deficiência demonstrem interesse em ingressar no esporte. Atualmente o profissionalismo tem sido a razão do sucesso e abrangência do esporte paraolímpico brasileiro e a proximidade com os Jogos Paralímpicos do Rio 2016 abre a discussão sobre a carreira esportiva dos atletas paraolímpicos. Assim, o objetivo deste estudo é descrever o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil. Como ocorre o ingresso no esporte? Quais as razões que levam os atletas a permanecer na modalidade esportiva? Quais os suportes necessários para o sucesso? O estudo caracteriza-se como descritivo e abordagem qualitativa. A coleta de informações foi realizada através de entrevista semiestruturada. Participaram do estudo 20 atletas paraolímpicos das modalidades Atletismo e Natação, contemplados pela Bolsa-Pódio do Programa Bolsa-Alela do Ministério do Esporte. Os resultados revelaram que os principais motivos pelos quais os atletas iniciam no esporte paraolímpico são: 1) Oportunidade de Acesso à prática (n=10; 50%); 2) Prazer pela prática (n=9; 45%); 3) Inspiração em ídolos paraolímpicos (n=6; 30%); e 4) Reabilitação (n=5; 25%). Os resultados também apontam que: A influência de Professores de Educação Física e Treinadores (n=19; 95%), Participação em competições esportivas (n=14; 70%) e Suporte Emocional (n=13; 60%), são atribuídos como fundamentais para a continuidade dos atletas no esporte paraolímpico. E ainda, os principais suportes apontados como fundamentais para o sucesso no esporte são: O Suporte Financeiro (n=20; 100%); Suporte estrutural (n=20; 100%); Suporte de Recursos Humanos (n=19; 95%) e também, o Suporte tecnológico (n=6; 30%). O desenvolvimento da carreira do atleta paraolímpico brasileiro começa na fase de pré-transição, onde o atleta inicia sua trajetória, motivado pelas razões destacadas nesse estudo. A continuidade dos atletas na modalidade acontece em decorrência da qualidade e quantidade dos suportes obtidos durante esse período e que também, irá contribuir para que o atleta

paraolímpico alcance o sucesso no alto rendimento. O Brasil é uma potência no esporte paraolímpico mundial e as ações que vem sendo realizadas para o desenvolvimento crescem a cada ano e podem transformar o país em um grande formador de novos atletas. Também, os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 trazem boas perspectivas para o esporte paraolímpico brasileiro, além de proporcionar a consolidação da carreira esportiva do atleta paraolímpico, os jogos irão possibilitar que o país se mantenha uma potência no cenário paraolímpico mundial.

**Palavras-Chave:** Esporte paraolímpico; Atleta paraolímpico; Carreira esportiva; Movimento paraolímpico brasileiro.

## ABSTRACT

The Brazilian paralympic sport is living a moment of sporting highlight because of their recent achievements: seventh place in the London Paralympic Games 2012 and leader for three consecutive editions of the Para-PanAmerican Games (2007, 2011, 2015). These results makes Brazil as been viewed how a world paralympic power and contribute to the increasing number of persons with disabilities who demonstrate interest in begin in sports. Actually the professionalism has been the reason for the success and comprehensiveness of the Brazilian paralympic sport and the proximity to the Rio Paralympic Games 2016 opens the discussion on the sporting career of paralympic athletes. The objective of this study is to describe the development of sports career of Paralympic athletes in Brazil. How athletes begin in sport? What are the reasons that athletes remain in sport? What the supports required for success? The study is characterized as descriptive and qualitative approach. The collection of information was conducted through semi-structured interview. The study included 20 paralympic athletes from the modalities Athletics and Swimming, covered by the Bolsa-Pódio Program from the Ministry of Sport. Results revealed that the main reasons why athletes begins in paralympic sports are: 1) Access opportunity to practice (n = 10; 50%); 2) Pleasure for practice (n = 9, 45%); 3) Inspiration in paralympic idols (n = 6, 30%); and 4) Rehabilitation (n = 5; 25%). The results also show that: The influence of Physical Education teachers and Coaches (n = 19; 95%), Participation in sports competitions (n = 14; 70%) and Emotional support (n = 13; 60%), are assigned as essential to continuity of athletes in Paralympic sports. Also, the main supports identified as essential for the success in sports are: Financial support (n = 20, 100%); Structural support (n = 20, 100%); Human resources support (n = 19; 95%) and also, Technological support (n = 6, 30%). The development of the career of Brazilian paralympic athlete starts in the pre-transition phase, where the athlete starts his career, motivated by reasons found in this study. The continuity of athletes in the modality happens as a result of quality and quantity of the supports obtained during this period and also contribute for the paralympic athletes achieve success in high performance. Brazil is a power in paralympic sports and the actions that have been made for your development grows every year and can reveal many

young athletes. Also, the Rio de Janeiro Paralympic Games 2016 bring good perspectives for the Brazilian paralympic movement, besides providing the consolidation of sports career of paralympic athletes, the games will enable the country to remain a power in world paralympic scenario.

Keywords: Paralympic sport; paralympic athlete; Sport career; Sports initiationBrazilian paralympic movement.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Medalhas conquistadas pelo Brasil nos Jogos Paralímpicos 2000-2012.	23
<b>Figura 2</b> - Estrutura da carreira esportiva do atleta paraolímpico.	24
<b>Figura 3</b> - Categorias e exigências do Bolsa Atleta	71
<b>Figura 4</b> - Evolução do esporte paraolímpico brasileiro 1972-2012.	73
<b>Figura 5</b> - Valores e critérios para a Bolsa Pódio	76
<b>Figura 6</b> - Evolução da quantidade de incentivadores	78
<b>Figura 7</b> - Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro	85
<b>Figura 8</b> - Oscar Pistorius competindo com as próteses Flex-Foot Cheetah durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012.	95

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** - Ano, Local, Número de atletas e países participantes nos Jogos Paralímpicos. (Adaptado de Mauerberg-DeCastro, 2005)....**Erro! Indicador não definido.**

**Quadro 2**- Caracterização da Amostra .....29

**Quadro 3** - Roteiro da entrevista .....32

**Quadro 4** - Etapas da análise de conteúdo. ....32

**Quadro 5** - Categorias e Sub Categorias temáticas. ....33

**Quadro 6** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados. ....34

**Quadro 7** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados. ....51

**Quadro 8** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados. ....67

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS .....	11
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
2.1. Do esporte adaptado ao esporte paraolímpico .....	17
2.2. Os Jogos Paralímpicos .....	20
2.3. A carreira esportiva do atleta paraolímpico.....	23
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
3.1. Problema da pesquisa .....	27
3.2. Questões orientadoras.....	28
3.3. Delineamento do estudo.....	28
3.4. Sujeitos do estudo .....	28
3.5. Procedimentos éticos.....	30
3.6. Estudo piloto .....	30
3.7. Elaboração do instrumento de coleta de informações .....	31
3.8. Análise de informações.....	32
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
4.1. A Iniciação de atletas com deficiência no Esporte Paraolímpico .....	34
4.2. Motivos para a continuidade no Esporte Paraolímpico .....	51
4.3. Suportes fundamentais para o sucesso do atleta paraolímpico brasileiro .	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>6. REFERENCIAS.....</b>	<b>102</b>
APÊNDICES.....	119
ANEXOS .....	122

## 1. INTRODUÇÃO

O esporte para pessoas com deficiência surgiu como um importante meio na reabilitação física, psicológica e social para pessoas com algum tipo de deficiência. Trata-se de adaptações e modificações em regras, materiais e locais com objetivo de proporcionar a participação desta população em diferentes modalidades esportivas.

A oportunidade da prática esportiva se tornou de grande eficácia para o desenvolvimento de um estilo de vida saudável. É também, uma oportunidade de testar suas potencialidades, encorajando e possibilitando seu ingresso em práticas esportivas de alto rendimento.

Até algumas décadas atrás, parecia impossível pensar na reabilitação de pessoas com lesões medulares graves, amputações dos membros superiores e inferiores, que levavam na maioria das vezes a invalidez permanente, esse panorama mudou completamente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O pós-guerra deixou muitos soldados mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos. Dessa forma, muitos governos buscaram ofertar programas de reabilitação afim de reencaminha-los para suas atividades rotineiras. Dessa forma, a prática esportiva foi uma das principais alternativas utilizadas para a reabilitação e uma alternativa que proporcionou resultados positivos para a reabilitação.

O médico alemão, Ludwig Gutmann do Stoke Mandeville Hospital, na Inglaterra é o primeiro a utilizar jogos esportivos em cadeira de rodas na reabilitação de ex-combatentes com deficiência. A principal finalidade dos jogos foi a reabilitação de pessoas com lesões medulares, o Jornal SuperAção (1988) destaca que em um ano de trabalho, o Dr. Gutmann conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho e reconheceu que as atividades esportivas, eram extremamente importantes para o processo de reabilitação de pessoas com deficiência.

Após esse período, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Verão em Londres, Inglaterra em 1948, ocorrem os primeiros jogos de *Stoke Mandeville* para paraplégicos. Estes jogos contaram com a participação de 16 atletas com deficiência ingleses nas modalidades de: arco e flecha, tiro ao alvo e arremesso de dardo

(ARAÚJO, 1997; CIDADE; FREITAS, 2002; WINNICK, 2004; GORGATTI; GORGATTI, 2005).

Desde então o esporte para pessoas com deficiência ganhou grande destaque no mundo, conquistou muitos adeptos, obteve realizações de diferentes competições, criação de novas modalidades esportivas, adaptação de metodologias e técnicas de treinamento, além de um grande interesse científico. Tudo isso contribuiu para o crescimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência e essa prática esportiva começa a ser denominada como Esporte Paraolímpico<sup>1</sup>.

O Esporte Paraolímpico caracteriza-se pela busca do rendimento máximo, do melhor desempenho em modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência, reconhecidas pelo International Paralympic Committee (IPC) (PARSONS, WINCKLER, 2012).

Especialmente nas duas últimas décadas, o esporte paraolímpico tem passado por grandes processos de mudanças com relação ao seu enfoque e à tecnologia empregada. Mais do que terapia, a prática esportiva por atletas com deficiência foca o alto rendimento e esta realidade tem sido alvo de atenção de pesquisadores na área da Educação Física e Ciências do Esporte.

Os estudos no esporte paraolímpico buscam contribuir para o aprimoramento das capacidades físicas, cognitivas e motoras de indivíduos com deficiências inseridos em atividades esportivas, contribuindo para a valorização das potencialidades e capacidades. Proporcionando assim, melhores alternativas para o aproveitamento e rendimento durante a prática esportiva.

---

<sup>1</sup> Em novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança, oficializada pela presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) ocorreu a pedido do IPC cujo objetivo é alcançar a universalização do termo e suas derivações. Posteriormente aos Jogos Paralímpicos de 2012, a Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff decidiu vetar o uso do termo “paralímpico” em documentos oficiais. Por orientação da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), o Portal Brasil adotará o mesmo padrão usado em textos governamentais. (BRASIL, 2012) As duas formas estão corretas, mas usa-se “paralímpico” quando nos referimos ao Comitê Brasileiro e às competições internacionais. Exemplo: **Comitê Paralímpico Brasileiro, Jogos Paralímpicos**. Já o termo “paraolímpico” será adotado sempre quando nos referimos genericamente ao tema. Exemplo: **atleta paraolímpico, competição paraolímpica, modalidade paraolímpica**. (CPB, 2016a)

Até meados dos anos 2000, grande parte dos atletas paraolímpicos eram oriundos de programas de reabilitação (recomendação médica) (Wheeler *et al.* 1999), são indivíduos com deficiência que tiveram contato com a prática esportiva durante seu processo de reabilitação que continuaram a se aperfeiçoar no esporte. O caminho para o esporte paraolímpico era considerado terapêutico e de fácil ascensão.

Outro fator importante para o ingresso no esporte é o engajamento social. Pessoas com deficiência buscam no esporte uma oportunidade para ampliar sua socialização com pares sob a mesma condição e também com pessoas sem deficiência, fator que traz benefícios para questões pessoais e também facilita o ingresso e manutenção em um esporte de alto rendimento.

No Brasil o esporte paraolímpico vive um momento de grandes resultados esportivos em virtude das suas recentes conquistas: 7º lugar no quadro geral de medalhas nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e líder por três edições consecutivas no quadro geral de medalhas nos Jogos Para-Panamericanos (2007, 2011, 2015), principal competição das Américas. Este cenário vitorioso, credencia o país como uma potência no movimento paraolímpico internacional, sendo motivo de orgulho, respeito e exemplo a ser seguido por diversas nações.

Atualmente o profissionalismo tem sido a razão do elevado crescimento e abrangência do esporte paraolímpico brasileiro. A contínua progressão no quadro de medalhas e a classificação final dos últimos Jogos Paralímpicos, fazem com que o Brasil seja visto como uma das novas potências paraolímpicas do mundo. Ressalta-se que para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, a meta estipulada pelo CPB é a 5ª colocação.

Dessa forma, a proximidade com os Jogos Paralímpicos do Rio 2016 oferece uma excelente oportunidade para a discussão sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro, que pode ser vista como o caminho percorrido pelo atleta, cercado de barreiras, sustentado por diferentes suportes obtidos ao longo da sua experiência competitiva, afim de obter sucesso e ampliar sua longevidade no esporte.

De acordo com Wheeler *et al.* (1999), a carreira esportiva do atleta paraolímpico é dividida em três momentos. A Pré-transição, Transição e o pós-transição.

A Pré-transição está relacionada com a iniciação esportiva formal, informal e ainda, com o desenvolvimento da sua experiência competitiva.; Transição: está relacionada ao processo de retirada da competição esportiva junto com seus impactos emocionais; e o Pós-transição: está relacionada a estrutura de vida do atleta fora do ambiente esportivo.

Esse estudo centrará as informações sobre o desenvolvimento do primeiro momento da carreira esportiva: a pré-transição.

O sucesso e a longevidade da carreira esportiva são dependentes da quantidade e qualidade do suporte recebido ao longo de seu desenvolvimento. Esses suportes, são cada vez ampliados por iniciativas públicas e privadas no Brasil.

O investimento do movimento paraolímpico brasileiro cresce ao longo dos anos, muitas são as ações governamentais (suporte financeiro, suporte estrutural, suporte tecnológico, etc..) que vem sendo realizadas no país com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento do esporte, possibilitando a permanência país entre as principais potências mundiais no esporte paraolímpico.

Tudo isso demonstra a grande evolução que o esporte paraolímpico alcançou no Brasil. E com o crescente número de atletas, o surgimento de novas competições e ainda, novas modalidades esportivas ingressando no calendário paraolímpico é necessário identificar as ações que podem favorecer a renovação de novas gerações de atletas.

Dessa forma, o conhecimento sobre os processos de desenvolvimento esportivo paraolímpico é fundamental para aprimorar a ascensão da carreira do atleta paraolímpico e também para favorecer o desenvolvimento de novas gerações paraolímpicas.

Assim, o estudo busca compreender, de que forma acontece o desenvolvimento da carreira de atletas paraolímpicos no Brasil? Quais os caminhos percorridos para o sucesso no esporte paraolímpico? Quais as ações que são desenvolvidas no país estão contribuindo para o desenvolvimento desses atletas?

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Do Esporte Adaptado ao Esporte Paraolímpico

O esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico e logo ganhou muitos adeptos. (GORGATTI & GORGATTI, 2005) O deficiente físico que inicia no esporte adaptado busca principalmente a reabilitação (recomendação médica) e a oportunidade de engajamento social com pares sob as mesmas condições. (WHEELER *et al.*, 1999)

Seus benefícios são muitos, como a melhoria da autoconfiança para a realização das atividades diárias, valorização pessoal, auto-estima, melhora da condição física, aprimoramento das capacidades físicas gerais e prevenção de deficiências secundárias. (BRAZUNA & MAUERBERG-DECASTRO, 2001; GORLA *et al.*, 2007; GORGATTI *et al.*, 2008; )

De acordo com Gorgatti e Gorgatti (2005), a prática de atividades físicas por pessoas com deficiências vem sendo praticada desde a Grécia Antiga. Winnick (2004), relata a existência de atividades terapêuticas na China a 3 mil anos, estas atividades tinham como finalidade prevenir e tratar lesões.

Por volta de 1870, anteriormente ao movimento pós-guerra, já se tinha conhecimento sobre o esporte adaptado para pessoas surdas, iniciava nos Estados Unidos as primeiras participações esportivas organizadas por escolas especiais (WINNICK, 2004; ARAÚJO, 1997). Em Berlim, 1888, já existiam clubes esportivos para atletas surdos. Em Paris, 1924, aconteceram os “Jogos do Silêncio”, reunindo atletas de diversos países (WINNICK, 2004). Para Adams *et al.*, (1985), a prática esportiva para pessoas com deficiência física na Alemanha teria se iniciado em 1918, para amenizar os horrores da Primeira Guerra Mundial e em 1932 na Inglaterra existiu uma associação de jogadores de golfe, abarcando amputados unilaterais de membros superiores.

Porém o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um marco para a evolução do esporte de rendimento para pessoas com deficiência. Muitos soldados retornaram aos seus países e muitos daqueles que regressavam, traziam consigo muitas lembranças negativas desse período. O pós-guerra deixou muitos soldados

mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos, isso fez com que seus governos tomassem uma série de providências sobre a qualidade de vida desses indivíduos, e dessa forma, as práticas esportivas que visavam a reabilitação foram a melhor alternativa para as pessoas com deficiência.

Em países da Europa e nos Estados Unidos essa preocupação foi maior, e os resultados foram notavelmente evidenciados. Aos poucos, ex-veteranos de guerra começaram a obter grande êxito em atividades esportivas, as mais visadas foram: o basquete sobre cadeira de rodas e o atletismo. Na Inglaterra, Ludwig Gutmann do Stoke Mandeville Hospital, obtém muitos casos de sucesso na reabilitação de ex-combatentes através de jogos esportivos com cadeira de rodas.

Para Mattos (1994), enquanto na Inglaterra o objetivo maior era a reabilitação pelo esporte, nos Estados Unidos a meta final era a competição.

Após isso, Cooper (1990) relata que em 1952, os Jogos de Stoke Mandeville desenvolveram-se na primeira competição internacional de esportes em cadeira de rodas para deficientes físicos, com participantes da Holanda, da Alemanha Ocidental (até então dividida), da Suécia, da Noruega e de Israel.

Durante este evento, a *International Stoke Mandeville Games Federation* (ISMGF) foi formada para desenvolver competições de esportes em cadeira de rodas. A ISMGF estabeleceu laços com o Comitê Olímpico Internacional (COI), ampliando assim, a extensão dos esportes em cadeira de rodas.

Como o movimento internacional de esportes para deficientes cresceu e os eventos internacionais de múltiplas incapacidades se ampliaram, a ISMGF expandiu-se para incluir todos os eventos esportivos em cadeira de rodas, renomeando-se como a *International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation* (ISMWSF). Os primeiros jogos internacionais para pessoas com deficiência foram realizados em paralelo aos Jogos Olímpicos em Roma no ano 1960.

No Brasil o esporte para pessoas com deficiência surge em 1958, com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, em virtude de iniciativas pessoais de duas pessoas com deficiência: Sérgio Serafim Del Grande e Robson Sampaio de Almeida.

Essa iniciativa aconteceu depois de ambos retornarem de tratamentos no exterior e resolvem compartilhar suas experiências para proporcionar a prática esportiva para pessoas com deficiência que aqui residiam. Essa prática esportiva tinha em seu primeiro momento, o objetivo de prevenir e tratar lesões ou doenças

secundárias a deficiência, posteriormente o esporte competitivo foi aprimorado pelos atletas.

A consolidação com maior visibilidade do esporte adaptado em âmbito nacional iniciou em 1975, com a criação da Associação Nacional Desporto para o Excepcional (ANDE)<sup>2</sup>, que congrega pessoas com diferentes tipos de deficiência.

Devido as diversas limitações, e o grande interesse desta população, foi necessário criar novas entidades para atender todas as pessoas com diferentes tipos de deficiência que se interessavam pela prática esportiva (COSTA; SOUSA, 2004).

Após isso, são criadas as seguintes instituições: Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC); Confederação Brasileira de Desportos para Surdos (CBDS); Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA); Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) e a Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE).

E em 1995 foi criado o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB)<sup>3</sup>, com objetivo de consolidar o movimento Paraolímpico no Brasil. O CPB procurou unificar as entidades paradesportivas brasileiras, difundindo o esporte de alto rendimento e proporcionando desenvolvimento do esporte paraolímpico no Brasil. (CPB, 2014a)

O CPB passou a contribuir progressivamente para o fomento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. As iniciativas foram desde divulgação e organização de competições até o envio de atletas brasileiros para intercâmbio e treinamentos no exterior, com intuito de proporcionar uma melhor experiência esportiva. Estas ações surtiram o efeito esperado já nos Jogos Paraolímpicos de Sydney – Austrália, em 2000, quando o Brasil alcançou o 24º lugar no quadro de medalhas.

Com o passar dos tempos o esporte paraolímpico conhece novos rumos e em dias atuais já é possível contemplar muitas competições de alto rendimento, tanto nacionais como internacionais, o nível técnico destas competições impressiona cada vez mais o público e também aos estudiosos da área.

---

<sup>2</sup> Hoje conhecida como Associação Nacional de Desporto para Deficientes e com objetivo de fomentar e desenvolver o desporto para pessoas com paralisia cerebral.

<sup>3</sup> Atual Comitê Paralímpico Brasileiro, em função de uma normatização da nomenclatura deste comitê com o International Paralympic Committee (IPC) no final de 2011. (CPB, 2016a)

O movimento paraolímpico teve início com a finalidade de promover a melhoria nas condições de reabilitação e reinserção social de pessoas com deficiência, tem recentemente atingido o reconhecimento da sociedade como esporte de alto rendimento, com a participação crescente da mídia, patrocinadores e espectadores, aumentando cada vez mais a atenção de profissionais das mais diversas áreas relacionadas à prática esportiva.

## **2.2. Os Jogos Paralímpicos**

Os Jogos Paralímpicos consistem na maior competição esportiva de alto rendimento para atletas com deficiência (motora, visual e intelectual). O crescimento dos jogos é perceptível a cada nova edição, seja no número de participantes, no nível de performance dos atletas, na quantidade de recordes batidos como também no destaque que a mídia mundial tem dado aos jogos.

Segundo Cooper (1990), o nome “Paraolimpíadas” foi cunhado durante a Olimpíada de Tóquio em 1964 e surgiu com uma paciente paraplégica do Stoke Mandeville Hospital, Alice Hunter, que escreveu seu relato intitulado “Alice of the Paralympiad” (Alice das Paraolimpíadas), para uma revista de esportes “The Cord Journal of the paraplegics”, na época o termo foi associada a paraplegia e posteriormente foi cunhado para batizar os jogos (PARALYMPIC SPIRIT, 1996).

Os Jogos Paralímpicos são realizados a cada quatro anos, desde o ano de 1960, logo após os Jogos Olímpicos. A primeira edição dos jogos contou com o apoio do Comitê Olímpico Italiano e teve como madrinha dos jogos a primeira-dama italiana, Sr<sup>a</sup>. Carla Grounchi. Estes jogos contaram com cerca de 230 atletas de 23 países. Este evento marca o envolvimento político e social do mundo com os jogos para pessoas com deficiência (MAUERBERG-DeCASTRO, 2005)

Durante os Jogos Paralímpicos de 1964, no Japão, os organizadores dos Jogos Olímpicos que seriam realizados no México quatro anos mais tarde, foram convidados a realizar as Paralimpíadas logo após o final dos Jogos Olímpicos. Dois anos depois os mexicanos informaram que não seriam capazes de sediar os Jogos

Paralímpicos em função de dificuldades técnicas e financeiras. Visando a manter a tradição e impedir que os jogos não fossem realizados, o Dr. Guttmann aceitou a proposta de Israel que queriam realizar os Jogos para pessoas com deficiência na cidade de Tel Aviv (CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006).

Os Jogos Paralímpicos de 1968 se estenderam por nove dias de competições, foram quebrados 20 recordes mundiais, houve um aumento significativo no número de esportes, que passaram a ter nove modalidades em seu cronograma: atletismo, natação, halterofilismo, tênis de mesa, arco e flecha, sinuca, basquetebol, esgrima e bocha.

Já em 1984, os Jogos foram realizados em duas cidades diferentes devido a dificuldades dos organizadores em viabilizar a realização em um só local, foram realizados em Aylesbury, Inglaterra (somente atletas em cadeira de rodas) e em Nova York, Estados Unidos da América (modalidades para outras deficiências) (ARAÚJO, 1997; MAUERBERG-DeCASTRO, 2005).

A partir do ano de 1988 ficou estabelecido de forma não oficial que o país anfitrião dos Jogos Olímpicos deveria também organizar os Jogos Paralímpicos, nas mesmas instalações esportivas, porém o processo de candidatura era separado.

O quadro 1 demonstra o ano, local e a quantidade de países e atletas participantes dos Jogos Paralímpicos de 1960 até 2012 onde é possível perceber a evolução no número de atletas e países ao longo dos anos.

**Quadro 1** - Ano, Local, Número de atletas e países participantes nos Jogos Paralímpicos. (Adaptado de Mauerberg-DeCastro, 2005)

<b>Ano</b>	<b>Cidade</b>	<b>País</b>	<b>Nº Atletas</b>	<b>Nº Países</b>
<b>1960</b>	Roma	Itália	400	<b>23</b>
<b>1964</b>	Tóquio	Japão	390	<b>22</b>
<b>1968</b>	Tel Aviv	Israel	750	<b>29</b>
<b>1972</b>	Heidelberg	Alemanha	1.000	<b>44</b>
<b>1976</b>	Toronto	Canadá	1.600	<b>42</b>
<b>1980</b>	Arnhem	Holanda	2.500	<b>42</b>
<b>1984</b>	Nova York Aylesbury	EUA Inglaterra	4.080	<b>42</b>

<b>1988</b>	Seul	Coréia do Sul	3.053	<b>61</b>
<b>1992</b>	Barcelona	Espanha	3.020	<b>82</b>
<b>1996</b>	Atlanta	EUA	3.195	<b>103</b>
<b>2000</b>	Sidney	Austrália	3.843	<b>123</b>
<b>2004</b>	Atenas	Grécia	4.000	<b>142</b>
<b>2008</b>	Pequim	China	4.000	<b>147</b>
<b>2012</b>	Londres	Inglaterra	4.200	<b>166</b>
<b>2016</b>	Rio de Janeiro	Brasil	4.350	<b>176</b>

O Brasil teve sua primeira participação nos Jogos Paralímpicos de 1972, em Heidelberg, Alemanha. A modalidade foi a *Laws Balls* (modalidade precursora da bocha e com os mesmos princípios, contudo era jogada na grama e por atletas paraplégicos), mas sem conquista de medalhas (ARAÚJO, 1997).

Esses Jogos representam um marco histórico para nosso país, além de ser a primeira Paralímpiada a contar com a participação de atletas brasileiros, esses Jogos demonstraram que apesar do pouco apoio para realizar seus treinamentos, os atletas brasileiros conseguiram representar o Brasil e abrir caminho para a próxima edição dos jogos.

Em 1976, nos Jogos de Toronto, Canadá, nessa mesma modalidade, Robson de Almeida e Luis Carlos Coutinho conquistaram as 2 primeiras medalhas paraolímpicas (prata) para o Brasil (ARAÚJO, 1997; MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Em 1980 na Holanda, a delegação brasileira foi representada apenas com uma equipe de basquetebol em cadeira de rodas e um atleta da natação, não conseguindo conquistar medalhas nestes jogos. Em 1984, O Brasil conquista 21 medalhas na Inglaterra e 3 medalhas nos EUA (LABROCINI, 1997).

Em Sydney 2000, o Brasil conquistou 22 medalhas e ficou na 24<sup>a</sup> colocação no quadro geral de medalhas. Esses resultados deram visibilidade ao esporte paraolímpico brasileiro, possibilitando, desta maneira, um reconhecimento dos feitos dos atletas Paraolímpicos, por parte dos órgãos governamentais, assim como pela população brasileira (COSTA; SOUSA, 2002). Durante esta Paralímpiada, o Brasil superou Atlanta 1996 (21 medalhas conquistadas), embora ainda tenha ficado atrás de Seul 1988 (27 medalhas) (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Posteriormente a isso o Brasil alcança no ano de 2004 em Atenas, Grécia, a 14<sup>o</sup> posição. Já, 2008 em Pequim, na China, foi alcançado a 9<sup>a</sup> posição. E em 2012 em Londres, Inglaterra, o Brasil alcançou a 7<sup>a</sup> colocação no ranking de medalhas, a melhor colocação em sua história.

A figura 1 apresenta o quantitativo de medalhas conquistadas pelo Brasil em Jogos Paralímpicos nos anos de 2000 à 2012.

**Figura 1 - Medalhas conquistadas pelo Brasil nos Jogos Paralímpicos 2000-2012**

Edição	Total de atletas	Medalhas conquistadas				Posição Final
		Ouro	Prata	Bronze	Total	
2000	64	6	10	6	22	24 <sup>a</sup>
2004	98	14	12	7	33	14 <sup>a</sup>
2008	188	16	14	17	47	9 <sup>a</sup>
2012	182	21	14	8	43	7 <sup>a</sup>
<b>TOTAL</b>	<b>532</b>	<b>57</b>	<b>60</b>	<b>38</b>	<b>187</b>	<b>x</b>

(CPB, 2014b)

Em 2016 os Jogos Paralímpicos acontecerão no Rio de Janeiro, são esperados 4.350 atletas de 176 países para competir em 22 modalidades paraolímpicas. A meta estipulada para os Jogos é que os 278 atletas paraolímpicos brasileiros (a maior delegação brasileira) alcancem a quinta colocação no quadro geral de medalhas, resultado inédito e histórico para o país.

### 2.3. A carreira esportiva do atleta paraolímpico

Próximo aos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016, a temática da carreira esportiva do atleta paraolímpico ganha cada vez mais atenção.

A profissionalização conquistada por alguns atletas melhorou seu desenvolvimento esportivo e serve de inspiração para formação de uma nova geração, ansiosa para fazer parte deste seleto grupo de atletas vencedores.

A carreira esportiva passa a ser vista como o caminho percorrido pelo atleta, cercado de desafios e barreiras, sustentado pelos diferentes suportes obtidos ao longo da sua experiência competitiva de modo a facilitar as conquistas e a manutenção dos resultados positivos, pelo maior período de tempo possível.

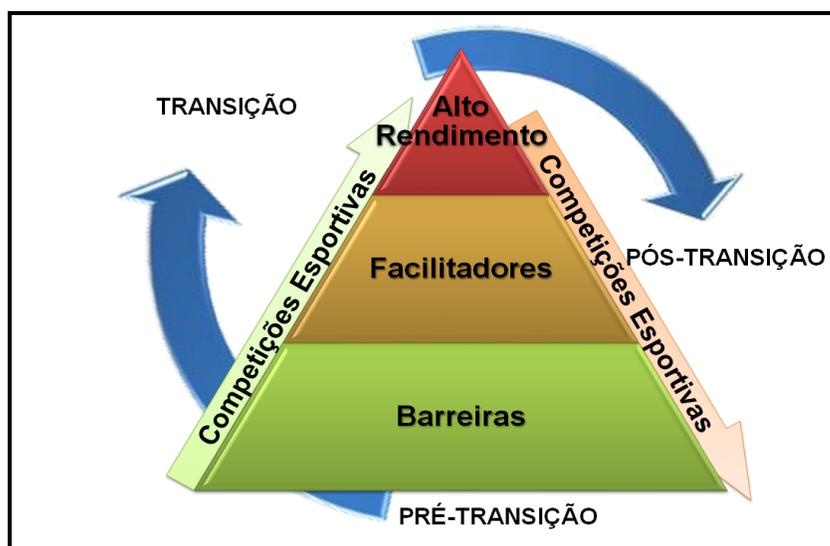
Wheeler *et al.* (1999) identifica a carreira esportiva do atleta paraolímpico em 3 fases, que são denominadas de: pré-transição, transição e pós-transição.

**1) Pré-transição:** *está relacionada com a iniciação esportiva formal, informal e ainda, com o desenvolvimento da sua experiência competitiva;*

**2) Transição:** *está relacionada ao processo de retirada da competição esportiva junto com seus impactos emocionais;*

**3) Pós-transição:** *está relacionada a estrutura de vida do atleta fora do ambiente esportivo.*

**Figura 2-** Estrutura da carreira esportiva do atleta paraolímpico.



Adaptado de Wheeler *et al.* (1999)

Inicialmente na carreira do atleta paraolímpico, as principais adversidades a serem superadas são as barreiras que podem surgir para seu desenvolvimento. São dificuldades como: falta de recursos financeiros, falta de estrutura esportiva adequada para treinamento, falta de profissionais capacitados para orientação.

Estas dificuldades enfrentadas pelos atletas no início de sua carreira esportiva podem definir a permanência ou a uma desistência na modalidade esportiva escolhida.

O suporte financeiro aos atletas de alto rendimento é um fator fundamental e de extrema relevância para o atleta paraolímpico. Esse auxílio financeiro proporciona condições para que o atleta tenha dedicação exclusiva aos treinamentos e competições.

Teodoro (2006) evidenciou em seu estudo que a falta de incentivo financeiro foi a maior barreira enfrentada por atletas paraolímpicos no início de sua carreira, onde a dificuldade de seguir no esporte sem recursos financeiros foi a principal necessidade encontrada pelos atletas.

Também Martin e Mushett (1996) e Florence (2004) ao investigarem atletas paraolímpicos, evidenciam a necessidade e importância do suporte financeiro para custear os treinamentos e desenvolver a carreira esportiva.

Em Julho de 2001, surge a Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva que concede autonomia financeira através de recursos oriundos das Loterias Federais. Através desta lei, 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB que devem ser aplicados no esporte de alto rendimento, esporte escolar e universitário (PORTAL BRASIL2016, 2015a).

Em Julho de 2015, ocorreu a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência (sancionada pela Presidência da República em 6 de julho de 2015) que ampliou de 2% para 2,7% o valor repassado aos comitês brasileiros (COB e CPB), e mudou de 15% para 37,04% a fatia do CPB. A mudança coloca o CPB em outro patamar financeiro. Com esses números, o CPB passa de uma arrecadação de R\$ 39 milhões (2014) para cerca de R\$ 130 milhões, aumento de mais R\$ 90 milhões (CPB, 2015a).

Em 2004, foi implantado no Brasil uns dos principais programas de auxílio financeiro para atletas brasileiros: o programa Bolsa Atleta. O programa é gerido

pelo Ministério do Esporte, e busca estimular a manutenção pessoal dos atletas de alto rendimento em âmbito municipal, estadual e federal, em diferentes níveis (Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paraolímpico e Pódio), esse programa garante condições mínimas para que os atletas olímpicos e paraolímpicos se dediquem com exclusividade e tranquilidade aos treinamentos e competições (BRASIL, 2016a)

Não somente os recursos financeiros são determinantes para o sucesso e a longevidade da carreira esportiva de atletas com deficiência. Outras ações também favorecem a permanência e o ingresso de novos atletas no movimento paraolímpico brasileiro.

A mídia tem contribuído para a consolidação do Brasil como uma potência paraolímpica emergente no mundo. Não somente na visibilidade de grandes atletas, mas também contribui com o encorajamento de pessoas com deficiência para a busca pelo esporte e quem sabe no ingresso na carreira esportiva. O aumento da visibilidade na mídia é uma das oportunidades que o CPB estabelece como fundamental em seu planejamento estratégico 2010-2016 (CPB, 2010a).

De acordo com Marques *et al.* (2013) a divulgação do esporte paraolímpico se coloca como uma necessidade e busca expandir ideais inclusivos, esportivos e comerciais para o esporte de alto rendimento, além de proporcionar maior visibilidade e possibilidades de investimento do setor privado.

Desde os Jogos de 2000, o CPB tem apostado na comunicação como um dos melhores caminhos para ajudar a massificar o esporte paraolímpico no país. Muitos novos atletas são encorajados a buscar uma prática esportiva após terem conhecimento pela mídia do sucesso de outros atletas com deficiência no esporte.

O ingresso de novas gerações paraolímpicas tem ocorrido em grande parte, em decorrência dos programas e projetos desenvolvidos pelo CPB e Ministério do Esporte no país. As Paralímpiadas Escolares são um exemplo disso.

Com o objetivo de favorecer a descoberta de novos talentos paraolímpicos, promover a integração e o intercâmbio sociocultural e aumentar a participação dos estudantes com deficiência em atividades esportivas. Hoje, é considerada a maior competição escolar paraolímpica do mundo. Em 2015, 708 atletas dos 12 aos 17 anos de 25 unidades federativas do país e do Reino Unido. (CPB, 2015b)

No Brasil a temática da carreira esportiva do atleta paraolímpico ainda é um assunto pouco estudado, Brazuna e Castro (2001), acompanharam a trajetória esportiva dos atletas com deficiência através de uma ampla revisão da literatura.

Os autores destacam os benefícios que o esporte proporciona para melhorar a qualidade de vida, envolvendo aspectos pessoais e relacionais e destacam as limitações neste processo que envolvem desde as lesões esportivas, doping e stress até aspectos motivacionais negativos. Essa temática ainda carece de atenção por parte de instituições e pesquisadores, afim de proporcionar melhores condições para que futuras gerações de atletas tenham condições de aumentar sua longevidade esportiva (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Superadas as principais adversidades no início da carreira esportiva, o número de competições em que o atleta participa tende a aumentar, a necessidade de estabelecer melhores resultados também. Assim, os suportes recebidos pelos atletas durante esse período, acabam sendo os facilitadores na ascensão da carreira.

Dessa forma, o sucesso na carreira esportiva de atletas com deficiência, além de estar relacionado a melhores índices de rendimento esportivo, também está associado com a melhoria de aspectos relacionados à saúde, a reabilitação, a qualidade de vida, a autoestima, levando os praticantes à maior independência em atividades de seu cotidiano, favorecendo assim, o desenvolvimento da pessoa com deficiência no esporte. Assim, essas ações podem favorecer e aprimorar o processo de desenvolvimento de atletas paraolímpicos no Brasil.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1. Problema da Pesquisa**

Este estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa:

Como ocorre o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil?

### **3.2. Questões Orientadoras**

- De que forma acontece o ingresso de pessoas com deficiência no esporte paraolímpico no Brasil?
- Quais as razões que levam os atletas paraolímpicos a permanecerem na modalidade esportiva?
- Quais os suportes necessários para o sucesso na carreira esportiva de um atleta paraolímpico no Brasil?

### **3.3. Delineamento do Estudo**

O presente estudo caracteriza-se como Descritivo e com abordagem Qualitativa.

### **3.4. Sujeitos do Estudo**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, participaram 20 atletas paraolímpicos brasileiros, das modalidades Atletismo e Natação. O grupo amostral foi constituído por atletas contemplados pela categoria Bolsa-Pódio do Programa Bolsa-Atleta do Ministério do Esporte<sup>4</sup>.

A escolha das duas modalidades específicas ocorre pelo fato de que o Atletismo e a Natação são as modalidades que possuem o maior quantitativo de atletas paraolímpicos na categoria Bolsa-Pódio do Programa Bolsa-Atleta (35 atletas do Atletismo e 19 atletas da Natação), e também, por serem as modalidades que mais conquistaram medalhas paraolímpicas para o Brasil, em conjunto, as duas modalidades somam 192 medalhas ao longo dos Jogos Paralímpicos (1960-2012) (109 do Atletismo e 83 da Natação).

No quadro 2 é apresentada a caracterização da amostra.

---

<sup>4</sup> A Bolsa Atleta Pódio é destinada aos atletas de modalidades individuais e coletivas, de acordo com os critérios a serem definidos pelas entidades nacionais de administração do esporte em conjunto com o Comitê Olímpico Brasileiro ou Comitê Paralímpico Brasileiro e o Ministério do Esporte (PORTAL BRASIL2016, 2016b).

**Quadro 1-** Caracterização da Amostra

<b>ATLETA</b>	<b>MODALIDADE</b>	<b>PROVA(S)</b>	<b>DEFICIÊNCIA</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL</b>
<b>A1</b>	Atletismo	200m, 100, e 400m	Física	T43
<b>A2</b>	Atletismo	100m e 200m	Visual	T11
<b>A3</b>	Atletismo	Salto em Distância, 100m e 200m	Física	T37 e F37
<b>A4</b>	Atletismo	200m, 400m e 100m	Física	T45
<b>A5</b>	Atletismo	100m, 200m e 400m	Visual	T11
<b>A6</b>	Atletismo	Maratona	Física	T46
<b>A7</b>	Atletismo	Salto em Distância, 100m e 200m	Física	T46 e F46
<b>A8</b>	Atletismo	800m e 1500m	Física	T46
<b>A9</b>	Atletismo	200m, 400m, 100m e Salto em Distância	Física	T38 e F38
<b>A10</b>	Atletismo	Salto em Altura	Física	T42
<b>A11</b>	Natação	50m,100m, 200m Livre, 50m Borboleta, 200m Medley	Física	S5-SB4-SM5
<b>A12</b>	Natação	50m e 100m Livre	Física	S10
<b>A13</b>	Natação	100M Costas-100m Peito	Física	S7-SB6-SM7
<b>A14</b>	Natação	100m Peito, 200 Medley e 400m Livre	Física	S6-SB5-SM6
<b>A15</b>	Natação	100M Costas, 200m Medley, 100m e 400m Livre	Física	S6-SB6-SM6
<b>A16</b>	Natação	100m e 50m livre	Visual	S13
<b>A17</b>	Natação	50m, 100m Livre e 100m Borboleta	Física	S9
<b>A18</b>	Natação	100m Peito, 50m Livre	Física	S9-SB8
<b>A19</b>	Natação	100m Peito, 50m e 100m Livre	Física	S9-SB9
<b>A20</b>	Natação	50m,100m,400m Livre	Visual	S11

A amostra foi do tipo não probabilística intencional, já que se caracterizou pelo emprego de critérios previamente definidos e por um esforço deliberado para se obter amostra representativa mediante a inclusão de áreas típicas ou grupos supostamente capazes de fornecer as informações necessárias à investigação. (GAYA, 2008) Este critério de seleção se justifica pela necessidade de incorporar no estudo sujeitos que fossem representantes de alto nível de desempenho nacional.

Os sujeitos do estudo foram entrevistados nas cidades de: São Caetano do Sul-SP, Itajaí-SC, Brusque-SC e Porto Alegre-RS, em local e horário definido em acordo entre o pesquisador e os atletas e ainda, com o ciente dos treinadores das seleções paraolímpicas de Atletismo e Natação do Brasil.

### **3.5. Procedimentos Éticos**

Foi apresentado aos sujeitos os objetivos e os procedimentos metodológicos do estudo. Após a leitura e explicação do projeto, todos atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Apêndice 01) Após a assinatura do respectivo termo pelos participantes, foi realizada a entrevista.

Este estudo foi encaminhado para apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido aprovado, sob o parecer nº 922.077 e CAAE: 37351514.3.0000.5347 em 26/11/2014. (Anexo 01)

### **3.6. Estudo Piloto**

Com intuito de testar a aplicabilidade e o efeito do instrumento de coleta de informações foi realizado um estudo piloto. O estudo piloto contou com uma amostra de 03 atletas paraolímpicos da modalidade Natação. Foram convidados a participar do estudo piloto, atletas paraolímpicos da Associação Paradesportiva Novo Horizonte – SP.

Os atletas participantes do estudo piloto são de alto nível técnico (todos atletas participantes de Provas do Circuito Loterias Caixa Brasil Paralímpico de

Natação) e foram escolhidos pelo fato de se aproximarem da amostra estabelecida para o desenvolvimento do estudo em relação ao desempenho esportivo.

Através da aplicação do instrumento no estudo piloto, foi possível elencar as dificuldades na condução da entrevista e ainda destacar as questões que deixaram o entrevistado em dúvida e/ou confuso. Também foi possível aprimorar o roteiro de entrevista estabelecido pelos pesquisadores.

Dessa forma, o estudo piloto, permitiu que o instrumento fosse aprimorado, possibilitando melhor compreensão dos entrevistados durante a coleta das informações.

### **3.7. Elaboração do Instrumento de Coleta de Informações**

Este estudo realizou uma entrevista semiestruturada (Apêndice 02) que possibilitou os sujeitos discorrerem livremente sobre o tema proposto, limitado ao roteiro estabelecido pelos investigadores.

A entrevista possibilita uma flexibilidade em questões que norteiam os objetivos propostos pelo estudo. O uso desta técnica permite ao pesquisador esclarecer dúvidas no momento da fala e observar as informações não verbais emitidas pelo seu entrevistado (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Também permite captar a informação imediata, esclarecer e adaptar questões quando necessário.

Ainda Triviños (1987) destaca que a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Para o registro das informações foi utilizado um gravador de áudio *Stereo MP3 Recording Panasonic RR-US551*, possibilitando registrar todas as informações e ainda permitindo ao entrevistador estar atento ao entrevistado.

O roteiro da entrevista consolidou-se mediante a idealização das questões que foram construídas como objetivo principal do estudo e aperfeiçoadas no decorrer da construção do trabalho, especificamente no estudo piloto realizado anteriormente.

O quadro 3 apresenta as questões do instrumento de coleta de informações.

**Quadro 2 - Roteiro da entrevista****Roteiro da entrevista semiestruturada**

1. Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?
2. O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?
3. Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?
4. Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva?
5. Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?
6. Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?

**3.8. Análise de Informações**

Para a análise das informações e com o objetivo de explorar o desenvolvimento da carreira esportiva do atleta paraolímpico foi utilizado a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010).

A análise de conteúdo é uma metodologia de análise de textos, que incide sobre várias mensagens, dentre estas a entrevista, dessa forma, permitindo a construção de conhecimento sobre a temática proposta, neste caso, a vida esportiva do atleta paraolímpico. Para a construção do caminho metodológico e a contemplação do objetivo proposto neste estudo e de acordo com Bardin (2010), o quadro 4 mostra como foi realizada as três etapas da análise de conteúdo:

**Quadro 3 - Etapas da análise de conteúdo.**

<b>Primeira Etapa</b>	Identificação de elementos essenciais presentes no discurso de cada atleta (unidade de análise);
<b>Segunda Etapa</b>	Agrupamento e categorização de pontos chaves dos discursos de acordo com os objetivos do estudo (categorias temáticas)
<b>Terceira Etapa</b>	Discussão dos dados com o referencial teórico estabelecido pelos autores.

Adaptado de Bardin (2010)

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a análise das informações, foi estabelecido as categorias temáticas e sub categorias mais evidentes no discurso dos atletas entrevistados.

No quadro 5 abaixo, são destacadas as categorias e sub categorias evidenciadas no estudo.

**Quadro 4** - Categorias e Sub Categorias temáticas.

<b>CATEGORIAS TEMÁTICAS</b>	<b>SUB CATEGORIAS</b>
<b>INICIAÇÃO NO ESPORTE PARAOLÍMPICO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a prática esportiva</li> <li>- Prazer pela prática esportiva</li> <li>- Influência dos ídolos</li> <li>- Reabilitação</li> </ul>
<b>CONTINUIDADE NO ESPORTE PARAOLÍMPICO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Influência de Professores de Educação Física e Treinadores</li> <li>- Suporte Emocional</li> <li>- Participação em Competições</li> </ul>
<b>SUPORTES NECESSÁRIOS PARA O SUCESSO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Suporte Financeiro</li> <li>- Suporte Estrutural</li> <li>- Suporte de Recursos Humanos</li> <li>- Suporte Tecnológico</li> </ul>

Encontradas as categorias e subcategorias presentes no discurso do atletas investigados, passaremos então, a discussão das informações obtidas, a fim de compreender o desenvolvimento da carreira esportiva do atleta paraolímpico no Brasil, será apresentado a discussão de cada categoria temática.

#### 4.1. A INICIAÇÃO DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE PARAOLÍMPICO

A iniciação no esporte paraolímpico é considerado o primeiro momento da fase de pré-transição da carreira esportiva do atleta paraolímpico brasileiro, é onde o atleta inicia sua trajetória na modalidade esportiva em decorrência dos motivos destacados a seguir.

Após a análise das informações, ficou evidenciado que a principal razão para a iniciação no esporte paraolímpico foi a Oportunidade de acesso a prática esportiva (n=10; 50%), seguido pelo Prazer pela prática esportiva (n=9; 45%), pela inspiração em ídolos do esporte (n=6; 30%) e a ainda, pela Reabilitação (n=5; 25%). O quadro 6 apresenta essas informações.

**Quadro 5** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

<b>Categorias temáticas</b>	<b>Frequência das respostas</b>	<b>%</b>	<b>Total de Entrevistados</b>
Oportunidade de Acesso a prática esportiva	10	50%	20
Prazer pela prática esportiva	9	45%	20
Inspiração em Ídolos	6	30%	20
Reabilitação	5	25%	20

Nosso estudo evidenciou que a oportunidade de acesso a prática esportiva é a principal razão por qual os atletas paraolímpicos ingressam no esporte, 50% (n=10) dos atletas do atletismo e da natação relataram ser essa a razão fundamental por qual iniciaram na modalidade esportiva.

Abaixo podemos perceber os discursos dos atletas paraolímpicos brasileiros investigados:

**A4:** “...quando foi em 2005 quando eu já estava no último ano do ensino médio com 17 anos eu recebi o convite para estar ingressando no esporte paraolímpico...”.

**A10:** “...nós viemos a Itajaí jogar com a equipe de lá, e o clube da cidade, o clube Roda Solta gostou do meu jogo e de mais um companheiro e nos convidaram para vir a Itajaí conhecer o Basquete e jogar por Itajaí e também conhecer o Atletismo...”.

**A11:** “...aí comecei a nadar a tarde antes da equipe, sempre dava aquele jeitinho brasileiro de permanecer um pouco mais na piscina para poder me mostrar para os atletas, para o técnico eu sei que três semanas depois eu tava saindo da piscina aí o técnico da seleção na época que é José Roselio Vilar, o Zeca Vilar, ele veio pra mim e falou: olha te vi nadando e aqui nós temos uma equipe de paratletas que competem regionalmente, nacionalmente, internacionalmente, eu queria te fazer um convite para fazer parte desta equipe...”

**A15:** “...então o CEPE que é o Centro esportivo para pessoas especiais, que é uma associação lá de Joinville, foi até minha casa e me convidou para nadar e daí desde então eu segui nadando...”

**A16:** “...daí o meu técnico, o primeiro técnico foi lá dar uma olhada e foi convidar o pessoal pra nadar. Ah você tem o perfil para nadar e tal...ele me disse. aí eu comecei a nadar...”

**A18:** “...eu fiz um teste e eu comecei a frequentar as aulas e pouco tempo depois eu comecei a ir para as competições e aí me dei bem e comecei a...e entrei na treinamento e foi lá que comecei...”

**A19:** “...foi lá na cidade...com 12 anos eu fui convidado por um técnico da prefeitura a ingressar na equipe paraolímpica...”.

Foi demonstrado que: a oportunidade de acesso a modalidade esportiva é realizada através de convites informais de professores, treinadores, clubes e também, dos gestores esportivos. Os convites a atletas que demonstram potencial na prática esportiva, ainda é uma prática recorrente para iniciação de atletas paraolímpicos, continua sendo uma forma que possibilita a iniciação do atleta paraolímpico brasileiro.

Isso demonstra que novas formas de iniciação de atletas estão se ampliando no país, diferentemente do que era percebido em épocas passadas, onde era perceptível que a grande maioria das pessoas com deficiência que ingressavam em

atividades esportivas, eram oriundas de programas de reabilitação físico-motora (TEODORO, 2006, FLORENCE, 2009, BENFICA, 2012).

O convite de técnicos e treinadores é uma forma comum de proporcionar a iniciação esportiva para atletas com deficiência, é uma maneira informal que favorece o ingresso de atletas na modalidade. Benfica (2012) ao investigar 10 atletas paraolímpicos brasileiros, nas modalidades atletismo e natação, destaca que ainda hoje é utilizado essa forma para selecionar atletas com potencial no esporte paraolímpico, em seu estudo a autora destaca que, 50% dos atletas foram abordados e convidados por técnicos e professores de educação física para iniciarem treinamentos em clubes.

Também Florence (2009), em investigação com 20 atletas paraolímpicos brasileiros das modalidades: judô, futebol de cinco, natação e atletismo, destaca que alguns atletas estudados, estavam em prática informal da modalidade esportiva e receberam convites de pessoas envolvidas com o esporte de alto rendimento para ingressar nos treinamentos das equipes/associações.

Teodoro (2006), em estudo com 5 atletas brasileiros das modalidades Basquete em Cadeira de rodas, Natação, Futebol 5 e Tênis de Mesa, a autora destaca que a iniciação de alguns dos atletas investigados também ocorreu em consequência de convite ou abordagem de pessoas ligadas ao esporte paraolímpico de alto rendimento.

De acordo com Rosadas (2000), estes convites são formas que: professores, treinadores e até mesmo entidades esportivas tem de detectar novos talentos esportivos para o esporte paraolímpico, sem a necessidade de utilização de testes motores ou avaliações físicas, apenas com observação de rendimento na modalidade praticada. Uma maneira rápida e que ainda possibilita o reconhecimento de bons atletas.

Cabe destacar que, o convite feito por professores e treinadores não é apenas para participarem de treinamento em conjunto com equipes, clubes e associações, em muito dos casos, os atletas são convidados para ir diretamente em competições, ou seja, só tem conhecimento da prática esportiva e suas particularidades (adaptações, classes, classificação funcional, entre outros) no momento de competir.

Sobre isso os atletas detacam:

**A12:** “...Foi por indicação do meu antigo técnico ...entrei em contato com a FUNAB lá em João Pessoa, que é o órgão para deficientes físicos lá e eles me mandaram para uma competição em Natal, o Circuito Loterias CAIXA-Etapa Regional...”

**A7:** “...minha professora Sônia Teixeira Ribeiro ela me convidou, ia ter uma etapa regional sul... eu ganhei as três provas 100m, 200m e 400m...”

**A20:** “...e aí em 2009 eu participei do primeiro regional e logo depois coordenador da Natação já falou: Poxa, você nada bem, tem técnica, tem futuro e agora já tem o mundial de Jovens da IBSA e ... Aí voltei desse mundial de jovens com 4 ou 5 medalhas...”

Ou seja, essa forma de iniciação ainda é utilizada em modalidades do esporte paraolímpico, aparentemente seus resultados são positivos e pode ser considerada uma forma de detecção de novos talentos para modalidades paraolímpicas.

Geralmente a iniciação esportiva paraolímpica é um processo rápido (WHEELER *et al.*, 1999). Parte da iniciação ao alto rendimento em um período relativamente inferior ao de atletas sem deficiência. Agregado a isso, o grande número de classes funcionais e provas esportivas<sup>5</sup> favorecem o acesso ao alto nível de desempenho esportivo paraolímpico em um curto período de tempo.

O atleta paraolímpico brasileiro Alan Fonteles, é um exemplo dessa rápida ascensão dentro do Atletismo, foi revelado em uma edição das Paralimpíadas Escolares aos 14 anos e aos 15 anos, conquistou vaga para os Jogos Paralímpicos de Pequim, aos 16 anos, o atleta já subia ao pódio da maior competição do mundo para atletas paraolímpicos.

Outro atleta brasileiro a ter uma acelerada ascensão é Petrúcio Ferreira, o paraibano de 19 anos também foi descoberto em uma etapa das Paralimpíadas Escolares em 2013 e atualmente é o atleta paraolímpico mais rápido do planeta nos 200 metros rasos, classe T47.

Recentemente, outro atleta com rápido crescimento no esporte paraolímpico brasileiro é Thomaz Matera, 25 anos, o nadador baixa visão, classe S12, bateu cinco

---

<sup>5</sup> De acordo com o IPC, o total de provas para o Atletismo em uma edição de Jogos Paralímpicos é: 103 provas para homens e 68 para mulheres e na Natação, 67 provas para homens e 67 para mulheres, todas com suas classes funcionais correspondentes (IPC, 2015).

recordes brasileiros na sua estreia no Circuito Loterias Caixa – Etapa Regional Sul em Curitiba 2016.

Cabe destacar o depoimento do A12, onde o atleta destaca a sua ascensão dentro do esporte paraolímpico, e a considera muito rápida.

***A12:**“...desde então eu estou no movimento paralímpico, uma ascensão muito rápida, cheguei, ninguém me conhecia, já estava em segundo do ranking mundial, cheguei nos jogos de Pequim, ganhei duas medalhas de prata, ninguém me conhecia...”*

Brazuna e Castro (2001) relatam que em países de primeiro mundo, os atletas paraolímpicos conseguem o status internacional no esporte entre seis meses e dois anos. As rotinas de treinamento e técnica os possibilita rápida ascensão no alto rendimento e com possibilidade de conquistar medalhas e resultados expressivos.

Atualmente o Brasil (considerado uma potência emergente no esporte paraolímpico) segue pelo mesmo caminho, sua nova geração de atletas paraolímpicos, têm se revelado cada vez mais cedo em competições escolares e para jovens e seus resultados impressionam cada vez mais. Esta não é apenas uma realidade atual, o país já investe na descoberta e formação de novos atletas e de profissionais qualificados há algum tempo.

Desde 2006, alguns programas surgiram para favorecer o ingresso de crianças e jovens com deficiência em atividades esportivas, possibilitando assim, o desenvolvimento de atletas paraolímpicos para o alto rendimento.

Nesse ano, surge o projeto Paraolímpicos do Futuro. Essa iniciativa foi a precursora dentro do movimento paraolímpico brasileiro, este projeto buscava divulgar o Movimento Paraolímpico em todo sistema educacional além de oportunizar e facilitar a implantação, em abrangência nacional, da prática do esporte para pessoas com deficiência em escolas do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada.

Através de incentivo e capacitação a professores de Educação Física de todo país, esta iniciativa se tornou uma ferramenta para encontrar alunos elegíveis<sup>6</sup> para a prática esportiva paraolímpica (CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006).

Em 2009, é implantado o Clube Escolar Paralímpico, um programa do CPB para incentivar as categorias de base do desporto paraolímpico nacional. O objetivo é promover a prática esportiva formal para crianças e jovens com deficiência, matriculadas em instituições de ensino formal.

Esta iniciativa contempla em 2010, 687 alunos com deficiência de 8 estados brasileiros, já em 2011 esse número cresce para 921 alunos contemplados. Essa iniciativa oferece a cada projeto aprovado, R\$ 60 mil para o desenvolvimento de suas atividades esportivas.

De fato, parece ser evidente a importância de projetos como esses para a formação de novas gerações esportivas. É o que fazem as mais diversas nações, ao acreditar na formação das futuras gerações de atletas.

No Canadá, o projeto *Paralympic Search* do Comitê Paraolímpico Canadense, tem o objetivo de apoiar a identificação de próximas gerações de atletas paraolímpicos de elite do país. Através de uma busca por jovens canadenses com deficiência elegíveis para o esporte, o programa busca testar as habilidades e descobrir qual esporte paraolímpico cada pessoa é mais adequado, uma abordagem orientada, afim de garantir que as pessoas certas estejam nos esportes certas e assim, obter maior chance de sucesso. (CPC, 2016)

Na Inglaterra, o *Parasport*, possui uma sistemática semelhante, é projetado para inspirar, informar e orientar as pessoas com deficiência e os interessados no esporte às oportunidades de alta qualidade no país, ou seja, depois de detectar a possibilidade esportiva no jovem, o projeto busca direcionar o jovem para um dos clubes cadastrados no projeto, afim de ter treinamento especializado. (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2016)

Nos Estados Unidos, o *Gateway to Gold* é um programa de identificação de talentos que busca introduzir as pessoas com deficiência elegíveis para o esporte

---

<sup>6</sup> Para ser elegível para competir no esporte paraolímpico, o atleta deve ter uma deficiência que possua tendência a ser permanente e limitação funcional que impacta em seu desempenho esportivo. Se um atleta tem uma limitação que não seja permanente, ou que não o impeça de competir com atletas sem deficiência, então este atleta é considerado inelegível (CARDOSO; GAYA, 2014).

paraolímpico e prepara-los para chegar a USA Paralympic Team. O programa *Gateway to Gold* é um primeiro passo para detectar atletas com potencial para o pódio, bem como para ajudar o país a se tornar a maior potência paraolímpica do mundo. Com o propósito de aumentar o número de atletas paraolímpicos elegíveis para competir no esporte, são realizados eventos de identificação de talentos e ainda programas esportivos preferencialmente para crianças e jovens com deficiência em idade escolar, no entanto, os eventos são abertos a pessoas com deficiência de todas as idades. (U. S. PARALYMPICS, 2016)

No Brasil, a iniciativa mais reconhecida, surge no ano de 2006, as Paralímpiadas Escolares. Criada com o objetivo de favorecer o aparecimento de novos talentos paraolímpicos, promover a integração e o intercâmbio sociocultural e aumentar a participação dos estudantes com deficiência em atividades esportivas, é a maior competição paraolímpica nacional de jovens com deficiência, de escolas públicas e privadas reconhecidas pelo MEC (CPB, 2015b).

Disputadas desde 2006, as Paralímpiadas Escolares já foram a vitrine de alguns dos mais talentosos atletas brasileiros. Alan Fonteles, campeão mundial e paralímpico de atletismo; Lorena Spoladore e Verônica Hipólito, campeãs mundiais de atletismo; Talisson Glock, medalhista em um Mundial da natação; e Leomon Moreno, campeão e artilheiro do último Mundial de Goalball (modalidade exclusiva para cegos), são alguns dos nomes que já passaram pela maior competição estudantil do país (PORTAL BRASIL2016, 2014).

As Paralímpiadas Escolares contam com a participação de alunos entre 12 e 21 anos de idade, e atingiram na edição de 2013, mais de 1.200 estudantes, de 26 unidades da federação competindo em dez modalidades paraolímpicas. Já no ano de 2015, 708 atletas dos 12 aos 17 anos de 25 unidades federativas do país e também de outros países (Reino Unido) (CPB, 2015b).

Atualmente as Paralímpiadas Escolares podem ser considerada a principal forma de revelar novos atletas paraolímpicos no Brasil, é nessa competição que novas gerações estão surgindo, muitos atletas do nosso estudo evidenciaram a importância de participar dessa competição:

**A1:** *“...Também tem as Paralímpiadas escolares...encontra grandes atletas, encontra novos talentos, eu fui encontrado em 2007 na primeira vez que teve a Paralímpiada Escolar, eu assim como os outros atletas, assim...eu digo que eu fui atleta diferenciado porque*

*eu já dei resultado cedo, mas hoje tem atletas que estavam comigo lá na Paralímpiada Escolar em 2007 que hoje estão na seleção junto comigo, estão em campeonato mundial, estão em Paralímpiadas, então a Paralímpiada Escolar é de extrema importância para encontrar novos talentos...”*

**A7:** *“...que os investimentos aumentem, que abram os olhos para essa menina que está vindo por aí, que estão vindo com tudo, cada vez que eu olho para trás eu me arrepio e digo: nossa! essa gurizada está vindo com tudo, eles vão me engolir, isso é bom, afinal eu estou com 35 anos, já está quase na hora de parar e aí essa gurizada tá vindo...”*

**A11:** *“...Temos a maior competição escolar do mundo as paraolimpíadas escolares...”*

**A12:** *“...E o Brasil está muito na frente em relação aos programas para atletas com deficiência, entre aqui e lá fora, o Brasil está muito na frente, por exemplo, aqui a gente tem paralimpíadas escolares...”*

**A17:** *“...as paralimpíadas escolares, cara quando entrei, tipo assim, ninguém sabia o que era, hoje é um mega evento tipo, sai em todos os lugares... e essa ação contribui bastante pra que novas gerações cresçam no país, isso é um incentivo muito grande...”*

Essa competição ganha destaque também por parte dos dirigentes esportivos braileiros. Andrew Parsons, presidente do CPB, retrata a importância que essa competição tem para o país e sua capacidade de revelar novos atletas:

*“O histórico das Paralimpíadas Escolares já ressalta sua importância. Na maioria das vezes, é a primeira competição de um atleta, a porta de entrada para o esporte. Além disso, temos muitos exemplos de esportistas que começaram suas carreiras em uma edição das Escolares e hoje estão entre os melhores atletas do mundo”.*  
(PORTAL BRASIL2016, 2015)

Ainda nesse contexto, em 2016, surge o projeto Clube Formador Paralímpico, um acordo entre CPB e a Confederação de Clubes (CBC), com objetivo de manter e apoiar os clubes que formam e desenvolvem atletas para o alto nível de rendimento paraolímpico no Brasil, fortalecendo o esporte desde as categorias de base.

No total, a parceria vai garantir o repasse de até R\$ 2 milhões para o desenvolvimento de modalidades presentes no programa paraolímpico.

Vale destacar, o Programa Segundo Tempo para Pessoa com Deficiência criado pelo Ministério do Esporte. Essa ideia surgiu com o propósito de democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a “promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens com algum tipo de deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social” (BRASIL, 2011).

Essa iniciativa é introduzida no ano de 2010, na Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (RS), e apesar de não visar o rendimento esportivo, pode ser considerada uma ótima alternativa para prática esportiva recreativa para pessoas com deficiência.

Nesse sentido, são constantes as ações que buscam proporcionar a oportunidade de participação de atletas com deficiência em modalidades paraolímpicas no Brasil.

Apesar de não ter sido mencionada nos discursos dos atletas paraolímpicos investigados, outra questão que deve ser destacada é a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

A lei estabelece que nenhuma instituição de ensino pode recusar, cobrar valores adicionais, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência. Constituindo crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa (BRASIL, 2015).

Dessa forma, é possível que o número de alunos com deficiência (motora, visual e intelectual) se amplie nas escolas de ensino públicas e privadas brasileiras.

Com essa situação, é preciso que os professores de educação física estejam capacitados e atentos as possibilidades de cada aluno com deficiência incluso na escola. Essa nova realidade poderá ampliar o número de pessoas com deficiência que iniciam no esporte, e talvez, transformar as escolas em um das principais locais para a descoberta de talentos esportivos paraolímpicos no Brasil.

A expectativa é de que as oportunidades e ações que possam favorecer a prática esportiva (seja voltada a recreação ou ao rendimento) para pessoas com deficiência continuem se multiplicando no país, afim de proporcionar melhores

condições de prática e também favorecer a renovação de atletas paraolímpicos no país.

Outra importante razão para o ingresso de atletas no esporte paraolímpico é o Prazer, que foi evidenciado em 45% dos atletas investigados (n=9). Conforme o discurso dos atletas, o prazer pela prática esportiva, é uma forte razão pela qual os atletas iniciam no esporte paraolímpico.

**A3:**“...Eu comecei eu estava na escola...eu fui correr lá por brincadeira e foi aonde que eu ganhei as minhas primeiras três medalhas de prata e foi aí onde que eu me apaixonei pelo esporte...”.

**A4:**“...é o atleta gostar do que esta fazendo...”.

**A5:**“...foi ai onde eu comecei a fazer o Esporte, entrei no futebol e gostei e comecei a gostar do esporte ...vi que era um outro mundo que eu ia treinar bastante pra mim viajar bastante e conhecer pessoas...”.

**A6:** “...eu sou uma pessoa dedicada porque é o que eu gosto, é o que eu faço porque eu gosto, então pra mim isso ai é muito importante...”.

**A7:**“...eu ganhei as três provas 100m, 200m e 400m, competi com o masculino.. e dali em diante eu peguei gosto, me apaixonei pelo atletismo...”.

**A8:** “...eu sempre gostei de esporte né, desde novo eu sempre pratiquei futsal, futebol né, então assim, desde o começo eu sempre tive o gosto pelo esporte, eu nunca me vi não praticando algum esporte...”.

**A12:** “...para você querer, você tem que ter gosto e gosto você tem que ter desde pequeno, depois de grande você adquire o gosto mas não fica aquela paixão, mas qualquer hora você deixa de lado, e quando você é criança, você vai criando aquela paixão...”.

**A15:**“...eu realmente eu gosto do que faço, eu gosto muito de nadar...segui nadando porque..sabe, com certeza, qualidade de vida, questão de saúde, agora eu emagreci entendeu, eu tava bem gordo já por causa da cadeira de rodas, tudo isso né, disposição né cara, qualidade de vida em si...”.

O prazer pela prática esportiva é uma das principais razões que levam os atletas para a prática de esportes. Weinberg e Gould (2001) destacam que diversos estudos realizados com atletas, mostram que a busca pela participação em práticas esportivas é orientada por diferentes motivos, entre eles, o prazer pela prática é uma das razões mais citadas por atletas.

Samulski e Noce (2002), em investigação nos Centros de Treinamento Paraolímpicos no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, com 64 atletas paraolímpicos brasileiros de nove modalidades, em preparação para os Jogos Paralímpicos de Sydney – 2000, foram analisados os diferentes motivos que levaram os atletas a iniciarem a prática esportiva, os motivos que os mantêm praticando esportes e ainda os possíveis motivos que os levariam a abandonar a prática.

Os autores constataram que o motivo mais importante para iniciar uma atividade esportiva foi o prazer da prática, 76% dos atletas destacaram como decisivo para o ingresso na prática esportiva.

Também Di Pietro (2009) ao investigar os fatores motivadores em 10 atletas com deficiência física de Santa Catarina, a autora evidencia o prazer pela prática com a segunda principal razão pela qual os atletas buscam as modalidades de atletismo e basquete em cadeira de rodas.

Souza *et al.* (2007) investigaram os motivos que levaram pessoas com deficiência a prática do basquete em cadeira de rodas, como também os motivos que poderiam contribuir para sua não-adesão a este esporte. 13 atletas participaram do estudo. Para 62% dos participantes, o prazer foi considerado o fator decisivo para se manterem treinando na modalidade.

O prazer pela prática esportiva é um dos principais determinantes para que crianças e jovens continuem na modalidade esportiva. Jovens que apontam o prazer como um dos mais importantes motivos para ingressar na modalidade, tem maior probabilidade de se manter praticando o esporte ao longo do tempo (SCANLAN *et al.*, 1993).

Plinta e Sobiecka (2002) ao investigar um grupo de 39 indivíduos com deficiência ativos e um grupo de 36 indivíduos com deficiência não ativos da Polônia, com objetivo de avaliar os fatores associados à atividade desportiva dos deficientes e suas características sócio-demográficas. Os autores relatam que o prazer pela prática esportiva é a razão mais comum (50%) por qual pessoas com deficiência buscam a prática esportiva.

Esses resultados corroboram com os encontrados em nosso estudo e permite afirmarmos que o prazer em praticar uma atividade esportiva continua sendo uma razão importante para que pessoas com deficiência ingressem em uma modalidade paraolímpica e possam permanecer em treinamento.

É importante salientar que para que tenhamos cada vez mais atletas pessoas com deficiência ingressando no esporte, cabe aos profissionais de Educação Física, principalmente na escola, oportunizarem a prática esportiva de qualidade e acessível para todos seus alunos. A escola pode ser a principal responsável para que pessoas com deficiência se apaixonem pela prática esportiva.

Também a inspiração de ídolos no esporte paraolímpico é evidenciada em nosso estudo. 30% dos atletas investigados (n=6) relatam ser um motivo importante para o ingresso no esporte.

Muitos atletas começaram a prática esportiva logo após terem conhecimento que outras pessoas em condições semelhantes de deficiência obtiveram resultados expressivos em competições paraolímpicas. É possível perceber isso através do discurso de alguns atletas investigados.

**A4:** *“...eu conheci o esporte paraolímpico na verdade vendo o Clodoaldo, eu vi ele na TV daí foi a primeira vez que eu, foi o primeiro contato que eu tive com esporte paraolímpico, eu não conhecia antes, eu achava que não existia, ai quando eu vi ele já abriu a quantidade de possibilidades que tinha para mim né, ai foi mais por inspiração né, me inspirava no pessoal, eu via eles e queria ser parecido assim...”*

**A8:** *“...o meu ídolo, ídolo assim desde que eu comecei foi o Daniel Dias e o Clodoaldo, primeiro foi o Clodoaldo e depois o Daniel Dias e fora todos os outros que eu conheci né, eram todos meus amigos, são todos ótimos exemplos...”*

**A9:** *“...A Adria Santos e o Antonio Delfino, que já foram grandes nomes do esporte paraolímpico, hoje não estão jogados de lado, eles recebem uma aposentadoria do CPB, fazem missões e sempre vem dar palestras para seleções principais e principalmente para a seleção de jovens, nos inspiram...”*

**A14:** *“...O que o Clodoaldo fez por mim por exemplo, o que o Clodoaldo fez pelo Daniel Dias, pelo André Brasil, e é o que André Brasil faz por outras pessoas, o que o Daniel Dias faz outras pessoas e o que o Clodoaldo ainda faz pelas pessoas e é aos poucos que vai*

*trazendo pessoal e fazendo o pessoal acreditar que da para conseguir bons resultados no esporte...”*

A atleta Ádria Rocha Santos foi a principal atleta brasileira a inspirar novas gerações. Medalhista de ouro nos 100m na Paraolimpíada de Barcelona em 1988, ouro nas Paraolimpíadas de Sydney em 2000 nos 100m e 200m, Adria se tornou junto com Antônio Tenório (tricampeão paraolímpico 1996, 2000, 2004) no judô para deficientes visuais, os dois principais ídolos do esporte paraolímpico brasileiro.

Posteriormente a isso, em 2004, “nasce” o maior atleta paraolímpico brasileiro: O potiguar Clodoaldo Silva, o “tubarão paraolímpico”.

O atleta teve paralisia cerebral por falta de oxigênio durante o parto, o que afetou os movimentos das pernas e lhe trouxe uma pequena falta de coordenação motora. Clodoaldo iniciou na natação como processo de reabilitação no ano de 1996, em Natal-RN.

Detentor de 13 medalhas paraolímpicas, o nadador é hoje um dos maiores atletas da história do nosso país e do mundo. Em três paraolimpíadas (Sydney 2000, Atenas 2004 e Pequim em 2008), ele coleciona a marca impressionante de 06 medalhas de ouro, 05 de prata e 02 de bronze.

A inspiração em Clodoaldo Silva é também evidenciada em outros estudos. Benfica (2012), também aborda a importância de Clodoaldo Silva para novas gerações:

*“ Eu fui conhecer o paradesporto assistindo pela TV em 2004, na Paraolimpíada de 2004 que foi em Atenas. Eu vi Clodoaldo e Cia, e aí me interessei”. (Atleta 7)*

*“Vim conhecer em 2004, depois das paraolimpíadas de Atenas, né, já tinha meus 16 anos. E aí conheci, através de divulgação, Clodoaldo Silva ganhando várias medalhas pro Brasil. Aí eu falei:„Poxa, existe esporte para o deficiente, existe esporte paraolímpico“. E aí que eu passei a praticar.” (Atleta 1).*

Essa inspiração começa a partir dos Jogos Paraolímpicos de 2004, em Atenas, Grécia, quando o CPB investiu em uma ampla divulgação dos Jogos. De

acordo com Severino Neto (2013)<sup>7</sup>, o CPB, compra todos os direitos televisivos dos Jogos e distribui gratuitamente para as emissoras de televisão no Brasil. Além disso, oito emissoras abertas e fechadas foram convidadas pelo Comitê para cobrirem a competição (MARQUES *et al.*, 2013).

Essa atitude de divulgação realizada pelo CPB nos Jogos Paralímpicos de Atenas, despertou a consciência nacional para o esporte paraolímpico, trouxe visibilidade para o esporte, atraindo assim, as atenções da mídia e das grandes marcas empresariais (FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011).

Assim, os Jogos Paralímpicos de 2004 foram um marco para o esporte paraolímpico brasileiro, porque, além do resultado de destaque, 14º colocação no quadro geral de medalhas (melhor colocação do país até aquele momento), o Brasil ainda volta de Atenas com um ídolo paraolímpico reconhecido pelo público.

Já em 2008, nos Jogos Paralímpicos de Pequim, China, o CPB também investiu pesado na divulgação dos Jogos. Nesse ano, além de comprar os direitos televisivos e distribuir gratuitamente para qualquer emissora que tivesse interesse no país, ainda custeou as passagens e hospedagem para todos jornalistas brasileiros que tinham interesse de ir a Pequim, realizar as reportagens in loco.

Os Jogos Paralímpicos de Londres (2012) ratificam este cenário sendo a primeira vez que um canal de televisão brasileiro compra os direitos de transmissão (Sportv).

A partir de atitudes como essas, os atletas brasileiros ganharam mais espaço na mídia, começaram a ser reconhecidos nacionalmente e mundialmente, estimulando e contribuindo para que novas gerações pudessem se desenvolver e conseqüentemente, novos ídolos fossem formados.

É o caso de Daniel Dias, outro atleta paraolímpico brasileiro que inspira novas gerações, em 2008, Daniel Dias foi o recordista brasileiro, conquistou 4 ouros, 4 pratas e 1 bronze na Natação paraolímpica. Atualmente é o maior medalhista paraolímpico brasileiro com 15 medalhas em Jogos Paralímpicos.

Cabe destacar o caso da atleta canadense Chantal Petitclerc, dona de 21 medalhas - sendo 14 ouros - em cinco edições Paralímpicas, uma das maiores velocistas em cadeira de rodas de todos os tempos. A ex-atleta passou a usar

---

<sup>7</sup> Comunicação Pessoal durante a *I Reunião das Equipes do Projeto Referências do Esporte nacional de alto rendimento no Brasil*, em 05.Abril.2013, Porto Alegre-RS.

cadeira de rodas aos 13 anos, e encontrou a inspiração para ingressar no esporte paraolímpico, após assistir os Jogos Paralímpicos de Seul, Coréia do Sul em 1988, quando a atleta se inspirou no lendário atleta cadeirante canadense André Viger e se tornou uma das maiores medalhistas canadenses.

São exemplos que podem motivar a participação de cada vez mais pessoas no esporte. Essa é uma ferramenta que deve ser aprimorada pela mídia, já que a influência de ídolos parece trazer resultados positivos a quem esta iniciando no esporte.

Outro motivo evidenciado nos discursos dos atletas paraolímpicos brasileiros pelo qual ingressam no esporte paraolímpico, é a reabilitação. Evidenciamos 25% dos atletas (n=5) que destacam essa, como uma das razões por qual buscaram a iniciação no esporte. Cabe destacar, que somente atletas da Natação evidenciaram a Reabilitação como principal forma de ingresso no esporte.

No quadro abaixo, podemos verificar o depoimento de cada um dos atletas.

**A11:** *“...aos 16 anos fiz a minha quarta e última cirurgia atrás do joelho na perna esquerda e ali foi quando meu médico recomendou a natação como fisioterapia então meu ingresso no esporte paraolímpico não foi porque eu queria ser um grande atleta, não foi porque eu queria ser um grande nadador, foi por questão de tratamento de fisioterapia, uma recomendação médica...”*

**A13:** *“...por meio de indicação médica que comecei para melhorar os movimentos de membros...”*

**A14:** *“...Eu comecei lá em Bagé com 08 meses de idade, natação para bebê né, pela deficiência já recomendaram a piscina pra..por hidroterapia...”*

**A17:** *“...Eu...quando eu tinha, cerca de uns 12 anos eu comecei a sentir dores na coluna e eu era muito novo para isso e o médico ele ... pediu para eu começar a nadar que seria bom para mim, aí foi quando ele me recomendou a nataçã..., mas eu comecei em função da reabilitação mesmo né, para não agravar mais o meu problema de coluna...”*

**A19:** *“...eu comecei a nadar com 07 anos, por orientação médica para não ter um problema mais sério na coluna né ... o médico me indicou que o melhor era a natação né, aí desde os 07 anos eu comecei...”*

A reabilitação busca assegurar à pessoa com deficiência, independente da natureza ou da origem da deficiência, a mais ampla participação na vida social e ainda proporcionar a maior independência possível em atividades da vida diária.

Assim, a utilização do esporte como parte do processo de reabilitação de pessoas com deficiência, além de proporcionar resultados terapêuticos, contribuiu para direcioná-los ao esporte de alto rendimento paraolímpico (CARDOSO, 2011).

Melo e López (2002) destacam que o esporte para pessoas com deficiência deve ser considerado como uma alternativa lúdica e prazerosa, sendo parte do processo de reabilitação de pessoas com deficiências físicas. Assim, além do processo de reabilitação proporcionar o ingresso no esporte, muitos benefícios físicos, motores e sociais são evidenciados com a prática esportiva.

Até meados dos anos 2000, grande parte dos atletas paraolímpicos era oriunda dos programas de reabilitação (por recomendação médica) (WHEELER *et al.*, 1999). Esses atletas tiveram contato com a prática esportiva durante seu processo de reabilitação e continuaram a se aperfeiçoar no esporte.

Florence (2009), em investigação com 20 atletas paraolímpicos brasileiros das modalidades: judô, futebol de cinco, natação e atletismo, destaca em seu estudo que a reabilitação está presente na iniciação da amostra investigada.

Não somente no Brasil a reabilitação é evidenciada. Sousa (2014) ao realizar uma ampla investigação com 29 atletas paraolímpicos portugueses, a autora destaca que apesar de poucos atletas portugueses oriundos de programas de reabilitação, atletas da Bocha Paraolímpica, onde, grande parte dos atletas possuem Paralisia Cerebral moderada e severa, ingressaram no esporte depois de participarem de programas de reabilitação.

Também Wu e Willians (2001) ao investigar atletas de atletismo, basquete, Rugby e tênis em cadeira de rodas relatam que a reabilitação não é a uma das principais razões por qual atletas ingressam no esporte. Os autores relatam no estudo as formas de ingressos no esporte de atletas americanos dessas modalidades foram em decorrência de outras razões.

Teodoro (2006), em estudo com 5 atletas brasileiros das modalidades Basquete em Cadeira de rodas, Natação, Futebol 5 e Tênis de Mesa, a autora destaca que a iniciação de alguns dos atletas investigados também ocorreu em consequência de convite ou abordagem de pessoas ligadas ao esporte paraolímpico de alto rendimento.

Porém, a realidade dos atletas brasileiros parece estar mudando. Quando abordamos os principais motivos para iniciar no esporte, a reabilitação não parece ser mais a principal forma de ingresso no esporte. O que anteriormente era evidenciada como uma das principais formas de ingresso no esporte paraolímpico, em nosso estudo, com as modalidades de atletismo e natação, não seguem o mesmo caminho.

Apesar disso o processo de reabilitação de pessoas com deficiência continua sendo uma importante ferramenta para direcionar essa população para o esporte e também, proporcionar benefícios físicos, motores e sociais.

Labrocini *et al.* (2000), em estudo realizado para avaliar a reabilitação através do esporte, com trinta pessoas com deficiência física iniciantes na prática esportiva, sendo quinze iniciados do basquete e quinze iniciados da natação, os autores relatam grandes benefícios afetivos, sociais (baixa incidência de depressão, alto vigor e melhora nos relacionamentos) e de lazer desses indivíduos.

Segundo os autores as mudanças de comportamento evidenciadas demonstram a importância do esporte no cotidiano desses indivíduos, que passaram a relacionar-se de maneira diferente com a sociedade onde estão inseridos, também demonstram mais facilidade para enfrentar as dificuldades ou barreiras encontradas em seu cotidiano. Este estudo mostra que o esporte pode proporcionar melhores condições de integração e adaptação a sua condição física para a pessoa com deficiência.

Giacobbi Jr. *et al.* (2008), analisando a qualidade de vida de vinte e seis indivíduos (doze masculino e quatorze feminino) com deficiência física participantes de um torneio de basquete em cadeira de rodas nos Estados Unidos, destacam o papel do esporte na vida dos atletas, os autores observaram ganhos em sua percepção psicológica, afetiva e social associados ao seu envolvimento na prática esportiva.

Apesar dos benefícios físicos, motores e sociais e ser considerada uma importante ferramenta para direcionar pessoas com deficiência para o esporte, nosso estudo aponta que a reabilitação não parece ser mais a principal forma de ingresso no esporte paraolímpico brasileiro nas modalidades atletismo e natação.

## 4.2. MOTIVOS PARA A CONTINUIDADE NO ESPORTE PARAOLÍMPICO

A continuidade dos atletas nas modalidades esportivas paraolímpicas acontece em decorrência da qualidade e quantidade dos suportes recebidos durante esse período da carreira esportiva.

No quadro 7, apresentamos as razões apontadas como fundamentais pelos atletas paraolímpicos brasileiros para que os atletas continuem nas modalidades esportivas de Atletismo e Natação. A influência de Professores de Educação Física e Treinadores (n=19; 95%), Participação em competições esportivas (n=14; 70%) e Suporte Emocional (n=13; 60%) são atribuídos como fundamentais para a continuidade no esporte paraolímpico.

**Quadro 6** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

<b>Categorias temáticas</b>	<b>Frequência das respostas</b>	<b>%</b>	<b>Total de Entrevistados</b>
Influência de Professores de Educação Física e Treinadores	19	95%	20
Participação em competições esportivas	14	70%	20
Suporte Emocional	13	65%	20

A importância dos professores de educação física e treinadores é apontada por 95% (n=19) dos atletas como a principal razão para continuar no Atletismo e Natação.

É possível evidenciar isso através dos discursos abaixo que esses profissionais são considerados essenciais para que permaneçam nas modalidades a qual estão inseridos.

**A1:** “...os professores educação física e treinadores foram muito importantes, na escola nunca deixei de fazer esporte, na escola eu

*nunca deixei de fazer aula de educação física....os professores nunca...ah porque você deficiente você não fazer a aula. sempre diziam você vai ter que fazer. Na infância foram muito importantes principalmente de educação física, a minha primeira técnica também foi muito importante para que eu conseguisse chegar em Pequim, chegar no campeonato mundial e aí poder estar chegando hoje na seleção...”*

**A3:** *“...O professor e o treinador são os chefes do atleta né, ele é amigo, ele ajuda, ele faz tudo para que o atleta faça o seu melhor, ele passa experiência, passa para o atleta as manhas.....meu professor ele sempre me incentivou na escola, ele falou pra mim não parar a escola para mim continuar indo, se não desse certo no esporte a sua escola estará segura e te dar um futuro bom e melhor...”*

**A4:** *“...você acha um diamante se você dá mão de qualquer um, um diamante bruto, uma pedra bruta, se você der na mão de qualquer um, independente do profissional, ele não vai nem saber o que fazer. Vai chegar e vai passar pra outro porque ele não estará apto para lapidar o diamante. O atleta não é feito sozinho, não sou eu que faço a minha alimentação, não sou eu que faço meu treino, não sou eu que tenho algum ... me machuco não sou eu que faço fisioterapia na minha perna. É um conjunto, pega essa pedra bruta que é o atleta e um bom profissional, ele vai saber lapidar, vai saber o que vai ser trabalhado para deixar essa pedra em perfeito estado para competir...”*

**A7:** *“...Importância de 110, 120% né, eu também sou educadora física eu sei qual é a real importância deles, sem eles não tem como dar continuidade ao trabalho... então tem que dar todo esse valor para eles né, eles que estão dando todo o suporte técnico, para mim é essencial...”*

**A9:** *“...O treinador foi a parte mais importante no meu início, porque se ele não tivesse toda a base que ele tinha, por mais que ele não soubesse que no paraolímpico existem mais classes além de amputados e cegos, eu não estaria aqui hoje...”*

**A12:** *“...Ah, sem eles a gente não faz nada, não tem como nos guiarmos, por exemplo, o meu técnico...ele é meu pai, meu técnico eu confio nele 120%, não é 110 e nem 100, é 120%, porque? Ele quer que eu “dê” resultado, ele quer que eu “dê” o meu melhor, se ele ta reclamando comigo por causa de alguma coisa? É por que ele quer o meu melhor, e isso é coisa de pai...técnico é fundamental para isso, para manter a gente focado, se a gente tem um objetivo, eles estão ali para lhe guiar, eles estão ali para ajudar você a atingir aquele objetivo, é 50-50, 50 do técnico e 50 do atleta, porque o seguinte, o técnico sente quando o atleta ta cansado, quando ta bem,*

*quando ta mal psicologicamente, ou seja, os dois estão juntos, os dois estão interligados, é fundamental...”*

**A18:** *“...Cara, é total, não adianta você ter o talento, não adianta você ter o esforço se não tiver um cara que você possa chamar de mestre lá do lado né...”*

Parece evidente que professores de Educação Física e treinadores capacitados podem aprimorar os resultados da carreira esportiva de atletas paraolímpicos. A presença constante desses profissionais com conhecimento das particularidades do esporte para pessoas com deficiência contribui para a permanência e desenvolvimento desses atletas na carreira esportiva dos atletas.

Swanson, Colwell e Zhao (2008) destacam que treinadores capacitados para o esporte paraolímpico podem ser capazes de ampliar as questões motivacionais de atletas com deficiência, proporcionando melhorias em habilidades e o desenvolvimento de capacidades psicossociais importantes para o sucesso esportivo.

No estudo de Martin e Mushett (1996), atletas que receberam forte suporte de seus treinadores e foram desafiados, tanto emocionalmente como tecnicamente, expressam maior eficácia na sua capacidade de treinamento, o suficiente para alcançar o seu potencial máximo.

Promover desafios as habilidade individuais de cada atleta, pode ampliar os conhecimentos sobre a técnica da modalidade esportiva, permitindo que o atleta possa aprimorar seu desempenho.

Malletts (2002) afirma que os treinadores são importantes para o progresso da técnica do esporte para seus atletas. Com foco no desenvolvimento das habilidades e conhecimentos que são necessários para o progresso nos treinamentos.

Também é preciso destacar que o suporte dos treinadores aos atletas, pode promover as necessidades psicológicas fundamentais para competições, tais como: motivação, autonomia e competência, possibilitando assim, influência positiva no desempenho esportivo (AMOROSE; HORN, 2001; ADIE; DUDA; NTOUMANIS, 2008).

Nesse sentido, alguns atletas destacam essa questão:

**A8.** *“...até em questões assim, não só de performance, mas questões psicológicas, de confiança, no convívio com outros atletas, com outras pessoas também né, passando confiança pra gente né, ta ali sempre no dia a dia sempre dando força enfim, isso na verdade foi o que me ajudou bastante e até hoje eu sou bem grato aos treinadores que eu tive...”.*

Com cada vez mais oportunidades para pessoas com deficiência ingressarem no esporte paraolímpico, o professor de educação física e os treinadores precisam estar capacitados para atuar com essa população. Essa questão é destacada no discurso de alguns atletas investigados:

**A2:** *“...Mas o técnico e os profissionais de educação física tem que ter o mesmo linguajar que conforme para deficiência, eu acho que para o cego um técnico que tenha a interpretação com seu atleta isso é fundamental, eu acho que nem todos os melhores técnicos você consegue treinar, a partir do momento que ele tem um linguajar...que nem eu, eu sou visual, ele trabalha a linguagem visual para mim, por exemplo ele vai ensinar uma técnica de elevação do joelho, pra quem é cega não vai ter essa percepção se é lateral, se é frontal...já um técnico com a linguagem do visual, ele vai te mostrar...”*

**A10:** *“...Então os professores são fundamentais por que na área da adaptada por que eles tem que aprender que cada atleta é um atleta...tu não consegue pegar 5 deficientes e executar o mesmo planejamento e é ai que o profissional bem capacitado entra, saber discernir a deficiência e saber que cada deficiência vai ter sua aplicabilidade, é muito...é muito pontual, é muito individualista...”*

Hutzler e Bergman (2011) destacam que: a falta de conhecimento de treinadores pode se tornar uma barreira para o desenvolvimento da carreira esportiva do atleta.

Sendo considerada até mesma uma forte razão para o abandono do esporte. Isso é destacado no discurso de um atleta investigado no estudo. Essa situação é considerada importante a ser solucionada, já que parece trazer consequências negativas para a carreira do atleta.

**A14:** “...falta de conhecimento de profissionais de educação física, professores de academia, por não conhecer tanto o esporte paraolímpico quanto a deficiência em si, achava que não tinha como, achavam que era complicado mesmo. Eu lembro que em Bagé eu tinha um professor de educação física que...ele também não conhecia nada de esporte paraolímpico né, ele era árbitro de basquete, ainda é árbitro e eu lembro que ele foi na internet, foi em tudo que é canto pesquisar, procurar para mim, trouxe tudo que é regra e a gente começou a fazer lá mesmo em Bagé, então é a diferença de profissional né, enquanto outros que não sabiam o que fazer só se afastavam...”.

Em paralelo a isso, algumas iniciativas para a capacitação desses profissionais já vêm ocorrendo. No campo da formação profissional em Educação Física, vem crescendo a preocupação com a formação de professores para atuar com a prática esportiva voltada as pessoas com deficiência.

As Instituições de Ensino Superior (IES) e sua formação acadêmica são extremamente importantes para a capacitação dos profissionais de Educação Física e outras áreas que irão desenvolver atividades físicas e esportivas junto a pessoas com deficiências, tendo a responsabilidade de ser a principal produtora e disseminadora do conhecimento para os futuros profissionais de educação física.

Tratando-se de Educação Física para pessoas com deficiência, o grande desafio das IES é além de formar profissionais capacitados em proporcionar atividades que possibilitem o desenvolvimento da pessoa com algum tipo de deficiência (seja voltada para recreação ou rendimento), é também, de formar cidadãos com valores e conscientes do processo inclusivo que seus educandos necessitam.

Até o ano de 1986, das 95 IES que ofertavam o curso de Educação Física no país, apenas 8 tinham em seus conteúdos curriculares atividades específicas sobre atividade motora adaptada e esportes para pessoas com deficiência (PETTENGILL; COSTA, 1997).

Dessa forma, como destaca Cidade e Freitas (2002), muitos professores de educação física não recebiam em seus conteúdos curriculares disciplinas relacionadas a atividade física para pessoas com deficiência ou inclusão.

A partir disso muitos educadores lutaram pela alteração do currículo, nessa alteração estava proposto o atendimento a pessoas com deficiência.

A disciplina de Educação Física Adaptada surge oficialmente nos cursos de graduação através da Resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação (Pedrinelli e Verenguer, 2005), considerada o marco para a formação profissional em Educação Física Adaptada no Brasil, que trata da reestruturação dos cursos de Educação Física e prevê a atuação do professor com a pessoa com deficiência e outras necessidades especiais (MAUERBERG-deCASTRO, 2005).

Segundo Ribeiro e Araújo (2004), essa mudança curricular representa o resultado de um movimento social amplo, que não concebia o homem de modo que se valorize apenas o seu físico, conseqüentemente a Educação Física necessitava de uma abordagem capaz de contemplar todos os aspectos necessários na formação do indivíduo.

Após a reestruturação do currículo, foi possível perceber que muitas IES incluíram em suas grades curriculares disciplinas voltadas para o atendimento de pessoas com deficiência. Atualmente disciplinas como Educação Física Adaptada e Esportes Adaptados estão presentes no currículo de cursos de Educação Física no Brasil (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004; FERREIRA *et al.*, 2013).

Atualmente é possível perceber grandes melhorias na área da Educação Física e Esportes Adaptados para pessoas com deficiência, um grande número de entidades, eventos, cursos e ações surgiram para ampliar e disseminar o conhecimento desta área. Também há registro de teses, dissertações, artigos e outras publicações abordando sobre diferentes perspectivas teóricas as pessoas com deficiências (BARRETO *et al.*, 2014).

Braga *et al.*, (2009), constataram em seu estudo, 12 IES que possuíam em seus currículos disciplinas relacionadas a educação física adaptada e esportes adaptados.

Já Borella (2010) identificou em seu estudo, 160 cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) de 21 estados brasileiros que possuem alguma disciplina relacionada a essa temática em seus currículos.

Assim, em conjunto com a oferta de disciplinas nos cursos de graduação, a pós-graduação, tanto em nível de mestrado como de doutorado, tornou-se um caminho natural para aqueles que desejam aprofundar os seus conhecimentos nessa área. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é uma referência em educação física e adaptação, em nível de mestrado e doutorado (RIBEIRO E ARAÚJO, 2004).

Carmona, Pereira e Mazo (2014) ao investigar os programas de pós-graduação da Educação Física no Brasil, os autores constataram apenas uma área de concentração, duas linhas de pesquisa e 11 disciplinas que abordam diretamente as pessoas com deficiência, tendo apenas uma disciplina como foco central os esportes adaptados. Também afirmam ter identificado 11 grupos de pesquisa brasileiros que investigam diretamente a temática da pessoa com deficiência. Apesar do achado dos autores, é possível evidenciar uma quantidade superior de grupos de pesquisa que trabalham com a temática.

Dessa forma, acreditamos que o papel das IES é decisivo e indispensável para que a educação física (enquanto ciência ou área de formação profissional) possa capacitar e formar profissionais competentes para o desenvolvimento de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência.

Como afirma Costa e Sousa (2002), a participação dos centros de excelências das Universidades representam um papel preponderante para propiciar as bases científicas necessárias para o desporto de alto nível, contribuindo com os conhecimentos produzidos, na preparação de profissionais, avaliações físicas, médicas, biomecânicas, recomendações e acompanhamento de treinamento dos atletas brasileiros. Consequentemente à isso, o esporte paraolímpico brasileiro será beneficiado.

Nosso estudo também evidenciou que a Participação em competições esportivas é considerada uma das principais razões pelas quais os atletas paraolímpicos permanecem no esporte, 70% (n=14) dos atletas do atletismo e da natação relataram ser uma razão importante para permanecerem praticando o esporte paraolímpico.

Podemos perceber isso nos discursos abaixo:

**A3:** *“...ele falou que eu era um atleta que iria me dar muito bem no esporte, aí em 2007 ele me botou no futebol ai eu gostei mais ainda, em 2007, 2008 e 2009 eu fiquei no futebol de sete, aonde eu fui parar na seleção brasileira sub 20 com 15 anos eu viajei para Colombia em 2009, fomo campeões nos Jogos Parapanamericanos Juvenil...”*

**A8:** *“...Em 2012 eu tive a possibilidade de participar, de começar na seleção de jovens né, do CPB, e daí com isso eu fui obtendo também, tendo oportunidade de convocações internacionais de treinamento que também me ajudou a evoluir mais também, ter um*

*investimento melhor nessa questão que foi me facilitando até eu chegar na seleção principal...”*

**A14:** *“...eu mesmo comecei com a Paralímpiada escolar em 2007, primeira que participei e isso foi um incentivo muito grande para mim, logo depois eu fui chamado para minha primeira competição internacional que foi em 2008, foi pelo resultado dessa Paralímpiada escolar que foi um Mundial Jovem, nos Estados Unidos, e se não tivesse isso eu não sei exatamente como seria né, se não tivesse essas competições, porque o atleta treina só que ele não treina por diversão, ele treina para competir e é preciso ter competição...”*

**A16:** *“...aí depois que, depois de dois anos teve uma competição sub-21 na Colômbia em 2009, aí eu fui convocada para ir, aí pronto, comecei a treinar todos os dias, comecei a levar a sério mesmo...”*

**A17:** *“...eu gostei sabe, porque era uma nova visão da minha vida, porque eu não tinha condição para estar num lugar daqueles, e eu tava. Então aquilo ali já me deu um gás maior porque eu criei ali um objetivo, nunca tinha ido para uma competição, foi inclusive num centro oeste, um campeonato regional, nunca tinha ido para uma competição daquele nível, cheguei lá para nadar naquele lugar e aquilo ali já começou a ser um foco: Putz, ano que vem quero estar aqui de novo. Então eu acho que isso aí deu esse gás para continuar...”*

A participação em competições faz parte dos diferentes programas esportivos destinados para crianças e jovens. A forma, os objetivos e a periodicidade das mesmas, assim como a faixa etária adequada para o início regular e mais competitivo são aspectos a serem considerados e estudados pela Ciências do Esporte (ARENA; BOHME, 2004).

A participação em competições esportivas é considerado um período de aprendizagem. É nesse período que o atleta procura aprimorar suas habilidades, desenvolver suas capacidades para a continuidade na carreira esportiva (CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006).

Além disso, é considerada uma forma por qual os atletas aprimoram os fundamentos da modalidade esportiva e passam a encarar o ambiente competitivo como parte de seu cotidiano.

Para o atleta paraolímpico, essa realidade é semelhante. A competitividade existente entre os atletas, além de favorecer o aprimoramento em seu rendimento, proporciona a longevidade na carreira do atleta.

A carreira esportiva do atleta paraolímpico passa por diversas fases desde a iniciação até a retirada do esporte. Os atletas passam por processos de iniciação, longos períodos de formação envolvendo treinamento e competições, ambientam-se no esporte e atingem o sucesso no alto rendimento (HAIACHI *et al.*, 2016).<sup>8</sup>

Assim, a carreira esportiva passa a estar diretamente relacionada com a obtenção e manutenção de resultados, o que eleva as exigências e o nível técnico dos atletas, necessitando cada vez mais, formação, treinamento e investimentos para conseguir atingir o sucesso o esporte paraolímpico.

Assim, o desejo de sucesso esportivo do esporte paraolímpico brasileiro deve partir dessa premissa: a formação de jovens talentos paraolímpicos. Pensando assim, será possível renovarmos gerações de medalhistas e manter o país como uma das principais potências mundias.

Sabendo que a formação de atletas é considerado um processo longo, necessita ser muito bem estruturado e planejado, o CPB tem investido na formação de novos talentos paraolímpicos brasileiros, afim de manter o país no ápice do esporte mundial.

O Projeto Clube Escolar Paraolímpico foi lançado em 2009 pelo CPB e busca valorizar a integração dos Clubes/Associações que desenvolvem atividades esportivas para crianças e jovens com deficiência e as escolas públicas e privadas de todo o país reconhecidas pelo Ministério da Educação.

Visa promover a inclusão social através de iniciativas que promovam a prática e a experiência esportiva formal voltada para crianças e jovens estudantes com deficiência. Promove o fomento e o desenvolvimento esportivo dos futuros atletas paraolímpicos do país através da participação em intercâmbios esportivos paraolímpicos de caráter formativo promovidos entre Clubes/Associações e Escolas.

É destinado a estudantes na faixa etária de 12 a 19 anos com deficiência que estejam matriculados nas instituições de ensino. As modalidades propostas são: Atletismo, Basquetebol em Cadeiras de Rodas, Bocha, Ciclismo, Esgrima em

---

<sup>8</sup> HAIACHI, M.C., CARDOSO, V.D., REPPOLD FILHO, A.R., GAYA, A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. 2016; No prelo.

Cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Golball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Rugby em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas, Tiro com Arco, Vela e Voleibol Sentado (CPB, 2010b).

O Programa Renovar Paraolímpico é outra iniciativa proposta no Planejamento Estratégico 2010-2016 do CPB. Têm o intuito de promover e sistematizar processos de busca e formação de novos valores paraolímpicos no país. Destacando projetos e iniciativas que contemplem ações de ampliação do quadro de atletas paraolímpicos (CPB, 2010a).

Já as Paraolimpíadas Escolares são disputadas desde 2006 e são consideradas a maior competição estudantil do país para jovens atletas com deficiência.

Criada com o objetivo de favorecer o aparecimento de novos talentos paraolímpicos, promover a integração e o intercâmbio sociocultural e aumentar a participação dos estudantes com deficiência em atividades esportivas, é a maior competição paraolímpica internacional de jovens com deficiência, de escolas públicas e privadas reconhecidas pelo MEC. As Paralimpíadas Escolares contam com a participação de alunos entre 12 e 21 anos de idade, e atingiram na edição de 2015, 708 atletas dos 12 aos 17 anos de 25 unidades federativas do país e também de outros países (Reino Unido) (CPB, 2015b).

Assim, promover e valorizar a descoberta e formação de atletas paraolímpicos no país, parece ser a melhor forma de renovar as gerações de atletas paraolímpicos no país.

Além dos jogos escolares, em 2005 foi criado o *Circuito Loterias Caixa Brasil Paralímpico de atletismo e natação* (a modalidade de halterofilismo foi introduzida posteriormente), uma competição que ocorre em etapas regionais e nacionais com calendário fixo. Realizada com o patrocínio da Caixa Econômica Federal, este evento esportivo é a maior competição nacional para atletas paraolímpicos no país. (CPB, 2011)

O Circuito tem como principal objetivo desenvolver a prática desportiva e técnica das modalidades em disputa, além de proporcionar oportunidades de competição aos atletas de elite e novos talentos do esporte paraolímpico brasileiro.

Considera-se importante a manutenção e ampliação desse tipo de competições (para jovens e adultos), sendo através da participação nessas competições que será possível ampliar a experiência competitiva dos atletas,

proporcionando com isso, melhoras em seus resultados e conseqüente ampliação de suportes recebidos na carreira esportiva.

Benfica (2006) destaca que a participação neste evento permite que o atleta adquira experiência, demonstre suas habilidades, conheça seus adversários brasileiros e incremente sua preparação para as competições internacionais.

Dessa forma, será possível contemplarmos competições esportivas mais disputadas, favorecendo o nível técnico dos atletas e ainda, possibilitando que o país tenham sempre resultados expressivos em futuras competições paraolímpicas.

Também ficou evidenciado em nosso estudo, a importância do Suporte Emocional para que os atletas permaneçam na modalidade esportiva. Nosso estudo apontou que 65% (n=13) dos atletas destacam em seus discursos, esse suporte como fundamental para sua continuidade no esporte.

**A7:** *“...Foi todo o apoio da minha família foi essencial começo eles ficaram meio que receosos né poxa vida ela só não tenho a mão, não é tanta desvantagem assim...se não fosse a minha família que tivesse me incentivando isso é o primordial acho que a família em primeiro lugar eu não estarei aqui ainda hoje...”*

**A11:** *“...depois veio o apoio, veio a importância da família na minha vida. porque sem isso eu não teria conseguido nem sair de casa. Como eu falei eu tenho três irmãs e um irmão o único com deficiência sou eu mas a minha mãe ela nunca me tratou como coitadinho ela nunca me tratou como diferente então o que eu queria fazer eu fazia muitas vezes, não fazia, sofria preconceito sofria discriminação mas por eu ter esse incentivo em casa: meu filho você não é diferente você quer fazer vai lá, se você não conseguir você pelo menos tentou ...então essa determinação essa perseverança essa importância do apoio familiar é fundamental...”*

**A12:** *“...minha família é que fez com que eu participasse do esporte sabe, se você não tem a base, fica meio complicado,...Eu não sei de onde meu pai tirava dinheiro para me levar para competição, meu pai era, meu pai era o cara entendeu, meu pai era mágico! ...Mas base da família, minha família foi tudo...”*

**A17:** *“...Nesse momento, eu acho que o apoio familiar, porque foi o que...no início, pelo menos no meu caso, no meu caso por exemplo eu não tinha condição de nada, eu não podia comprar suplemento, não podia comprar uma roupa tecnológica para nadar, eu não tinha nada disso, eu custava ganhar um óculos da minha mãe para treinar, mas minha mãe sempre me dava força, sempre me apoiava, então*

*eu acho que isso aí é principalmente um...a principal parte disso é o apoio familiar...”*

O suporte emocional aos atletas paraolímpicos de alto rendimento é fundamental e de grande relevância para o desenvolvimento da carreira do atleta com deficiência.

O Suporte Emocional enfatiza o relacionamento de apoio e afeto que proporciona uma variedade de comportamentos psicológicos positivos ou negativos para o atleta (MARTIN; MUSCHETT, 1996). Tais comportamentos podem ser: frustração, *burnout*, *stress*, relações sociais, doença e lesão.

Essa forma de suporte ocorre a partir da interação e do envolvimento em grupos (esportivos ou não), instituições, associações e das relações pessoais (família e amigos), através dos laços afetivos e emocionais com quem são estabelecidos (Clement e Shannon, 2011) e busca promover o bem-estar físico e psicológico, e ainda, melhorar rendimento esportivo (DeFREESE; SMITH, 2014).

Dentre as tantas funções da família, o incentivo a prática esportiva deve ser constante, pois o esporte tem um papel fundamental na autoestima e na determinação do atleta, sentimentos que podem ser transferidos da vida diária para prática esportiva (SWANSON; COLWELL; ZHAO, 2008).

Esse suporte é um dos grandes facilitadores para o desenvolvimento da carreira do atleta com deficiência, tendo em vista que a relação com o seu núcleo familiar e social, assume um papel fundamental para o seu desenvolvimento, colaborando para o aprimoramento de seus resultados (SERON; ARRUDA; GREGUOL, 2015; ANDERSON, 2009; MARTIN; MUSHETT, 1996).

Alguns autores destacam a importância desse suporte. Teodoro (2006) ao investigar atletas paraolímpicos brasileiros, evidencia a importância do apoio familiar para sua permanência na modalidade esportiva.

Ryan (2006) destaca que fatores como relacionamento com treinadores, familiares e amigos próximos são considerados decisivos para os atletas se envolver e continuar em atividade esportiva.

Florence (2009) ao investigar a trajetória de atletas paraolímpicos brasileiros, relata que o apoio emocional dos pais é como uma ferramenta de auxílio aos atletas, tanto no início da carreira quanto após anos de prática.

Também, Martin e Mushett (1996), relatam que o apoio dos membros da família é considerado o principal suporte e um facilitador para que os atletas continuem interessados em praticar a modalidade esportiva a qual escolheram.

Os autores Samulski e Noce (2002), ao investigar nos Centros de Treinamento Paraolímpicos no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, 64 atletas paraolímpicos brasileiros de nove modalidades, em preparação para os Jogos Paralímpicos de Sydney – 2000, constataram que 31% dos atletas (n=20) consideram importante e 60% (n=39) consideram decisivo o apoio da família e amigos para se manter praticando uma modalidade esportiva.

Jaarsma *et al.* (2013), ao avaliar 76 atletas paraolímpicos holandeses, com objetivo de identificar as principais barreiras e facilitadores no esporte, os autores destacam que: 41% dos atletas apontam o apoio da família como o principal facilitador na continuidade no esporte.

Roberts, Treasure e Conroy (2007) também sugere que o suporte emocional assume uma forma de motivação. No entanto, os indivíduos importantes são os familiares, professores ou treinadores e também, psicólogos do esporte. Sendo importante ao atleta para continuar o seu envolvimento no esporte e não correr riscos de abandono. Os autores ainda destacam que a influência positiva da família pode ajudar a motivá-los para enfrentar os momentos mais complicados durante sua carreira esportiva.

De fato, fica claro que o suporte emocional de família, amigos e treinadores é uma das razões importantes para o desenvolvimento da carreira do atleta paraolímpico.

Não somente em período de treinamento, a família pode fazer a diferença em períodos de competição. Martin (1996) considera esse suporte indispensável durante esse período.

A ausência desse suporte durante uma competição longa (ex: Jogos Paralímpicos, Jogos Parapanamericanos, Campeonatos Mundiais) pode ter consequências negativas para a situação emocional dos atletas e seus resultados. Os atletas consideram a utilização de telefonemas, e-mail ou conversas com vídeos convenientes para ampliar essa comunicação com seus familiares ou amigos muito próximos, afim de obter mais confiança e estabelecer melhores resultados (MARTIN, 2012).

Garci e Mandich (2005), em estudo com 16 atletas de basquetebol de cadeira de rodas do Canadá, relatam que os atletas seguidamente se referem aos seus companheiros e treinadores como uma "segunda família", muitas vezes devido aos laços formados durante os períodos de treinamento intensivo e competições longas.

Parece ser claro a necessidade de suporte emocional da família e amigos em períodos de competições. Isso pode ajudar o atleta a se sentir mais confiante em suas capacidades, podendo melhorar seu desempenho.

Atletas geralmente precisam se sentir mais confiantes em suas habilidades para alcançar melhores resultados. Autores como Lowther, Lane e Lane (2002); Katartzi *et al.* (2007); evidenciam associações positivas entre as capacidades pessoais (ex: confiança, auto-eficácia, auto-estima) com os resultados positivos obtidos por atletas de basquete em cadeira de rodas e atletas com amputações no futebol.

Dessa forma, cabe aos familiares, amigos e treinadores continuar e aprimorar a motivação de seus atletas. É evidente que essa influência gera resultados, deve se aprimorar essa competência afim de que esses resultados sejam positivos para a carreira esportiva desses atletas.

Também cabe destacar que pessoas com deficiência buscam no esporte uma oportunidade para ampliar sua socialização com pares sob a mesma condição de deficiência, o que favorecem a permanência em uma modalidade esportiva.

Essa questão é destacada no discurso de alguns atletas.

**A5:** *"...comecei a fazer o futebol e aí gostei aí vi que era um outro mundo que eu ia treinar bastante pra mim viajar bastante, conhecer alguém e aí eu comecei a falar eu vou fazer esporte não queria ser mais um cego qualquer queria ser um cego diferente..."*

**A16:** *"...Eu estava começando a perder a visão nessa época aí eu falei: nossa! que legal aí eu comecei a ir porque eu ficava conversando com eles, pela socialização mesmo, aí eles mesmos me ensinaram a nadar..."*

A participação no esporte pode trazer uma série de benefícios sociais para seus praticantes. Além de expandir seus contatos sociais e alcançar uma maior aceitação social, a participação no esporte com outras pessoas com deficiência

pode ajudar na superação de preconceitos (ainda existente), desempenhando um papel positivo na construção de uma sociedade inclusiva (HUTZLER, 1990; BLINDE; MCCLUNG, 1997).

Weinberg e Gould (1999) consideram que as relações sociais são um dos mais importantes fatores motivacionais para a prática de atividades físicas. Dessa forma, existe uma tendência maior para se manter praticando alguma atividade esportiva ao estar integrado dentro de um determinado grupo esportivo.

Em investigações anteriores sobre quais as razões que as pessoas com deficiência participam do esporte, Wu e Williams (2001), Huang e Brittain, (2006) destacam que o aumento das relações sociais podem proporcionar impactos positivos na capacitação pessoal e aspectos psicológicos em atletas de alto rendimento.

No estudo de Hutzler e Bergman (2011), com atletas paraolímpicos da natação em Israel, as principais características identificadas como facilitadores para prática esportiva são: alegria e diversão durante a participação; a identificação e orgulho de fazer parte de um grupo de elite, e ainda, o apoio social recebido pelos seus pares.

As relações sociais promovidas pelo esporte, também foram consideradas o principal facilitador para adultos com diferentes tipos de deficiência em permanecer no esporte (WU; WILLIAMS, 2001; TASIEMSKI *et al.*, 2004; KARS *et al.*, 2009).

É importante destacar que o aumento das relações sociais deve ser estimulado já na infância das pessoas com deficiência. O aumento dessas relações pode trazer benefícios para o melhor aproveitamento durante a prática esportiva (ex: aumento da confiança em suas habilidades) e também para o seu cotidiano fora do ambiente esportivo.

Shihui *et al.* (2007), destaca que essa interação deve ser realizada o mais breve possível, pois favorece a ampliação das relações entre atletas, familiares e treinadores e pode gerar resultados positivos em diferentes esportes (individuais ou coletivos).

Pessoas com deficiência geralmente estão afastadas do convívio com a sociedade, tem um reduzido número de amigos e interações sociais. Essa questão pode ocorrer em função da falta de entendimento e compreensão sobre as capacidades e possibilidades que essa população possui.

Dessa forma, a ampliação dos relacionamentos sociais de atletas com deficiência é uma ferramenta importante para a integração da pessoa da vida social e esportiva. Além de proporcionar melhorias na autoestima, ampliar o círculo de relações sociais e ainda, contribuir para aprimorar o rendimento esportivo.

### 4.3. SUPORTES FUNDAMENTAIS PARA O SUCESSO DO ATLETA PARAOLÍMPICO NO BRASIL

No quadro 8, apresentamos os principais suportes apontados pelos atletas paraolímpicos brasileiros como fundamentais para o sucesso nas modalidades esportivas. O Suporte Financeiro (n=20; 100%) e Suporte estrutural (n=20; 100%) são atribuídos como fundamentais por todos os atletas investigados no estudo, seguido pelo Suporte de Recursos Humanos (n=19; 95%) e ainda, pelo Suporte tecnológico (n=6; 30%).

**Quadro 7** - Categorias temáticas, frequência das respostas, percentual de respostas e total de entrevistados.

<b>Categorias temáticas</b>	<b>Frequência das respostas</b>	<b>%</b>	<b>Total de Entrevistados</b>
Suporte financeiro	20	100%	20
Suporte estrutural	20	100%	20
Suporte de recursos humanos	19	95%	20
Suporte tecnológico	6	30%	20

Ficou evidenciado por todos os atletas dessa investigação (n=20; 100%), a importância e necessidade que o suporte financeiro têm para atletas de alto rendimento.

O suporte financeiro aos atletas paraolímpicos de alto rendimento é fundamental e de extrema relevância para o desenvolvimento da carreira do atleta com deficiência. Esse auxílio financeiro para atletas de alto rendimento proporciona condições para que este atleta tenha dedicação exclusiva aos treinamentos e competições e possa aprimorar seu desempenho em competições nacionais e

internacionais. É considerado o principal suporte para o sucesso de atletas paraolímpicos no Brasil.

Abaixo, podemos perceber o discurso dos atletas.

**A1:** *“...eu tenho o Ministério do Esporte que vem investindo no esporte há muitos anos, eu entrei na bolsa atleta, na Bolsa pódio, na bolsa atleta entrei em 2009, na Bolsa pódio entrei o ano passado quando começou....então esses são os grandes patrocinadores que hoje ajudam para que eu consiga manter o trabalho...então são essas empresas que fazem a diferença para que eu esteja... que eu tenha condições de treinamento, que eu tenha um melhor treinamento, para poder estar desempenhando minha função...”*

**A2:** *“...também temos apoio financeiro, bolsas atletas do governo, tanto do governo Estadual quanto governo federal. Hoje graças a Deus o Brasil tem tido os dois melhores anos para o atleta paraolímpico...”*

**A6:** *“...Hoje tem o Ministério do Esporte, a Caixa Loteria, o governo federal que é através do Ministério do Esporte ....e são eles que me dão esta tranquilidade para treinar..... o patrocínio mesmo para te dar tranquilidade para você poder trabalhar melhor não preocupar ficar mais focado né...”*

**A8:** *“...hoje as ações que eu tenho na verdade, é o patrocínio CAIXA Loterias né, que me dá uma condição melhor ..o Bolsa Atleta Pódio, que me dá plena condição de estar me mantendo no esporte...os patrocínios, enfim até meu outro patrocinador que eu tenho também, a NewMille também, acaba me passando até uma questão de segurança pra ti ta treinando em alto rendimento...”*

**A11:** *“...eu acho que a primeira grande ação foi a Lei Agnelo Piva aqui surgiu em 2001 a lei Agnelo Piva também foi muito importante na minha vida ...uma ajuda de custo para se manter no esporte ... esse dinheiro foi fundamental ....aí depois que eu pude ter uma tranquilidade para me preparar para o ParaPan de 2003 e depois para as Paralimpíadas de 2004....aí começou a ter esse trabalho em 2004 com as loterias Caixa começaram a apoiar o esporte paraolímpico e o Comitê Paraolímpico Brasileiro com mais força...”*

**A12:** *“...hoje eu tenho meus patrocinadores particulares né, tenho também um do governo federal e um do governo estadual, que seria a Bolsa-Pódio e o TIME RIO, que é do governo do Rio de Janeiro com parceria, eu tenho esses patrocínio e Loterias CAIXA, então hoje, graças a deus com isso eu tenho tudo que preciso para me manter no esporte de alto rendimento... graças aos meus patrocínios e ao incentivo do governo eu consigo viver bem, pessoalmente e no*

*esporte, o investimento que eu faço em mim mesmo é alto, mas com a ajuda do governo e meus patrocinadores eu consigo me manter bem...”*

**A14:** *“...O governo sempre ajudou no quesito de bolsa né, bolsa atleta sempre foi...eu no caso nunca tive patrocínio, agora que eu, depois de 2013 que eu fui ter meu primeiro patrocínio da caixa, mas antes eu tinha o bolsa atleta que foi o primeiro incentivo que eu tive financeiro no esporte e eu sei que hoje em dia ele é um incentivo para muita gente não largar o esporte e para muita gente começar no esporte...”*

**A15:** *“...Bolsa pódio né cara, que é do governo aí, time São Paulo que hoje é um dos meus patrocinadores que ajudam muito, a caixa econômica, que eu sou patrocinado pela Caixa Econômica também, e é isso aí cara, hoje meus três patrocinadores vamos dizer assim né, Bolsa pódio, Caixa e time São Paulo , e assim cara, cada um deles é uma parte muito importante sabe, então hoje eu não gostaria de abrir mão de nenhum, realmente são importantes...”*

Ao analisar os discursos dos atletas, é evidente a importância do suporte financeiro para o sucesso em sua carreira esportiva. Seja oriundo de fontes públicas ou recursos privados, esse suporte é considerado um diferencial para a carreira esportiva dos atletas.

Essa constatação, também é evidenciada por outros autores. Teodoro (2006) ao avaliar 05 atletas paraolímpicos brasileiros, constatou que a ausência de recursos financeiros é considerada a principal dificuldade enfrentada por pelos atletas na carreira, muitos atletas relatam a preocupação em conquistar resultados positivos e também a incerteza da continuidade no esporte em razão da falta deste suporte.

Rimmer *et al.* (2004) em estudo com pessoas com deficiência nos Estados Unidos, praticantes de modalidades adaptadas, os autores constatam que o elevado custo dos equipamentos de adaptação para se manter no esporte, torna a prática inviável.

Também, autores como Tasiemski *et al.* (2004), Scelza *et al.* (2005), Kars *et al.* (2009) apontam que os altos custos financeiros são os principais impecilhos para que atletas com deficiência (com amputações e lesões medulares) se mantenham dentro da modalidade esportiva. A falta desse incentivo pode atrapalhar o ingresso, continuidade e o sucesso de atletas paraolímpicos.

Florence (2009), ao investigar 20 atletas paraolímpicos brasileiros das modalidades: judô, futebol de cinco, natação e atletismo, destaca que o apoio financeiro é considerado um dos principais suportes para atletas paraolímpicos brasileiros, mas que grande parte dos atletas investigados destacam que o suporte financeiro veio somente após a conquista de resultados positivos.

A autora ainda relata que somente depois dos Jogos Paralímpicos de Atenas, Grécia em 2004, é que os atletas começaram a receber o apoio financeiro. Destaca ainda, a necessidade constante de que o atleta continue mostrando resultados positivos para manutenção do suporte.

Sabemos que o suporte financeiro é a porta de entrada para a construção de uma carreira esportiva (DE BOSSCHER *et al.*, 2015). Atualmente, a alta competitividade associada a resultados expressivos são determinantes para escolha de quem avança ou não como beneficiário de programas de auxílio financeiros e melhores condições de treinamento.

Nesse sentido, Florence (2009) destaca em seu estudo, que somente após conquistarem resultados positivos a nível nacional, os atletas paraolímpicos investigados começaram a receber auxílio financeiro para custear seus treinamentos.

O cumprimento das metas e objetivos estabelecidos para a contemplação de bolsas de auxílio financeiro é uma realidade dentro do esporte brasileiro. Essa situação parece ser clara e justa. Faz se necessário a conquista de resultados iniciais com expressão para obtenção deste suporte. Não faria sentido a ampla liberação de recursos financeiros sem controle e sem metas estabelecidas pelos gestores responsáveis.

Dessa forma, os recursos financeiros que são direcionados ao atletas paraolímpicos brasileiros, somente são destinados para aqueles que conseguem alcançar estes resultados.

Sobre isso, o maior programa de suporte financeiro a atletas do mundo, o Programa Bolsa-Atleta – Ministério do Esporte (abordaremos adiante), estabelece regras e exige a obtenção de resultados esportivos para a concessão de bolsas de auxílio financeiro aos atletas. É possível perceber na figura 3, quais os critérios e exigências estabelecidas pela Lei 12.395, de 16 de Março de 2011.

**Figura 3- Categorias e exigências do Bolsa Atleta**

Bolsa-Atleta - Categoria Atleta de Base	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas de quatorze e dezenove anos de idade, com destaque nas categorias de base do esporte de alto rendimento, tendo obtido até a terceira colocação nas modalidades individuais de categorias e eventos previamente indicados pela respectiva entidade nacional de administração do desporto ou que tenham sido eleitos entre os dez melhores atletas do ano anterior em cada modalidade coletiva, na categoria indicada pela respectiva entidade e que continuem treinando e participando de competições nacionais.	
Bolsa-Atleta - Categoria Estudantil	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas de quatorze a vinte anos de idade, que tenham participado de eventos nacionais estudantis reconhecidos pelo Ministério do Esporte, tendo obtido até a terceira colocação nas modalidades individuais ou que tenham sido eleitos entre os seis melhores atletas em cada modalidade coletiva do referido evento e que continuem treinando e participando de competições nacionais.	
Bolsa-Atleta - Categoria Atleta Nacional	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas que tenham participado do evento máximo da temporada nacional ou que integrem o <b>ranking</b> nacional da modalidade divulgado oficialmente pela respectiva entidade nacional da administração da modalidade, em ambas as situações, tendo obtido até a terceira colocação, e que continuem treinando e participando de competições nacionais.	
Os eventos máximos serão indicados pelas respectivas confederações ou associações nacionais da modalidade.	
Bolsa-Atleta - Categoria Atleta Internacional	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas que tenham integrado a seleção brasileira de sua modalidade esportiva, representando o Brasil em campeonatos sul-americanos, pan-americanos ou mundiais, reconhecidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro - COB ou Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB ou entidade internacional de administração da modalidade, obtendo até a terceira colocação, e que continuem treinando e participando de competições internacionais.	
Bolsa-Atleta - Categoria Atleta Olímpico ou Paraolímpico	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas que tenham integrado as delegações olímpica ou paraolímpica brasileiras de sua modalidade esportiva, que continuem treinando e participando de competições internacionais e cumpram critérios definidos pelo Ministério do Esporte.	
Bolsa-Atleta: Categoria Atleta Pódio	
Atletas Eventualmente Beneficiados	
Atletas de modalidades olímpicas e paraolímpicas individuais que estejam entre os vinte melhores do mundo em sua prova, segundo ranqueamento oficial da entidade internacional de administração da modalidade e que sejam indicados pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto em conjunto com o respectivo Comitê Olímpico Brasileiro - COB ou Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB e com o Ministério do Esporte.	

BRASIL (2016a)

É compreensível a necessidade da conquista dessas bolsas, porém nos parece ser necessário oferecer melhores condições de estrutura para que os atletas em início de carreira, para que consigam alcançar resultados expressivos que possibilitem avançar dentro da modalidade.

Sobre isso, Melo e Fumes (2013) destacam que é imprescindível ofertar a estrutura básica aos atletas que se encontram processo de formação de base, uma vez que para se obter bons resultados é necessária a mínima estrutura e apoio

(locais para treinamento, materiais necessários para a prática, acessibilidade e transporte, eventos, divulgação etc.).

Em nosso estudo, é possível perceber no discurso dos atletas, a necessidade em ter melhores suportes iniciais para poder atingir melhores resultados na modalidade esportiva.

**A3:** *“...os atletas que treinam e trabalham tem que dividir em dois para fazer isso e são atletas bons, de alto nível, mas como eles trabalham eles não conseguem pegar esses índices e nem conseguem bolsas por causa dos resultados, falta uma ajuda do governo da cidade para fazer um Bolsa atleta estadual para poder o atleta somente fazer esporte...”*

**A5:** *“...eu acho que em cada estado deveria ter um polo, a diferença.. a diferença hoje de ser um grande atleta é você ter a estrutura na sua cidade, não é a estrutura dentro de uma seleção brasileira. Porque quando você chegar na seleção brasileira, quando você já está no auge você tem que manter o que você já fez mas pra você chegar nesse caminho é onde que o atleta se desgasta...”*

**A14:** *“...hoje em dia no Brasil a gente tem um apoio muito bom para quem já está com resultados, só que quem ta chegando perto, quem ta correndo atrás não tem, então precisa ter resultados para ter apoio e não da para ter resultado sem ter apoio, é meio complicado...”*

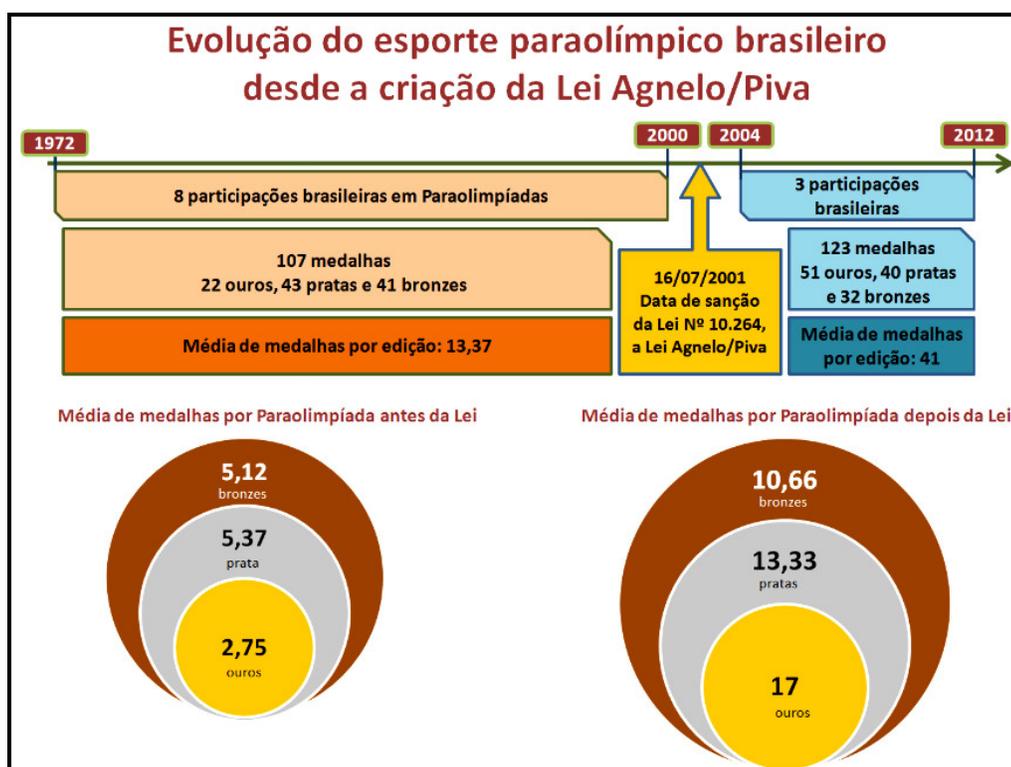
Este é um desafio para o esporte paraolímpico brasileiro, a alta competitividade associada a resultados expressivos são determinantes para escolha de quem avança ou não para melhores condições de treinamento e também como beneficiário de programas de incentivos financeiros públicos e privados.

De fato, o esporte paraolímpico brasileiro tem recebido uma quantidade considerável de recursos financeiros para o fomento do esporte de alto rendimento. Ao longo dos anos, algumas ações governamentais e iniciativas privadas surgiram para ampliar a oferta de recursos financeiros dentro do esporte nacional.

Inicialmente, considerada um marco para o esporte nacional, em julho de 2001, é sancionada a Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva, esta lei concede autonomia financeira através de recursos oriundos das Loterias Federais da Caixa Econômica Federal. Através desta lei, 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e

ao CPB. Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15% ao CPB e devem ser aplicados no esporte de alto rendimento, esporte escolar e universitário. (MAUERBERG-DeCASTRO, 2005, PARSONS; WINCKLER, 2012) Na figura 4 abaixo, é possível perceber a evolução do esporte paraolímpico brasileiro antes e depois do surgimento da Lei Agnelo/Piva em 2001.

**Figura 4 - Evolução do esporte paraolímpico brasileiro 1972-2012.**



Portal Brasil2016 (2016a)

O volume de recursos captados pela Lei Agnelo/Piva cresce a cada ano. Em 2001, primeiro ano em que o CPB recebeu a verba, durante todo o exercício foram repassados R\$ 3.082.634,86. Já em 2015, esse valor chegou R\$30 milhões E a previsão de repasse para o ano de 2016 é de R\$34 milhões (CAIXA, 2016).

Fica claro o grande avanço dos resultados esportivos do movimento paraolímpico brasileiro nos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2012 após a aprovação da Lei Agnelo/Piva. O país passa de uma média de 13,37 medalhas para 41 medalhas por edição em apenas 3 edições dos Jogos. Também é possível perceber

também que a média de medalhas por edição é quase 3 vezes maior do que anteriormente a Lei Agnelo/Piva.

Assim, é possível perceber que os investimentos que estão sendo realizados pela Lei Agnelo/Piva estão realmente trazendo benefícios para o aprimoramento dos resultados esportivos dos atletas paraolímpicos brasileiros.

Recentemente a Lei Agnelo/Piva sofreu uma alteração em seus percentuais de repasse (2% para 2,7%) assim como a distribuição entre o COB (85% para 62,96%) e CPB (15% para 37,04%). Esta alteração ocorreu com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (Brasil, 2015) que irá permitir ao CPB investimentos na ordem de R\$130 milhões (CPB, 2015a).

A a partir dessa ampliação de valores, os investimentos que irão ser realizados no esporte podem crescer em quantidade e qualidade. Esses valores irão contribuir para que o CPB tenha condições de gerir com recursos próprios o Centro de Treinamento Paralímpico de São Paulo (inaugurado em Maio de 2016).

Com esse panorama, o presidente do CPB, Andrew Parsons, não tem dúvidas em dizer que tem todos os ingredientes à mão para que o esporte paraolímpico brasileiro chegue em médio prazo a um patamar ainda superior ao que demonstra hoje.

“...Com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (sancionada em julho), a gente está saindo de uma arrecadação de R\$ 39 milhões da Lei Agnelo/Piva, para cerca de R\$ 130 milhões. Isso muda a realidade e nos dá uma tranquilidade muito grande...”

Uma das ações mais importantes de financiamento a atletas é o Programa Bolsa-Atleta. Implantado no Brasil em 2004 é o principal programa de auxílio financeiro para atletas brasileiros e o maior programa de patrocínio individual de atletas no mundo (BRASIL, 2016a).

Instituído pela Lei nº 10.891 de 2004, o Bolsa-Atleta é fornecido pelo Governo Federal, gerido pelo Ministério do Esporte e tem o objetivo de estimular a manutenção pessoal aos atletas de alto rendimento. Esse programa garante condições mínimas para que os atletas olímpicos e paraolímpicos se dediquem com exclusividade e tranquilidade aos treinamentos e competições locais, sul-

americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paraolímpicas. O Bolsa-Atleta possui valores de financiamento que variam de acordo com as diferentes categorias existentes (Atleta de Base = R\$ 370,00; estudantil = R\$ R\$ 370,00; atleta nacional = R\$ 925,00; atleta internacional= R\$ 1.850,00 e olímpico/paralímpico = R\$ 3.100,00) (BRASIL, 2016a).

Em 13 de setembro de 2012 (após o fim dos Jogos Olímpicos de Londres) é lançado pela presidenta Dilma Rousseff e pelo ex-ministro do Esporte, Aldo Rebelo, o Plano Brasil Medalhas. Isso representa um novo patamar de investimentos no esporte, visando à preparação de atletas olímpicos e paraolímpicos para os Jogos Rio 2016. A meta do Plano Brasil Medalhas é permitir que ao fim dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, o Brasil esteja classificado, pela primeira vez na história, entre os cinco primeiros no quadro geral de medalhas.

Uma das principais iniciativas do Plano Brasil Medalhas foi implantar a Bolsa Atleta Pódio, instituída pela lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. A Bolsa Pódio é uma nova categoria do programa Bolsa-Atleta, com a finalidade de apoiar atletas com chances de disputar finais e medalhas olímpicas e paralímpicas (PORTAL BRASIL2016, 2016b). As bolsas variam entre R\$ 5 mil a R\$ 15 mil. Para ser contemplado, o atleta deve atender critérios definidos na lei, como estar situado entre os 20 melhores do ranking mundial ou na prova específica da modalidade.

Na figura 5 é possível conferir as exigências para concessão e os valores atribuídos para os atletas da Bolsa Pódio.

Após cumprir os critérios e ter sido indicado por sua confederação esportiva, em conjunto com o Comitê Olímpico do Brasil (COB), ou pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o atleta precisa enviar um plano esportivo para análise dos membros do COB (ou CPB), da confederação e do Ministério do Esporte. Atualmente são 242 atletas beneficiados com a Bolsa Pódio, 103 são atletas paraolímpicos distribuídos em 11 modalidades paraolímpicas.

Nos Jogos Parapanamericanos 2015 de Toronto, Canadá o reflexo da política de investimentos em atletas e no Comitê Paralímpico Brasileiro é notório. Das 257 medalhas conquistadas, 254 (98%) foram para contemplados com a Bolsa Atleta ou a Bolsa Pódio do Ministério do Esporte. Individualmente, já que houve atletas que ganharam mais de uma medalha, 181 subiram ao pódio. Desses, 112 recebem a Bolsa-Atleta e 69, a Bolsa Pódio (PORTAL BRASIL2016, 2016b).

Figura 5 - Valores e critérios para a Bolsa Pódio



Portal Brasil2016 (2016b)

Também a Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006) tem contribuído para o esporte paraolímpico. É conhecida como Lei de Incentivo Fiscal, por permitir deduções fiscais para o investimento no fomento de atividades esportivas, através de patrocínios ou doações. As deduções fiscais poderão ser de até 1% de pessoas jurídicas e de até 6% para pessoas físicas (BRASIL, 2016c).

Através de chamadas públicas o proponente deve enviar o projeto ao Ministério do Esporte. Os projetos devem estar em uma das três manifestações

esportivas: Esporte Educacional, Esporte Participação e Esporte Rendimento. Projeto aprovado, o proponente pode começar a captar o valor estipulado.

Para cada projeto contemplado, o valor captado não poderá ser superior ao aprovado, mesmo na soma entre patrocínio e doação. Para efeitos da lei, considera-se Patrocínio e Doação como:

**I - patrocínio:**

a) a transferência gratuita, em caráter definitivo, ao proponente, de numerário para a realização de projetos esportivos, com finalidade promocional e institucional de publicidade;

b) o pagamento de despesas ou a utilização de bens, móveis ou imóveis, do patrimônio do patrocinador, sem transferência de domínio, para a realização de projetos esportivos pelo proponente;

**II - doação:**

a) a transferência gratuita, em caráter definitivo, ao proponente, de numerário, bens ou serviços para a realização de projetos esportivos, desde que não empregados em publicidade, ainda que para divulgação das atividades objeto do respectivo projeto;

b) a distribuição gratuita de ingressos para eventos de caráter esportivo por pessoa jurídica a empregados ou a integrantes de comunidades de vulnerabilidade social; (BRASIL, 2007)

Reis (2014) ao investigar os projetos da Lei de Incentivo ao Esporte, inseridos no esporte de rendimento aprovados entre os anos de 2011-2013. Constatou em uma lista de 371 projetos aprovados, somente 7% (n=29) de projetos que trabalhavam com o esporte paraolímpico. Destes 29 projetos, 19 são provenientes de associações e federações que agem exclusivamente com o esporte paralímpico e outros 10 projetos pertencem a entidades que têm o esporte paralímpico, como um dos segmentos a ser trabalhado, como acontece na Confederação Brasileira de Tênis de Mesa e a Academia Brasileira de Canoagem, que são as entidades que coordenam as modalidades olímpicas e paraolímpicas ao mesmo tempo.

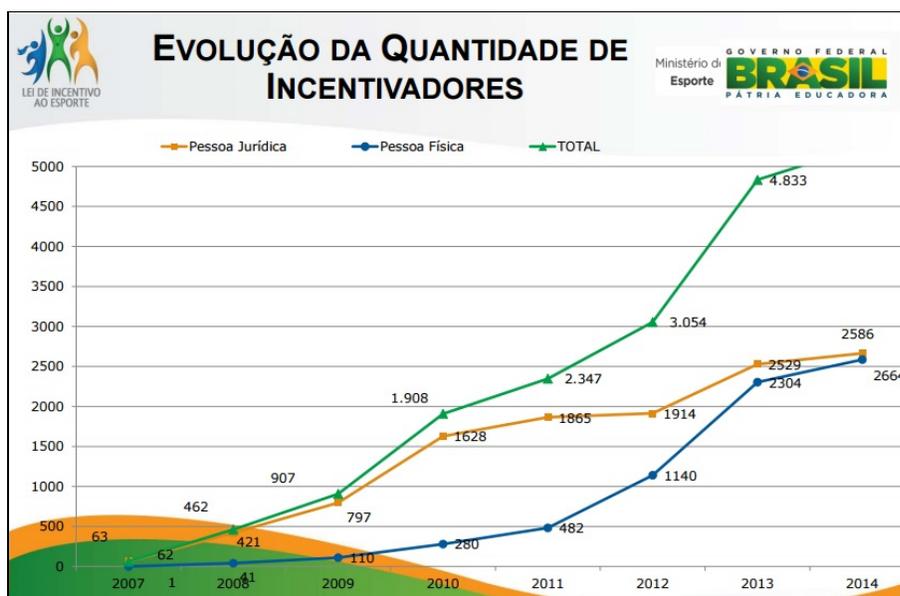
Os principais objetivos propostos pelos projetos das entidades são: a melhoria de estruturas físicas, participações e realizações de competições nacionais e internacionais e principalmente a ênfase na qualidade e aperfeiçoamento de treinamento para performance.

Segundo o autor, o ponto mais importante a ser ressaltado, é o fato de que, nenhum projeto conseguiu até aquele momento (2014), captar o valor estipulado.

Algumas entidades conseguiram aproximar o captado do que deve ser captado, outras não arrecadaram nenhum valor (REIS, 2014).

Apesar disso, uma importante questão deve ser destacada: é a ampliação do número de apoiadores (pessoas físicas e jurídicas) da Lei de Incentivo ao esporte. Conforme a figura 6, a cada ano cresce o número de pessoas e empresas que se tornam apoiadoras do esporte brasileiro.

**Figura 6 - Evolução da quantidade de incentivadores**



BRASIL (2016c)

Mas esses números são considerados extremamente baixos para um país com 204 milhões de pessoas (IBGE, 2015). É inadmissível um país que tenha o objetivo de se consolidar como uma potência no esporte paraolímpico continuar com uma parcela tão baixa da população contribuindo com o esporte nacional. Apenas 0,00130% de pessoas físicas e 0,00126% de pessoas jurídicas.

Parece não estar bem claro para a população como ocorre esse processo e quais os benefícios que o contribuinte pode proporcionar ao esporte brasileiro. É necessário que todos os envolvidos, principalmente os proponentes consigam oferecer mais informações aos contribuintes, afim de ampliar o número de apoiadores.

Também possível perceber no estudo de Reis (2014), que os projetos com o esporte paraolímpico são uma minoria considerável dentro da Lei de Incentivo ao

Esporte. Essa é uma das questões destacadas no Planejamento Estratégico do CPB como a ser aprimorada.

Em paralelo a isso e na tentativa de possibilitar maior captação de recursos por parte de entidades, o CPB cria em 2010 o Curso de Mobilização de Recursos para projetos esportivos. Com o objetivo de proporcionar às entidades as possibilidades de captação de recursos financeiros de fontes alternativas, construir um planejamento adequado além de orientar de que forma esses recursos devem ser aplicados (CPB, 2010c).

Como resultado dessa iniciativa é possível para um futuro próximo, que as entidades e organizações as quais estejam ligadas com o esporte paraolímpico tenham condições de ampliar a captação de recursos para o desenvolvimento de seus projetos, favorecendo o desenvolvimento da carreira esportiva de novos atletas no país.

Também podemos perceber no discurso dos atletas outra ação governamental que busca apoiar financeiramente atletas paraolímpicos brasileiros. Trata-se do Time Rio Paralímpico e Time São Paulo Paralímpico. São projetos dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo que buscam apoiar financeiramente atletas paraolímpicos de alto rendimento e que ficou evidenciado como uma importante ferramenta de suporte financeiro aos atletas. Conforme os discursos, podemos perceber essa situação:

**A4:** *“...olha hoje um dos grandes marcos que o esporte paraolímpico teve foi a criação do TIME SÃO PAULO ....esse projeto que realmente os melhores atletas do Brasil aqui em São Paulo para estar representando o estado em contrapartida eles o estado nos dão suporte suficiente para estar treinando...”*

**A12:** *“...tenho também um do governo federal e um do governo estadual, que seria a Bolsa-Pódio e o TIME RIO, que é do governo do Rio de Janeiro com parceria...”*

**A15:** *“...TIME SÃO PAULO que hoje é um dos meus patrocinadores que ajudam muito...cada um deles é uma parte muito importante sabe, então hoje eu não gostaria de abrir mão de nenhum, realmente são importantes, não trocaria por nada...”*

**A17:** *“...Esse é um dos projetos.....tem o TIME SÃO PAULO aqui, que foi criado aqui, tem o TIME RIO, o CPB está abrangendo ta pegando muitos atletas e distribuindo bem...”*

**A19:** *“...faço parte de um projeto muito bom aqui do governo do estado junto com o CPB que é o TIME SÃO PAULO também, que dá um suporte muito grande, principalmente para a gente aqui...”*

O Time São Paulo é a seleção composta por 44 atletas de elite de modalidades como atletismo, bocha, tênis de cadeira de rodas, tênis de mesa, judô, natação, paracanoagem, remo e vela. A equipe é constituída por meio de convênio assinado em 2011 entre a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência e o CPB. O convênio, que prevê ajuda de custo para atletas e treinadores, suporte para aquisição de materiais esportivos e gastos com viagens em competições até as Paralímpiadas de 2016 (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2015).

O Time Rio Paralímpico é um projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência - SMPD, em parceria com o CPB. O objetivo maior do projeto é o de oferecer uma infraestrutura necessária para o treinamento de um grupo de atletas de elite representantes da cidade do Rio de Janeiro até os Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

A iniciativa visa o bom desempenho dos atletas de alto nível e o desenvolvimento das modalidades paraolímpicas na cidade do Rio de Janeiro, sede dos Jogos Paralímpicos 2016. A parceria soma esforços para reunir conhecimento técnico, experiência, organização e recursos financeiros, com o objetivo de desenvolver ações planejadas (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2015). O grupo é formado por atletas de atletismo, natação, judô e Canoagem. (CHAGAS *et al.*, 2014).

De fato, essas duas iniciativas tem uma grande importância para os atletas paraolímpicos que estão inseridos nesses dois grupos. O que é visto por alguns atletas como uma grande oportunidade de aprimorar seu desempenho esportivo. Alguns atletas investigados relatam a importância de se ampliar essas iniciativas de suporte financeiro para outras unidades da federação.

**A4:** *“...criação do time São Paulo...nos dão suporte suficiente para estar treinando, ..... o que eu acho uma pena é que esses projetos só tem em SP e tem um parecido no Rio de Janeiro e os outros atletas? quantos talentos tem aí perdidos no meu próprio estado, lá no Norte, Sul, Sudeste, CentroOeste que não tem um projeto desse não tem um apoio suficiente para estar ingressando no esporte...”*

**A7:** “...eu gostaria de estar em um time São Paulo, um time Rio, ter uma bolsa do estado, um time Santa Catarina que não existe infelizmente...”

**A13:** “...falta uma ajuda do governo da cidade para fazer um Bolsa atleta estadual para poder o atleta somente fazer esporte, como não tem isso é obrigado a trabalhar e fazer esporte e aí dificulta o atleta de alto rendimento subir a sua categoria...”

De fato, o Time Rio e o Time São Paulo parecem ser iniciativas promissoras por parte de governos estaduais. Ampliar essas iniciativas para outras unidades da federação poderia favorecer o desenvolvimento esportivo na carreira de novos atletas paraolímpicos. Esses atletas não precisariam se deslocar de seus estados de origem para aprimorar seus treinamentos.

Outra iniciativa é o Plano Brasil Medalhas, tem como objetivo colocar o Brasil entre os 10 primeiros países nos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Além disso, se destina a formar novas gerações de atletas das modalidades e estruturar centros de treinamentos que atendam desde as equipes principais do alto rendimento até as categorias de base.

Além do financiamento já existente ao esporte de alto rendimento, o Plano Brasil Medalhas assegurou R\$ 1 bilhão adicional aos esportes olímpicos e paraolímpicos em sua preparação para o Rio 2016. Uma parte desse montante, R\$ 328 milhões, se destina a apoiar as seleções, por diversas ações, entre elas a Bolsa Pódio (criada pela Lei 12.395/2011), contratação de técnicos e equipes multidisciplinares, compra de equipamentos e materiais e viagens para treinamentos e competições. Os outros R\$ 452,2 milhões estão sendo utilizados em construção, reforma e equipagem de centros de treinamento de várias modalidades e complexos multiesportivos (BRASIL, 2016b).

Com o Plano Brasil Medalhas, as estatais ampliaram o volume de recursos voltados ao patrocínio esportivo das modalidades contempladas. Além disso, serão mantidos os patrocínios já existentes destinados a modalidades olímpicas e paraolímpicas que não fazem parte do Plano.

Atualmente, as seguintes empresas estatais patrocinam o esporte brasileiro: Petrobras, Infraero, Eletrobrás, Correios, Caixa Econômica Federal, Banco Nacional

de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

No esporte paraolímpico, empresas estatais como Caixa Econômica Federal e Braskem, ampliam suas formas de investimento no esporte paraolímpico brasileiro.

A Caixa patrocina o CPB desde 2004, utilizando recursos do Fundo para o Desenvolvimento das Loterias (FDL) para incentivar o crescimento do esporte paraolímpico nacional. Em 2010, o Futebol de Cinco passou ser uma das modalidades patrocinadas pela Caixa. As outras modalidades são: Halterofilismo, Natação, Atletismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, Tiro Esportivo, Bocha, Vela, Futebol de Sete, Goalball, Rugby e Vôlei Sentado (CAIXA, 2016).

A Braskem, maior petroquímica das Américas e líder mundial na produção de biopolímeros, é patrocinadora da Equipe Brasileira de Atletismo paraolímpico e do velocista Alan Fonteles. Os valores dos investimentos não são revelados, mas são destinados ao desenvolvimento e ao preparo técnico dos atletas para competições nacionais e internacionais.

A Petrobrás patrocinou o esporte olímpico brasileiro por 16 anos e é primeira vez que patrocina atletas individuais. O objetivo é apoiar atletas com potencial para obter bons resultados nas competições. No esporte paraolímpico: Daniel Dias, da natação, e Verônica Hipólito, do atletismo.

Também o investimento da iniciativa privada tem favorecido os atletas paraolímpicos brasileiros. Empresas como Nissan, Universidade Mackenzie, Deloitte, entre outras, também tem investido em atletas e modalidades paraolímpicas.

Assim, os investimentos privados favorecem os atletas paraolímpicos brasileiros e sua importância para o desenvolvimento da carreira esportiva fica claro no discurso dos atletas investigados.

**A1:** *“...Eu tenho meus patrocinadores pessoais, tenho Nike, Unimed tenho a ORSO que é a da empresa que é das minhas próteses que também eu tenho um valor em dinheiro, então esses são os grandes patrocinadores que hoje ajudam para que eu consiga manter o trabalho.....essas empresas que fazem a diferença para que eu esteja.. que eu tenha condições de treinamento, que eu tenho um melhor treinamento, para poder estar desempenhando minha função que é fazer minhas provas e de alguma forma representando meus patrocinadores também...”*

**A8:** *“...até meu outro patrocinador que eu tenho também, a NewMille também, acaba me passando até uma questão de segurança pra ti ta treinando em alto rendimento, porque hoje em dia... que nem no começo, até tu chegar e conseguir o patrocínio é difícil...”*

Também deve ser considerado a premiação ofertada para os medalhistas dos Jogos Paralímpicos Rio2016, onde o CPB espera distribuir cerca de R\$ 3 milhões em recompensas. O medalhista de ouro em competições individuais receberá R\$ 60 mil por medalha, enquanto a prata renderá R\$ 30 mil cada e o bronze, R\$ 20 mil.

O título paralímpico em modalidades coletivas, por equipes e revezamentos valerá um prêmio de R\$ 30 mil por atleta. A prata, neste caso, será bonificada com R\$ 15 mil e o bronze, com R\$ 10 mil. Atletas-guia, calheiros e pilotos receberão um terço do valor da medalha conquistada por seu atleta. (CPB, 2016c)

Mas não somente os recursos financeiros são determinantes para a obtenção de resultados. Ações centradas na melhora das condições de treinamento, seja em questões estruturais relacionadas a locais de treinamento e materiais esportivos, ao suporte de profissionais capacitados (equipe multidisciplinar), quanto às inovações tecnológicas (cada vez mais presente no esporte paraolímpico) são fundamentais para consolidar a carreira do atleta paraolímpico.

Constatamos em nosso estudo que a importância do suporte estrutural foi evidenciado por todos os atletas dessa investigação (n=20; 100%), essa forma de suporte é considerada fundamental por todos os atletas paraolímpicos investigados.

**A1:** *“...Hoje temos uma grande estrutura, mas antigamente eu não tive essa estrutura, eu passei a ter uma estrutura melhor de 2012 para cá, foi quando eu mudei pra São Paulo...”*

**A2:** *“...hoje a gente vai inaugurar em breve um grande centro de treinamento, hoje a gente tem acesso a bolsas, hoje tem acesso a viagens, a gente está treinando, tendo avaliações com treinador que vem dos Estados Unidos...”*

**A4:** *“...está sendo construído um centro de treinamento aqui em São Paulo o Centro de Treinamento não é para o jogo de 2016 é um legado que esporte Paraolímpico deixa é o que os atletas hoje estão fazendo deixa para as próximas gerações...”*

**A9:** *“...e também a outra parte foi a que eu considero, foi que, por grande...meu clube tem uma estrutura muito boa, academia e*

*fisioterapeutas, os SESI-São Paulo, se não houvesse essa estrutura, não teria como eu trabalhar...”*

**A13:** *“...a criação do Centro de Treinamento do CPB, isso motiva bastante saber que o vamos estar com uma nova estrutura aí, coisa de primeiro mundo mesmo, isso vai contribuir bastante para geração que está agora e para geração que vai vir...”*

**A16:** *“...Também a estrutura né, esse projeto aqui, esse centro de treinamento..... mas tá para sair um muito bom lá né, no centro de referencia, isso vai ser um grande incentivo de estrutura né...”*

O suporte estrutural no esporte paraolímpico de alto rendimento é de extrema relevância para o aprimoramento dos resultados na carreira do atleta com deficiência. Esse suporte para atletas de alto rendimento proporciona condições para treinamento com materiais e estruturas esportivas de qualidade. Isso pode fazer a diferença no aperfeiçoamento de seu treinamento.

A existência e disponibilidade de locais adequados para a prática esportiva são relevantes para o atleta chegar ao sucesso no esporte (DE BOSSCHER *et al.* 2006)

Nesse sentido, as ações que favorecem o esporte paraolímpico brasileiro estão se ampliando através de iniciativas do governo federal e governos estaduais. Tudo isso contribui para a iniciação esportiva e o aprimoramento de treinamentos de atletas paraolímpicos brasileiros.

O Ministério do Esporte desenvolveu a concepção do Centro de Iniciação ao Esporte (CIE) no âmbito da segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2). O objetivo dos Centros de Iniciação ao Esporte é ampliar a oferta de infraestrutura de equipamento público esportivo qualificado, incentivando a iniciação esportiva em territórios de alta vulnerabilidade social das grandes cidades brasileiras (BRASIL, 2016d).

O projeto integra, num só espaço físico, atividades e a prática de esportes voltados ao esporte de alto rendimento, estimulando a formação de atletas entre crianças e adolescentes. Além de 13 modalidades olímpicas, 6 modalidades paraolímpicas serão favorecidas (esgrima de cadeira de rodas, judô, halterofilismo, tênis de mesa, vôlei sentado e goalball). O total de investimento previsto é de R\$ 967 milhões.

Cerca de 263 municípios brasileiros foram selecionados para receber 285 unidades dos Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs), dando início, assim, ao maior projeto de legado de infraestrutura esportiva dos Jogos Olímpicos e Jogos Paraolímpicos do Rio 2016. Todas as 27 unidades federativas foram contempladas (PORTAL BRASIL, 2013).

O Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro é principal legado que os Jogos Paralímpicos Rio 2016 irá deixar para o esporte brasileiro. Com obras iniciadas em dezembro de 2013, o Centro de Treinamento conta com um terreno de cerca de 140 mil m<sup>2</sup> e é resultado da parceria entre o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e o Governo Federal, por meio do Ministério do Esporte.

A estrutura (Figura 7), é uma das principais da Rede Nacional de Treinamento, conta com 86 alojamentos capazes de receber entre 280 e 300 pessoas, e áreas para o treinamento de 15 modalidades paraolímpicas: atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, natação, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, goalball, halterofilismo, judô, rúgbi em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, triatlo e vôlei sentado.

**Figura 7** - Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro



(PORTAL BRASIL, 2016)

O complexo está voltado para treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e equipes dedicadas ao desenvolvimento do esporte parolímpico; preparação física e treinamento de novas gerações de atletas e formação de técnicos, classificadores funcionais, árbitros, gestores e outros profissionais relacionados ao esporte paraolímpico. Além disso, deve abrigar um centro de pesquisa em diversas áreas científicas e tecnológicas associadas ao esporte para pessoas com deficiência.

O empreendimento recebeu investimentos de R\$ 305 milhões, sendo R\$ 187 milhões do governo federal e 118 milhões do governo do estado de São Paulo (R\$ 281 milhões (obras) e R\$ 24 milhões (equipamentos e materiais esportivos) (PORTAL BRASIL, 2016).

O Centro de Treinamento também vai reduzir os custos das confederações paradesportivas. Hoje elas têm de pagar, por exemplo, para fazer uma fase de treinamento: elas alugam o local, pagam a hospedagem, o transporte, a alimentação. No Centro de Treinamento esse custo será suprido, gerando economia e melhor aplicação de recursos.

Sobre esse complexo, o atleta Clodoaldo Silva, da natação, destaca:

*"...Nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar. Comecei numa época em que o esporte paralímpico não tinha divulgação e investimento. O Centro vai colaborar para a consolidação do esporte paralímpico brasileiro. É muito bom chegar aqui e se sentir em casa..."*

Para os Jogos do Rio de Janeiro em 2016, pode ser que não seja possível perceber a influência que essas estruturas de treinamento podem proporcionar para os atletas brasileiros, mas para os Jogos de 2020, em Tóquio, as futuras gerações paraolímpicas brasileiras poderão aprimorar sua preparação em centros de treinamento de alta qualidade e permanecer entre as potências do esporte mundial.

Apesar disso, também é evidente a necessidade de se ampliar as estruturas esportivas em outras regiões do país.

**A1:** *"...Eu acho que pode ser melhorado a questão de criar novos centros de treinamento estaduais, criar novas estruturas..."*

**A5:** “...vai resolver um centro de treinamento e as pessoas que estão lá...no nordeste, e as pessoas de que estão lá em Cuiabá e as pessoas que estão em Porto Alegre... você tem que ter...tem que ter vários pólos entendeu, bota todo mundo quando achar, cada Polo tem seu núcleo e cada núcleo tem seus profissionais entendeu...”

**A7:** “..se conseguíssemos aliar profissionais capacitados com pequenos centros de treinamentos com uma estrutura adequada para um atleta com deficiência seria o ideal, seria um celeiro de atletas paraolímpicos no Brasil...”

**A17:** “...Com certeza se tivesse novos centros de treinamento no país em diversas regiões do país novos atletas surgiriam com certeza...”

Essa questão precisa ser melhorada. Cabe aos representantes governamentais e também a iniciativa privada, maior atenção a esta questão. É evidente que novos talentos esportivos paraolímpicos podem ser encontrados nas diferentes regiões do país. Em um país com 45,6 milhões de pessoas com deficiência (23,9% da população) (IBGE, 2010), novas estruturas de treinamento e competições podem favorecer a busca por novas gerações de atletas paraolímpicos.

Novos centros de treinamento podem proporcionar aos atletas e treinadores melhores condições de trabalho. Onde as atividades e as metas podem ser compartilhada por todos, a confiança entre atleta e equipe tende a crescer e gerar melhores resultados.

Para que isso ocorra, aliado a essas grandes estruturas, esta o suporte de recursos humanos capacitados para o esporte paraolímpico. Suporte esse, evidenciado quase que na totalidade da amostra do estudo. 95% (n=19) dos atletas destacam como fundamental esse suporte.

**A2:** “...hoje um atleta no Brasil hoje tem todo suporte necessário de estrutura de treinamento, materiais, profissionais para trabalhar com você, todo equipamento necessário, então hoje gente tem uma equipe completa...”

**A4:** “...hoje a gente tem pista de atletismo adequada, tem médico, fisioterapeuta, psicólogo nutricionista a gente não tem nada que você fale assim tá faltando um profissional porque sabe que o estado está dando esse suporte...”

**A6:** “...Uma estrutura em volta do atleta começando a ter um acompanhamento do técnico, ter um amparo do fisioterapeuta, o patrocínio mesmo para te dar tranquilidade para você poder trabalhar melhor não preocupar ficar mais focado né ter o local de treinamento adequado e sempre importante material, ténis tudo é importante e assim a logística que é um psicólogo um médico uma equipe como é que dão nome multi, multi...multiprofissional,.. então se eu tiver uma equipe multiprofissional e ele segue a toda a orientação cara não tenho dúvida que mais cedo mais tarde (os resultados vão aparecer)..”

**A9:** “...a gente tem a semana de treinamento e avaliação, que eles fazem toda avaliação de percentual de gordura, a gente tem acesso a médico do esporte, as meninas, no caso, levam a ginecologista do esporte, então não é só coisa de,,,o Comitê nos oferece, para o Atletismo uma verba muito boa, não tem do que reclamar...”

**A17:** “...hoje nós estamos com...creio eu que, se não os melhores, um dos melhores profissionais na área de nutrição e na área de educação física e de tudo eu acho que a gente ta aqui com uns caras muito feras...”

Parece ser evidente que proporcionar recursos humanos capacitados para aprimorar a carreira esportiva de atletas paraolímpicos gera resultados positivos.

A presença constante de profissionais com conhecimento sobre as particularidades de pessoas com deficiência parece fazer a diferença nos resultados e são importantes para a continuidade ou abandono do atleta na carreira esportiva.

Autores como Rimmer *et al.* (2000), Kehn e Kroll (2009) alertam que a falta dos recursos humanos (fisioterapeutas, psicólogos, médicos) para atuarem no esporte paraolímpico é apontado como uma forte barreira para os atletas continuarem envolvidos com a prática esportiva.

Também Jaarasma *et al.* (2013) destacam essa questão. Os autores realizaram estudo com 76 atletas paraolímpicos holandeses. Os autores relatam que 32% dos atletas alegam como uma das principais barreiras para sua continuidade no esporte é a possibilidade de não ter supervisão qualificada no esporte.

Ainda destacam que a necessidade de capacitação constante desses profissionais, aliados ao crescente número de modalidades e atletas que ingressam em modalidades paraolímpicas, o conhecimento atualizado desses profissionais pode trazer benefícios para os atletas.

Martin e Mushett (1996) também apontam a qualificação dos recursos humanos como um facilitador para a continuidade de atletas paraolímpicos no esporte.

Atualmente é possível perceber que os recursos humanos da área da saúde já estão presentes em modalidades do esporte paraolímpico. Esse número aumenta cada vez mais, dado a relevância e eficiência do suporte desses profissionais.

A psicologia do esporte tem auxiliado no desenvolvimento do esporte paraolímpico. Compreendendo as necessidades dos atletas e proporcionando melhores condições de desempenho durante os treinamentos e competições.

Martin (2012) destaca que psicólogos do esporte podem ajudar atletas paraolímpicos a desenvolver habilidades mentais para gerir os fatores estressantes de competições, aumentando as chances de obter melhor desempenho.

Estudos relacionados a compreensão dos principais motivos que os atletas têm para as modalidades (Perreault e Vallerand, 2007), preparação mental para o esporte (Perreault e Vallerand, 2007; Dieffenbach e Statler, 2012), stress competitivo (Campbell e Jones, 2002), ansiedade (Campbell e Jones, 1997; Ferreira *et al.* 2007) e até mesmo a retirada do esporte (Wheeler *et al.* 1996), são as abordagens que a psicologia têm contribuído com o esporte paraolímpico.

Já a fisioterapia tem atuado constantemente no esporte paraolímpico e é considerada de extrema relevância para a reabilitação de lesões musculoesqueléticas.

O uso da fisioterapia está cada vez mais presente no esporte paraolímpico, atuando na avaliação funcional dos atletas, no tratamento de condições patológicas do sistema musculoesquelético e na prevenção de lesões decorrentes da prática esportiva, com o intuito de minimizar as lesões e retornar esse atleta o mais rápido possível e com segurança dentro dos limites fisiológicos e clínicos pós-lesão. (SILVA *et al.*, 2016).

Reynolds *et al.* (2000), destaca que após os Jogos Paralímpicos de Barcelona em 1992, esse profissional se tornou parte integrante da equipe médica das delegações, atuando na manutenção e recuperação da saúde e consequentemente na melhora do rendimento esportivo.

A função do médico é de prevenir as doenças e lesões esportivas, tratar e recuperar, sob constantes reavaliações até o início das atividades físicas de forma progressiva e cuidadosa (VITAL *et al.* 2002).

Também as avaliações clínicas dos atletas paraolímpicos são realizadas pelo médico do esporte. Essa avaliação deve ser planejada de maneira eficiente e individualizada para conhecer a sua saúde e poder classificá-los funcionalmente, levando em consideração seu potencial residual para que o atleta possa melhorar seu desempenho.

O médico deve garantir a segurança e educar o atleta sobre como manter um estilo de vida saudável para prevenção das doenças e lesões esportivas que poderiam prejudicá-los durante os treinamentos e competições (VITAL *et al.* 2002).

A Nutrição também tem seu papel fundamental no esporte paraolímpico. Barreto *et al.* (2009) destacam que: a alimentação adequada é uma das chaves para o bom desempenho no exercício e para a saúde e os cuidados nutricionais em pessoas com deficiência devem ser redobrados, pois são mais suscetíveis a apresentar problemas de saúde secundários.

Os autores também destacam que em atletas com amputações, o peso corporal deve ser controlado em atletas com amputações, para não sobrecarregar o membro presente, evitando o desenvolvimento de problemas ósseos.

Goosey-Tolfrey e Crosland (2010) relatam que é importante avaliar a ingestão nutricional de atletas com deficiência, de modo que os programas alimentares de consumo energético possam ser desenvolvidos para melhorar a eficiência durante treinamentos e competição.

No Brasil algumas iniciativas surgem para ampliar o número de recursos humanos capacitados para atuar no esporte paraolímpico. O CPB oferece frequentemente cursos, oficinas, workshops, afim de preparar educadores físicos, fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, psicólogos, massoterapeutas, técnicos de enfermagem e terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais para o esporte paraolímpico. Além da participação teórica, esses profissionais acompanham e atuam em etapas de competições paraolímpicas de adultos e jovens no Brasil.

O CPB lançou, no início de 2010, a Academia Paralímpica Brasileira (APB) é estruturada em ações técnico-científicas em duas áreas: Educação e Formação; Ciência e Tecnologia, e tem como finalidade fomentar e produzir o conhecimento científico do esporte paraolímpico.

A área de “Educação e Formação” tem como finalidade a formação e capacitação de profissionais para atuarem nas diversas áreas do Esporte Paraolímpico, como gestão esportiva; comunicação e marketing; classificação

funcional; arbitragem; treinamento de modalidades paraolímpicas; área da saúde; atletas-guias, e outras áreas de interesse do esporte paraolímpico.

A área de “Ciência e Tecnologia” da APB é o setor responsável pela coordenação, elaboração e execução dos programas e projetos na área de Ciência e Tecnologia voltados para as diversas áreas do esporte paraolímpico, possuindo uma estreita relação com Instituições de Ensino Superior e Institutos de Pesquisa, públicos ou privados no país.

Seguidamente a APB oferece a comunidade científica Cursos de habilitação técnica para treinadores de Atletismo, Natação, Halterofilismo, Goalball, e ainda, curso de formação de classificadores funcionais em modalidades como: Atletismo, Natação, Halterofilismo, Tiro Esportivo, Esgrima em cadeira de rodas e Paracanoagem (CPB, 2016b).

O CPB também estabelece em seu Planejamento Estratégico 2010-2016 o Projeto Universitário de Capacitação Paraolímpica. Esse projeto busca promover e valorizar a formação e capacitação de recursos humanos qualificados e embasados nos mais atuais conhecimentos técnico-científicos voltados para as ações de preparação técnica de estudantes universitários e profissionais que atuem no desenvolvimento esportivo de crianças, jovens e adultos com deficiência (CPB, 2010a).

Promovendo e valorizando a produção, propagação e repercussão do conhecimento técnico-científico do esporte paraolímpico no âmbito de ações direcionadas para preparação técnica de estudantes universitários e profissionais que atuem no desenvolvimento esportivo paraolímpico de crianças, jovens e adultos com deficiência.

Dessa forma, cabe também, as universidades ampliarem essa rede de conhecimento. A universidade deve ser uma aliada ao desenvolvimento de profissionais qualificados para o esporte paraolímpico.

Nesse sentido, a formação acadêmica de qualidade dos profissionais atuantes no esporte paraolímpico é o processo inicial para produção e disseminação do saber científico e profissional (CARDOSO, 2011).

Ribeiro e Araújo (2004), destacam que é necessário que os cursos superiores de Educação Física, e demais áreas da saúde, tenham condições de preparar seus futuros professores para atuarem junto esporte paraolímpico, competitivo, recreativo ou educacional.

Além disso, o conhecimento gerado pelas pesquisas científicas deve ser aplicado para qualificar e aperfeiçoar os treinamentos de atletas, promovendo o avanço do esporte de alto rendimento no país.

É possível afirmar que os fatores que fizeram com que alguns países se transformassem em grandes potências esportivas é justamente o aproveitamento dos conhecimentos gerados pela ciência nas áreas de gestão, organização e treinamento esportivos.

Assim, as universidades brasileiras precisam estar atentas e dispostas para o esporte paraolímpico brasileiro, fazendo parte do desenvolvimento e contribuindo na consolidação do país como uma potência paraolímpica.

A inovação tecnológica também esta cada vez mais presente no esporte paraolímpico. Trata-se da tecnologia usada para o desenvolvimento e aprimoramento de equipamentos e materiais esportivos necessários para a prática do esporte, seja por parte do atleta ou da modalidade, e constitui em avanços essenciais para a performance e para melhoria máxima (aspectos físicos, fisiológicos e psicológicos, dentre outros), de atletas de alto rendimento.

Constatamos a importância que o suporte tecnológico para atletas paraolímpicos de alto rendimento. 30% (n=6) dos atletas consideram fundamental esse suporte para o esporte.

**A1:** *“...O suporte tecnológico também, as próteses que eu vim conseguir de corrida foi em 2008 só quando eu iniciei na seleção ..mas já foi melhorando e hoje já ta bem melhor. Em 2005 eu comecei a correr com próteses de andar, próteses do dia-a-dia , então eu, particularmente necessito da tecnologia pra poder correr e ..a partir de 2008 as coisas começar a melhorar, melhorou porque eu mudei, eu entrei na seleção, consegui as próteses...”*

**A15:** *“...também o suporte tecnológico sem dúvida, a gente tá aqui com ...um exemplo né, a gente tá aqui com nosso Biomecânico que está ajudando pra caramba...”*

De acordo com Burkett (2010), tecnologia é um componente essencial para o esporte paraolímpico. Também Thompson e Vanlandewijck (2013) destaca que a

tecnologia é um tópico importante no esporte paraolímpico em função do acelerado crescimento de materiais utilizados na prática esportiva.

Conforme De Almeida *et al.* (2014), as regras esportivas, o desenvolvimento dos sistemas classificação funcional específico para cada modalidade, os avanços nos equipamentos como: cadeira de rodas, próteses e outros materiais utilizados em treinamentos e competições esportivas são alguns exemplos da evolução tecnológica e científica no esporte.

Cada vez mais é necessário aprimorar os equipamentos para atender as necessidades de atletas de elite, novos desenvolvimentos tecnológicos significativos para cadeira de rodas e próteses tem ocorrido (BURETT, 2003).

Alguns estudos tem demonstrado a influência das inovações tecnológicas no esporte paraolímpico. A cadeira de rodas esportiva é a principal equipamento que recebe inovações tecnológicas no esporte. As cadeiras são usadas principalmente no Atletismo e em modalidades coletivas como: basquete, esgrima, rugby, tênis e tênis de mesa.

Paciorek e Jones (2001) ao avaliarem atletas do atletismo paraolímpico, notaram que em provas onde era utilizado cadeira de rodas, os atletas que usavam equipamentos mais sofisticados, obtiveram melhores resultados. Demonstrando que o resultado pode ter sido em função do avanço da tecnologia nas cadeiras de rodas.

Van der Woude *et al.* (2001), ao avaliarem deslocamento na cadeira de rodas esportiva, concluem em seus estudos que: a velocidade da cadeira de rodas é alterada em decorrência do tamanho do aro da cadeira, reduzindo significativamente o tempo de impulso, proporcionando melhor eficiência na propulsão dos atletas.

Ainda Vanlandewijck *et al.* (2001), em estudo de revisão sobre a biomecânica da propulsão em cadeira de rodas esportivas. Os autores destacam resultados importantes no esporte, desde a prevenção de lesões, até o aprimoramento dos equipamentos para melhores desempenho na prática dos diferentes esportes.

Outro equipamento utilizado por atletas de elite e que tem sido amplamente investigado pela tecnologia esportiva são as próteses de membros inferiores. São utilizadas para suprir a falta de um membro e na prática esportiva as próteses são projetadas para armazenar energia, podendo proporcionar maior eficiência na marcha/corrída de um atleta com amputação (BRODTKORB, 2008).

O International Paralympic Committee (IPC) estabelece que os princípios fundamentais referentes à evolução de equipamentos usados durante as

competições paraolímpicas devem ser: (1) Segurança (isto é, para o usuário, outros competidores, oficiais, espectadores e meio ambiente); (2) Equidade (isto é, que o atleta não tenha uma vantagem desleal); (3) Universalidade (por exemplo, comercialmente disponível para todos e não apenas para determinados atletas ou países); (4) Proeza Física (ou seja, o desempenho humano é o esforço crítico não o impacto da tecnologia e equipamentos) (CPB, 2014c).

É crescente o número de estudiosos que tem dado atenção as próteses esportivas nas modalidades paraolímpicas. Com objetivo de proporcionar condições para que atletas tenham conforto e segurança no esporte e ainda, que possam alcançar resultados expressivos, as próteses desenvolvidas se tornam cada vez mais sofisticadas para o desempenho esportivo.

Grobler, Ferreira e Terblanche (2010) investigaram a evolução do desempenho na corrida em atletas com amputações de membros inferiores de 1992 até 2012. Os resultados indicam que os maiores aumentos de desempenho foram observados em atletas com amputações de membros inferiores (classes T42= 26% e T44 = 14%<sup>9</sup>). Os autores destacam que a evolução da tecnologia das próteses de corrida contribuíram para a melhora do desempenho dos atletas ao longo dos anos.

Em 2008, quando o corredor paraolímpico sul-africano Oscar Pistorius fez uma tentativa para participar nos Jogos Olímpicos de Pequim utilizando próteses com tecnologia J-Leg de fibra de carbono em forma de "J" chamado de "Flex-Foot Cheetah"<sup>10</sup>. (Ver Figura 8), a imprensa esportiva e na comunidade científica começaram a debater sobre a utilização deste equipamento. (RUSSOMANNO, 2013).

---

<sup>9</sup> Classe T42/F42: Amputação simples (uma perna) acima do joelho ou algum comprometimento físico similar a tal amputação. Classe T44/F44: Amputação simples (uma perna) abaixo do joelho ou algum comprometimento físico similar a tal amputação. (VERISSIMO; RAVACHE, 2006)

<sup>10</sup> O Flex-Foot Cheetah da empresa Össur é uma prótese projetada com uma tecnologia de carbono exclusiva para armazenar de forma eficiente e liberar a energia produzida pelo usuário durante a corrida, também absorve níveis elevados de impacto.

**Figura 8** - Oscar Pistorius competindo com as próteses Flex-Foot Cheetah durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012.



Fonte: AFP PHOTO / OLIVIER MORIN

Essa discussão se tornou uma questão importante no campo da biomecânica, biomateriais, ergonomia e fisiologia, e a partir deste momento amplia-se as discussões sobre as vantagens e desvantagens de se utilizar as próteses J-leg.

O Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu que Oscar Pistorius pudesse competir no atletismo olímpico com base no estudo publicado no *Journal of Applied Physiology* por Weyland e colaboradores, onde os autores concluíram que a utilização de J-Leg não fornece qualquer vantagem para o atleta.

O estudo concluiu que as próteses utilizadas pelo atleta Oscar Pistorius fisiologicamente são semelhantes (apesar de mecanicamente diferente) de um indivíduo com os membros inferiores intactos. (WEYLAND *et al.* 2009)

Assim, o atleta se tornou o primeiro atleta biamputado a competir em Jogos Olímpicos, ao disputar a primeira série dos 400 metros em Londres-2012.

Discussão essa que voltaria a tona nos Jogos Paralímpicos de 2012, onde o atleta sul-africano protestou contra o atleta brasileiro Alan Fonteles, nos 200m classe T44.

Em Londres, o brasileiro estava usando próteses que o deixaram mais alto, passando de 1,76m para 1,81m, mas o uso das próteses foi permitido pelo IPC. O velocista brasileiro conquistou a prova e o ouro paraolímpico com um tempo de 21s45, à frente dos 21s52 do sul-africano.

Outro caso semelhante é do alemão Markus Rehn F44, atleta de salto em distância paraolímpico, que atingiu a marca de 8,40m no Campeonato Mundial de Atletismo 2015, em Doha no Qatar. Marca superior a estabelecida pelo medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, o britânico Greg Rutherford (8,31m).

Em 2016 Rehn participou do Indoor Grand Prix em Glasgow, Escócia, onde foi o vencedor da competição e aguardava posição da *International Association of Athletics Federations* (IAAF) sobre sua participação nos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Rehm tinha encomendado um estudo científico para universidades na Alemanha, Estados Unidos e Japão, na esperança de provar que ele não obtém vantagem sobre os atletas sem deficiência. Em Junho de 2016, os resultados indicam que o atleta tem sua corrida inicial de deslocamento menos eficiente mas um salto mais eficiente que outros atletas, levando uma vantagem no movimento final. Dessa forma, o atleta parece estar fora dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Parece que casos como o de Oscar Pistorius e Markus Rehn, continuarão a existir no esporte. Cabe aos pesquisadores das ciências do movimento humano e áreas afins, aprimorar as regras e as formas de classificação de atletas, para que não haja injustiças na participação destes em Jogos Olímpicos ou em Jogos Paralímpicos.

A tecnologia para atletas paraolímpicos não é somente para o cotidiano da pessoa com deficiência, mas sim para a possibilidade de atingir a excelência esportiva no esporte de alto rendimento. Protéses, órteses e equipamentos, desempenham papel importante na carreira de um atleta, apesar do custo elevado, estes dispositivos podem auxiliar na busca de resultados.

Assim, com o intuito de aprimorar os resultados esportivos, as inovações tecnológicas avançam rapidamente. O alto custo pode ser considerado um fator limitante para alguns países em desenvolvimento possam avançar no esporte paraolímpico.

Atualmente, próteses de alta performance utilizadas em provas de corrida no atletismo podem custar 150 mil reais por exemplo. (DE ALMEIDA *et al.* 2014)

Os autores, ainda relatam que o Brasil, com intuito de reduzir a diferenças que o separam dos grandes campeões paraolímpicos (Estados Unidos, Japão, China, Rússia e Grã-Bretanha) tem ampliado o investimentos em novas tecnologias.

Parcerias de ciência e tecnologia tem ocorrido em algumas universidades, CPB, Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e ainda, na Rede Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologia Assistiva, afim de desenvolver dispositivos para treinamento esportivo de baixo custo para usuários de cadeira de rodas, e dessa forma, proporcionar a prática esportiva para as modalidades que dependem destes equipamentos.

Assim, o principal foco de pesquisadores brasileiros deve ser em como melhorar o desempenho de um atleta paraolímpico nos treinamentos e competições, do início da sua carreira esportiva até a chegada ao topo. Porém, é necessário estar atento, afim de que os méritos das conquistas sejam exclusivamente dos atletas e não das inovações tecnológicas desenvolvida pela ciência do esporte.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte paraolímpico cresce aceleradamente a cada dia. Novas marcas, novos recordes, fazem com que o sucesso seja cada vez mais decorrente do trabalho árduo e de um grande planejamento por parte dos atletas, treinadores e gestores. O nível de desempenho dos atletas paraolímpicos surpreende a cada nova competição, e já não é possível contemplar ascensões meteóricas sem preparação e treinamento.

No Brasil, grande parte das ações de suporte ao atleta partem do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e do Ministério do Esporte. Esses dois órgãos governamentais são os principais responsáveis por proporcionar todo o suporte necessário para que os atletas paraolímpicos brasileiros possam alcançar o sucesso em sua carreira esportiva desde a sua iniciação.

Os resultados deste estudo demonstram que o convite de professores, treinadores e gestores do esporte é a principal forma de ingresso no esporte paraolímpico brasileiro atualmente nas modalidades atletismo e natação e tem revelado atletas com grande potencial de sucesso para seguir adiante em treinamentos a longo prazo. Diferentemente do que era percebido em épocas passadas, onde a principal forma de ingresso era exclusivamente através de programas de reabilitação.

Também são utilizadas competições e programas esportivos como uma forma de possibilitar a iniciação de atletas com deficiência no esporte paraolímpico, preferencialmente para crianças e jovens com deficiência em idade escolar.

Com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), é possível que o número de alunos com deficiência (motora, visual e intelectual) se amplie nas escolas de ensino públicas e privadas brasileiras. Essa nova realidade poderá ampliar o número de pessoas com deficiência que iniciam no esporte, e talvez, transformar as escolas em um das principais locais para a descoberta de talentos esportivos paraolímpicos no Brasil.

A inspiração em ídolos paraolímpicos é considerada uma forma eficaz para incentivar a participação de pessoas com deficiência no esporte. Essa é uma ferramenta que deve ser aprimorada, já que parece trazer resultados positivos a

quem esta iniciando no esporte e os Jogos Paralímpicos Rio 2016 podem revelar atletas de sucesso que irão inspirar cada vez mais gerações de pessoas com deficiência no país.

Conhecer as razões que levam pessoas com deficiência a ingressar no esporte paraolímpico proporcionará o desenvolvimento de novos talentos esportivos, fornecendo informações relevantes para a ampliação de ações que visem a continuidade dos resultados positivos e ainda, a consolidação da carreira esportiva do atleta paraolímpico.

Muitas organizações esportivas para pessoas com deficiência enfrentam o desafio de além de recrutar novos talentos esportivos, proporcionar condições para que os atletas permaneçam em treinamento na modalidade paraolímpica.

O suporte de professores de Educação Física e treinadores é considerado o principal motivo por qual os atletas do atletismo e natação continuam praticando a modalidade escolhida.

Esse suporte auxilia no aprimoramento dos resultados durante a carreira esportiva dos atletas. A contínua passagem de conhecimento durante os períodos de treinamentos e competições são fundamentais para que o atleta continue motivado a permanecer na modalidade esportiva paraolímpica.

As Intituições de Ensino Superior em conjunto com ações do CPB e Ministério do Esporte realizam, tem ampliado as ações de capacitação desses profissionais. A constante capacitação dos professores e treinadores proporcionam melhores resultados na carreira esportiva do atleta.

Também é destacado o Suporte Social como importante para os atletas se manterem no esporte paraolímpico. Ações de suporte emocional de familiares e amigos próximos podem influenciar positivamente a carreira do atleta, transformando o suporte emocional em uma importante razão para permanecer concentrado nos treinamentos e competições.

O suporte financeiro aos atletas paraolímpicos é de extrema relevância para o desenvolvimento da carreira do atleta com deficiência. Além de proporcionar condições para que o atleta tenha dedicação exclusiva em seus treinamentos, oferece condições para o aprimoramento de seus resultados.

São muitas as ações de suporte financeiro que favorecem os atletas paraolímpicos brasileiros. Os investimentos que estão sendo realizados pelo CPB e pelo Ministério do Esporte: o Programa Bolsa-Atleta, Plano Brasil Medalhas, Lei de

Incentivo ao Esporte e também a Lei Agnelo/Piva (já com a ampliação dos recursos destinados pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), estão realmente trazendo benefícios para o desenvolvimento de atletas paraolímpicos brasileiros. Cabe aos gestores esportivos, a manutenção e ampliação desse suporte financeiro para o pós Jogos Paralímpicos Rio2016, afim de abranger cada vez mais atletas de todas as regiões do país. Cabe ainda a ampliação do suporte financeiro oriundo da iniciativa privada.

Ações centradas na melhoria das condições de treinamento, seja em questões estruturais relacionadas a locais de treinamento e materiais esportivos também são consideradas como fundamentais para o desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro.

O Centro de treinamento paraolímpico Brasileiro é um dos principais legados que os Jogos Rio2016 deixa para o esporte paraolímpico. Considerado um dos centros esportivos mais modernos do mundo, é evidente que novos talentos esportivos paraolímpicos serão formados e desenvolvidos nessa estrutura esportiva.

Porém, ainda é necessário ampliar as ações de suporte estrutural, afim de abranger todas as regiões do país. Novas estruturas de treinamento em diferentes estados brasileiros, podem ampliar o número de talentos esportivos paraolímpicos.

A tecnologia no esporte paraolímpico parece ser algo a ser explorado pelo Brasil. O país ainda precisa ampliar as parcerias entre a IES e Instituições de Suporte Tecnológico com as entidades gestoras do esporte paraolímpico. Apesar de ser notável alguns avanços nessa área, o Brasil ainda encontra-se atrás de países como: Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Coreia do Sul e China, em função do alto custo da tecnologia relacionada ao esporte paraolímpico.

O Brasil é uma potência no esporte paraolímpico mundial. As ações que vem sendo realizadas para o desenvolvimento do esporte paraolímpico crescem a cada ano e podem transformar o país em um grande celeiro de novos atletas.

O desenvolvimento da carreira do atleta paraolímpico brasileiro começa na fase de pré-transição, onde o atleta inicia sua trajetória na modalidade esportiva, motivados pelas razões destacadas nesse estudo. A continuidade dos atletas na modalidade acontece em decorrência da qualidade e quantidade dos suportes obtidos durante esse período e que também, irá contribuir para que o atleta paraolímpico alcance o sucesso no esporte de alto rendimento.

Os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 trazem boas perspectivas para o esporte paraolímpico brasileiro. Além de proporcionar a consolidação da carreira esportiva do atleta paraolímpico no país, os jogos irão possibilitar que o país se mantenha como uma potência no cenário paraolímpico mundial.

## 6. REFERENCIAS

ADAMS, R. C., et al. **Jogos, Esportes e Exercícios para o Deficiente Físico** (Ângela Marx, Trad. 3 ed.). São Paulo: Manole, 1985.

ADIE J.W., DUDA J.L., NTOUMANIS N. Autonomy support, basic need satisfaction and the optimal functioning of adult male and female sport participants: A test of basic needs theory. **Motivation and Emotion**, v.32,n.3, 189-199, 2008.

AMOROSE, A.J., HORN, T.S. Intrinsic motivation: Relationships with collegiate athletes' gender, scholarship status, and perceptions of their coaches' behavior. **Journal of sport & exercise psychology**, v.22, n.1-4, pp. 63-84, 2000.

ANDERSON, D. Affirmation through disability: one athlete's personal journey to the London Paralympic Games. **Perspectives in Public Health** v.132, n.2, 68-74, 2012.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades**. 1997. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física UNICAMP. Campinas, São Paulo, 1997.

ARENA, S.; BOHME, M. T. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 184-95, jul./dez., 2000.

AUSTRALIAN PARALYMPIC COMMITTEE **Paralympic Education Program**. Disponível em: <http://www.paralympiceducation.org.au/>. Acesso em: 03 junho de 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARRETO, F.S, PANZIERA, C, SANT'ANNA, M.M, MASCARENHAS, M.A, & FAYH, A.P.T Avaliação nutricional de pessoas com deficiência praticantes de natação. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 15, n.3), 214-218, 2009.

BENFICA, D.T. **Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência.** Dissertação (Mestrado) Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. 2012.

BLINDE, E.M., & MCCLUNG, L.R. Enhancing the physical and social self through recreational activity: Accounts of individuals with physical disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.14, 327-344, 1997.

BORELLA, D. R. Atividade Física Adaptada no contexto das matrizes curriculares dos cursos de Educação Física. 2010. 164f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

BRASIL (2011) Ministério do Esporte. **Programa Segundo Tempo Pessoa com Deficiência.** Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snee/segundoTempo/universitarioDeficiencia/DirtrizesPSTPessoaDeficiencia.pdf> Acesso em: 20 jan. 2014.

BRASIL (2012) Senado Federal. **Paraolímpico, Paralímpico – Manual de Comunicação da Secom.** Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/estilo/paraolimpico-paralimpico?searchterm=paraol> Acesso em: 20.Mai.2016.

BRASIL (2015) LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm) Acesso em: 20 jan. 2016.

BRASIL (2016a) Ministério do Esporte. **Programa Bolsa Atleta.** Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/legislacao.jsp> Acesso em: 20 jan. 2016.

BRASIL (2016b) Ministério do Esporte. **Plano Brasil Medalhas.** Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas> Acesso em: 20 jan. 2016.

BRASIL (2016c) Ministério do Esporte. **Lei de Incentivo ao Esporte**. Disponível em: <http://esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/lei-de-incentivo-ao-esporte> Acesso em: 20 jan. 2016.

BRASIL (2016d) Ministério do Esporte. **Centro de Iniciação ao Esporte**. Disponível em <http://esporte.gov.br/index.php/cie> Acesso em: 20 jan. 2016.

BRAZUNA, M.R, CASTRO, E.M, A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Revista Motriz**. Jul-Dez, Vol. 7, n.2, pp. 115-123, 2001.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION (2016) **Deloitte Paraspport** . Disponível em: <http://paraspport.org.uk/>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BRODTKORB, T., M. HENRIKSSON, K. JOHANNESSEN-MUNK, AND F. THIDELL. Cost-effectiveness of c-leg compared with non-microprocessor-controlled knees: A modeling approach. **Archives of Physical Medicine and Rehabilitation** v.89, pp.24–30, 2008.

BURKETT, B. Technology in Paralympic sport: performance enhancement or essential for performance? **British Journal of Sports Medicine**; v.44, n.3, pp. 215-220, 2010.

CAFRUNI C, MARQUES A, GAYA A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: estudo dos resultados esportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.6, n.1, pp.55-64, 2006.

CAMPBELL, E.; JONES, G. Sources of stress experienced by elite male wheelchair basketball players. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.19,n.1,pp.82-99, 2002.

CARDOSO, V.D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011.

CARDOSO, V.D.; GAYA, A. C.. A Classificação funcional no esporte paralímpico. **Conexões**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 132-146, jul. 2014

CARMONA, E. K. ; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Cenários da produção do conhecimento sobre o esporte adaptado no Brasil. In: Congresso Paradesportivo Internacional, IV, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Academia Paralímpica Brasileira, p. 46-50, 2014.

CEF – Caixa Econômica Federal (2016) **Repasses esportivos**. Disponível em: [http://www.caixa.gov.br/Downloads/caixa-loterias/repasses\\_esportivos.pdf](http://www.caixa.gov.br/Downloads/caixa-loterias/repasses_esportivos.pdf) Acesso em: 04 de Maio de 2016.

CHAGAS, E. B., NOGUEIRA, C.D., PEREIRA, V.; FREITAS, R.S. Time Rio Paralímpico In: Congresso Paradesportivo Internacional, IV, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Academia Paralímpica Brasileira, p. 114-118, 2014.

CIDADE, R.E.A, FREITAS, O.S **Introdução à Educação Física e ao Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência**. Curitiba: Ed. UFPR: Paraná, 2002.

CLEMENT, D; SHANNON, V.R. Injured Athletes' Perceptions About Social Support. **Journal of Sport Rehabilitation**, v.20, pp.457-470, 2011.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

COOPER, R.A. Wheelchair racing sports science: A review. **Journal Rehabilitation Research e Development** v.27, p.295-312. 1990.

COSTA, A.M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COSTA, A.M.; SANTOS, S.S. Participação do Brasil nos jogos paraolímpicos de Sydney: apresentação e análise. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.8, n.3, p.70-76, 2002.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2010a) **Planejamento estratégico do esporte paraolímpico brasileiro 2010-2016**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/Planejamento-Estrategico-2010-2016.pdf>  
Acesso em: 30 dez. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2010b) **Clube Escolar Paraolímpico**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/clubeescolar> Acesso em: 30 dez. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2011) **Circuito Brasil CAIXA Loterias**. Disponível em: [http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/circuito\\_brasil\\_caixa\\_loteras](http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/circuito_brasil_caixa_loteras) Acesso em: 30 abr. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2014) **Confira os 19 momentos mais marcantes do CPB**. 10 de fevereiro de 2014. Twitter: Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. Disponível em: <https://twitter.com/cpboficial/status/432930908941733889>  
Acesso em: 04 de Maio de 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2014a) **Institucional**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/institucional/> Acesso em: 30 abr. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2014b) **Jogos Paralímpicos**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/jogos-paralimpicos/> Acesso em: 30 abr. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2014c) **Regras e Regulamentos do IPC Athletics 2010-2011**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/2011/12/Regras-oficiais-de-Atletismo-do-IPC-Traduzida.pdf> Acesso em: 30 dez. 2014.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2015a) **Comitê Paralímpico Brasileiro celebra sanção da Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/comite-paralimpico-brasileiro-celebra-sancao-da-lei-de-inclusao-da-pessoa-com-deficiencia/> Acesso em: 30 nov. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2015b) **Paralímpiadas Escolares**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/paralimpiadas-escolares/> Acesso em: 30 abr. 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2016a) **Paraolímpico ou Paralímpico**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ComiteParalimpico/photos/a.200313466675424.45768.197730623600375/1093592974014131/?type=3&theater> Acesso em: 20 jan. 2016.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2016b) **Academia Paralímpica Brasileira**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/academia-paralimpica-brasileira/> Acesso em: 20 jan. 2016.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro (2016c) **Comitê Paralímpico Brasileiro premiará atletas por medalhas nos Jogos Paralímpicos do Rio-2016**. Disponível em: <http://cpb.org.br.187.38-89-161.groveurl.com/comite-paralimpico-brasileiro-premiara-atletas-por-medalhas-nos-jogos-paralimpicos-do-rio-2016/> Acesso em: 04 de Maio de 2015.

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro. (2010c) **Curso mobilização de recursos** Disponível em: <http://www.cpb.org.br/> Acesso em: 30 dez. 2015.

CPC – Canadian Paralympic Committe. (2016) **Paralympian Search**. Disponível em: <http://paralympic.ca/paralympian-search> Acesso em: 10 jan. 2016.

DE ALMEIDA, J.J.G. MIRANDA, T.J.; STORCH, J.A.; HARNISCH, G.A.; BREDARIOL, B. Esporte paralímpico: simbiose entre ciência e tecnologia?. **ComCiência**, Campinas, n. 157, abr. 2014 .

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A Conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European Sport Management Quarterly**, Abingdon, v. 6, n. 2, p. 185-215, jun. 2006

DEFREESE JD, SMITH AL. Athlete social support, negative social interactions and psychological health across a competitive sport season. **Journal of Sports Exercise Psychology**. v.36, n.6, pp.619-30, 2014.

DI PIETRO, T. Fatores estressantes e motivacionais na prática do esporte entre atletas com deficiência física. **Educación Física y Deporte Revista Digital**, Buenos Aires, n. 135, out. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd135/fatores-motivacionais-entre-atletas-com-deficiencia-fisica.htm> Acesso em: 15 nov. 2015

DIEFFENBACH, K.D., STATLER, T.A. More Similar than Different: The Psychological Environment of Paralympic Sport. **Journal of Sport Psychology in Action** .vol. 3, n. 2, 2012.

FERREIRA, F.A., BUSSMANN, A.J.C, GREGUOL, M. Incidência de lesões em atletas de basquetebol em cadeira de rodas. **Revista Terapia Ocupacional**. Univ. São Paulo, v.24, n.2, pp.134-40, 2013.

FIGUEIREDO, T.H., NOVAIS, R.A. Atletas com deficiências na mídia: a cobertura noticiosa dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas imprensas portuguesa e brasileira. *In: Anais...* Congresso mundial de comunicação ibero-americana, USP São Paulo.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas De Ouro Nas Paraolimpíadas De Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GARCI, T.C.H., MANDICH, A. Going for gold: Understanding occupational engagement in elite-level wheelchair basketball athletes. **Journal of Occupational Science**. V.12, n. 3, pp.170–175. 2005.

GAYA, A. **Ciências do movimento humano: Introdução a metodologia da pesquisa**. Artmed. 2008.

GOLD, J.R., GOLD, M.M. Access for all: The rise of the Paralympic Games. **Journal of the Royal Society for the Promotion of Health**. v.127, pp.133–141, 2007.

GOOSEY-TOLFREY, V.L. Physiological profiles of elite wheelchair basketball players in preparation. for the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.22, n. 1, 57–66, 2005.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In M. G. GORGATTI; R. F. DA COSTA (Eds.), **Atividade Física Adaptada: Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais**. Barueri: Manole, 2005.

GORGATTI, M. G.; SERASSUELO, H.; SANTOS, S.S; NASCIMENTO, M.B.; OLIVEIRA, S.R.S.; SIMÕES,A.C. Tendência competitiva no esporte adaptado. 18. **Arquivos Sanny de Pesquisa e Saúde** v.1,n.1,p 18-25, 2008.

GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F.; CALEGARI, D. R.; CARMINATO, R. A.; COSTA E SILVA, A. A. A composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Arquivos de Ciências da Saúde** Unipar, Umuarama, v. 11, n. 1, p. 39-44, jan./abr, 2007.

GOVERNO DE SÃO PAULO (2015) **Time São Paulo Paralímpico**. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/time-sao-paulo-paralimpico> Acesso em: 04 de Maio de 2016.

GOOSEY-TOLFREY, V., CROSLAND, J. Nutritional Practices of Competitive British Wheelchair Games Players **Adapted Physical Activity Quarterly**, 2010, v.27, n.1, pp.47-59, 2010.

GROBLER, L., FERREIRA, S., TERBLANCHE, E. Paralympic Sprint Performance Between 1992 and 2012 **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v.10, pp.1052 -1054, 2015

HUANG, C. J. & BRITTAIN. I., 2006, Negotiating identities through disability sport: From negative label to positive self-identification. **Sociology of Sport Journal**, v.23, n.4, pp. 352-375, 2006.

HUTZLER, Y.; BERGMAN, U. Facilitators and barriers to participation while pursuing an athletic career: Retrospective Accounts of Swimmers with Disabilities. **Therapeutic Recreation Journal**, 44, 1-6, 2011.

IBGE 2015 - RESOLUÇÃO No - 4, DE 26 DE AGOSTO DE 2015. **Estimativa da população brasileira 2015**. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=98&data=28/08/2015> Acesso em: 04 de Maio de 2016.

IPC – International Paralympic Committee (2015). *Historical results database*. Disponível em: <http://www.paralympic.org/results/historical> Acesso em: 11 Nov 2015.

JAARSMA, E. A., GEERTZEN, J. H. B., DE JONG, R., DIJKSTRA, P. U. AND DEKKER, R. Barriers and facilitators of sports in Dutch Paralympic athletes: An explorative study. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v.24, pp.830–836, 2014.

KARS, C., HOFMAN, M., GEERTZEN, J.H, PEPPING, G.J, DEKKER, R. Participation in Sports by Lower Limb Amputees in the Province of Drenthe, the Netherlands Article. **Prosthetics & Orthotics International** v.33, n.4, pp.356-67, 2009.

KATARTZI, E., THEODORAKIS, Y.; TZETZIS, G. Effects of goal setting and self efficacy on wheelchair basketball performance. **Japanese Journal of Adapted Physical Activity**, v.5, pp.50-62, 2007.

KEHN, M., KROLL, T. Staying physically active after spinal cord injury: a qualitative exploration of barriers and facilitators to exercise participation. **BMC Public Health**. v.9, n.168, 2009.

LABROCINI, R.H.D.D. **O esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo-SP, 1997.

LABRONICI, R.H.D.D., CUNHA, M.C.B., OLIVEIRA, A.D.S., GABBAI, A.A. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**. V.58, n.4, pp.1092-99, 2000.

LOWTHER, J., LANE, A., LANE, H. Self-efficacy and psychological skills during the amputee soccer world cup. **Athletic Insight**. v.4, pp.23-34, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, R. F. R.;GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, v. 27, n.4, pp. 583-96, 2013.

MARTIN, J. J., & ADAMS-MUSHETT, C. Social support mechanisms among athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 13, n. 1. pp. 74-83, 1996.

MARTIN, J. M. Psychosocial Aspects of Youth Disability Sport. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.23, n.1, p. 65-77, 2006.

MARTIN, J. Mental Preparation for the 2014 Winter Paralympic Games *Clinical Journal of Sport Medicine*. n.1, pp.70–73, 2012.

MATTOS, E. **Educação Física e o desporto para pessoa portadora de deficiência**. Local: Ministério dos Esportes. Curso de atualização. Convênio SESI/INDESP. 1994.

MAUERBERG-DeCASTRO E, TOLOI GG, DE SOUZA REC (2005) Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. *In: MAUERBERG-DeCASTRO, E. Atividade Física Adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmed.

MAUERBERG-DeCASTRO, E. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

MELO FAP. FUMES, NLFO. Esporte Adaptado no Município de Maceió/AL: Des/Caminhos Traçados Pelas Políticas Públicas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 41-48, Jul./Dez., 2013.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. *Revista Digital*, Buenos Aires, v.8, n.51, jul. 2002. Disponível em: . Acesso em: 20. nov. 2015.

OMAR-FAUZEE MS, MOHD-ALI M, GEOK SK, et al. The participation motive in the Paralympics. **Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences**. v.2, pp.250–272, 2010.

PACIOREK M. J., JONES J. A., **Disability sport and recreation resources**. 3rd edition. 2001.

PARALYMPIC SPIRIT. **Unforgettable journey of struggle and triumph**. International Paralympic Comitee. Atlanta S.E.A. (CD-Rom), 1996.

PARSONS A, WINCKLER, C,. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. *In: MELLO MT E WINCKLER, C. Esporte Paralímpico*. Atheneu: Rio de Janeiro, 2012.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação física adaptada: Introdução ao universo das possibilidades. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada**. Barueri: Manole, 2005.

PERREAULT, S.; VALLERAND, R. A test of selfdetermination theory with wheelchair basketball players with and without disability. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.24, pp.305-316, 2007.

PETTENGIL, N. G.; COSTA, A. M. A educação física e os desportos para pessoas portadoras de deficiência no Brasil no período de 1980 a 1992. In: CARMO, A. A.; SILVA, R. V. S. (Org) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência**. Série especialização e monografia 2. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. pp. 269-339, 1997.

PLINTA, R., SOBIECKA, J. Factors conditioning taking up sport activity by disabled people. **Wiad Lek**. v.55, n.1(Pt 2), pp.864-9, 2002.

PORTAL BRASIL (2013) **Brasil terá 285 Centros de Iniciação ao Esporte** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2013/12/brasil-tera-285-centros-de-iniciacao-ao-esporte> Acesso em: 20 jan. 2016.

PORTAL BRASIL (2016) **Centro de Treinamento Paralímpico inicia suas operações**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/05/centro-de-treinamento-paralimpico-inicia-suas-operacoes> Acesso em: 30 jun. 2016.

PORTAL BRASIL2016 (2014) **Edição 2014 das Paralimpíadas Escolares começa na terça-feira**. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/edicao-2014-das-paralimpiadas-escolares-comeca-na-terca-feira-2511> Acesso em: 20 jan. 2016.

PORTAL BRASIL2016 (2015) **Após melhor campanha da história, CPB tem injeção de R\$ 90 milhões no horizonte**. Disponível em:

<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/apos-melhor-campanha-da-historia-cpb-tem-injecao-de-r-90-milhoes-no-horizonte> Acesso em: 20 jan. 2016.

PORTAL BRASIL2016 (2016a) Incentivo ao Esporte. **Lei Agnelo Piva**. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva> Acesso em: 20 jun. 2016.

PORTAL BRASIL2016 (2016b) **Bolsa Atleta Pódio** <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/bolsa-atleta-podio> Acesso em: 20 jan. 2016.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (2015) **Time Rio Paralímpico**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smpd/time-rio-paralimpico> Acesso em: 04 de Maio de 2016.

REIS, R. **Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. Dissertação (Mestrado) Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

REYNOLDS, J., STIRK, A, THOMAS, A. GEARY, F. Paralympics--Barcelona 1992. **British Journal of Sports Medicine**. v.28, n., pp.14-7, 1994.

RIBEIRO, S. M; ARAÚJO, P. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n.3, p. 57 – 70, maio, 2004.

RIMMER, J.H., RILEY, B., CREVISTON, T., NICOLA, T.. Exercise training in a predominantly African-American group of stroke survivors. **Medicine Science Sports Exercise**. v.32, n.12, 1990-6, 2000.

RIMMER, J.H., RILEY, B., WANG, E., RAUWORTH, A., JURKOWSKI, J.. Physical activity participation among persons with disabilities: Barriers and facilitators. **American Journal of Preventive Medicine**. v.26, n.5, pp.419-25, 2004.

ROBERTS, K., TREASURE, J.; CONROY, M. **Understanding the Dynamics of Motivation in Sport and Physical Activity**. Handbook Of Sport Psychology-3rd. London: 2007.

RUSSOMANNO, T.G. Technology as A Way to Improve Performance for the Paralympic Athletes. **Journal of Ergonomics** 3:e117, 2013.

RYAN, E. R. Disentangling motivation, intention and planning in the physical activity domain. **Journal of sport psychology & exercise**, v.7, pp.15-27, 2006.

SAMULSKI, D., NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v.8, n.4, pp.157-166, 2002.

SCANLAN, T.K, SIMONS, J.P., CARPENTER, P.J., SCHMIDT, G.W., KEELER, B. The Sport Commitment Model: Measurement development for the youth-sport domain. **International Journal of Sport and Exercise Psychology** v.15, pp.16-38, 1993.

SCELZA, W.M., KALPAKJIAN, C.Z., ZEMPER, E.D., TATE, D.G.. Perceived barriers to exercise in people with spinal cord injury. **American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation**. v.84, n.8, pp.576-83, 2005.

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, A. J. M.; SOUZA SOBRINHO, P. A.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física**. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, p. 9-23. 2006.

SERON, B. B.; ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M.. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre , v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.

SHIHUI, C.; JIN, W.; MEI, J.; KWOK, L. Motivation Of Sport Participation In Elite Athletes With Physical Disabilities In Mainland China. **Asian Journal of Exercise & Sports Science**. v.4, n.1, p63-67, 2007.

SILVA, A.; VITAL, R.; MELLO, M.T. Atuação da Fisioterapia no esporte paralímpico. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** v.22, n.2, pp.157-161, 2016.

SOUSA, A. **A experiência vivida de atletas paralímpicos: narrativas do desporto paralímpico português.** (Tese) Doutorado. Universidade do Porto: Portugal. FADEUP-UP, 2014.

SUPERAÇÃO. Esporte entre portadores de deficiência. Rio de Janeiro, Vol. 1, Nº1.mar.1998.

SWANSON S.R; COLWELL, T.; ZHAO, Y. Motives for Participation and Importance of Social Support for Athletes With Physical Disabilities **Journal of Clinical Sports Psychology** v., pp.317-336, 2008

TASIEMSKI, T., KENNEDY, P., GARDNER, B.P., TAYLOR, N. The association of sports and physical recreation with life satisfaction in a community sample of people with spinal cord injuries. **NeuroRehabilitation**. v.20, pp.253–265, 2004.

TEAM USA - U.S. PARALYMPICS. (2016) **Gateway to Gold**. Disponível em: <http://www.teamusa.org/US-Paralympics/Gateway-to-Gold>. Acesso em: 03 junho de 2016.

TEODORO C M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos.** (Dissertação) Mestrado São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

THOMPSON, W.R., VANLANDEWIJCK, Y.C. Science and the Paralympic movement. **British Journal of Sports Medicine**. v.47, n.13, pp.81, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TWEEDY, S., HOWE, D. Introduction to the Paralympic Movement. in: J.K. Vanlandewijck, W. Thompson (Eds.) *The Paralympic Athlete*. Wiley Blackwell, West Sussex, UK; 2011:3–29.

VAN DER WOUDE, L.H.V., DALLMEIJER, A.J., JANSSEN, T.W.J., et al: Alternative modes of manual wheelchair ambulation: An overview. **American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation**. v.80, n.10, 765-777, 2001.

VANLANDEWIJCK, Y. C.; THEISEN, D. M.; DALY, D. J. Field test evaluation of aerobic, anaerobic and wheelchair basketball skills performances **International Journal of Sports Medicine**, v.20, pp.548-554, 2001.

VERÍSSIMO, A.W.; RAVACHE, R. **Atletismo paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física**. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

VITAL, R., SILVA, H.G.P., SOUSA, R.P.A, et al. Lesões traumato-ortopédicas nos atletas paraolímpicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**.v.13, n.3, pp.165-8, 2007.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology** (2nd ed.). United States of America: Human Kinetics, 2001.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo, Manole, 1991.

WEYAND, P.G, BUNDLE, M.W, MCGOWAN, C.P, GRABOWSKI, A, BROWN MB (2009) The fastest runner on artificial legs: different limbs, similar function? *J Appl Physiol*. 107: 903-911.

WHELLER, G.D.; STEADWARD, R.D.; LEGG, D.; HUTZLER, Y.; CAMPBELL, E.; JOHNSON, A. Personal investment in disability sport careers: An international study. **Adapted Physical Activity Quarterly**. v.16,n.3.p., 219-37. 1999.

WILHITE, B.; SHANK J. In praise of Sport: promoting Sport participation as a mechanism of Health among persons with a disability. **Disability and Health Journal**. v.2, n.3, pp.116-127, 2009.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados** (3 ed.). Barueri: Manole, 2004.

WU, S.K., WILLIAMS, T. Factors influencing sport participation among athletes with spinal cord injury. **Medicine Science Sports Exercise**. v.33, n.2, pp.177-182, 2001.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 01

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### PROJETO DE PESQUISA: O DESENVOLVIMENTO DA VIDA ESPORTIVA DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS NO BRASIL

#### I- EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU A SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA

1. Este estudo tem por objetivo: descrever o desenvolvimento da vida esportiva de Atletas Paraolímpicos no Brasil;
2. A coleta de dados incluirá respostas a uma entrevista estruturada;
3. Não haverá nenhuma forma de reembolso em dinheiro,
4. Não estão previstos riscos ou desconfortos na participação desta pesquisa;
5. Os benefícios constituem na divulgação dos caminhos para o sucesso de Atletas paraolímpicos no Brasil.
6. O atleta avaliado terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre os procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa,
7. O atleta avaliado terá liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto lhe traga algum prejuízo.
8. A identidade dos atletas estará sob confidencialidade, sigilo e privacidade.

#### II- RESPONSABILIDADE DO ESTUDO

**Professor Orientador:** Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya [acgaya@esef.ufrgs.br](mailto:acgaya@esef.ufrgs.br)

**Professor Responsável:** Prof. Vinícius Denardin Cardoso [vinicardoso@yahoo.com.br](mailto:vinicardoso@yahoo.com.br)

Escola de Educação Física (ESEF/UFRGS) - Campus Olímpico.

**Endereço:** Rua Felizardo 750, Jardim Botânico - Porto Alegre/RS

**CEP:** 90690-200 **Telefone:** (51) 3308-5860.

#### III- CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa ou representante legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE 02

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

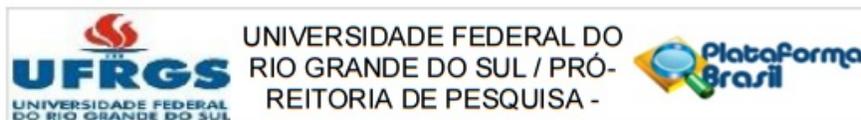
#### O DESENVOLVIMENTO DA VIDA ESPORTIVA DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS NO BRASIL

- 01) *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?*
  
- 02) *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?*
  
- 03) *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?*
  
- 04) *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)*
  
- 05) *Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?*
  
- 06) *Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?*
  
- 07) *Em relação a sua vida esportiva, existe alguma coisa que você gostaria de dizer que não foi perguntado?*

**ANEXOS**

## ANEXO 01

### Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O DESENVOLVIMENTO DA VIDA ESPORTIVA DE ATLETAS PARAOLÍMPICOS NO BRASIL

**Pesquisador:** Adroaldo Cezar Araujo Gaya

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 37351514.3.0000.5347

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 922.077

**Data da Relatoria:** 26/11/2014

##### Apresentação do Projeto:

Levando em consideração o aumento das atividades de atletas paraolímpicos no Brasil, em nível profissional, o estudo busca compreender como se dá o desenvolvimento da vida esportiva desses atletas, no que se refere aos suportes que lhes são disponibilizados, assim como os aspectos facilitadores e limitadores para o desenvolvimento dessa atividade.

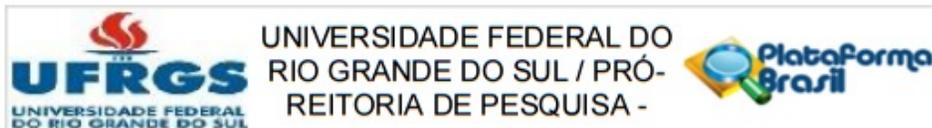
Trata-se de um estudo qualitativo, que buscará respostas através de entrevistas, as quais deverão possibilitar que os sujeitos discorram livremente sobre o tema proposto. Os dados serão analisados através da Análise de Conteúdo.

##### Objetivo da Pesquisa:

O estudo tem como objetivos:

- descrever o desenvolvimento da vida esportiva de atletas paraolímpicos brasileiros;
- identificar como acontece o ingresso de pessoas com deficiência no esporte paraolímpico no Brasil;
- identificar os suportes necessários para o sucesso de um Atleta Paraolímpico no Brasil;
- identificar fatores facilitadores e limitadores relevantes para o sucesso na carreira do atleta Paraolímpico.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 922.077

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Na versão do projeto agora apresentada, afirma-se que há riscos na pesquisa e que os participantes serão informados sobre eles. Afirma-se, ainda, que serão tomados cuidados no que se refere ao sigilo e privacidade. Após solicitação são agora referidos os riscos relativos à realização de entrevistas, nas quais situações de constrangimento e desconforto poderão ocorrer; também foram referidas formas de minimizar os riscos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de um estudo relevante, vinculado a tema atual e pertinente ao contexto dos estudos sobre o esporte no Brasil. A metodologia é adequada aos objetivos do estudo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Projeto completo - apresentado, agora fazendo referências aos riscos da pesquisa e às formas de minimizá-los;

Projeto na Plataforma Brasil - apresentado, agora fazendo referências aos riscos da pesquisa e às formas de minimizá-los;

Folha de rosto - apresentada adequadamente;

Cronograma - apresentado/adequado no Projeto na Plataforma Brasil e no Projeto Completo;

TCLE – apresentado, agora fazendo referências aos riscos da pesquisa e às formas de minimizá-los;

Cartas de ciência de instituições – não cabe.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerando-se a existência de parecer do PPG, sugere-se a aprovação do projeto.

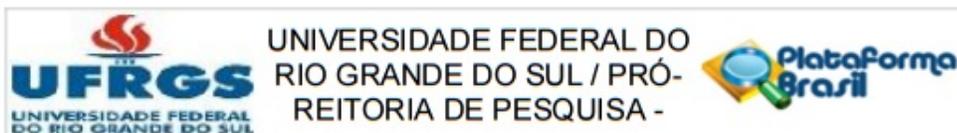
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: [etica@propeq.ufrgs.br](mailto:etica@propeq.ufrgs.br)



Continuação do Parecer: 922.077

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado.

PORTO ALEGRE, 18 de Dezembro de 2014

---

**Assinado por:**  
**MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA**  
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
Bairro: Farrroupilha CEP: 90.040-060  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: [etica@propeq.ufrgs.br](mailto:etica@propeq.ufrgs.br)

**ANEXO 02**  
**Discursos dos atletas**

## ENTREVISTAS ATLETISMO

### Transcrição de Entrevista

**Atleta: 01**

**Modalidade: ATLETISMO**

**Data: 26/02/2015**

**Local da Entrevista: BMF Banespa, São Caetano do Sul-SP**

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Eu comecei a correr eu tinha oito anos de idade, eu tinha vontade de ser atleta, de querer ser atleta. Eu ingressei no esporte paraolímpico em 2005 quando fui na primeira competição norte/nordeste, mas eu entrei na seleção em 2008 para poder ir para as Paraolimpíadas de Pequim e aí começou a minha evolução dentro da seleção e como atleta.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Acho que importante são...claro, a força de vontade que eu tive, de querer ser atleta, independente de deficiência, independente de nada, eu fui como um atleta qualquer a querer ser um grande atleta, mas eu dou importância a minha família, aos meus primeiros patrocinadores, eles que me ajudaram bastante e que me apoiaram quando eu não tinha resultados e foram lá e acreditaram no meu trabalho. Hoje temos uma grande estrutura, mas antigamente eu não tive essa estrutura, eu passei a ter uma estrutura melhor de 2012 para cá, foi quando eu mudei pra São Paulo, aí eu tive uma melhor estrutura mas a questão da estrutura lá no Pará, ainda é muito difícil, ainda é complicado, o esporte não é tão visto, também, então é mais mesmo pela questão dos patrocinadores ter acreditado no meu trabalho. O suporte tecnológico também as próteses que eu vim conseguir de corrida foi em 2008 só quando eu iniciei na seleção então demorou um pouco e aí depois foi um pouco mais um trâmite maior para poder conseguir as próteses para correr, mas já foi melhorando e hoje já tá bem melhor. Em 2005 eu comecei a correr com próteses de andar, próteses do dia-a-dia, então eu, particularmente necessito da tecnologia pra poder correr e naquele momento eu não tinha, então foi bem complicado desde início, mas a partir de 2008 as coisas começaram a melhorar, melhorou porque eu mudei, eu entrei na seleção, consegui as próteses, já fui para as Paraolimpíadas, então as coisas começaram a mudar, os patrocinadores, os grande patrocinadores vieram, então essa foi uma grande mudança na minha carreira.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Claro a questão da infraestrutura, a questão de patrocínio, isso para todo atleta é difícil, para todo atleta é complicado, você inicia no esporte que não é tão visto dentro do seu país, que não tem grandes investidores, que não têm grandes patrocinadores, aí tem gente que tem família, que tem que cuidar dos filhos, tem que pagar escola dos filhos, tem que pegar o ônibus, tem que ajudar em casa, tem que comprar tênis, comprar uma série de coisas, então é complicado o início para todo atleta... na questão do investimento mesmo, a questão de acreditar no atleta. Eu

acho que pode ser melhorado a questão de criar novos centros de treinamento estaduais, criar novas estruturas, ter novas empresas para investir no esporte paraolímpico, no esporte olímpico também, investir na base, trabalhar a base porque um atleta não é feito da noite para o dia, não é feito dois anos, não é feito em quatro anos. Ah, porque vamos ter uma grande competição e temos que fazer atleta! E não é assim. Atleta é 8-10 anos que você leva pra poder fazer então não adianta você chegar: Ah..eu só vou investir hoje nos que estão aparecendo na televisão porque vai me dar retorno. Eu acho que as empresas têm que investir na base, nos atletas que estão começando, em projetos sociais pra tirar grandes atletas, para tirar novos atletas, que além disso você não só está formando atletas mas você está formando uma pessoa, um cidadão de bem que vai ser uma pessoa de bem que vai aprender com o esporte então é a questão mesmo de construir novos centros de treinamento, de ter grandes novas estruturas e tem a questão das empresas investirem na base e claro, investir no esporte.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Ah, os professores educação física e treinadores foram muito importantes, na escola nunca deixei de fazer esporte, na escola eu nunca deixei de fazer aula de educação física, sempre era o primeiro a estar fazendo, a querer participar da aula, na escola os professores nunca...ah porque você deficiente você não fazer a aula. sempre diziam você vai ter que fazer, eu poderia muito bem chegar ao professor e dizer que já faço atletismo eu não quero fazer aula, mas nunca fiz isto, também os professores que eu tive na infância foram muito importantes principalmente de educação física, a minha primeira técnica também foi muito importante para que eu conseguisse chegar em Pequim, chegar no campeonato mundial e aí poder estar chegando hoje na seleção, chegar a ser campeão paraolímpico, campeão mundial, começar um novo trabalho junto ao Amauri então isso foi de extrema importância lá atrás.

**PESQUISADOR: E hoje, você acha que esses profissionais conseguem fazer a diferença com as novas gerações que estão surgindo?**

Sim acredito que sim, claro que é bem difícil, estrutura ainda não tem, investimento ainda não tem, então é bem difícil, minha técnica, minha ex-técnica por uma questão de valorizar mesmo...claro o trabalho dela, toda a tarde ali, é não tem investimento, o atleta precisar viajar e não tem passagem para ir para as principais competições, ela parou de dar treino, hoje em dia ela não é mais técnica trabalha só como coordenadora de esportes na escola, então ela parou de ser técnica por essa questão, o atleta que tinha mais visibilidade no estado era eu e eu consegui ainda um pouco brigar por essa estrutura, mas depois que eu saí de lá fica difícil ... o governo as vezes até quer dar dinheiro a mais, mas o atleta não tem resultado porque não teve, porque quando precisou não teve a passagem, não teve suporte, não tem estrutura e acaba ficando por isso mesmo.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Hoje eu tenho o Ministério do Esporte que vem investindo no esporte há muitos anos, eu entrei na bolsa atleta, na Bolsa pódio, na bolsa atleta entrei em 2009, na

Bolsa pódio entrei o ano passado quando começou, na verdade quando eu voltei de Londres começou o cadastro para poder fazer a bolsa pódio é eu entre na pódio. Eu tenho meus patrocinadores pessoais tenho Nike, Unimed tenho a ORSO que é a da empresa que é das minhas próteses que também eu tenho um valor em dinheiro, então esses são os grandes patrocinadores que hoje ajudam para que eu consiga manter o trabalho, tem a NacionalGas que também é um patrocinador meu pessoal tenho o a prefeitura de Belém que agora também entrou com meu patrocinador então são essas empresas que fazem a diferença para que eu esteja.. que eu tenha condições de treinamento, que eu tenho um melhor treinamento, para poder estar desempenhando minha função que é fazer minhas provas e de alguma forma representando meus patrocinadores também.

Também tem a estrutura né, aqui na BMeF Bovespa, é um centro que o Comitê Paralímpico Brasileiro tem um convênio, que...onde em 2012 eu vim treinar no centro, então, aqui é um dos melhores centros que tem para poder estar treinando para poder estar tendo os resultados...eu também sou atleta do Pinheiros, eu treino no Pinheiros, então lá também tem uma estrutura muito grande de treinamento ... de evolução para que eu possa estar...lá eu tenho uma série de coisas que aqui eu também tenho que eu possa estar trabalhando, que eu possa estar melhorando, então a estrutura hoje que eu tenho, tanto na BMeF quanto no Pinheiros é a melhor possível.

Também tem as Paralímpiadas escolares encontra grandes atletas, encontra novos talentos, eu fui encontrado em 2007 na primeira vez que teve a Paralímpiada Escolar, eu assim como os outros atletas assim...eu digo que eu fui atleta diferenciado porque eu já dei resultado cedo, mas hoje tem atletas que estavam comigo lá na Paralímpiada Escolar em 2007 que hoje estão na seleção junto comigo, estão em campeonato mundial, estão em Paralímpiada, então a Paralímpiada Escolar é de extrema importância para encontrar novos talentos.

**PESQUISADOR: E quais dificuldades?**

Não, eu acho que não, hoje eu tenho uma grande estrutura para estar treinando, infelizmente é só para elite né, mas claro que você precisa ter essa infraestrutura para a base, para as crianças e tudo, infelizmente isso hoje só esta com seleção e com os principais atletas, mas isso poder expandir, ter um centro de treinamento no Norte, vários centro no norte, Nordeste, Centro-Oeste, no Sudeste, no Sul eu acho que vai ser muito bom, assim as novas gerações vão estar cada vez mais presentes nesses centros, o Brasil tem potencial para isso, O Brasil tem dinheiro para isso, a questão é investir, a questão é trabalhar para...as vezes eu fico chateado porque o Brasil em algumas coisas pensa lá na frente mas em outras ele não pensa tão na frente, ele quer um resultado já, ele quer um resultado agora, então, tem coisas que eu fico assistindo televisão ...ah! daqui para 2026 que vai estar bom, a questão da água por exemplo, estão fazendo um tratamento que para 2026 é que vai estar bom, então pensam muito lá na frente, e quando é para o esporte já querem resultado para hoje entendeu, então é coisa que tem que se pensar, acho que tem que pensar um pouquinho mais na frente.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Ah, hoje tá bem organizado, o comitê faz um grande evento, é o melhor evento, é o melhor evento que tem de todos que eu já fui, assim, de federações...já fui em campeonatos na Europa, nos Estados Unidos, os nacionais dele, mas aqui é tudo bem organizado, tudo bem certinho, as categorias e tudo, então, questão de organização no Brasil com o comitê está muito bom, na questão das competições. É possível que novas gerações se formem no futuro, é questão, como eu disse, de valorizar a base, de valorizar os atletas para que eles possam tá dando fluxo no futuro.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Ah, minha vida esportiva está sendo até hoje muito corrida né, eu tenho 22 anos, comecei cedo no Atletismo, consegui resultados graças a deus muito cedo, com 19 anos para 20 anos estava sendo campeão paralímpico, com 21 estava sendo campeão mundial, recordista mundial, então eu vejo que meu trabalho está sendo bem feito com o Professor Amauri, está sendo bem trabalhado para que a gente possa chegar agora em 2015, chegar no Mundial, chegar no Parapanamericano bem e 2016 a gente possa estar fazendo o melhor trabalho e que tenho certeza que eu vou estar bem preparado para representar o Brasil.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 02****Modalidade: ATLETISMO****Data: 25/02/2015****Local da Entrevista: Hotel Mercure, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

O atletismo ele me veio como uma superação com 11 anos de idade foi quando eu descobri a minha deficiência, o meu pai era bem sucedido ele tinha três casas, três carros e até os 11 anos eu vivi toda minha infância normal ..perfeitamente. Era uma criança cheia de sonho e cheia de esperança pela frente, aos 11 anos foi diagnosticado a doença, somos em três irmãos os três filhos e quando o médico deu esse diagnóstico ao meu pai e a minha mãe pegaram eles de surpresa e a minha mãe ficou depressiva ela acabou se isolando num quarto escuro se trancando sem alimentação, meu pai simplesmente se entregou a bebida e eu aos 11 anos de idade tive que ..sendo a filha caçula senti a necessidade de ajudar os meus irmãos, comecei a trabalhar, logo as empresas abriram as portas para mim e tinha uma corrida industriária, uma corrida de rua, foi a minha primeira competição, mesmo sendo deficiente eu corria dentro do convencional, para as pessoas que enxergam, aí fui me destacando e foi onde descobri a competição paraolímpica, e minha primeira competição paraolímpica foi os 20 anos, sem treinamento, e a partir daquele momento onde eu vi pessoas com a mesma deficiência ou com várias outras mais comprometidas que a minha, eu vi que eu tinha possibilidade de crescer e foi aonde que eu assumi a minha primeira responsabilidade como atleta, sem treinador, sem professor de educação física, sem guia, tive várias dificuldades tanto financeiro como apoio até na minha visão, eu sempre me escondia porque como eu tinha um resíduo eu não me aceitava como deficiente visual, as vezes me escondia das pessoas eu colocava um óculos escuro e disfarçava, nunca me admiti que eu era deficiente então isso atrapalhou muito meu crescimento como atleta, meu treinador ele falava e eu não conseguia ver, então não conseguia pegar a técnica da corrida ...mas no início quando eu comecei, eu não tinha treinador a gente dormia na rodoviária, sem alimentação uma dificuldade muito grande, as vezes sem material para treino mas eu sabia que eu tinha um objetivo e um foco para buscar, que com o tempo se eu plantasse eu poderia colher. Depois da corrida da indústria que eu ganhei, a empresa me classificou e eu tinha uma decisão pra tomar: ou seria atleta ou eu começaria a trabalhar como empregado e eu resolvi ser atleta. Eu abandonei o mercado de trabalho e fui atrás do meu objetivo, o meu sonho que era ser atleta e aí eu comecei treinando sozinha, pegando informação de um de outro, pulando de galho em galho, acho que dei muita cabeçada, acho que a vida me ensinou muito, aprendi bastante através de vários sofrimentos, várias dificuldades que eu já passei e hoje a posição que eu ocupo eu tenho dado valor devido ao que eu já passei e venho passando, a experiência que a gente adquiriu.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

O mais importante para mim hoje não é medalha é você superar o seu limite, às vezes nem dando o seu melhor em competição traz a medalha, mas eu acho que você tem que ter um objetivo um foco de busca a partir do momento que você consegue aquilo isso já é o ideal se não for suficiente para ganhar uma medalha

paciência e mais treino. A maior parte fundamental para o portador de necessidade seja ele qual seja sua dificuldade é a sua aceitação, que é difícil e você conseguir se integrar na sociedade, isso eu acho que é um ponto fundamental no qual eu tive muita dificuldade, no qual perdi muito tempo por conta disso.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Sim bastante, a gente se lesiona, se machuca, o risco de lesão é muito grande ...envolve companheiros, envolve estrutura de treinamento, envolve profissionais, isso favorece muito. Hoje graças a deus eu estou no centro da treinamento de alto rendimento, acho que tem sido um dos melhores do Brasil até hoje, graça a deus não tenho tido dificuldade, eu comecei no interior numa cidade muito pequena muito sem informação a gente não tinha todo o equipamento mas como diz aquele ditado não importa a ferramenta o que importa é o trabalho executado a gente não tinha trenó a gente puxava pneu de carro era o mesmo trabalho só mudava a ferramenta então a estrutura para mim ela não muda o seu resultado, o que muda é a sua mentalidade o seu profissionalismo no trabalho executado.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

É fundamental. Acho que todo atleta quando ganha uma medalha ele não se identifica só para ele, acho que é todo um trabalho em grupo, desde todas as equipes, todos os seus amigos, profissionais.. não envolve só o técnico, como fisioterapeuta, massoterapeuta e vários os profissionais que acompanham a equipe. Mas o técnico e os profissionais de educação física tem que ter o mesmo linguajar que conforme para deficiência, eu acho que para o cego um técnico que tenha a interpretação com seu atleta isso é fundamental eu acho que nem todos os melhores técnicos você consegue treinar, a partir do momento que ele tem um linguajar ...que nem eu, eu sou visual, ele trabalha a linguagem visual para mim, por exemplo ele vai ensinar uma técnica de elevação do joelho, pra quem é cega não vai ter essa percepção se é lateral, se é frontal...já um técnico com a linguagem do visual, ele vai te mostrar para você, você vai conseguir sentir no músculo qual que você vai trabalhar na impulsão, isso é muito interessante sempre ele está lendo o que está se passando. E lá no início os professores de educação física não me incentivavam porque eu me escondia, eu escondia que eu tinha deficiência, não entendia os treinos não fazia certo então eles achavam que não tinha interesse eles passavam uma coisa eu fazia outra totalmente diferente porque eu escondia minha deficiência. Hoje minha visão eu tive uma perda muito grande em relação ao passado dois anos para cá no qual me possibilitou de ter tirado toda percepção que eu tinha e me deixou com pequenos vultos, muito pouco, isso dificultou muito porque quando você perde total você consegue concentrar toda sua visão que você não tem na audição e no tato e quando você tem percepção você quer ver mas você nem escuta e nem vê é nem toca, acaba ficando perdida eu acho que eu estou nesse período de adaptação de perda de visão, é muito difícil, você acha que você vai ver e você da as caras e você está trombando, eu estou te amo várias lesões, eu estou vindo de uma lesão agora por conta dessa minha fase de adaptação

**PESQUISADOR: *Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?***

Eu acho quizer você tem um dom uma mentalidade mais madura você sendo bem experiente você tem uma consciência consegue movimentar todas as ações ao seu redor, também temos apoio financeiro, bolsas atletas do governo tanto do governo Estadual, quanto governo federal. Hoje graça a deus o Brasil tem tido os dois melhores anos para o atleta paraolímpico, hoje a gente vai inaugurar em breve um grande centro de treinamento, hoje a gente tem acesso a bolsas, hoje tem acesso a viagens, a gente está treinando, tendo avaliações com treinador que vem dos Estados Unidos, então a partir do momento que a gente tem as informações a gente está buscando mais fora, então o crescimento assim é uma oportunidade muito grande que está sendo bem valorizado.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Também tive analisando e vendo, o Brasil está tendo um maior investimento no atleta paraolímpico, nos estados unidos por exemplo, eles não recebem financeiramente só recebem o título de estar na seleção, hoje um atleta no Brasil hoje tem todo suporte necessário desse estrutura de treinamento, materiais, profissionais para trabalhar com você, todo equipamento necessário, então hoje gente tem uma equipe completa e acredito muito que o time SP vai chegar no Rio 2016 com muito sucesso. Isso tudo te da mais segurança porque você sabe que você está no lugar certo no momento certo e com as pessoas certas, eu acho que o que o atleta precisa ter para ele conseguir render é confiança. você tendo confiança, um objetivo e em um foco e toda essa estrutura que o time SP tem você tem tudo para conseguir vencer.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

O esporte não me trouxe só medalhas, hoje sou a primeira no ranking mundial, então eu não levo isso mas eu levo como pessoa, o esporte ele me mudou completamente e eu sempre trabalhei num grupo de crianças, eu sempre levo isso, o esporte às vezes não traz só medalhas, não traz colocações mas faz um ser humano capaz de superar limites, acho que hoje em dia o esporte te abre um leque pra você escolher a modalidade desde a infância, você pega um grupo jovem você consegue adaptar tirando da droga, da doença, por mais que você não consiga formar um atleta, você formando um cidadão já é um grande resultado.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 03****Modalidade: ATLETISMO****Data: 25/02/2015****Local da Entrevista: Hotel Mercure, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Eu comecei eu estava na escola, meu professor Silvio Roberto ele fez uma palestra sobre esporte paraolímpico, quando ele mostrou os vídeos das Paraolimpíadas de Sydney e de Barcelona eu fui gostando dos vídeos que ele estava mostrando, que foi muito emocionante, aí quando acabou a palestra eu fui e me apresentei para ele, falei que eu era deficiente físico se tinha como eu participar do projeto dele, aí ele me convidou para conhecer o clube, aí lá eu gostei, ele me falou que ia ter uma viagem em três semanas, isso era em setembro, no começo de outubro de 2006 ia ter uma competição que era as Paraolimpíadas Escolares, o primeiro campeonato aí lá ele teve que falar com minha mãe e com meu pai, ele no primeiro instante não deixou, falou que o meu professor Silvio eram um sequestrador, que ninguém conhecia ele, que era para me sequestrar, para levar para outra cidade e aí foi onde que minha mãe entrou nessa história e ela falou que ficava responsável por mim que dava a confiança para o professor Silvio, aí até que meu pai também concordou, depois ele falou: vocês vão sair do aeroporto aqui de Porto Velho ....não, não a gente vai daqui para Fortaleza de ônibus. Aí minha mãe ficou meio que apreensiva, são cinco dias de viagem de Porto Velho para Fortaleza de ônibus. E eu também nunca tinha saído de perto da minha mãe eu estava meio assim, mas eu queria ir, e eu pensei que iria jogar bola, não pensei que eu iria correr para mim era brincadeira, aí passamos cinco dias na estrada de ônibus chegamos lá em fortaleza eu vi que não era futebol era corrida 100, 200 e 300 m aí eu fui correr lá por brincadeira e foi aonde que eu ganhei as minhas primeiras três medalhas de prata e foi aí onde que eu me apaixonei pelo esporte aí quando eu voltei meus pais ficaram muito agradecidos comprovas horas Silvio meu professor agradeceu à minha mãe por ter dado voto de confiança nele ele falou que eu era um atleta que iria me dar muito bem no esporte, aí em 2007 ele me botou no futebol aí eu gostei mais ainda, em 2007, 2008 e 2009 eu fiquei no futebol de sete, aonde eu fui parar na seleção brasileira sub 20 com 15 anos eu viajei para Colombia em 2009, fomo campeões nos Jogos Parapanamericanos Juvenil. Aí quando eu voltei eu pensei que iria ficar no futebol, mas foi passageiro e foi lá onde voltei para o atletismo, aí quando voltei eu ganhei várias provas, fiz até arremesso de peso, mas eu não me dei bem, aí no final de 2011 teve um circuito regional lá em Brasília quando eu vi um amigo meu fazendo salto em distância eu vi que ele saltava bem eu disse isso aí eu estou bem faço eu posso ganhar dele eu acho, aí meu professor disse: vai lá fazer saldo distância. Eu fui fazer o salto distância e ganhei ouro e pronto, aí hoje é nessa prova que eu me destaco aqui no Brasil e fora do Brasil também, hoje eu sou líder do ranking Mundial 2014.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

A família é muito importante por te apoiar, te dar suporte, o professor de educação física ele tem que ter muita paciência ele, ajuda você a melhorar a sua técnica, a sua

deficiência também, para mim antes do esporte a minha deficiência era mais visível, eu tenho paralisia cerebral do lado direito e aí eu cumprimentar as pessoas só com a mão esquerda e depois no esporte eu vi que eu estava errado comigo mesmo, comecei a me soltar mais, a aceitar um pouco mais a minha deficiência e agora o esporte me ajudou a chegar onde estou, estou morando em São Paulo mas eu morava em Porto Velho, treinei cinco anos com o professor Silvio aí lá chegou ao patamar que a minha cidade não mais tinha estrutura, já achegou num limite, ficou pequena onde eu já não conseguia me devolver no esporte e aí eu tive que mudar pra São Caetano aqui pra São Paulo, em função da estrutura, a estrutura lá do estádio em Porto Velho não era boa, só tinha uma pista de barro, eu saltava uma caixa de areia que não era uma caixa de areia, era um improvisado, aí lá no final de 2012 eu tive a proposta de vir para São Caetano, aí fiquei conversando muito com meu professor e aí ele viu que lá eu não estava evoluindo mais e ele me liberou, eu vim para cá em 2013 estou há um ano aqui em São Caetano.

Também é importante você gostar do que faz, se eu não tivesse gostado desde a primeira vez que eu entrei no esporte eu não estaria aqui e antes de entrar no esporte eu cuidava de bicicleta, cuidava de carro, hoje o esporte mudou minha vida, agora é uma profissão mas eu me divirto muito nessa profissão.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

O que dificultou foi só condições financeiras que antes eu não tinha, o meu clube também lá em Rondônia não tem muito apoio do governo e era contra passagem, nós não tínhamos como viajar de avião, nós tínhamos que ir de ônibus mas nem a passagem de ônibus nós tinha que sair pedindo patrocínio e muitas vezes não arrumava, aí me desanimava, mas o meu professor ajudava, tirava dinheiro do bolso dele para me levar para competições isso aí eu vi que ele é um cara muito bom. É isso aí a falta de estrutura lá em Rondônia e condições financeiras foi o que mais dificultou, me deixaram um pouco desanimados mas eu não desisti, graças a adeus e com muita ajuda do meu professor, ele foi muito amigo, um pai bom para mim eu agradeço ao meu professor Silvio.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

O professor e o treinador são os chefes do atleta né, ele é amigo, ele ajuda, ele faz tudo para que o atleta faça o seu melhor, ele passa experiência, passa para o atleta as manhas, os “migué”, ele fala sim se tiver forte dar um “migué” mas não para no meio do treino, termina o treino que você vai ser recompensado à frente, meu professor ele sempre me incentivou na escola, ele falou pra mim não parar a escola para mim continuar indo, se não desse certo no esporte a sua escola estará segura e te dar um futuro bom e melhor, como o esporte ele me apoiou em tudo, na minha decisão pra eu para vir pra São Caetano, se ele falasse pra ficar lá em Porto Velho eu iria ficar, mas ele sabe que já passou essa fase e teve que abrir a asa para o seu garoto prodígio de ele me liberou pra vir pro São Paulo.

**PESQUISADOR: *Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?***

Hoje eu vivo aqui em São Paulo pelo patrocínio da Caixa loterias pelo Ministério do Esporte com bolsa pódio aonde eu consigo me manter bem aqui em São Caetano

não preciso de nada, graças a deus tenho tudo que preciso, isso me faz estar bem aqui em São Caetano. Aqui em São Caetano tem muita diferença lá de Porto Velho a estrutura é uma das melhores do Brasil, do mundo, tem pista indoor e outdoor tem vários instrumentos que lá em Rondônia não tinha, que eu estou tendo a segurança também aqui bem mais seguro do que lá em Rondônia, isso tudo me deixa protegido aqui em São Caetano. Segurança de poder chegar nos Jogos do Rio 2016 num preparo melhor, numa mentalidade melhor, com meu corpo bem, segurança de todos os suportes que eu tenho aqui que vão facilitar que minha técnica se desenvolva até lá.

O que dificulta é a família longe, eu sou bem apegado a minha mãe ao meu pai que eles ficaram lá em Rondônia, isso é uma dificuldade para mim, mas eu estou aqui em São Caetano vai porque eu quero, porque eu tenho um objetivo na minha vida e depois de 2016 eu posso curtir com eles bastante.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

É muito boa, eu não tenho o que reclamar, os hotéis são bons, as competições são boas, a logística que eles fazem é excelente, eu não tenho que reclamar. O circuito nacional acho bem melhor que algumas competições que nós temos fora do Brasil, aqui o CPB leva todas as competições do circuito como se fossem um campeonato mundial, todos os regionais, circuitos nacionais é tudo importante, não tem nenhum que desmereça nada em termos de hotéis e logística é perfeito. Eu só acho que tem muitas competições a fase regional para você pegar índice para nacional, só não é bom porque o índice é muito alto e os atletas que treinam e trabalham tem que dividir em dois para fazer isso e são atletas bons, de alto nível, mas como eles trabalham eles não conseguem pegar esses índices e nem conseguem bolsas, falta uma ajuda do governo da cidade para fazer um Bolsa atleta estadual para poder o atleta somente fazer esporte, como não tem isso é obrigado a trabalhar e fazer esporte e aí dificulta o atleta de alto rendimento subir a sua categoria.

Acho que os valores das bolsas atleta de menor, poderia melhorar, eu já recebi essa bolsa estudantil, antes eu trabalhava cuidando bicicletas então para mim era muito dinheiro né, mas agora como eu cresci, comecei a ter mais gastos, agora a bolsa estudantil eu acho que precisava ser um pouco melhor e a nacional também, se investir mais, vai ser bem melhor que aí você pode deixar o trabalho e só se dedicar ao esporte e a Bolsa Pódio que a mais top eu não tenho que reclamar, ela é muito boa, deixa qualquer atleta numa situação muito boa, mas a bolsa nacional poderia melhorar e com certeza iria descobrir mais atletas de alto rendimento, facilitaria para que o atleta iniciante tivesse uma progressão mais rápida.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não, para mim está tudo tranquilo, eu to gostando daqui, eu já me acostumei aqui em São Caetano, eu gosto do treinamento, gosto do meu professor, que é o Amauri, eu to sentindo que eu estou bem treinado, para chegar em 2015 no Mundial e 2016 as Paraolimpíadas, eu to sentindo que eu estou no caminho certo e é isso aí.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 04****Modalidade: ATLETISMO****Data: 25/02/2015****Local da Entrevista: Hotel Mercure, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

O atleta paraolímpico ele ou nasce atleta paraolímpico com uma deficiência ou eles se torna um atleta Paraolímpico por causa da deficiência mas a minha trajetória no esporte vem desde criança não no esporte paraolímpico sempre pratiquei esporte gostava muito de futebol já andei de skate lutei taekwondo na escola nas aulas de educação física eu jogava volei, handebol basquete apesar de não ter as duas mãos eu sempre eu fui uma criança inclusa na sociedade não foi por causa da deficiência que me fez não participar das coisas ditas normais tenho 27 anos sou natural de Maceió / Alagoas tenho um irmão de 26 anos jogava bolinha de gude com ele, rodava rodava pião soltava pipa andava de bicicleta sempre me diverti normalmente apesar da deficiência cursei escolas convencionais do Estado e quando foi em 2005 quando eu já estava no último ano do ensino médio com 17 anos eu recebi o convite para estar ingressando no esporte paraolímpico uma ex-treina, a minha ex treinadora ela treinava a seleção alagoana na época ainda lá em Maceió ela me viu em um ônibus viu que eu não tinha as duas mãos e me perguntou se eu praticava algum esporte eu falei para ela que eu jogava futebol com meus amigos na rua mais nada profissionalmente ai ela se apresentou falou um pouco do esporte pra mim e me deu um endereço uma simples resposta um sim ou não mudou a minha vida porque na hora que ela me perguntou se eu gostaria de conhecer se eu falasse não eu não estaria nem aqui hoje falando pra você não teria já ganho mais de 170 medalhas que eu tenho ao todo no currículo não estaria prestes a representar o Brasil em uma paraolimpíada aqui em 2016 e esse sim mudou minha vida aí em 2005 minha primeira competição foi um regional, um campeonato nacional em Recife não tinha nem ideia de nada de atletismo nunca na minha vida imaginei ser atleta velocista faço prova de 100, 200 e 400 m e fui lá sem pretensão nenhuma como uma recreação era uma oportunidade que a vida estava me dando aí eu fui lá corri os 100m fiquei em quinto colocado eu estava essa semana eu estava pesquisando no site do CPB a minha, a minha primeira competição esse ano faz 10 anos que eu estou no esporte foi em junho eu fiquei em quinto fiz 11, 12 segundos e cinquenta hoje eu de tênis qualquer hora eu faço essa marca da minha primeira competição ai eu não peguei medalha corri os 200 não peguei medalha fui para os 400 e aí eu ganhei uma medalha de bronze que foi minha primeira medalha até hoje eu tenho guardada ai fui desde então eu vi como é bom você ir lá competir subir no pódio ganhar medalha e assim que eu comecei no Esporte Essa seleção que a tua ex-treinadora treinava era uma equipe de atletismo paraolímpico paraolímpica do estado de Alagoas (interrupção não sei quem foi que interrompeu)

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Não é uma coisa importante você acho que primeiro de tudo você tem que ter uma base familiar boa não adianta você começar em qualquer coisa hoje na sua vida se sua família não lhe apoia como é que você vai dar continuidade em qualquer coisa

seja atleta se você quer (trabalho) seguir a carreira de médico, engenheiro qualquer coisa abrir um restaurante se a sua família não lhe apoia é bem difícil de você dar continuidade no seu sonho. pegar ter bons profissionais te ajudando minha ex-treinadora o nome dela é Valdivera da Silva Campello ela era mais do que uma treinadora era como se fosse uma mãe do atletismo pra mim eu não posso falar que apoio é fundamental porque eu iniciei em 2005 eu passei 2005 e 2006 treinando e não ganhei uma moeda eu gostava daquilo e sabia que quanto mais eu me dedicasse mais eu me destacasse mas eu podia conquistar patrocínios e conseguiria conquistar como toda profissão o seu salário a sua independência financeira lógico que é importante para o atleta começar ter bons materiais porque quem é que vai comprar é importante mais uma base familiar boa ter bons profissionais é o atleta gostar do que está fazendo independente de se ele souber que ele vai ganhar um retorno financeiro ou não porque o atleta não só pode visar o dinheiro ai eu vou ganhar dinheiro faça com que você tenha prazer no que está fazendo porque toda produção de novo não só como um esporte mas em qualquer profissão que acho que você vai estar feliz no que está fazendo acho que são as coisas fundamentais são essas para um início de carreira

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

ai eu já posso tocar na parte financeira eu o meu número é 36 eu calço 36 minha primeira competição eu peguei uma sapatilha emprestada um número abaixo do meu e ficava com o dedo todo encolhido já não tinha o material adequado que não era nem meu era emprestado tive que fazer uma rifa minha treinadora comprou um ventilador pra fazer uma rifa pra mim comprar uma sapatilha (específica) específica para corridas de velocidade mas eu não digo que isso impediu eu continuar foi umas barreiras que tem na vida como você estar, desde que você nasce até o fim da vida você vai ter obstáculos na vida e isso foi +1 dos obstáculos que a vida me colocou que eu fui ultrapassando vendo uma a melhor forma de ultrapassar de não desistir por causa dessas coisas tinha uma suplementação adequada mas eu gostava de fazer sabia o que quanto mais eu me dedicasse quanto mais eu melhorasse meus resultados as coisas boas viriam hoje graças a Deus eu tenho um patrocínio da loterias Caixa desde 2008 tenho apoio do Governo do Estado de São Paulo, Time São Paulo desde o final de 2011 apoio do governo federal conquistei algumas coisa já na minha vida que vai servir para meu futuro e sou grato a isso estou aqui no Esporte com a mesma empolgação que eu tinha 10 anos atrás eu tô tendo agora para conquistar as próximas medalhas (perfeito)

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Você, você acha um diamante se você dão da mão de qualquer um, um diamante bruto uma pedra bruta se você der na mão de qualquer um dependente do profissional ele não vai nem saber o que fazer vai chegar e vai passar pra outro porque ele não estara apto para lapidar o diamante o atleta não é feito sozinho não sou eu que faço a minha alimentação não sou eu que faço meu treino não sou eu que tenho algum me machuco não sou eu que faço fisioterapia na minha perna é um conjunto pega essa pedra bruta que é o atleta e um bom profissional vai saber lapidar vai saber o que vai ser trabalhado para deixar essa pedra em perfeito estado para competir é a forma que eu posso pra quem (perfeito) para quem vai ter lendo

vai entender melhor (perfeito, perfeitamente a importância que tem profissional e o treinador) aham (mas desde seu, quando você estava na escola seus Prof educação física sempre te incentivaram a praticar esporte) sempre e eu fazia com que eles, que eles me incentivassem não é porque eu não tenho as duas mãos que eu ia ficar me escorando na deficiência há eu não posso fazer isso há eu posso fazer aquilo há eu não, eu quero fazer eu vou fazer eu vou dar meu jeito mas eu vou fazer tudo eu faço com as duas mãos jogava handebol todo mundo joga com uma mão só lógico que eu não posso fazer milagre nem vou colar a bola no braço eu pegava com as duas mas tudo se adequando à minha deficiência (sim) eles sempre me incentivaram sempre gostei de praticar esporte aí o atletismo paraolímpico foi uma coisa que veio para somar minha vida na época eu já tinha esse pensamento só depois que eu conheci pessoas com deficiência só depois que Esporte entrou na minha vida que eu já tinha a cabeça assim formada tranquila da questão da eficiência eu encaro assim se você tiver na rua vai ter gente alta baixa gordo magro branco negro vai ter gente com mão e sem mão eu sei que sem mão vai ser mais difícil de encontrar mas vai ter pô entendeu isso não é uma coisa de outro mundo uma hora ou outra vai nascer mais gente sem as duas mãos igual a mim não é coisa de outro mundo é só uma deficiência um detalhe que eu nasci (perfeito tudo pode ser superado) e deve ser superado (deve ser)

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

olha hoje um dos grandes marcos que o esporte paraolímpico teve foi a criação do time SÃO PAULO o Geraldo Alckmim com a secretaria da Pessoa com deficiência Alinamara fizeram esse projeto que realmente os melhores atletas do Brasil aqui em São Paulo para estar representando o estado em contrapartida eles o estado nos dão suporte suficiente para estar treinando hoje a gente tem pista de atletismo adequada tem médico fisioterapeuta psicólogo nutricionista a gente não tem nada que você fale assim tá faltando um profissional porque sabe que o estado está dando esse suporte o que eu acho uma pena é que esses projetos só tem em SP e tem um parecido no Rio de Janeiro e os outros atletas quantos talentos tem aí perdidos no meu próprio estado lá no Norte, Sul, Sudeste CentroOeste que não tem um projeto desse não tem um apoio suficiente para estar ingressando no esporte isso não é só no paraolímpico não isso é no esporte em geral em todo Brasil quem quanto mais incentivar a prática esportiva quando eu falo em incentivar a prática esportiva não é o governo pensando há eu quero formar atleta de alto rendimento não é formar um cidadão o menino está lá estudando vamos supor de manhã à tarde ele não tem nada pra fazer vai ficar ocioso se ele pratica um esporte se ele for um atleta deficiente ele não tem uma mão à tarde ele vai começar a praticar Esporte vai começar a quem sabe se espelhar poxa o Yohanson a mesma história de vida minha ele conseguiu conquistar isso porque eu não vou conseguir também (exatamente) entendeu e já tem pelo menos uma perspectiva melhor de vida não ele foi campeão mas aquele pensamento ele conseguiu conseguiu superar os obstáculos as barreiras apesar a deficiência eu vou conseguir também eu vou conseguir meu emprego vou conseguir me formar vou conseguir estudar vou conseguir realizar todos os meus sonhos por isso que é importante a prática esportiva hoje no Brasil. Quanto mais o governo incentivar mais atletas vão surgir e formar personalidades formar uma visão diferente da vida de lá em busca que você tem um sonho se você acreditar nesse sonho você vai conseguir.

De um modo geral ou aqui (geral) o que dificulta permanência eu não sei, eu não sei responder porque lesão pode acontecer isso é normal lesão pode acontecer a qualquer hora há o cara lesionou vai não vai poder mais praticar esporte, esporte é competitivo cada ano que passa desde 2005 todos os anos as marcas estão cada vez mais ficando mais fortes e estou sempre treinando, treinando para acompanhar essas marcas ano após ano é mais difícil de se manter no topo isso não é empecilho isso é +1 desafio eu não sei como uma coisa que eu possa falar que é um empecilho para o atleta terminar porque se ele já é um atleta pode ser o apoio se ele atingir uma determinada idade ele começa a praticar esporte com 16 quando ele tiver com, com uns 20 anos já ele vai querer ter seu dinheiro vai querer sua independência e se ele não tiver nenhum apoio financeiro é complicado ele continuar e é complicado também ele arrumar um emprego para trabalhar em um horário e treinar em outro acho que esse seria o principal ponto (é) em que o atleta fosse parar (sim é) fosse o apoio financeiro (o suporte financeiro ele facilita para se manter) claro (e dificulta também para não continuar se mantendo) aham (exatamente perfeito)

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Desde a base eu vejo muito bom porque o trabalho que está sendo feito hoje não é pra hoje é para 2020 em Tóquio 2024 não sei aonde vão ser os jogos então esse trabalho que está sendo feito eles estão vendo a longo prazo está sendo construído um centro de treinamento aqui em São Paulo o Centro de Treinamento não é para o jogo de 2016 é um legado que esporte Paraolímpico deixa é o que os atletas hoje estão fazendo deixa para as próximas gerações, eu vejo uma organização muito boa não tenho nada que reclamar do CPB (perfeito e em relação as seleção, a seleção de jovens e as paraolimpíadas escolar qual a sua opinião sobre essas competições) a competição fala por si só vamos ter eu o campeonato para pan-americano em agosto vamos ter o campeonato mundial em novembro principalmente no parapan eu não tenho dúvidas que a delegação vai ser formada por atletas da seleção principal e de jovens hoje os atletas da seleção de jovens tem resultados suficiente já para estar integrando (a principal) a principal não está mais por idade para ainda não ter tanta pressão de estar em uma seleção principal mas isso é bom porque sabe que quando eu parar vai ter atletas do mesmo nível que vai dar continuidade no trabalho que eu fiz fui medalha na minha primeira paralímpida em Pequim fui medalha de ouro em Londres vou querer buscar minha medalha em 2016 em 2020 vai ter outro atleta tem o nome dele é Petrucio ele é da Paraíba ele é um atleta jovem corre muito o menino que eu sei que ele que vai dar continuidade lá em levar o nome do Brasil na categoria t46 nas provas de velocidade isso eu ficou feliz e pra você ver como é que são as coisas 2004, 2000 teve um atleta da categoria t46 que foi medalha em Sydney ele é de Brasília Antonio Delfino em Atenas ele foi medalha de ouro em Pequim eu fui medalha de bronze em Londres eu fui medalha de ouro 2016 provavelmente vai estar eu e o Petrucio e eu não sei se eu vou estar correndo em 2020 mas ele vai dar continuidade olhe só de 2000 em Sydney até 2020 de certeza ele vai estar 2024 vai estar apto ainda a correr olhe quantos anos se

passaram e só nesta categoria vem dando continuidade na categoria t46 isso eu acho muito bom lá eu já aposentado mas eu torcendo há eu corri com ele (sempre um atleta com chance real) isso (de conquistar o primeiro lugar sempre) haha isso é (e não só numa categoria) não eu dei um exemplo na minha categoria mais tem n categorias ai que podem tem uma menina chamada Talita Vitoria ela de natal menina novinha ela é da categoria t11 feminina cega velocista oxe eu apostava minhas fichas que ela vai estar brilhando em 2020 (legal, muito massa e vai estar) vai (com certeza)

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Assim falar de um modo geral não só para atletas mais pra quem vai estar escutando ou lendo esta mensagem que qualquer sonho que você tenha se você acreditar que você vai realizar esse sonho você vai conseguir eu dô, eu faço algumas palestras e sempre falo gosto de dar exemplos se eu chegar pra você agora e falar assim eu vou competir em 2016 mais eu não sei se vou ganhar que está difícil vai estar muito competitivo você vai sair daqui nem confiando tanto que você vai ganhar medalha eu tenho que chegar aqui eu vou treinar vou dar o meu melhor eu tenho certeza que em 2016 eu vou estar na minha melhor condição física vou lutar por aquela medalha com unhas e dentes e tô empolgado to motivado a brigar pela medalha já é outro discurso já é outro pensamento você já está com vontade de realizar aquele sonho você tem que pensar isso tudo na sua vida por isso que eu digo você tem eu tenho uma pessoa tem um sonho de realizar ter a casa própria há é difícil tudo difícil tudo é minha gente na vida você vai ter dificuldade se você tiver as mãos ou não você não tem dificuldade (sim, com certeza) e você aparentemente não tem deficiência nenhuma (exato) não é porque não tem as duas mãos que não vou ter dificuldade (exato) mas nem por causa disso eu deixei de dar uma casa a minha mãe, dar um carro a minha mãe ter minha casa própria lá em Maceió ter comprado um apartamento aqui em SP minha esposa está fazendo faculdade de fisioterapia eu só não fiz a minha faculdade ainda porque o Esporte de Alto rendimento ele lhe tira todo o tempo (é dedicação) é treino você tem que viver exclusivamente para Esporte o treino de manhã de segunda a sábado os dois períodos você chega a noite você só tem animo para não é nem descansar é recarregar as baterias para no outro dia (estar 100%) mas eu sei o quanto é importante que é o atleta ser formado porque se eu quiser continuar dar continuidade no projeto lá da minha cidade de descoberta de talentos hoje eu tenho a parte prática mas também eu sei o quanto é importante você ter a prática teórica ai eu que conciliar as duas coisas mas depois que eu terminar a minha carreira eu tô com 27 anos acho que ainda vai dar tempo para fazer a minha faculdade e está descobrindo alguns talentos no meu estado (perfeito muito obrigado) vou deixar um versículo que eu gosto (diga, fica a vontade) Filipenses 4:13 fala eu posso todas as coisa naquele que me fortalece Deus me colocou no mundo sem as duas mãos não foi para ser um derrotado mas pra ser vitorioso um vencedor (muito bem, obrigado

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 05****Modalidade: ATLETISMO****Data: 26/02/2015****Local da Entrevista: BMF Banespa, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

O meu ingresso tudo começou em 2002 quando eu tive descolamento de retina nos dois olhos e aí eu passei por uma fase difícil entre 2002 e 2003 com várias cirurgias, tentativa de recuperar a visão e nada e onde que eu tinha um amigo meu em Rondonópolis que tocava viola, violão ele tinha uma banda de cegos e esse cara falou pra mim que existia esporte para cegos e na época quando ele me falou isso eu brinquei com ele quando ele falou comigo que existia futebol para cegos aí eu falei moço você tá de palhaçada male e mal eu sei andar, você vai falar para mim que cego joga bola aí você está de palhaçada comigo que nunca sabia que tinha Esporte aí ele falou vou te levar você lá e ele era da seleção brasileira de futebol de cegos aí eu fui pra Cuiabá para mim ver um jogo com ele e aí quando ele mostrou a bola que a bola fazia barulho há aí então aí é fácil para eu jogar também, fazendo barulho no primeiro dia que eu fui fazer o teste com ele lá jogando a bola o professor jogou bola pra mim eu corri pro lado do alambrado quando eu corri para o lado do alambrado eu bati no alambrado e quebrei o nariz e aí eu fiquei esperto foi a primeira vez que eu bati a cara no nariz e aí onde eu comecei a fazer o Esporte eu comecei a entrar no futebol e gostei e comecei a gostar do esporte comecei a fazer o futebol e aí gostei aí vi que era um outro mundo que eu ia treinar bastante pra mim viajar bastante, conhecer alguém e aí eu comecei a falar eu vou fazer esporte não queria ser mais um cego qualquer queria ser um cego diferente então todas as modalidades que eu fiz eu queria ser o melhor e aí no futebol eu jogava bem portanto desde o futebol pessoal falava que eu enxergava e aí foi do futebol como era grupo e acabei saindo do futebol porque comecei brigar demais com os parceiros que nós íamos para o campeonato os caras ia beber pinga, ia tomar cerveja e aí no dia do jogo os caras estavam todos ressaqueados então eu não gostava que eu era bem profissional nesta parte aí eu mudei para o goalball em 2005. Comecei em 2004 no futebol, mudei em 2005 para goalball e no finalzinho de 2005 eu recebi um convite do chocolate para fazer parte do atletismo (o famoso chocolate) e aí onde eu falei mas aí eu não entendi eu te guio enquanto você estiver na seleção brasileira se você for convocado pra seleção brasileira eu continuo treinando você então fechado meu pagamento vai ser como tu estiver na seleção brasileira e desde 2005 que eu comecei a treinar finalzinho de 2005 eu fui para o meu ultimo mundial minha última competição no goalball e depois eu comecei a treinar em 2006 para o Mundial em Arnheins com seis meses de treinamento eu consegui o índice para ir para o Mundial em Arnhein e foi legal me frustrei bastante no mundial em Arnhein porque era minha primeira competição estava com uns

tempos muito bom no Brasil só que quando eu cheguei lá a realidade era outra quando eu treinava em Cuiabá eu não tinha condições de treinamento, não tinha uma sapatilha, minha primeira sapatilha eu comprei do chocolate dividi em 10 vezes para mim pagar e ai tive fratura por stress nas duas tíbias então não tinha condições para você ter uma noção eu almoçava no lugar de um real onde que tinha aqueles ganha tempo de um real e a noite eu comia banana com farinha porque era a única coisa que eu tinha a noite eu tinha que pagar aluguel tinha que morar então acabei fazendo isso então não tive apoio nenhum e comecei a treinar treinei e me machuquei muito em 2006 em 2007 eu fiz uma opção de sair de Cuiabá e ir pra Curitiba que eu recebi um apoio melhor lá pelo menos o cara me dava comida e moradia em Cuiabá eu não tinha isso eu tinha que pagar tudo ai mudamos eu e chocolate fomos pra Curitiba ai começamos a treinar ai meu treinador eu tinha conhecido o Amauri em Arnheim e perguntei a ele se me treinaria se ele me cobraria pra treinar ele disse que não ele treinaria eu se eu fosse pra lá ai eu saia de Curitiba para Joinville todo dia para treinar fiz isso até novembro e ai em novembro quando eu fui para o mundial aqui em 2007 em São Paulo no mundial da ibsa mundial de cegos onde eu consegui cinco medalhas de ouro três nas prova dos 100m e duas nos revezamentos com dois recordes mundial e em 2007 em seguida fui para o panamericano foi onde que eu explodi e bati o recorde mundial das Américas ganhei as três medalhas consecutivas 100, 200 e 400 e comecei a treinar e ai faltava o que todo mundo sonha a medalha de ouro na paraolimpíada (exato) e onde que eu consegui a medalha de ouro na paraolimpíada que eu sou hoje o único atleta do Brasil a ter três medalhas em jogos de edições 3 medalhas de ouro em uma edição só nem Joaquim Cruz nem o Bolt ninguém teve, teve no revezamento mas na individual ninguém teve e ai eu consegui um feito infelizmente não consegui recorde mundial nos quatrocentos metros porque meu guia estava machucado e eu tive na final dos 100m uma gripe, uma febre grande em Pequim mas superei e daí continuei treinando só que hoje a grande dificuldade hoje é essa se manter no seu nível de treinamento.

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

A base, a base é fundamental infelizmente hoje o Brasil não tem isso nem no Paraolímpico nem no Olímpico infelizmente (não podemos dizer que o CPB está mudando essa) tá mudando mas a mudança é ilusória entendeu, você não pode pegar um atleta tirar ele da casa dele falar que vai dar tudo aqui chegar aqui você não tem tudo pode mudar em 2016 isso pode vir a mudar mas não acredito muito eu acho que em cada estado deveria ter um polo a diferença, a diferença hoje de ser um grande atleta é você ter a estrutura na sua cidade não é a estrutura dentro de uma seleção brasileira porque quando você chegar na seleção brasileira, quando você já está no auge você tem que manter o que você já fez mas pra você chegar nesse caminho é onde que o atleta se desgasta mais é onde você se machuca é onde você se estoura eu eu falo pra você no meu caso em 2006 se eu tivesse uma

orientação tivesse uma condição tivesse um fisioterapeuta tivesse uma estrutura entendeu eu tive fisioterapeuta em 2007 tive um nutricionista em 2007 mas eu tive de amigos que era amigos de Medico tive médicos que me ajudaram que eu não pagava nada so que eu não podia cobrar nada deles também (exato) entendeu então hoje um ponto que eu falo pra você hoje qual é o nosso maior erro hoje que tem as universidades hoje do Brasil tem a faca e o queijo na mão mas você não vê nenhum deles fazendo algum benefício para o atleta hoje você vê hoje nutricionista se formando nas faculdades mas você não vê nenhum trabalhando com atleta de alto rendimento e tem entendeu hoje você vê fisioterapeuta se formando dentro de uma faculdade e você não vê ele trabalhando com o atleta de alto nível hoje você tem um professor de educação física se formando na universidade e você não tem um atleta de alto nível como é que você vai passar um conhecimento para uma pessoa que você está ajudando sem que ele nunca teve a prática. hoje eu te faço uma pergunta você acha certo você pegar um jovem hoje e levar para uma paraolimpíada para ver como é o estalo no mundial numa competição junto com o adulto você acha certo ou errado? muita gente fala que é errado que se o atleta perder ele vai se frustrar, não quando eu fui para o meu primeiro mundial eu achei que eu ia ganhar perdi nas três provas voltei pra casa injuriado porque não gostei de ter perdido entendeu e ai porque, porque você já não vivência esse atleta já leva ele com intuito dele ir treinando dele ir correndo para ele saber que a dificuldade ele vai enfrentar no alto rendimento (exato) que ele vai entrar lá você vai correr relaxa não importa a medalha pra você pra você vivenciar o momento entendeu hoje eu falo pra você que hoje Brasil hoje, você fala o Brasil é a quinta potência do mundo por causa que os atletas são guerreiros entendeu porque infelizmente hoje, hoje aqui a situação aqui para os atletas da seleção que vão disputar as olimpíadas no Brasil nos temos um fisioterapeuta pra 16 atletas (é muito pouco) nós temos um treinado e uma auxiliar técnico entendeu na seleção brasileira é a quinta potência do mundo ai você fala pra mim e aí nos temos uma pista que presta para treinar esta pista lá nos EUA em outro lugar do mundo com um ano eles trocam de pista só que está aqui está a 30 ai que está se você andar nela você vê os desníveis ai você fala como você sara de uma lesão treinando numa pista destas (interessante essa, essa percepção)

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Sim cara a maior dificuldade foi a financeira por eu não ter condições de eu comprar um suplemento de comprar um tênis bom ideal hoje eu falo pra você, você não precisa dar o dinheiro para o atleta tá aqui 50000-100000 na mão dele você tem que dar o que ele precisa é um tênis bom, uma alimentação boa um sono bom um descanso entendeu hoje o que eu brigo com Ciro brigo com os cordenadores hoje entendeu nem todo atleta é igual eu mais porque eu falo olha o tempo que eu perco eu chegou aqui às sete horas da manhã eu sai daqui uma hora porque só tem um fisioterapeuta então cadê meu descanso ai eu tenho que estar aqui as três horas da

tarde de novo e onde está seu descanso onde você se recupera para o alto rendimento porque você dá pancada todo dia (é) ai você fala mas nos estamos tentando então calma ai então a gente não pode falar hoje no Brasil que nós temos condições de brigar pelo primeiro lugar se você vai lá fora nos fomos no centro de treinamento da França lá o atleta ele tem uma profissão além dele ser atleta ele estuda ele faz as coisas lá tem a recuperação quando ele se machuca ele passa todinho no sistema todinho entendeu para ser avaliado pra depois chegar num ponto e falar não poxa ele está apto a fazer o treino o que hoje eu falo pra você o que foi mais errado da minha carreira quando eu comecei porque eu não tive uma pessoa pra me orientar nos treinamentos (a técnica do atletismo) a técnica entendeu eu, pô eu mesmo machucado quando eu foi campeão em Londres, em Pequim, na paraolimpíadas em 2008 eu tive uma pubalgia estava com estiramento de grau três no adutor, no adutor magro ai fui Campeão mas será que isso não poderia ter evitado se tivesse pessoas certas momento certo tudo muito certo hoje eu falo pra você de uma coisa que eu fico indignado nós temos várias faculdades hoje boas no Brasil várias entendeu o que acontece, alguém chegou ai (é), o que acontece as faculdades hoje podia fazer uma parceria pô nos podia ir treinar em uma faculdade pega lá os caras tem aparelho de vô stress, lactato, fazer estudo pô o nós estamos estudando o cara a 30 dias dando um tiro de manhã, de tarde, de noite pô o prof você tem isso aqui você que é bom você da ferramenta para o treinador, não tem isso cara no Brasil infelizmente hoje não tem isso você só da pancada com o atleta machucada vai para Fisioterapia fica lá 30/40 volta de novo pancadas de novo e aí o que que ta sendo errado o treinador ou o atleta?

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

100% mas ele tem que ter as ferramentas de trabalho hoje sem um treinador bom que conheça atleta igual eu falo hoje meu treinador o Amauri é meu pai pra mim é um amigo meu companheiro e eu chego mesmo eu tô bem não tô ele já me conhece hoje vc não tá bem não vai fazer isso não sai vai fazer outra coisa relaxa que ele sabe quando eu estou com a cabeça centrada no treino eu treino bem eu rendo bem e quando ele sabe que as coisas do comitê incide parte de atleta que eu fico indignado de ser atleta não o Lucas Prado de ser atleta entendeu e isso daí pra mim que estressa entendeu porque nós somos alto rendimento não somos categorias de bases (exato) entendeu então cade? igual eu falo eu falei pro Ciro entendeu ah se um dia um jornalista me perguntar como que está sendo vai é mentira é ilusão hoje nós não temos estrutura nenhuma hoje aqui infelizmente é tudo mentira é tudo mentira essa ilusão que tem que se você ficar aqui durante 30 dias é mentira.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Rapa o governo eu acho hoje, acho que se deveria ser de berço infelizmente a nossa educação hoje é como que eu posso falar um termo bonito pra não ficar feio a educação nossa hoje é tipo assim é cada um por si e Deus por todos ninguém pensa em coletivo e que o esporte em si hoje é coletivo entendeu porque que hoje o Brasil ah é futebol futebol, o CT, os clubes têm seus treinamentos o que eles ganham por isso mas isso o governo ainda não está ganhando porque eles estão vendados porque eles acham que o Esporte eles Vão fazer investimento não vai ter retorno cara hoje o Brasil se você for pegar atletas ai porra você ve o Wanderley de onde que veio agora você imagina se esse cara não tivesse uma estrutura bem antes, bem antes dele começar a sofrer lá o cara seria três vezes campeão nas Olimpíadas (exato) entendeu tivesse uma suplementação uma comida e aí eu falo pra você quem esta errado é o governo é quem, não o governo manda o dinheiro pro Comitê Olímpico ala o Zanetti teve oh, a briga que quando ele foi na imprensa dos colchão os caras tavam treinando dentro de um galpão com uns colchão velho e se improvisando e o dinheiro já tava um ano na mão do, do cara (do cara) do comitê Organizador do do cob e aí quem é que é errado nessa história que alguém que está errado nessa histórias é o dirigente é os comitê entendeu então isso que é onde que eu falo porque quando tiver uma, o dinheiro de governo envolvido os caras não vai falhar quando tiver empresas particular igual o BMF é empresa particular ela compra seus seus materiais ela investe nos seus atletas entendeu pronto ai você vai acabar com essa briga entendeu terceirizar o serviço oh eu não posso tomar conta entendeu.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara em qual aspecto da organização (em geral) geral (geral) cara eu falo pra você evoluiu muito, hoje é o movimento paraolímpico de 2008 de 2006 a 2012 mudou muito tem como melhorar bastante, tem hoje as pessoas capacitadas hoje o Andrew foi um cara que revolucionou muito o comitê paraolímpico tem uma visão aberta só que tem uma visão aberta só que ele não tem apoio entendeu hoje o que se fala hoje em comitê paraolímpico se fala em política (exato) entendeu porque o sonho do Andrew pô é fazer uma puta de um centro de treinamento e bota todo mundo lá pra treinar mas isso não vai resolver vai sair e vai ser inaugurado o centro de treinamento paraolímpico mas você acha que vai isso vai resolver um centro de treinamento e as pessoas que estão lá no nordeste e as pessoas de que estão lá em Cuiabá e as pessoas que estão em Porto Alegre (exato) e aí me fala isso é a cura para o movimento paraolímpica não é (não, não) você tem que ter o que, se tem que ter vários pólos entendeu bota todo mundo quando achar, cada Polo tem seu núcleo e cada núcleo tem seus profissionais entendeu e ali quando descobrir um opa esse daqui oh, esse daqui ta bom esse daqui nos já não consegue mais evoluir ele então vamo mandar para o outro lado entendeu (sim) isso seria a ferramenta ideal é o sonho de todo atleta entendeu categoria de base em escolas cadê cara isso nos estados unidos quando cara já vai pra escola quando vê eles na escola já

tira o cara já tira da escola já vai pra opa vem cá meu amigo vou te dar uma bolsa de estudo vou te dar isso vou te dar aquilo não é dinheiro não que já vi já conversei com vários atletas dos Estados Unidos eles ganham uma bolsa de estudo não pagam a faculdade ganha 500 reais entendeu \$ 500 (desculpa Lucas interrupção - é a última pergunta ja, ja estou liberando, é, última, blza) e aí o que acontece isso não temos que mundo que nos estamos vivendo a os outros falam hoje é o governo é o culpado o governo não é o culpado cara o governo manda o dinheiro nós que somos os ocupados que não investimos nos lugares certos nós somos errados o que é eu vou tirar o dinheiro dali e vou colocar em outro lugar isso se chama um roubo não sei qual é a palavra que é entendeu que dinheiro nós temos só que não chega se você perguntar e aí eu fiquei puto quando cheguei de 2008 o nuzman chegou e falou pro Presidente Lula falou bem assim o Brasil só investiu 80 milhões de dólar e eu falei e não ganhou cinco medalhas de ouro no Olímpico agora se me fala 80 milhões de dólares foi investido durante o ano entendeu pra onde que foi esse dinheiro (é verdade) sendo que você não tem um centro de treinamento você não tem um centro especializado quando você se machuca quando vocês se rebenta quando você faz alguma coisa você não tem isso então isso para nós é a perca é onde que o Brasil, o Brasil tem potência o Brasil tem dinheiro só que nós não tem cabeça a palavra-chave de tudo isso nos não temos cabeça para organizar isso tudo a parceria com faculdades boa seria coisa legal hoje eu falo uma coisa pra você que o Irineu está fazendo abrindo a porta dele para nós ir lá fazer pô Irineu (quem) o Irineu (da onde) Loturco do nar entendeu (a do nar, tá) entendeu pó um trabalho legal que o cara está fazendo cara excelente mas se consegue treinar todo dia lá com ele não dá e aí eu falo pra você pô o cara tem as boas intenções mas o cara não tem uma estrutura para te acompanhar aqui para te acompanhar aqui te acompanhar ali entendeu (perfeito) o cara não tem isso pra mim e hoje eu falo no Brasil hoje se hoje nos quisermos ser a potência número um do mundo hoje nós é quinta, é a quinta porque todo mundo é guerreiro, a quinta porque cada atleta tem sangue no olho não é porque fulano é o comitê está fazendo isso ciclano está fazendo aquilo Beltrano está fazendo aquilo não porque porque cada atleta é determinado nós brasileiros somos determinado só que nos tem que ter estrutura a determinação chega a um ponto porque que tem hora que o atleta para de render fica lá pro canto jogado, joga pra lá esquece o que ele já foi na vida porque os cara vê que a gente já não tá mais dando mais dando não tá dando não é porque o atleta não quer é porque não está tendo as condições de recuperar o atleta mais entendeu esse é o ponto chave hoje do Brasil e falo pra você pode contar no dedo cinco medalhas de ouro nos Olímpicos é os jogos nós vamos fazer festa para os outros não pra nós porque hoje nós estamos em vésperas das Olimpíadas e se fala para mim quantos centros de treinamento o Brasil tem quantos Polo treinamento tem hoje quantos atletas da base tem hoje investido no Brasil o Brasil foi pro mundial ano passado de jovens quantos foram medalhistas (é) rapaz tem atleta aqui que tem chance igual vou vou citar o Thiago o Thiago que é o fundista e é um menino ai você fala assim pra mim um guri desse já não deveria ter separado ele, separado ele colocar num grupo dar uma atenção pra ele está esperando o guri se estourar todinho primeiro para começa a

ajeitar a vida do guri (é verdade) e ai te deixa pergunta pra você ai quem aqui que o vilão dessa história o governo ou é os órgãos responsáveis todo mundo até os atletas fazem parte porque se os atletas fossem unidos todos eles parariam e na hora e não vamos reivindicar a melhoria de todo mundo (perfeito Lucas muito obrigada pela tua participação) eu te que te agradeço parceiro (fico extremamente agradecido por isso e sucesso boa sorte) e se precisar aí pode mandar pro e-mail adiciona no Facebook lá faltou alguma coisa faltou uma pergunta.

**PESQUISADOR: *Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?***

Não, tudo ok.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 06****Modalidade: ATLETISMO****Data: 25/02/2015****Local da Entrevista: Hotel Mercure, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Meu ingresso no esporte paraolímpico foi no ano de 2005 antes disso eu sofri um acidente na empresa em que trabalhava em 2003 eu sofri o acidente já era atleta assim eu fui perdendo o movimento da mão e eu estava treinando bem para ir para uma maratona tentar ir na época pra San Domingo e quando eu sofri esse acidente eu vi tudo aquilo que eu estava preparando ir por água baixo ai eu que trabalhava, treinava e estudava de repente me senti inútil, porque não podia nem ir para o trabalho, nem treinar e (nem estudar) nem ir para o estudo e o pior de tudo o meu sonho eu estava vendo que estava acabando ali então entrei em quadro de depressão aumentei mais de 12 quilos e fiquei uns quatro meses parado então foi aonde que a minha família começou a me incentivar a voltar, os meus amigos, o meu técnico começou a ir lá em casa para me estimular para eu retornar devagarzinho, uma caminhada, uma corrida então isso foi em 2003 quando eu tomei a decisão que eu voltei a correr todo mundo pegando no meu pé olha você pode ser um Paraolímpico só que eu não me via como atleta Paraolímpico porque a vida toda competindo como atleta convencional, eu comecei no esporte e depois fui pro atletismo e eu não me via como a atleta Paralímpico por isso não que eu tinha preconceito pelo contrário eu sempre admirei (exato), achava bonito a superação deles então tanto o meu técnico ou atleta pegar no meu pé um 2005 ou procurei uma Associação não era a ATAP era a ADEFEGO em Goiânia e falei né que eu era atleta que tinha sofrido um acidente se tinha como eu estar me associando ali e como é que eu fazia também para participar do esporte Paralímpico ai o pessoal me apresentou a Associação, tudo e começou a falar tudo direito sobre a deficiência lá na associação e falou não nós vamos te inscrever no circuito na época loteria caixa que era no Rio de Janeiro em agosto de 2005 então eu fui para essa competição (primeira competição paralímpica) primeira competição paralímpica era a nacional e só que eu tinha que passar por uma classificação, essa classificação era uma classificação nacional eu fui e fiz a classificação deu certo (você foi elegível) isso aí eu competi nos 800, 1500 e 5000 metros ganhei um bronze uma prata e um ouro nas três provas então foi uma volta alegre (concerteza) aí começou minha vida como a atleta Paraolímpico em 2005 agosto de 2005 e no decorrer do ano no final do ano eu tive uma convocação para o Mundial (em 2005 mesmo) eu não me lembro exatamente acho que foi em 2006 que eu tive uma convocação para o mundial da Holanda em Arhein, só que chegando lá em Arhein aí eu teria que passar pela outra (classificação internacional) internacional então eu fui pra classificação só que eu passando por esta classificação aí deu como (inelegível) é isto, então era um sonho meu estar ali representando o meu país estava bem treinado para competição e de repente eu tive o acidente em 2003 foi uma pancada para mim, para mim tudo tinha acabado e de repente acende uma luz aí eu vou pro mundial na Holanda então o mundo cai em cima de mim de novo então ali pra mim pra mim tá sendo o fim eu tava tão motivado a correr pela primeira vez no Mundial (Internacional) internacional representando o Brasil, a nossa nação e de repente não, não pode mais só que aí na época o Andrew Parson que é nosso presidente ele era o chefe da delegação ele

falou Tito o que depender de nós vamos correr atrás nós vamos entrar com um protesto e vamos lutar mas se ele manter a mesma opção aí não tem como nós fazer nada mas nós vamos pelo menos correr nos vamos lutar, pelo que nos vemos, nos achamos que você é assim (exato é) então entrou com o protesto mas isso já tinha meu psicológico foi já fui lá pro meu quarto não sai mais do quarto me isolei, entendeu e a lágrima descendo foi difícil e os amigos, companheiros tentando passar apoio (força) eu ouvia mas estava longe de tudo então quando eu fui para passar novamente pela reclassificação pela segunda vez na segunda mesa de classificação (na mesma competição) na mesma competição que eram outros (classificadores) classificadores que não poderia ser o mesmo porque entrou com o protesto aí eu passei aí reclassificação foi mais criteriosa (exato) demorou bem mais assim, foi bem mais detalhado do que a primeira então eu não entendi o que os caras falavam, inglês e tal e eu ficava perdido o classificador falando não que eu era elegível o Ciro, o Andrews, o Tubiba tudo lá na sala eu acho que ele tentou passar uma coisa assim, fez aquela careta não você vai poder competir participar (participar não competir você estava falando) competir aí rapaz eu me segurei na hora minha vontade era de pular naquela sala sair correndo mas me segurei sabe falei pô legal tal obrigado não que não que eu tinha que pedir obrigado mas de certa forma (é um alívio) alívio (voltar a se tornar elegível) isso então cara foi aí que realmente começou a minha vida paralímpica no esporte e aí eu tive que me acelerar pra me recuperar o psicológico tudo né.

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

E dentro deste período Tito que que você considera mais importante para seu início na vida esportiva paralímpica?

O que eu considero mais importante no meu início, eu considero assim o mais importante pra mim eu estando ali representando a minha nação, fazendo a coisa certinha porque assim eu sou uma pessoa dedicada porque é o que eu gosto é o que eu faço porque eu gosto (sim) então pra mim isso aí é muito importante o dinheiro importante é mais no meu pensamento o dinheiro é consequência de tudo (exato) então eu sabia que mais cedo mais tarde viria assim uma forma de um patrocínio a porta se abrir mas o importante era que eu eu acho assim que eu poderia ter e fazer era doar mais de mim para fazer o melhor para estar representando a minha nação, o Brasil eu não me preocupava com o quanto eu ia ganhar se eu ia ficar em hotel cinco estrelas ou não eu queria estar lá fazendo meu melhor e isso pra mim era importante, mais importante do que tudo porque as outras coisas iam acontecer naturalmente eu não sei se era isso que você queria (Tito você pode falar a vontade)

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

E dentro deste período Tito existirão algumas situações que dificultaram sua permanência no esporte paralímpico de alto rendimento?

Eu te falei assim da reclassificação que foi um momento difícil mas graças a deus nós superamos isso mas assim geralmente eu depois que eu sofri o acidente eu comecei a me lesionar muito fácil não me lesionava assim até tinha uma lesão mas a recuperação era (rápida) rápida e depois que eu sofri o acidente então eu passei a ter uma facilidade em (sofrer lesões) em sofrer lesões então a minha vida

paralímpica além da deficiência que eu fiquei depois do acidente eu tive mais além de eu ter que superar essa eu tive que superar (outras lesões acabaram vindo) que acabaram vindo ou seja em dois em um a deficiência que eu perdi o movimento e mais a lesão que era pior ainda então de lá pra cá minha vida se o Ciro ou qualquer outro Andrew, Tubiba, ou um bom técnico for comparar a minha trajetória nas competições vão falar a maioria das maratonas eu fui com alguma lesão dificilmente eu corria uma maratona (sem, não, 100%) 100% (interessante isso eu não tinha nem ideia disso) isso tudo por eu gostar do atletismo e fazer isso por prazer entendeu e assim me superar me dedicar para recuperar e chegar na época conseguir pelo menos estar correndo e de todas elas eu obtive, obtive resultados tive no pódio.

Você sabe me dizer se a carga de treinamento que tu tinha antes de você ter a sequela de deficiência era semelhante daqui que tu teve depois quando com você começou no paraolímpico?

Sim no início eu fui me readaptando então a diminuição no volume, na intensidade mas não decorrer meu técnico foi colocando (começou a aumentar mais) então ficou praticamente a mesma assim porque maratona tem que ter (é um treinamento diferenciado) isso é (beleza)

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Cara assim é a importância que eu dou é que vale a pena sim seguir a orientação do professor, do técnico porque assim eu penso assim que eles estudou, se preparou conhece entendeu então assim eu sempre fui não tive dificuldade em seguir as orientações e me dei bem porque não to aqui pra falar mal de atleta nenhum mas tem atleta que as vezes não concorda que acaba se lesionando (exato) entendeu acaba não (tendo resultado) não tendo resultado por não ouvir então assim em relação a isso aí eu dou o maior valor pro professor, pro técnico, pro fisioterapeuta e cara só tem a ganhar assim um atleta não é atleta só, ele tem que ter toda uma estrutura por trás dele para chegar no objetivo dele entendeu então **Que estrutura tu acha que seja adequada para um atleta em volta dele?** Uma estrutura em volta do atleta começando a ter um acompanhamento do técnico, ter um amparo do fisioterapeuta, o patrocínio mesmo para te dar tranquilidade para você poder trabalhar melhor não preocupar ficar mais focado né ter o local de treinamento adequado (estrutura) e sempre importante material, tênis tudo é importante e assim a logística que é um psicólogo um médico uma equipe como é que dão nome multi, multi, (multiprofissional, um equipe multiprofissional) isso então se eu tiver uma equipe multiprofissional e ele segue a toda a orientação cara não tenho dúvida que mais cedo mais tarde (os resultados vão aparecer) vão aparecer porque o resultado não aparece assim tipo (exato, do nada) do nada (o cara surgiu e logo já vai ter um resultado expressivo) isso é assim a estrutura é importante o atleta, o atleta que hoje tem estrutura é maravilha mas hoje infelizmente no Brasil ainda nós estamos carentes o esporte paraolímpico melhorou muito entendeu com Circuito Caixa loteria o esporte paraolímpico brasileiro ele virou potência porque, porque teve a caixa econômica que acreditou no esporte paraolímpico ou seja ela deu a cara a tapa (exatamente, no período em que ninguém queria dar) por causa do preconceito entendeu existia uma barreira contra o atleta Paraolímpico e ainda existe mas já melhorou muito (sim) entendeu hoje assim a porta já se abriu mais além da caixa mas foi através da caixa loteria entendeu que nós atletas paralímpicos começou a ter uma estrutura e aonde que surgiu muito atleta e hoje graça a deus hoje tem a seleção de jovens, tem o (as paraolimpíadas escolares) paraolimpíadas escolares

entendeu isso ai eu fico muito alegre porque é o nosso futuro (exatamente é lá que está sendo desenvolvido está nova geração) está nova geração (isso precisa aprimorar cada vez mais)

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Hoje tem o Ministério do Esporte, a Caixa Loteria, o governo federal que é através do Ministério do Esporte e assim é particular não né (sim pode ser, não tem problema) hoje eu só tenho o patrocínio particular que é a pecom, a pecom é a que fabrica telha que nem a ethernit (sim) lá de Goiás, Anápolis então são eles que me da esta tranquilidade para treinar.. eu vim tratar minha família bem as minhas com contas tudo organizadas porque eu tenho a tranquilidade e hoje o material hoje a Nike não é minha patrocinadora mas ela é patrocinadora do (da seleção) comitê entendeu então (material esportivo de qualidade) de qualidade isso (perfeito).

Existe alguma ação que dificulta a tua permanência como atleta de alto rendimento? Não entendia como assim? (existe alguma ação governamental que dificulta tu te manter como atleta de rendimento? Metas, calendário, estrutura inadequada) é vou tentar responder assim pelo meu entendimento o atleta para manter principalmente pra seleção principal ele, nós atletas todos nós, todos nós temos pressão, temos pressão (sim) e porque nós temos pressão porque nós somos cobrados (exato) para obter resultados porque se nós nao nos preocuparnos e não dermos resultados não tem como manter não tem como manter aquele patrocínio entendeu então isso aí dificulta entre aspas (é uma pressãozinha de leve) é uma pressãozinha de leve e assim não aquela pressão assim (exato é natural) é natural (está sendo feito investimento e espera-se o resultado) espera o resultado porque é um degrau cada um é cobrado até chegar a nós até chegar a um degrau que cada um tem que chegar (recebe uma determinada cobrança) isso assim como eu queria falar 48 anos hein sai cada coisa cara (48 Tito nossa senhora) então assim a cobrança é uma cobrança boa quando a pessoa sabe receber esse tipo de cobrança (sim) ele sabe não deixar isso afetar seu psicológico que se essa pressão afeta o meu psicológico vai afetar no meu rendimento na competição mas se o atleta ele sabe lidar a pressão é em qualquer movimento (exato) é na escola, na faculdade no trabalho particular de cada um tem a pressão então é normal nos temos que saber lidar para crescer (exatamente, e quando se tem um investimento) maior ainda (maior ainda)

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Hoje eu me orgulho assim porque porque antes dessa organização tiveram alguns atletas que está ali levando a camisa no Brasil e não não tinha esse essa organização esse investimento (todo o suporte) tanto suporte que tem hoje então eu olho assim que esses atletas que sofreram lá traz que penaram que não tinham Hotel que não tinha patrocínio entendeu mas com a garra com a determinação através deles foi surgiestas oportunidades eles deixaram um legado e então quando eu penso assim a organização tendo a paraolimpíada escolar e a seleção de jovens eu fico alegre porque eu já estou praticamente no fim da minha carreira mas eu estou sabendo (que atrás tem uma galera muito boa) vem uma molecada muito boa (que bom) que vai vir o novo tito Sena que vai vir uma nova Terezinha entendeu que vai vir um novo ior entendeu isso é uma alegria porque eu quero ver o Brasil crescer pra isso tem que ter uma organização e manter a estrutura pra melhor e

cada vez está fortalecendo mais é por isso que eu me dedico o Máximo porque assim como os atletas que sofreram que treinaram lá trás e deixaram um legado eu também quero deixar o meu legado (pra essa galera que está chegando) para essa galera seja melhor ainda do que eu.

Em relação à questão de de aposentadoria Tito existe algum programa ou alguma ação governamental que já está sendo feita com os atletas que pretendem encerrar a carreira em breve?

Sim até teve lá no Congresso Nacional depois que agente chegou de Londres foi muito questionado isso tanta o atleta Paraolímpico que estava representando os atletas que éramos nós o atleta olímpico foi questionado em relação a isto ou seja ficou em pauta tá no Congresso Nacional (sim) até hoje está caminhando lá está lá e a gente fica torcendo pra que isso dê certo porque o atleta abre mão de muita coisa porque ele poderia estar trabalhando com sua carteira assinada pra está garantindo (exato) então (aposentadoria) ou seja é um trabalho ele está largando tudo para representar a tua nação o teu país então eu acho que é algo merecido para os atletas (pensar em alguma coisa, algo uma aposentadoria muito bacana pra essa galera que deixou esporte) isso porque é assim porque eu acho que é merecido (totalmente merecido) e eu vi o exemplo da Larissa (Laís Souza) aquela que (sofreu um acidente) o acidente que ela conseguiu agora (um benefício do governo) vitalício então quem sabe já não abre (que não seja necessário somente numa situação de acidente) de acidente (que seja em uma situação de que o atleta representou o país durante muito tempo teve resultados expressivos, independentemente de ser expressivo ou não) sim (mas teve resultados) isso (e hoje merece ter uma aposentadoria em função disso) exato (claro que tu também não vai ficar parado incentivado a estudar, pensar em uma previdência privada) privada (mas é interessante é bom CPB passar a pensar nisso) sim (a aposentadoria dessa galera aí) inclusive o comitê hoje ele já tem um processo la em que eles já estão trabalhando que o plano de carreira destes atletas (é fundamental) então tá tendo isso mandou e-mail pra mim e para os atletas novos quem tinha interesse eu me manifestei (se hoje ta bom vai melhorar ainda mais né Tito) sim se Deus quiser (o esporte vai ser muito bom)

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Assim na minha vida esportiva além de atleta meu sonho mesmo quando me aposentar no profissional é de continuar participando assim qualidade de vida para ter qualidade de vida (assim sem aquela cobrança) isso e o meu prazer é trabalhar com as crianças e os adolescentes descobrindo novos talentos para o esporte e tá ocupando as crianças tirando da rua (exatamente) de ser adotado por um pai traficante que quer adotar a criança que fica na rua, então assim isso mexe muito comigo então é meu sonho e eu já estou me preparando pra isso (continuar no esporte incentivar a nova gurizada) isso é mesmo que essas crianças e adolescentes não forem atleta mas pelo menos vai ser um cidadão do bem, cidadão de caráter vai ter que ser uma vida fora do mundo das drogas (exatamente exatamente).

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 07****Modalidade: ATLETISMO****Data: 26/02/2015****Local da Entrevista: BMF Banespa, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Foi até engraçado assim eu tava na faculdade de educação física foi através de uma professora disciplina de atividade motora adaptada, professora Sônia gosto de ressaltar o nome dela porque foi graças a ela ia ter uma etapa regional sul que ainda existia a ABRADACAR tinha CPB, ABRADACAR, várias associações e a de deficientes físicos era a ABRADACAR. Aí eu estava meio receosa, minha professora Sônia Teixeira Ribeiro ela me convidou né, poxa vida sonia vem fazer educação física porque eu amo porque eu gosto de futebol eu só sei que a pista tem 400 metros e oito raias e algumas modalidades, mas não, não, não posso, não tem como, sem condições eu disse para ela, até porque eu nunca treinei, e quando o que é essa competição eu perguntei: ah é amanhã! Eu digo ah, aí a Rosicler que estudou comigo, Rosicler Ravache ela disse: vamos eu vou ser tua técnica, eu disse: ah se quiser pagar mico comigo então vamos e foi a partir daí.. só deixei o recado de manhã cedo na geladeira para minha mãe, mãe estou indo para uma competição, assim que eu chegar eu te ligo, quando retornei a ligação para ela eu tinha ganho as três provas 100, 200 e 400, competi com o masculino, claro que a competitividade não era tão grande quanto hoje, mas tive que correr com masculino porque não tinha nenhuma menina da minha classe, tinha todos esses fatores né e dali em diante eu peguei gosto, me apaixonei pelo atletismo, tanto que a Rose até hoje a minha técnica ela também está envolvida com o CPB, ela dá cursos para técnicos, a Sônia eu tenho contato com ela até hoje, também não teria como não ter porque até hoje ela que tá orientando a gente também e é isso, foi desde então que eu tô até hoje aí, era para participar apenas de uma paralimpíada, se deus quiser vou para terceira representando meu país e vai ser difícil largar disso aqui, uma hora vou ter que abandonar, mas vai ser difícil.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Foi todo o apoio da minha família foi essencial começo eles ficaram meio que receosos né poxa vida ela só não tenho a mão, não é tanta desvantagem assim até eu achei meio babaca o negócio assim no começo mas quando a gente vai treinando vai percebendo que realmente eu tenho essa limitação até hoje eu tenho que estar adaptando os movimentos pra não haver o desequilíbrio uma saída de bloco então se não fosse a minha família que tivesse me incentivando isso é o primordial acho que a família em primeiro lugar eu não estarei aqui ainda hoje. O fator financeiro desde o ano passado tem melhorado e assim eu tenho uma equipe técnica que infelizmente eu não posso estar remunerando eles, eles também não são remunerados por estarem me dando esse apoio técnico a Rosicler e o Saulo que é meu preparador físico eles são muito importantes além de que não estarem recebendo mas eles estão sempre ali comigo.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

No começo sim, não tinha apoio financeiro nenhum, tinha que pagar para ir treinar, aí tu ficava pensando, até onde isso vai valer a pena? Né, tem que gostar muito para dar continuidade, no começo foi barra, foi osso, além do financeiro a estrutura onde eu treino, assim é um local bom, mas se chove sem condições de treinar, a estrutura assim, é mediana, a gente tenta adaptar da melhor forma então para os novos atletas, se não tiverem uma estrutura boa talvez não consigam permanecer por tanto tempo na modalidade por não ter todo esse apoio, isso eu acredito também

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Importância de 110, 120% né, eu também sou educadora física eu sei qual é a real importância deles, sem eles não tem como dar continuidade ao trabalho, um profissional de educação física, fisioterapeuta todos tem que ser formados, estudam para isso, então tem que dar todo esse valor para eles né, eles que estão dando todo o suporte técnico, para mim é essencial, acho que pra todos.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

A minha é só o Ministério do Esporte, no meu caso eu só recebo apoio do ministério do esporte, é o único, assim, eu gostaria de estar em um time São Paulo, um time Rio, ter uma bolsa do estado, um time santa Catarina que não existe infelizmente, eu tenho um apoio do município muito pouco não dá nem para minha condução, eu pego realmente porque, tipo agora o ministério deu uma travada mas é por causa da crise e tudo mais, mas vai normalizar a bolsa então...a gente sempre tem que estar prevenido né porque eu não tenho nenhum patrocínio, eu só tenho mesmo do ministério do esporte, que é a bolsa pódio. Além da semana de treinamento aqui em são Caetano que a gente tem aqui toda semana de treinamento com avaliações, testes e também tendo a possibilidade de treinar em uma pista sintética o que não é o meu caso lá em Joinville.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Está bem melhor, tudo começou assim estava desenvolvendo, crescendo ainda está crescendo né, mas hoje tá bem melhor, a estrutura, tudo que está vindo aí para a gente, o centro de treinamento, nossa! eu andei vendo umas fotos, eu estou deslumbrada, espero aproveitar um bom tempo aquilo ali e tem que aproveitar o máximo, eu vou fazer de tudo pra tá lá o ano que vem treinando, representando a galerinha paralímpica. o centro vai contribuir para que novas gerações já se formem, porque todo mundo vai querer estar lá estar treinando a partir do momento que tu tem uma qualidade na estrutura, tu vai estar lá só para aquilo, só para treinar, tu não vai precisar trabalhar para se manter. meu ...vai ser um boom no esporte paralímpico.

**PESQUISADOR: Você acha que seria possível a construção de pequenos centro de treinamento em diversas regiões do país?**

Nossa seria muito bom se isso acontecesse, eu quero está aqui ainda, por que seria tipo, uma digamos.. uma peneira para descobrir talentos, ia começar ali e dali direcionar para centros de treinamentos maiores, se tivesse isso quando eu era mais jovem... a visão do educador físico tivesse sido outra, não estou culpando ninguém né.. até porque assim, é cultural né, o brasil é sempre um pouquinho mais atrasado, então talvez se na escola tivessem essa visão que tiveram na faculdade, que foi a Sônia que me viu, eu fui a primeira aluna deficiente a me formar em educação física em Joinville, comecinho né, se tivesse acontecido antes.. meu deus com certeza eu já teria ido a mais do que três paralimpíadas não só eu mas os que estão as atrás de mim também, se conseguíssemos aliar profissionais capacitados com pequenos centros de treinamentos com uma estrutura adequada para um atleta com deficiência seria o ideal, seria um celeiro de atletas paralímpicos no Brasil pode ver que já é bom, mas seria melhor ainda a qualidade seria outra, com certeza.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Da minha vida esportiva? Não. Só de que eu sou realizada no que eu faço, que eu gosto muito mesmo e de que cada dia que eu estou lá treinando sempre está aparecendo gente atrás do esporte, ou porque viu uma entrevista ou vê alguma matéria em jornal e acha interessante, não vão lá só para ser atleta mas para buscar qualidade de vida, isso é um legado que eu gostaria de deixar pra todos, não só como atleta profissional, qualidade de vida, se socializar, entrar na sociedade realmente como pessoas normais, "ditas" normais né, porque todo mundo considera a gente como deficiente. Ah! coitadinho, tem vaga pra ele, sempre tem, é um trabalho, uma coisa. Mas mostrar que a gente é um deficiente eficiente. Também que Santa Catarina foi campeão ano passado das Paralimpíadas Escolares, espero que seja esse ano novamente, mas que os investimentos aumentem, que abram os olhos para essa menina que está vindo por aí, que estão vindo com tudo, cada vez que eu olho para trás eu me arrepio e digo: nossa! essa gurizada está vindo com tudo, eles vão me engolir, isso é bom, afinal eu estou com 35 anos, já está quase na hora de parar e aí essa gurizada tá vindo, mas tô junto, tô chegando junto ainda e a intenção, de que eles venham realmente, vem com tudo para detonar.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 08****Modalidade: ATLETISMO****Data: 16/02/2015****Local da Entrevista: Clube Sogipa, Porto Alegre, RS.****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Então, meu ingresso no EP foi em 2011, mas na verdade eu já venho do Atletismo já desde 2007, mas em 2011 eu comecei a ter um interesse maior, acabei procurando né, as competições paralímpicas aonde eu comecei a participar do circuito paralímpico da Caixa Loterias, e foi ai que na verdade eu comecei a ter uma informação sobre o EP a mais né, porque antes até, eu não tinha tanta informação sobre isso, depois de 2011, depois do meu primeiro ano de ingresso na competição eu comecei a ter uma noção maior sobre o EP no Brasil. Eu comecei competindo no esporte olímpico, fazendo provas de rua, corrida de rua né, eu comecei a correr 5.000m e 10.000m de rua em 2007 né, e daí depois de 4 anos que eu comecei a me informar como funcionava o EP, vi que também a minha possibilidade de ter um status maior até em nível no esporte assim, era no meio paralímpico né, que eu já tinha bons resultados contra atletas convencionais ai então, conseqüentemente eu poderia ter resultados melhores ainda no EP.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Então, na verdade eu sempre gostei de esporte né, desde novo eu sempre pratiquei futsal, futebol né, então assim, isso na verdade, desde o começo eu sempre tive o gosto pelo esporte, eu nunca me vi não praticando algum esporte, tanto que quando, em 2007 eu comecei a correr, né, a praticar o atletismo, eu comecei porque as categorias do futebol e do futsal, iam pela questão da idade, estavam, digamos assim, terminando e para que eu não ficasse sem praticar o esporte, eu resolvi estar buscando esse novo esporte, até porque eu tinha curiosidade em praticar e ver como era, até porque, na minha cidade um ano antes teve um rústica, né, no município e até eu queria ter participado mas eu acabei não participando e daí naquele ano que eu comecei a correr, teve novamente, daí foi onde eu resolvi me inscrever na prova, eu resolvi começar a treinar, daí depois do resultado que eu tive nessa provinha lá na minha cidade que me levou a que eu continuasse a dar sequencia nos treinamentos e chegar até o nível que hoje eu cheguei.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Então, assim, no EP ....eu não vejo nenhuma situação que tenha dificultado no EP, mas eu vejo de modo geral assim né, até um certo momento, até antes de eu começar no EP, pelo fato de eu ter alguns resultados bons pra iniciante e até contra atletas sem deficiência eu achava que eu poderia ser um atleta olímpico e não um atleta paralímpico, até porque eu não tinha informação necessária de como

funcionava para ser um atleta paralímpico, então minha cabeça era voltada pra ser um atleta olímpico. Então como todo atleta o começo é difícil, porque daí falta patrocínio né, pra gente conseguir se manter, com material, alimentação, enfim...mas, até a questão assim, estrutura de treinamento, na época eu treinava mais em Sapiranga, que eu sou de Sapiranga, então, lá não tem estrutura, uma estrutura adequada como essa aqui da Sogipa para treinamento então, basicamente nessa parte foi ruim né, no momento que eu ingressei no EP eu já tava, digamos assim, numa condição um pouco melhor porque, na verdade eu já procurei uma estrutura melhor, tipo, ali em 2011 eu já vim até a Sogipa para saber como funcionava para participar de provas oficiais enfim, e daí eu comecei a ter uma noção melhor do que era treinar em uma pista de atletismo oficial, né enfim, ter uma estrutura melhor, claro, ainda faltava a questão né de patrocínio para se manter aqui, consecutivamente eu fui ter uma condição melhor depois do primeiro ano que eu tive no circuito paralímpico, porque daí eu pude pleitear a Bolsa-Atleta a nível nacional que me ajudou bastante nisso.

**PESQUISADOR: E alguma situação facilitou o ingresso no esporte paralímpico?**

Foi essa questão da Bolsa-Atleta né, pela questão do nível que. Tipo, eu já vinha apresentando, porque na verdade, como eu já vinha me destacando em competições contra atletas olímpicos, então digamos, que quando eu comecei a competir a nível paralímpico, eu já tava num nível já, digamos assim, acima do que as vezes um outro atleta paralímpico, por exemplo, que nunca competiu contra atletas olímpicos, que começou a ingressar diretamente no EP teve, né, porque, geralmente quem nunca teve noção de atletismo e hoje vai começar direto no EP ele tem uma certa dificuldade pela questão de deficiência, as vezes até, estrutura, enfim, tudo isso. O que facilitou comigo foi isso, tipo, eu já tava mais adaptado até a questão da deficiência pro esporte quando eu comecei no EP, porque eu já vinha praticando atletismo já fazia 3 a 4 anos.

**PESQUISADOR: Como foi a transição do esporte olímpico para o esporte paralímpico?**

Na verdade assim, a transição foi boa porque, como eu já tive bons resultados, então o que me ajudou mesmo foi a minha adaptação rápida, porque até no ano seguinte depois do primeiro ano de atleta paralímpico, eu comecei a focar mais as provas de meio fundo, então eu tive que mudar um pouco a questão de treinamento, me adaptar mais ao treinamento de meio fundo, que era um pouco mais de velocidade e menos volume, então, também isso me ajudou bastante, porque eu consegui adaptar rápido e com isso eu fui obtendo bons resultados que acabou facilitando, digamos assim, o meio caminho, mas por uma questão que eu acredito de merecimento assim né, pelo fato do resultado estar saindo. Em 2012 eu tive a possibilidade de participar, de começar na seleção de jovens né, do CPB, e daí com isso eu fui obtendo também, tendo oportunidade de convocações internacionais de treinamento que também me ajudou a evoluir mais também, ter um investimento melhor nessa questão que foi me facilitando até eu chegar na seleção principal, isso na verdade, eu acho que facilitou, mas foi a questão mais do próprio resultado que me facilitou a chegar na seleção, na bolsa atleta, essas coisas assim.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

Então, eu tive na verdade, foi bem importante assim, porque quando eu comecei até em 2007, eu não tinha noção nenhuma assim sobre atletismo, eu achava que era só chegar e todo dia correr 10km e tava bom né, tanto que teve na época, um professor da escola que eu estudava lá em Sapiranga de Educação Física que me ajudou bastante nessa questão, ele pesquisou para mim né, questão de treinamento, o que tinha que fazer para eu ter uma iniciação, já ter uma noção de como funcionava né, daí depois, até por uma questão dele não ter o estudo adequado voltado mais ao atletismo, eu procurei uma acessória esportiva de corrida de rua, daí sim o professor o técnico tinha mais noção, ele pode me passar bastante experiência sobre corrida de rua, né, tudo isso, me ajudou bastante nesse período de transição entre 2007, 2008 até eu, final de 2010, daí foi onde que eu comecei a.... procurei a Sogipa, daí foi onde eu comecei a treinar com o Léo e tive...daí sim eu tive uma experiência muito boa assim, ele me passou assim, muita coisa boa eu aprendi nesse.. ao longo desses anos no Atletismo, até em questões assim, não só de performance, mas questões psicológicas, de confiança, no convívio com outros atletas, com outras pessoas também né, passando confiança pra gente né, ta ali sempre no dia a dia sempre dando força enfim, isso na verdade foi o que me ajudou bastante e até hoje eu sou bem grato aos treinadores que eu tive, por que cada um na verdade teve uma participação fundamental, até que nem eu fiquei 2 anos treinando com ele aqui, depois eu achei que eu poderia ir mais longe, daí eu peguei e comecei a treinar com o Fábio Breno em Limerá-SP, daí foi onde eu tive a oportunidade de ir pro mundial, ter os resultados que eu tive no campeonato mundial, me passou muita coisa boa, a experiência, enfim. Depois, agora, por motivos de achar que não dava mais, eu poderia render mais no esporte, eu acabei esse ano voltar a treinar com o Léo novamente né, então acredito que todos eles tiveram um fator que foi fundamental para que eu evoluísse no esporte. Sou grato a eles até hoje, todos eles né, desde minha iniciação até agora.

**PESQUISADOR: *Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?***

Então, hoje as ações que eu tenho na verdade, é o patrocínio CAIXA Loterias né, que me dá uma condição melhor que eu obtive depois dos resultados do campeonato mundial né, que é um programa de atendimento da Caixa Loterias junto com o CPB, o Bolsa Atleta Pódio, que me dá plena condição de estar me mantendo no esporte, na só em questões de materiais, mas, as vezes até, por exemplo, eu moro em Sapiranga, eu venho aqui na Sogipa, duas vezes por semana, então pra mim vim gera um gasto né, o transporte, alimentação né, as vezes acaba... dependendo do treinamento é muito intenso exige uma recuperação, precisa de um tratamento para auxiliar na recuperação como massagem, essas coisas, também envolve essa questão de fisioterapia essas coisas assim, que gera um gasto a mais que essas... os patrocínios, a bolsa pódio, enfim até meu outro patrocinador que eu tenho também, a NewMille também, acaba me passando até uma questão de segurança pra ti ta treinando em alto rendimento, porque hoje em dia... que nem no começo, até tu chegar e conseguir o patrocínio é difícil, porque as vezes, faz um

treino muito intenso e acaba que durante o treinamento tu exigiu tanto esforço e que acabou sentindo uma contratura, alguma coisa que depois só descansando, dormindo ou de um dia pro outro acaba não recuperando, se tu não tiver esse acompanhamento ou uma condição melhor financeira, pra ti ter essa condição de ta indo num fisioterapeuta, médico, essas coisas, as vezes dificulta e o processo é mais lento né, daí como tu não tem essa condição tu vai ter que ficar parado, deixar de treinar, pra ti conseguir recuperar e depois que tu recuperar, tu volta treinar, então essa questão da bolsa pódio e do patrocínio me ajuda bastante nessa condição né. Ta conseguindo treinar em alto rendimento, da sequencia em alto rendimento e recuperar bem também para os próximos treinamento e competições futuras.

### **PESQUISADOR Quem oferece esse suporte, clube ou atleta?**

Então, assim, até hoje assim no momento, toda a estrutura que eu tive de questão de médicos, fisioterapeuta, enfim, aqui no RS, na verdade eu que tenho que buscar essa estrutura né, de acordo com os patrocínios que eu tenho, então gera gastos nessa condição também, então o clube não me passa isso né, quando eu fiquei um período em Campinas né, eu tinha essa condição pelo CPB, porque um atleta de seleção, porque lá tinha médicos e fisioterapeutas do próprio CPB, mas o clube em si também não me passava essa condição, por ser atleta deles, por ser atleta de seleção eles me davam essa condição, não era um período específico de treinamentos, de eu ir até o profissional e ter essa estrutura através dele né, sem ter esses gastos, mas o clube em si, deles estar me proporcionando aquilo ali, não.

### **PESQUISADOR Alguma ação dificulta para se manter como atleta de alto rendimento?**

Assim, eu acho que hoje em dia no Brasil, no modo geral, um pouco é essa questão de falta de patrocínio né, no modo geral, claro, que depois que tu obtém resultados no EP eu acredito é mais fácil tu conseguir um patrocínio do que olímpico, eu acredito que seja isso, ate tu chegar num patamar que vai te viabilizar, é que na verdade hoje em dia, tudo que tu for fazer hoje é uma questão de méritos né, então assim, pra ti conquistar certas coisas as vezes tu vai ter que fazer por merecer pra depois tu conseguir aquilo ali, tu nunca vai conseguir obter alguma coisa antes de tu pegar e apresentar o teu potencial, o teu resultado enfim, então assim, começo eu acredito que é normal isso, é difícil, claro que, as vezes, até o fato de eu chegar e ta..cheguei no mundial, briguei por uma medalha, até antes disso foi difícil, porque claro, eu tinha bolsa atleta, mas eu acredito assim, pra um começo bolsa atleta a nível...antes do nível bolsa pódio assim...ele pra começo ele é bom, no momento que tu chega num nível que tu precisa ta num ...tu precisa treinar num nível mais alto já se torna pouco, porque hoje em dia tudo é caro, porque hoje em dia tu vai comprar um tênis de performance tu vai pagar 300-400 reais, se tu precisar suplementar, pra suplementar bem tu vai gastar 300 reais, se tu for se alimentar, hoje, bem mesmo tu vai gastar 200-300 reais, então ai tu já vai todo o que tu ganha numa bolsa atleta, então isso eu acho que é a dificuldade maior sabe, do começo né.

### **PESQUISADOR: Quais suportes você acha fundamentais para o ingresso de novos atleta no movimento paraolímpico?**

Eu acho, de um modo geral eu também acredito que seja assim: primeiro lugar eu acho que é a estrutura física né, de clubes assim, eu acho que no Brasil eles tem muitos poucos ainda né, tipo, eu digo nem até a estrutura física como os principais clubes de atletismo do Brasil mas eu acredito assim, se em cada região do país tivesse uma pista oficial de atletismo já ajudaria bastante né...porque...aqui no RS, tu sabe, aqui em Porto Alegre, oficial acho que tem 3 pistas, a da Sogipa, do CETE e da Puc, a única publica é do Cete né, depois dessa tem a da Ulbra, só que pelo que eu sei ta em condições precárias né, em São Leopoldo tem uma na Unisinós, mas também ta toda corroída e cheia de rachadura né e sem contar pelo Brasil a fora, que tem vários lugares ai que falta... até no próprio Rio de Janeiro hoje, é difícil tu conseguir um lugar lá pra ti conseguir treinar numa pista oficial, tem um ou dois lugares que talvez tenha, mas eu acredito até pelo fato dos próximos jogos serem no Rio, então teria que ter um investimento maior né e também com mais antecedência do que esta tendo agora né, porque na verdade o ciclo olímpico do Rio 2016 começou quando terminou 2012 né, e a gente vai ter uma estrutura melhor a partir do ano que vem talvez né, com o centro paralímpico, é pra ficar pronto o ano que vem na metade do ano, então, faltando ali, bem dizer vai faltar um ano para os jogos a gente vai ter uma estrutura que eu acredito que seria melhor se tivesse já uns dois anos ou pelo menos uns três anos antes da competição, ter uma estrutura, até é uma questão assim, ter uma estrutura melhor, então ali tu vai ter acompanhamento geral, tu vai ter fisioterapeuta, médico, nutricionista, toda essa questão para ti conseguir pegar e voltar todo treinamento na alta performance, acho que o inicio seria isso né, a falta de estrutura física né em certas regiões do Brasil e depois ai vem a questão essa do patrocínio né, porque eu acho assim, no momento que o Brasil tem uma estrutura melhor de treinamento, mais atletas novos vão querer ir pro atletismo, e com isso, vai surgir novos atletas e esses atletas também eles vão conseguir uma condição melhor porque eles vão ta apresentando resultados melhores.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Eu acredito assim, hoje a nível mundial eu acredito que o esporte paralimpico brasileiro é uma das melhores, porque ... a questão toda...da organização, não só na questão de competições, do próprio circuito paralimpico, mas tudo que é voltado assim tem um investimento na parte de performance, desde fase de treinamento, os meetings que a gente passa fora do país, os campings de altitude até chegar em competições, eu acredito se a gente não tivesse tudo isso, eu acho que seria muito mais difícil a gente chegar num nível que hoje o EP ta chegando, porque a cada ano que passa a gente ta chegando num nível que daqui a pouco talvez a gente vai ta com os tempos iguais ou melhores que o próprio atleta olímpico, porque, porque a gente...nessa gestão, nessa questão de organização, de saber onde investir melhor a verba enfim, eu acho que ta sendo melhor direcionado e com isso ta dando uma condição melhor proas atletas chegarem numa condição melhor de treinamento para, sei lá, de repente em 2020 quem sabe, ou até um 2024 enfim, chegar uma atleta paralímpico brasileiro a competir numa Olimpíada né, porque essa estrutura ta dando uma condição melhor né, eu particularmente, eu tenho, isso acho que de todo atleta, eu tenho ambição de quem sabe chegar um dia e competir numa olimpíada e numa paralimpíada, claro que, meu foco principal é chegar numa paralimpíada e brigar por medalha né, se eu chegam num ano e tiver essa condição vai ser muito

bom, mas eu acho isso né, toda essa questão da organização, saber como chegar, investir certo né, investir nas coisas certas, nos equipamentos certos, nas pessoas certas tudo isso te viabiliza para que o EP se desenvolva e ta chegando numa evolução melhor que o esporte olímpico, tanto que na próxima Paralímpiada a gente vai, na próxima, a gente vai entrar para estar entre os cinco melhores do quadro de medalhas, nas olimpíadas as vezes a gente não fica entre os dez ou quinze, agora não me recorde muito bem, até nessa questão do investimento, eu particularmente acredito que o Brasil vai ficar entre os três, pela condição, por ser o país sede e ta vindo muita gente nova, muito atleta paralímpico novos bons, que estão se destacando agora, ainda mais agora, vai ser um ano bem competitivo, com as competições que tem, jogos Parapanamericanos e campeonato mundial, vai dar uma condição melhor dos atletas ta conquistando resultados bons para chegar no Rio 2016 e ter uma condição de ta realmente brigando por medalhas e ta atingindo as metas que o próprio CPB estipulou.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não assim basicamente eu acredito que...claro, teve um começo, ali mais no começo até, inicio de 2012, por volta de maio abril, até por uma questão de ter uma condição melhor de treinamento né, com material, parte medica tudo, eu tive, ate então eu trabalhava e treinava então eu não tive desde o inicio eu já não comecei treinando em alto nível né, treinava um período e trabalhava os dois turnos r treinava a noite, quando eu comecei me destacar um pouco mais, que eu vi que poderia chegar mais longe eu resolvi abandonar, deixar o trabalho e focar no atletismo, e graças a deus ta dando certo, desde 2012, em 2012 eu tive uma pequena possibilidade de ir para Londres mas infelizmente.....consegui evoluir, tive uma evolução muito boa, só que não o suficiente para conseguir a convocação para Londres, num primeiro momento eu fiquei um pouco chateado com essa questão de não ter sido convocado, eu achava que tinha condições, mas no ano seguinte tinha campeonato mundial e eu fiquei focando mais ainda e daí foi onde eu conseguir obter os resultados que hoje me qualificou para ter uma bolsa pódio, patrocínio da loterias caixa e outros.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 09****Modalidade: ATLETISMO****Data: 25/02/2015****Local da Entrevista: Hotel Mercure, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Sim, na verdade o meu foi bem...costumo dizer que primeiro teve a questão das pessoas certas, nos lugares certos e na hora certa, eu entrei no clube, fiz um teste no clube que é o SESI-São Paulo, mas até então eu não sabia que minha sequela poderia entrar no paraolímpico, para mim era uma sequela de um AVC que eu vou ter que cuidar e conviver com isso, então eu consegui atingir a média de pontos para entrar na equipe olímpico, só que meu treinador era treinador da equipe olímpica e paraolímpica, e com o tempo, demorou mais ou menos, uns 5-6 meses, ele viu que eu não conseguia mudar meu padrão físico, e que em alguns momento meu padrão piorava, quando estava fadigado, em estado de stress, e como ele ia acompanhar alguns atletas dele que tinham sido convocados para os Jogos Paralímpicos de Londres, ele disse que ia ver lá se minha deficiência também entrava, ele via que tinham meninas com padrão melhor que o meu, a partir daí a gente começou uma pesquisa, ele chamava classificadores funcionais para ver meu caso, comentava com médicos, com outras pessoas, quando falaram: Ela tem chance. Isso foi em 2012. Em 2013 fiz minha primeira classificação funcional, passei e comecei..aí foi meu ingresso no paraolímpico, aí o fato de eu ter batido todos os recordes, é que eu tinha uma base antes do judô, e eu treinava e sempre me colocavam para competir com olímpico, os paraolímpicos eu sabia quem eram, mas eu só treinava com olímpicos, bem mais forte que eu, competia com eles e conseqüentemente acho que meus resultados quando eu entrei já foram para entrar entre as 3 primeiras do ranking mundial, foi isso. E antes da sequela eu também praticava, mas não como alto rendimento, como qualidade de vida, eu fazia judô, basicamente foi, antes de 2009 eu fazia judô como alto rendimento, participava de estadual, brasileiro, representava a seleção paulista, em 2009 eu fiz uma cirurgia para retirada de um tumor, no final do ao, não poderia mais fazer nenhum tipo de atividade que tivesse impacto nas costas e na cabeça, e em 2010, para não ficar parada quando me recuperei, eu comecei a praticar atletismo como qualidade de vida, achei que se ficasse parada, meus pais acharam que eu poderia ficar depressiva com isso, no final de 2010 eu já sabia mais ou menos o que eram técnicas de atletismo, quais eram as provas que eu iria me encaixar, então já tinha uma prova e eu resolvi que ia começar no alto rendimento, só que em 2011 eu tive o AVC, em Março de 2011, fiquei um tempo parada e queria tentar fazer algo e minha equipe não conseguia, quando eu voltei lá para tentar pelo menos como qualidade de vida, o fato de eu não ter todo o movimento do lado direito, incomodava eles, porque eles passavam o exercício de correção, achando que era o chamado: vício do atleta e não corrigiu e eu não tinha noção que seria uma sequela, para mim também era vício do atleta. E em 2012 foi quando tentei no SESI como paraolimpico ...treinador viu e disse que era um padrão e não vício de atleta, e que não tinha como corrigir isso, tinha como amenizar, então eu tinha uma base, básica, foi isso.

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

Para eu ter começado eu considera muito a parte técnica, o técnico, primeiro que...se meu treinador não fosse treinador de paraolímpico, se ele não tivesse consciência do que os paraolímpicos são, eu não estaria hoje no paraolímpico, porque, nem noção..como era, quando corria, eu também achava que era um vício de atleta, que por mais que eu treinasse eu não conseguia corrigir, então então se meu treinador não tivesse a consciência que pessoas que tiveram algum tipo de trauma, no meu caso um AVC, e gerou uma sequela, que não tem como corrigir e que essa deficiência por mais leve que seja, porque tem muita gente pensa que paraolímpico é só deficiência severa, se ele não tivesse consciência disso eu não estaria aqui hoje, então para mim é a o técnico, os treinadores. O treinador foi a parte mais importante no meu início, porque se ele não tivesse toda a base que ele tinha, por mais que ele não soubesse que no paraolímpico existem mais classes além de amputados e cegos, eu não estaria hoje e também a outra parte foi a que eu considero, foi que, por grande...meu clube tem uma estrutura muito boa, academia e fisioterapeutas, os SESI-São Paulo, se não houvesse essa estrutura, não teria como eu trabalhar, não teria como eu fazer todo o fortalecimento do lado esquerdo do corpo, os fisioterapeutas falaram: *Ela tinha antes do AVC o lado dominante direito e agora de repente o lado direito ela não consegue usar pela sequela, precisamos fortalecer o esquerdo para não deixar o direito cair.* Se eu não tivesse toda essa estrutura eu acho que eu teria me lesionado a muito tempo, então a parte mais importante inicialmente foi a técnica e tecnológica, porque se não tiveram treinadores que sejam...que tenham estudo sobre isso, que tenham consciência do sobre o paraolímpico e parte tecnológica, quando digo tecnológica inclusive dos fisioterapeutas que acham que ficam no meio a meio, na tecnológica eu já posso pegar a parte dos amputados que cai muito, poderia ter um ingresso muito mais fácil no paraolímpico, país poderia virar uma potencia muito mais fácil. Logo após o AVC, eu não tinha nenhuma consciência que poderia competir no paraolímpico, imaginava que seria apenas pessoas que não tem braços e pernas, seja unilateral ou biamputações e cegos e cadeirantes e ponto. Se alguém me dissesse que alguém que teve AVC, TCE ou Paralisia Cerebral é...poderia entrar no paraolímpico? Eu imaginava que tinha ser a classe mais comprometida de todas.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Houveram. Como minha deficiência é considerada leve, da classe dos 30 é mais alta, e no Brasil a gente não tem tradição de ter pessoas da minha classe fortes, se tinha é que tem Paralisia Cerebral e não AVC ou TCE, houve casos em que classificadores, metade achava que eu era elegível e metade achava que eu não era. Na época que estávamos pesquisando, em 2012 que a gente chamou os classificadores para ir lá no meu clube, o treinador chamava para me ver, teve um que chegou e disse: *Não, não é, o que ela tem é vício de atleta.* E logo depois veio o seguinte, ele fez o Babinski, que é o teste de reflexo e viu que eu não tinha do lado direito, e disse: *isso não é vício de atleta, ela não tem reflexo do lado direito.* Então começou uma coisa de...é, por não ter tradição igual a todos os países da Europa tem, eles se dividiam, e quando eu entrei nas minhas primeiras competições, eu sentia que tinha muita conversas entre os classificadores e talvez até entre atletas,

sobre se eu era realmente dessa classe e como ...se um AVC realmente entrava na minha classe, e ai começou uma conscientização de muitos atletas, muitos classificadores também, e até de mim mesmo em relação ao meu corpo, como eu não tenho reflexo se alguém vier me perguntar hoje porque ela é classe 38, eu consigo explicar 5 motivos do porque eu sou.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Bom, é...eu não tenho toda a minha...depois que eu tive o AVC eu não lembro de muita coisa antes dele, mas do que eu me lembro é que eu sempre fui estimulada a fazer prática esportiva, do meu ensino médio, fundamental 2, as aulas eram 3 vezes por semana, e não eram simplesmente para os professores dar a bola para os meninos e para as meninas iam ficar paradas sentadas, era uma coisa que existiam fundamento, hoje eu conheço os fundamentos do vôlei atletismo, futebol, futsal, então sempre fui estimulada por eles, sempre tive noção da minha velocidade, que eu não tinha resistência mas tinha velocidade, e não tinha coordenação. E no ensino médio, mesmo após o AVC eu tinha que fazer Educação Física, foi quando eu percebi que eu não tinha resistência mas tinha velocidade e o treinador foi essencial por eu ter entrado e me ensinado toda a base que eu tenho hoje, tanto o que disse que eu tinha vicio de atleta, porque ele me ensinou técnicas, ele me ensinou boa parte do que eu sei hoje, como o que eu tenho hoje que me ensinou que eu posso lidar como eu sou hoje, com o que eu tenho hoje.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Primeiro que não tem o que eu reclamar da estrutura que nos oferecem, que o SESI, meu clube e da estrutura que o CPB oferece, quando eu digo SESI muita gente se gaba, assim como Pinheiros, como Osasco, o SESI é considerado uma potencia. Se eu pegar o nosso CPB, ele tem uma excelente estrutura, tem academia, fisioterapia, médico, nutricionista e pista, no meu caso que é o atletismo. Outros clubes tem? Têm, mas é muito difícil. Ainda o CPB está construindo o Centro de Referência, a gente tem a semana de treinamento e avaliação, que eles fazem toda avaliação de percentual de gordura, a gente tem acesso a médico do esporte, as meninas, no caso, levam a ginecologista do esporte, então não é só coisa de,,o Comitê nos oferece, para o Atletismo uma verba muito boa, não tem do que reclamar, eu faço uma comparação, eu compito no paraolímpico e no olímpico, se você vê ...se você colocar qualquer publico no paraolímpico e no olímpico, se você colocar qualquer atleta diferença entre os dois, os olímpicos tem muito menos do que nós, o que eles tem, são 5 atletas, tem um tratamento excelente, o que nós temos, são 20 atletas (to dando um exemplo de proporção) com tratamento excelente, mais 20 atletas com bom tratamento, mais 40 atletas que a gente ta de olho e vai fazer o acompanhamento e mais 100 atletas que a gente ta de olho porque podem estar chegando daqui, por exemplo, 6 anos. Poh, a gente faz um trabalho a longo prazo! Desculpa, mas eu não vi outro comitê olímpico fazendo isso, eu posso falar por outras modalidades, porque eu to num clube que eu convivo com pessoal outras

modalidades, vôlei de base, vôlei profissional, atletismo, natação, polo aquático, e não tem outra confederação que faz um trabalho tão bem como o CPB. Que dificuldade, existem várias, Quando você entra no esporte de alto rendimento, é sua profissão, existe muito preconceito do que você é. *Ah, Você é a atleta? Não trabalha?* Eu tive um excelente clube, excelente comitê, mais difícil para mim foi a conscientização minha e da minha família, falar: ela pode entrar no esporte paraolímpico? Foi um pouco difícil para minha mãe, por mais leve que seja minha sequela, a minha mãe, ela...quando eu tive o AVC, uma das perguntas que ela fez foi: 1) Se eu ia ficar numa cadeira de rodas e; 2) se eu ia ficar com alguma sequela. Quando disseram que eu ia ficar com sequela, a minha mãe ela...se falavam para eu fazer fisioterapia x vezes por semana, minha mãe marcava 3 x vezes, ela tinha medo que no fundo, eu ficasse com uma deficiência severa, aí quando falaram que eu ia entrar no esporte paraolímpico, ela achou que era alguma coisa que ia piorando com o tempo, e por um tempo minha mãe se achou um pouco culpada, acho que é coisa de mãe, achar que tem culpa quando acontece algo com os filhos, aí teve toda conscientização por parte da minha família, e meus pais permitiram que eu ficasse no alto rendimento e compreenderam o que eu tinha e começaram a me apoiar e me acompanhar, agora se eu pegar o geral, eu acho...do paraolímpico, não tem como eu não dizer que o problema está na parte técnica e tecnológica, desculpa gente! Verba a gente tem.verba a gente tem ao ponto de que, nas competições regionais e nacionais, eles observam resultados, eles observam se alguém está melhorando resultado e se essa melhora está sendo numa progressão suficiente para ficar de olho nessa pessoa, agora, o que falta são pessoas bem instruídas para entender que existem deficientes, e sua deficiência pode ou não entrar no paraolímpico, depende da modalidade e se entra, como você vai trabalhar com isso e a partir do momento que você vai trabalhar, você vai levando, grande parte não tem academia, fisioterapeuta, não tem nem um par de tênis para chegar numa competição e correr, então a terceira coisa acho que é uma conscientização, isso que falta, então muita gente não chega no alto rendimento porque as pessoas que poderia instruir elas não sabem, é a falta de profissionais capacitados.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

De 0 a 10 eu daria um 10. Eu já...eu comecei a entender bem da questão da organização do esporte paraolímpico, quando eu ganhei alguns livros e comecei a ler, não entendo completamente, eu sabia que antes existiam organizações de deficientes físicos, visuais, intelectuais, mas mesmo assim eu acho que... não tem como você...como explicar? não é uma coisa muito.....uma competição é feita se você colocar todo mundo lá dentro, não acho que tinha que fazer um campeonato brasileiro só de deficientes físicos, só de visuais e só de intelectuais, é uma coisa que fazem hoje e que acho mais leal é colocar todo mundo junto e colocar por classe, e esse ano no caso, vão ser raiados por tempo, se meu tempo for bom ao ponto de estar com a Terezinha Guilhermina, que é T11, que é cega, eu vou correr contra ela, aí a gente não vamos medalhar juntas, depois vai separar a minha classe e a dela, eles estão estimulando uma maior competitividade, uma integração, uma troca de experiências, e sobre a questão dos convênios da seleção, a natação e atletismo, nós somos carros chefes, coloca diferença entre a gente e os olímpicos, é que o olímpico entra na natação com 1 ou 2 atletas que mpoe respeito, como Cesar Cielo, Felipe França e no Atletismo, Bruno Lins e Ana Cláudia Lemos, desculpa, mas

não entra numa final e o revezamento tem chance de entrar numa final, uma medalha de ouro, ponto. E no paraolímpico se vc manda as seleções, a nossa de atletismo, por exemplo, você sabe que é Yohansson, Terezinha Guilhermina, Odair (os mais velhos) do mesmo jeito, não querendo ser arrogante, vão saber quem é Verônica, quem é Matheus Evangelista, quem é Petrúcio, tem gente com mais de 25 anos que é, que impõe respeito, sabem quem são e tem os mais novos também, que todos sabem, essa é a diferença de trabalho, a gente começa na base mesmo e não para só na base, até onde der para o atleta dar rendimento a gente vai dar, e no final ainda, eles não largam o atleta, *Ah, obrigado por ter feito seu trabalho, acabou aqui.* Eles fazem programa de aposentadoria, palestras conosco sobre pagar aposentadoria, faculdades, eles nunca nos impediram, eles nos incentivam, conversam conosco sobre algumas oportunidades. A Adria Santos e o Antonio Delfino, que já foram grandes nomes do esporte paraolímpico, hoje não estão jogados de lado, eles recebem uma aposentadoria do CPB, fazem missões e sempre vem dar palestras para seleções principais e principalmente para a seleção de jovens, nos inspiram, então, todos se conhecem aqui, sendo antigo, sendo novo.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Sempre fica aquela coisa da conscientização da população, que acho que a mídia não nos dá espaço hoje, nos dá muito mais espaço que antes, melhorou muito, hoje a gente não precisa comprar os direitos de imagens e oferecer para eles, eles (mídia) compram, nós somos muito maiores que muita gente pensa, nós ficamos em 7º numa Paralímpiada, pega o Olímpico que ficou em 23º e ganharam mais foco que nós. E mesmo assim as pessoas acham que um atleta paralímpico é uma pessoa que alguém achou na rua em um projeto e colocou para correr e se deu bem, a gente treina como atleta olímpico, talvez até um pouco mais forte, porque a gente tem título para defender, o Prof. Ciro Wincler, chega nas reuniões e ele não fala em 5º no quadro geral, ele fala em 3º para mais, no mundial desse ano ele quer tentar o 2º, nós queremos, então é toda reunião falando isso, nós treinamos 10-12 períodos por semana, teve gente que veio morar em São Caetano, veio de Alagoas, de Porto Velho, veio tudo para cá, então eu acho que nós somos muito maiores que muita gente pensa e o esporte paraolímpico, não só o atletismo, merece muito mais visão.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 10****Modalidade: ATLETISMO****Data: 23/02/2015****Local da Entrevista: Itajaí-SC****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

No esporte paraolímpico Enquanto modalidade do cronograma paraolímpico começou no atletismo né, mas enquanto modalidade adaptada eu começou no handebol em cadeira de rodas, final de 2008 em Francisco Beltrão, minha cidade natal, ai em 2008 montamos uma equipe, compramos as cadeiras, treinamos, inicio de 2009 a gente veio a Itajaí jogar uma competição na cidade, participamos do evento, e ai o clube da cidade, o Clube Roda Solta acabou gostando do meu jogo e de um companheiro, o Antonio. E nos fizeram um convite para vir a Itajaí conhecer o Basquetebol, inclusive jogar por Itajaí e também para conhecer o Atletismo, haja vista eu nem eu e nem o Antonio tínhamos contato com a atletismo, e foi assim que no mês de abril o Antonio já estava morando em Itajaí, já treinando o atletismo e na metade de 2009 eu pedi exoneração do concurso que eu estava lotado lá na minha cidade e vim morar em Itajaí, foi assim o começo, os primeiros 6 a 8 meses do início do handebol até praticar o Atletismo. Antes da deficiência eu era um adolescente ativo, andava de bike, nadava, jogava muito futebol, mas tudo que qualquer adolescente ativo faz, eu cheguei a participar de escolinha de futebol quando novo, mas nada profissional, o que eu fazia era trabalhar, trabalhava como servente de pedreiro, vida de família pobre os adolescentes começam a trabalhar cada vez mais cedo para ter suas coisas né. Mas profissionalmente como atleta, não havia feito nenhuma modalidade.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Acredito que num primeiro momento o incentivo das pessoas que buscaram me incentivar a integrar a equipe de handebol em cadeira de rodas, num primeiro momento fiquei relutante, porque eu não conhecia a modalidade e não...a modalidade até hoje não é do quadro dos jogos, apesar de ter vontade, eu lembro que 2008 eu ficava olhando os jogos de Pequim eu ficava pensando assim: Porque que eu não posso fazer isso sabe? Mas acabou ficando naquele...uma cidade pequena sem estrutura nem para o esporte convencional, imagina para o adaptado, e ai quando eu fui pego de surpresa pelo convite, ajudei a formar a equipe, então assim...o início é sempre pautado de uma confiança que você não tem e que as pessoas dizem que você é capaz, eu não sabia que eu era capaz de jogar, lançar, tampouco salto em altura que é o que faço hoje, pessoas que te incentivam, uma motivação externa, dificilmente um deficiente adquiriu a deficiência hoje e amanhã eu vou ser atleta, é um processo né, de amadurecimento de autoconhecimento, até onde eu posso ir, o que posso fazer, então o início é sempre pautado de confiança externa.

Também o incentivo de um profissional muito capacitado que viu em mim um potencial que eu não via, pautado em palestras eu ela teve, essa profissional, e me vendo fazendo alguns movimentos durante o dia a dia ela acabam associando as duas coisas, ela viu um vídeo de Atenas 2004 onde viu um amputado fazendo salto

em altura, e me viu saltando a guarda de uma cama, isso tem fácil 1 metro, e isso chamou a atenção dela, e aí partiu o convite, então me iniciei no salto em altura estava muito pautada no conhecimento de um profissional e na insistência dela do que em mim mesmo, não havia esse autoconhecimento, de uma forma empírica, tudo que aconteceu comigo, inclusive até o ano passado era bem empírico. Vamos fazer e tentar ver se dá certo, faz, tenta, faz, foi tudo no empírico, grande parte dos motivos de eu fazer floopy hoje, enquanto técnica do salto altura, foi porque ela me incentivou, não tinha conhecimento de como fazer alguém saltar de frente? E transpassar... então ela só sabia fazer o floopy, o tesoura que eu não consigo e automaticamente o floopy, e foi por aí que comecei, tomei gosto e estou até hoje.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Situações várias, várias situações.. como eu falei minha cidade onde eu vivi, não tenho nada contra ela, adoro, mas já não existiam o incentivo nem governamental tão pouco privado pro esporte convencional os atletas de uma cidade pequena sofrem com esta questão, estrutura, incentivo financeiro mesmo apoio dos empresários de tudo, quem dirá no esporte adaptado então, acho que o principal é isso se tem estrutura as pessoas vão em busca daquilo vão querer usufruir daquela estrutura né, por que o Brasil é? Tudo em quanto é canto tem bons jogadores? Tem escolinha um tudo quanto é canto. Quadra de futsal é quadra não sei do que, é campo, é escolinhas não sei do que, tem estrutura acaba dando base então se você tiver uma estrutura adaptada as deficiências, os deficientes vão buscar mais cedo ou mais tarde acho que o principal é isso sim.

***E alguma situação facilitou teu ingresso no esporte parolímpico?***

Alguma situação facilitou sim, principalmente a minha busca por um ambiente onde tinha estrutura, por isso que eu vim morar em Itajaí, eu vi na cidade de Itajaí e principalmente na região onde eu estou hoje Joinville, Blumenau, Florianópolis, Balneário Camboriú também tem é uma região que tem no esporte adaptado aqui pra pro estado é um referencial. É um é um referencial e naquele período Itajaí já era referencial, e por isso que eu busquei. Então o que facilitou a minha entrada? vir para um lugar aonde havia uma estrutura muito maior da estrutura que tinha aonde eu morava, a tá ruim? tá ruim. Tem muita coisa para melhorar? Tem, mas é muito melhor que outras cidades tantas por esse Brasil a fora com certeza.

***Você considera o resultado das parolimpíadas escolares prova disso?*** Gênero, número e grau. Uma coisa que, eu participo da do "PARAJASC" que é o adulto desde 2009 e eu percebo que de principalmente de 2011 pra cá deixou de ser participação, a boa parte dos atletas que participam do "parajasque" hoje eles realmente praticam aquela modalidade, treinam é treinado todo o ano 10 11 meses no ano aquela modalidade e eu lembro que até 2009, 2010 até 2011 as pessoas ficavam em casa 9 meses do ano 2 meses antes do "parajasc" ia pra lá pegar uma técnica alguma coisa para participara, era participação. E mudou o caráter do parajasque automaticamente a parolimpíada em escolares também entrou com outro caráter é participação é escolar não vai ter aquele rendimento todo, não tinha, tem hoje e o estado como é foi campeão das paraolimpíadas escolares o estado de Santa Catarina viu no ééé nessa mudança do parajasc também ocorreu no parajesc só leva se tiver realmente índice, só leva se realmente tiver condições de ganhar medalha não leva para passear, é um investimento público? É um investimento público. Então o ter ganho a parolimpíada escolares enquanto estado é reflexo das

mudanças que ocorreram na base na base do evento adulto na base de uma seletiva escolar, na base de um apoio aos clubes aos municípios, o que que movimento o PARAJASC? a disputa entre municípios, não é entre clubes, eu represento o roda solta a nível nacional, mas a nível estadual eu represento o município de Itajaí, então essas coisas elas foram dando seriedade ao processo e que esta aplicada também nas nos escolares.

**Você acredita que essa mudança de caráter de participação para competição é em função dessa rivalidade entre municípios?**

Muito, muito, mas principalmente é ouve uma mudança de participação principalmente uma mudança no interior de cada atleta, eles viram que aquela participação de outrora de 2009, 2008 pode se tornar um rendimento mais pra frente, hoje tem muito atleta que sobrevive com o esporte a bolsa nacional são 12 parcelas de 925. Tu vai ter que trabalhar no comercio, tu vai ter que trabalhar pelo menos 6 horas por dia 6 dias por semana para ganhar esse salario, e você ganhar esse salario para treinar é totalmente viável é totalmente é acessível as pessoas com deficiência e eles viram que treinar e competir é saudável e é o rendimento caba sendo um caminho. Então a mudança aconteceu principalmente naquele momento em que ele o cara pera ai “eu vou continuar só participando ou eu quero ir láe ganhar medalha para o meu município”, agora se ele já chegou no nível de ganhar para o município no parajasc ele tá no nível de ganhar medalha nacional também, não é tão distante assim, em algumas provas é atletismo principalmente, mas tem algumas modalidades que não, não é tão distante não tá tão é destoadado assim o nível nacional do estadual, a mudança ocorreu acho que em cada um assim em cada num jeito de ver a coisa sabe.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Fundamental né, é penso que, eu também sou professor de geografia né, os alunos por assim dizer chegam pra ti, se você pega uma pessoa que tem os 4 membros íntegros, visão integra e a capacidade mental integra tu manda ele correr é dar 5 tiros de 100 ele vai dar exatamente 5 tiros de 100 dentro daquele tempo que tu quer, que quero que tu de 5 tiros de 100 correndo 20s cada tiro, tu pega um pessoa com deficiência física cadeirante tu já vai ter que ter estrutura tu já vai ter que saber como lidar para que esse cadeira faça aquela atividade ou um sego ou um amputado ou alguém que tenho deficiência de braço ou então, o professor principalmente na área da adptada ele tem que ter além do conhecimento da ed. física capacidade técnica pra adaptar cada exercício é pra cada deficiência, são no mínimo 4 deficiências: física, auditiva, visual e tem leitual. E a visual ainda tem o cego total, o mínimo e o baixa visão né o cego tem três são três divisões, o físico tem cadeirante severo que é o tetra, tem o cadeirante leve que é o para, tem o biamputado que também é cadeira mas não tem lesão medular, tem amputação de uma perna, tem amputação abaixo do joelho, tem amputação de braço. **(cada situação é uma)** cada situação é uma, ai você manda hoje vai ser é vão ser abdominal ou vai ser exercícios de mediceball, e o amputado de abraço? Então os professores são fundamentais por que na área da adaptada por que eles tem que aprender que cada atleta é um atleta, ele não consegue pegar como por exemplo no atletismo convencional a escolinha, todos os é alunos da escolinha de atletismo fazem o mesmo exercício, eles vão aprender a saltar na areia, eles vão aprender a cair no colchão , todos não depende da altura do peso da cor não tem “distor..”, vai aprender a lançar o martelo, vai aprender a lançar o disco, vai aprender a lançar o darto, arremessar o peso, vai dar

tiro 30,40,50,70 vai da 6 volta na pista caminhado correndo. Ele vai experimentar todas as provas pra que o professor com aquela visão que se dão bem que se encaixou naquela. no adaptado não aconteci isso, tu não consegue pegar 5 deficientes e executar o mesmo planejamento e é ai que o profissional bem capacitado entra, saber discernir a deficiência e saber que cada deficiência vai ter sua aplicabilidade é muito é muito pontual é muito individualista. Falo demais.

**E qual a importância do seu treinador atual?** Assim ó, eu costumo a dizer que todos meus treinadores foram muito bons cada um no seu momento. A Aline que me incentivou me deu o pontapé inicial e ficou um tempo comigo. A Luci conseguiu passar tudo o que ela conhecia de salto em altura comigo só que chegou um momento que agente teve que buscar outro profissional, foi onde agente buscou um terceiro profissional numa cidade aqui vizinha chamado “Dionei” de Guaramirim ele também foi até onde ele podia, me ensinando o que ele sabia de salto em altura, atualmente eu busquei um profissional aonde ele, ele é um ex-atleta aonde ele tá passando exatamente o treino que ele fazia, adaptando algumas coisas mas passando exatamente o treino que ele fazia então é de suma importância por que eu estou buscando aprimoramento técnico para ganhar um 1cm, tão todo meu treino é pautado nisso de buscar 1cm. (atendeu telefone)

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Eu acredito que existem varias frentes de ações que cada uma contribui com a sua parcela e forma um todo, tem a questão pessoal que ela tem que ta bem estrutura para que eu consiga me concentrar no treinamento e no objetivo que é chegar eu vou repetir Londres varias vezes, mas chegar em 2016 e ganhar uma medalha tem a parte pessoal, tem a parte física acompanhamento de nutricionista, tem a parte técnica que é o acompanhamento com o professor, tem a estrutura que o município dá que eu treino hoje na cidade de Itajai que é a pista de atletismo tem a parte do convenio com a academia que eu treino la desde 2009 e ele nunca me cobrou um real, tem a parte da segurança financeira econômica eu já havia lhe dito antes, hoje com toda certeza eu me manteria como somente como atleta mas até quando? Se um momento eu me machuco? eu tenho algum amparo? É por isso que prefiro manter o vinculo como professor na rede estadual concursado, se uma hora acontecer alguma coisa eu estou amparado tenho meu trabalhinho não vou morrer da fome como se diz por ai. Então assim as principais ações que me mantem como atleta na verdade tu não tem como elencar uma, isso aqui sem isso aqui eu não fico? Não tem, tem a questão pessoal tem a questão técnica tem a questão financeira tem a questão estrutural, então todos juntas dão em base se faltar uma com certeza as outras vão deixar de ser bem executadas.

**Existe alguma ação que dificulta?**

Ação que dificulta minha estada como atleta, no primeiro momento não consigo pensar em nada eu penso assim que dificuldades nos temos em vários âmbitos, a falta de incentivo privado, uma estrutura as vezes precárias, calendário, falta de competições, é muitos atletas sofrem com a questão financeira para suplementação, pra transporte, pra passagens é uniforme mas assim não são exatamente dificuldades no meu caso eu não me deparo assim com boa parte das dificuldades, em alguns momentos agente tem que matar um leãozinho mas ai agente sempre tem uns bons parceiros por ai então assim existem alguns pontos que podem ser melhorados não que eles vão dificultar efetivamente.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Centralizado Rio São Paulo. O esporte paraolímpico no Brasil se resume a Rio São Paulo é exatamente por que eu tenho certeza que as paraolimpíadas escolares dirigentes de SP e RJ ficaram com o perdão da palavra putos da vida. Como que um estado como SC parará né, vão falar tudo e qualquer tipo de negatividade perante o estado qualquer coisa que pode ser usada ganha um evento nacional? **Sim**, detalhe esse ano as coisas foram equilibradas por que algumas modalidades coletivas caíram, diminuiu-se o número de atletas em várias outras modalidades então se equiparou os estados e aí foi onde SC se beneficiou com isso e acabou superando né, então assim a questão de tá centralizada é muito ruim, aonde que vai ser construído o centro paraolímpico? Aonde que estão os principais investimentos? Quais são as principais equipes? Aonde estão os principais técnicos? Principais conhecimentos em termos do esporte adaptado? Então o esporte paraolímpico cresceu muito? Cresceu, é você até mesmo comentou a estrutura de Itajaí hoje é boa? É boa, mas ainda tem muito há melhorar só que se continuar centralizado vai ser complicado, existem tempos existem fases do processo que centralizar é bom por que aí você não dispersa, mas há a possibilidade de você fazer polos e difundir mais as coisas descentralizar algumas coisas tem como chegar no meio termo. **E a organização da sua modalidade?** Enquanto atletismo ou enquanto a prova de salto em altura? **Atletismo.** A modalidade do atletismo, a modalidade do atletismo ela é um pouco centralizada também, mas principalmente por conta de investimentos maiores em Rio SP, mas no atletismo eu acredito que não é não só não depende só de investimento e estrutura tem que ter material humano que é fundamental é por isso que hoje a seleção por exemplo é feita de atletas dos quatro cantos do país, tem eu e a Sheila F. que sou aqui de SC, tem gente lá de Rondônia como eu tava lhe falando tem gente do nordeste tem gente Brasília, Minas, tem gente do Mato Grosso se não me engano na seleção de jovens, então assim apesar de ter essa centralização também por conta de investimento e estrutura há uma descentralização de talentos eles são encontrados em todo o Brasil e eu acredito que a modalidade do atletismo é mais fácil de você encontrar talentos por que ela não depende de uma estrutura tão grande quanto por exemplo natação, você não depende do coletivo como o basquete, não depende sei lá de estruturas tão grandiosas, no atletismo você pega uma pelota tu ensina o cara a lançar o dardo, tu pega um peso tu ensina o cara a arremessar então a estrutura é um pouco menor menos necessária nesse caso.

**E você acredita que essa seleção de talentos está ocorrendo no Brasil? E onde está ocorrendo mais?**

Essa seleção de talentos até um pouco tempo atrás ela ocorria única exclusivamente pelos clubes, pelos clubes é em cada nas suas cidades nas suas associações de deficientes e só eram levadas a nível nacional a conhecimento da organização nacional através do circuito caixa que vem acontecendo aí já 7, 8 anos né. Atualmente vem crescendo cada vez mais essa detecção através das paraolimpíadas escolares ainda assim os clubes continuam detectando? Sim muito, mas é o comitê paraolímpico brasileiro tá investindo bastante pesado na seleção de jovens que é baseada nos resultados desse pessoal da paraolimpíada escolares, é os organizadores do atletismo participam efetivamente da organização dos jogos escolares também para tentar fazer essa detecção, então agora como antes era só uma frente o clube tinha que levar o cara até um regional do circuito pra ver se consegue um bom resultado e participar do nacional. Atualmente não, atualmente os

clubes junto com as fundações de esporte com as secretarias com as escolas conseguem, ó tenho um aluno aqui que modalidade que ele vai se encaixar? tênis? Um arremesso? Uma natação? Consegue ai “.....” casas estudantis levando para esse evento nacional e ai os organizadores conseguem observar né.

**Você considera esse processo um processo formal ou um processo que esta se tornando profissional?** Esse processo ele esta se tornando profissional, mas principalmente pelo incentivo governamental federal, bolsa atleta estudantil. É em itajai agente já teve vários bolsa atletas a nível estudantis e quer queira ou quer não é um incentivo, incentiva principa.. e também os professores incentivavam o aluno “vamo fazer cara” vira um argumento no final das contas, vira um argumento assim ó “cara tu essa amputação de braço aqui vamo faz uma natação se tu ficar entre os três em uma prova você tem direito a 12 parcelas de 375 cara da quase 5mil reais 4.500 quase, isso vai te ajudar é uma grana que é pra ti tatatata” vira argumento, então tá virando profissional por conta da recompensa não que exatamente esta se criando estrutura, esteja se oferecendo profissionais capacitados, esteja se oferecendo fisioterapeuta, psicólogo. Tao pouco se profissionalizado o professor de ed física que tá lá no colégio, que deveria conhecer das deficiência pra poder já trabalhar com ele, é mais fácil você pegar uma criança com 8 anos fisicamente bem trabalha e inserir ela com 12 no esporte olímpico adaptado já profissionalmente falando né de rendimento do que pega uma criança com 12 sedentária não pratica um esporte por que na escola não deixam não pode. Então acho que um campo é difícil quantos mil professores de ed. física existem hoje no nível de Brasil essa capacitação ela é falha eu acredito.

**Você acredita que a única recompensa é a recompensa financeira?** Não é a única recompensa, mas capitalisticamente falando todo mundo algum momento que se oferece dinheiro você vê com outros olhos, criança entoa criança quer comprar tudo quer comprar aquele tênis de marca aquele óculos de marca aquele boné quer fazer uns pontinhos ali com a namorada com o amigo, tu oferece 5mil reais pra ele ir lá só correr por exemplo é um incentivo é uma recompensa não é a única, mas é um incentivo.

**Quais são os suportes que você acha necessário pra um atleta paraolímpico?** Ai já é outro patamar né. Ai atleta paraolímpico já deixa de ser aquela coisa formal como agente tava falando, amador ou daquela participação que agente tava falando lá do parajasc. Bom, em nível de seleção a estrutura tá sendo oferecida, o acompanhamento tá sendo oferecido tem semana de treinamento e tudo. Infelizmente eu não consigo hoje me deslocar pra um grande sempre de treinamento por exemplo, que eu tenho minha vida pessoal. Então a estrutura necessária para alguém que almeja ser campeão paraolímpico ela deveria ser um pouco melhor no sentido de financeiro mesmo, me capacitar pagar um plano de saúde por exemplo, me capacitar financeiramente a ter todos os suplementos que sejam necessários, me capacitar a ter um atendimento de fisioterapia mesmo fora da seleção mesmo morando em Itajaí, mesmo morando em Rondônia, Brasília. Sabe? É claro que essa estrutura ela não tem da onde viria essa estrutura? É complicado você dizer, hoje o ministério investi em que já tem o resultado já tem uma previsão de rendimento em 2016. Que é conhecida a bolsa podia, então acaba sendo bom? É ótimo pra min tá dentro de rol de atletas mas e meus companheiros? Será que não tem outros que poderiam é oferecer o meu rendimento ou até mais que eu? Se tivesse o mesmo investimento, a mesma oportunidade, a mesma estrutura então assim é complicado você mencionar isso sabe? que nem tu falou ali ó qual o suporte principal? Eu acho que o principal é dinheiro, acho que tudo parte do dinheiro se você tem um dinheiro

você consegue criar estrutura, você consegue contratar profissional, você consegue contratar alimentação nutricionista você consegue viajar para toda as competições coisas que outros atletas não fazem que não tem esse mesmo suporte, é complicado.

**Quando você fala em que outros atletas não fazem em função de?** Falta de incentivo financeiro, falta de incentivo do clube porque o clube também anda capenga, eu sou secretario do clube já tem 6 meses que agente não tem injeção de dinheiro de entidade privada por exemplo, de alguma impressa e a ultima vez q venho, venho ajudando um evento pontual. Eu vejo assim que o principal problema hoje é a sobrecarregou-se a estancia publica encima do esporte sabe? Tudo que é esporte hoje tá vinculado ao publico é o governo que banca seja municipal, seja estadual, seja nacional pouco se onera e se obriga a impressas privadas a incentivar esse e não digo incentivar com base na lei de incentivo que vai abater de um imposto que ele é obrigado a pagar não digo isso. Que aqui em Itajaí acontece isso encima do iss inclusive eu tenho projeto encima disso né, já acabei me bancando algumas coisas, eu digo em relação a função de patrocínio direto a financiamento direto assim, nos vamos ajudar o clube rodasolta a com equipe de atletismo e natação, passagem é, roupa uniforme, bababa, tudo, não é? É claro que o retorno de mídia tem q ser dado então tem clubes que não conseguem se organizar suficiente pra ter pra chamar atenção “não nos somo um bom chamarisco somos uma boa mídia”. Como o futebol é por exemplo. **Exato.**

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Em relação a minha vida esportiva? Assim, eu me vejo é hoje eu não vejo sem ser atleta, mas se eu olhar o Flávio de seis anos atrás ele não era atleta ele era uma pessoa normal que trabalha numa empresa pública que tinha a vida toda traçada e de uma “vontante” decidiu mudar. Então assim é eu não usei o esporte pra mim como válvula de escape por exemplo, mas pode ser usada entendi? Eu não usei o esporte como fonte de renda, mas pode ser usado. Muitos atletas hoje como eu falei bancam-se sua vida sua família com o esporte é eu não usei o esporte para mim é beneficiar politicamente eu não usei o esporte para me beneficiar profissionalmente no sentido de conseguir emprego é mas pode ser usado tu pode ter conhecimento eu não usei o esporte como qualidade de vida. Logo que eu amputei a primeira coisa que eu pensei eu não eu não posso me dar o luxo de engordar, eu me fiz um alto juramento assim “eu não vou engordar se eu engorda meu ombro vai pro saco, meu pulso vai pro saco meu cotovelo vai pro saco” e aí vou pra cadeira de rodas? Não vou, não que eu nunca vá, não quero me sujeitar a isso de maneira precoce, então eu não usei o esporte como qualidade de vida, mas pode ser usado então assim eu me vejo como um atleta fora da media como um atleta paraolímpico fora da media entendi? Não sei se me fiz entender. **Fale-me mais sobre isso?** Se tu me disser assim ó o que tu me pedir para fazer eu vou fazer. Eu já pulei de bangjump, já escalei, já fiz rapel, já andei de já testei varias modalidade, já joguei tênis em cadeira de rodas num campeonato que ganhei de atletas que jogava a 5 anos com dois meses de treino, já me testei na paracanoagem já me testei no paraciclismo em competição, já joguei basquete, já joguei handebol e se tu me pedir Flávio vamos

fazer halterofilismo? Vamo, bem planejado vamo, eu sou movido a desafios porque eu não me vejo exatamente como uma pessoa com deficiência eu não me vejo limitado pela deficiência ao contrario de mim, cadeirante por exemplo, ele ate pode com auxilio de outras pessoas fazer, mas ele vai conseguir escalar um paredão? Ele vai conseguir? Entendi? Então eu não vejo limitado pela minha deficiência e na verdade muitas vezes minha deficiência da mais vontade de fazer as coisas pra mostrar pra mim e pra mostrar pra quem me provocou que eu consigo, entendi? Então é o ser atleta foi mais um reflexo das minhas atitudo que eu já tinha antes em quanto pessoa de não me deixar abater de lutar e aquelas questões todas. **E em sua opinião o que pode ser melhorado no esporte paraolímpico...?** O que pode ser melhorado? Essa é uma pergunta profunda. Esporte paraolímpico como um todo? Cara, por mais que eu pense varias coisas eu acho que a principal delas ainda passa pelo dinheiro ainda passa pelas questões de verba pela descentralização de conhecimento, de verba, de estrutura e que tudo depende de grana infelizmente é isso, de incentivo ééé o Brasil já teve um salto muito grande nos últimos dez, doze anos paraolímpicamente falando mais tem muita mais o que desenvolver existem modalidades que são paraolímpicas que o Brasil nem chega a classificar por exemplo, e que seria talvez um foco para as próximas paraolimpíadas éé eu vejo que a busca por parcerias éé pra tentar suprir algumas dessas necessidades seria interessante é a parceria técnica não seria técnica, mas a parceria ideológica com instituições de ensino, que tenham o curso por exemplo de ed. física, a parceria de equipamentos com empresas multinacionais ou não que consigam desenvolver por exemplo no brasil uma cadeira de rodas competitiva. ééé eu sei que o governo já ta sobrecarregado talvez um subsidio de equipamentos esportivos, eu fui pro EUA competir na “nome da competição” convocado pela seleção e tudo, nos tinha criança com 8 anos com prótese “seleg” com “seleg” é o joelho e com prótese de fibra, bom isso custa 35, 40mil eu vi crianças com 12, 13 anos tocando “nome” que é a cadeira de corrida que custa 20mil no brasil. Se tu for pensar que uma criança dessas a cada dois anos nao cabe mais naquela cadeira, será que essa criança é rica? E não era uma era varias, o subsidio que o governo da tá sobrecarregado, já é bastante? é o suficiente? Não, mas já é o bastante, será que não seria interessante mudar o foco de ver de um outro ângulo? Adaptar talvez? Entendi? Eu uso bastante esse exemplo do eua é e também tem uma questão cultural nisso tudo, nos participamos do evento e tal tal tal era uma coisa que agente percebeu era muito veterano de guerra que sofreu lesões em guerra e aconteceu um episodio bem engraçado no aeroporto, havia dois amigos nosso que foram é particular foram pelo clube para esse evento não estavam com a seleção eles foram dentro do aeroporto jantar, antes de pegar o voo e os dois amputados a prótese amostra tal tal tal foram lá pediram uma refeição e na hora de sair o restaurante simplesmente não cobrou, disse que já tava pago, eles não souberam explicar se algum cliente foi e pagou ou se o restaurante não cobrou. Imaginando que os dois eram veteranos de guerra, o respeito, a honra de aquela pessoa ter sido mutilada representando a pátria não quer dizer que todos os deficientes foram não é, mas eles têm respeito, eles têm honra, eles têm responsabilidade perante aquele soldado, por que isso não acontece no Brasil? Não

digo que é para sair pagando a refeição para todo mundo, mas o respeito de respeitar uma vaga, de auxiliar numa rampa de construir uma rampa acho que começa antes de focar lá no resultado na paraolimpíada de 2020 Tóquio, acho q o procedimento é assim, por que boa parte dos deficientes hoje em dia nem tanto mas a 10 anos atrás ficavam em casa? Vergonha, medo, inacessibilidade, e isso tudo acaba sendo transferido na ponta da corda no resultado lá nos jogos esportivo, se você não tem respeito como que tu vai se sentir capas de competir? Se as pessoas não tem responsabilidade e auxiliar eu digo em tremo de empresas como tu vai atingir aqueles objetivos? É bem complexo essa analogia, essa analise e infelizmente é cultural, tu pega hoje tem gente eu paro na vaga de deficiente é um direito que tenho e tem gente que briga comigo. Então eu vou cobrar alguém? Po mas tu tá numa vaga exclusiva que a placa tá dizendo exclusiva e a lei? Eu não quero saber! Entendi? E não nem uma nem duas, se tu for conversa com 50 deficientes que usam carro os 50 vao te contar a mesma passagem em algum momento, é falta de respeito é falta de cultura isso é cultural. Eu do aula de geografia e num determinado momento numa avaliação os dois alunos que estavam colando a prova foi retirado era uma outra professora que tava aplicando a minha prova e o aluno que estava passando a colega venho e me pergunto po professor, mas tu me deu zero eu tava só passando a cola! Cara a corrupção é feito pelo corruptor e pelo corruptivo alguém vai corromper você, você é corrupto e outro é corrompedor, se você não se deixar se corromper e disser não eu não vou passar cola o outro não vai ter a quem corromper, hoje tu achar normal fazer a cola amanha tu vai achar normal furar fila de um banco depois mais vai achar normal não devolver o troco num lugar que você deu 10 e o cara devolveu 15 e se você for administrador de uma empresa gerente de uma empresa tu vai achar normal vender uma carga de 1 real e fazer uma nota de 2 real e ficar com 1 real e depois vai vira um politico e tu vai achar normal fazer uma obra de 1milhao virar 5. Ai ele ficou assim sabe? É cultural. Tu achar normal acha uma carteira na rua e pegar o dinheiro e jogar a carteira no lixo, se normatizou essa falta de respeito essa coisa e isso se imprimi também na questão da deficiência. “falo demais né, professor né cara”. **Mais alguma coisa sobre sua vida esportiva?** Cara minha vida esportiva é assim eu sou movido ao desafio, se tu disser Flávio você não consegue subir naquela arvore ali naquela torre, não consegue! Ah não consigo é? Tao tá irmão, eu sou movido a desafios assim durante minha vida toda acho que o primeiro desafio que eu passei eu te e o maior deles foi ter sobrevivido a um tumor de um câncer que extremamente fatal né, depois daquilo meu filho eu topo todo e qualquer parada e inclusive esportivamente falando, inclusive já tenho plano para depois de quanto parar com o salto altura já tem uma modalidade me foco. **Já está pensando no seu pós-carreira?** Já estou pensando no meu pós-carreira, no meu numa troca de carreira na verdade né após aposentar o salto em altura a sapatilha já penso em fazer tênis em cadeira de rodas é rendimento até porque na cadeira minha perna descansa. Bom não conta isso para ninguém.

## ENTREVISTAS NATAÇÃO

### Transcrição de Entrevista

Atleta: 01

Modalidade: NATAÇÃO

Data: 12/12/2014

Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP

### PESQUISADOR: Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?

*Então Vinícius, falar um pouco do meu ingresso no esporte paralímpico eu tenho que primeiro falar lá de trás quando eu nasci em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1979, nasci com a paralisia cerebral, que é falta de oxigenação durante o parto, essa deficiência ocasionou a falta de coordenação motora nas minhas pernas então até os sete anos de idade eu não andava para onde eu tinha que ir era me arrastando ou então era carregado nas costas pelos meus irmãos, eu tenho três irmãs e um irmão, lá em Natal e a vida foi bem complicada pra mim e pros meus irmãos porque aos dois anos de idade meu pai separou-se da minha mãe e você imagina que já é difícil uma mãe solteira criar cinco filhos em qualquer parte do mundo imagina no Nordeste, imagina no Rio Grande do Norte onde estatisticamente é uma região mais marginalizada, mais pobre e mais miserável mas eu tenho um grande ídolo no esporte que é o Ayrton Senna eu tenho uma grande ídola na minha vida que é dona Maria das Neves a minha mãe porque com toda as dificuldades ela sempre criou os cinco filhos de uma forma muito legal de uma forma que ela sempre falava meu filho aqui é o certo e aqui é o caminho errado. O caminho certo é mais difícil mas é muito mais recompensador, o caminho errado é mais fácil mas você vai conseguir as coisas com mais facilidade mas não é o certo e você lá na frente pode perder e pode até acontecer coisas piores e aí eu fui crescendo e aí o diagnóstico da paralisia cerebral veio um pouco tardia porque pela falta de informação naquela época e também a minha mãe sempre procurava os médicos e sempre davam o diagnóstico errado. E aí encontramos um doutor, Dr. José Valmar lá de Natal isso eu já tinha sete anos de idade e minhas pernas quando eu nasci eram cruzadas e dobradas então encontramos esse doutor e ele falou, não, podemos fazer uma cirurgia podemos fazer algumas cirurgias para desdobrar e descruzar as pernas do Clodoaldo e assim foi feito aos sete anos de idade fiz duas primeiras cirurgias nas virilhas, aos nove fiz uma cirurgia atrás do joelho da perna direita e aos 16 anos fiz a minha quarta e última cirurgia atrás do joelho na perna esquerda e ali foi quando meu médico recomendou a natação como fisioterapia então meu ingresso no esporte paralímpico não foi porque eu queria ser um grande atleta, não foi porque eu queria ser um grande nadador foi por questão de tratamento de fisioterapia, (recomendação médica) uma recomendação médica então até brinco se encontrar o doutor hoje eu dou um beijo na boca dele porque foi graças a essa recomendação médica que hoje eu sou Clodoaldo Silva (verdade, isto tudo foi lá em Natal).*

Isso tudo foi lá em Natal. É uma cidade que desde que desde 2005 que eu estou fora da cidade porque em 2004 em Atenas foi o grande boom do esporte Paraolímpico e do Clodoaldo Silva e eu morava na cidade, depois dali ficou difícil eu continuar na cidade porque surgiram várias oportunidades para eu realizar palestras motivacionais, para eu participar de projetos sociais e para melhorar a questão de treinamento, a questão de estrutura e tudo isso nós vimos

que tinha no eixo Rio-São Paulo então 2005 surgiu a oportunidade para eu ir para o Rio de Janeiro aceitei essa oportunidade e sai da cidade tanto que eu tenho muito orgulho quando eu vou para qualquer competição internacional e falam o nadador brasileiro Clodoaldo Silva conquistou a medalha, isso e aquilo, mas eu fico muito mais feliz quando falam que o Potiguar Clodoaldo Silva foi campeão foi isso foi aquilo eu tenho um orgulho muito grande pelo meu país mas principalmente pela minha cidade natal é tanto que eu me lembro como se fosse hoje e até hoje me sacaneam por questão de futebol logo quando eu cheguei do Rio uma semana antes um jornal foi me entrevistar para dizer que o Clodoaldo Silva estava indo para o Rio de Janeiro para questões de treinamento esta coisa toda e aí o cara chegou numa parte da entrevista e falou Clodoaldo vamos fazer um pingue-pongue: estado civil, o que gosta de fazer, pai, nome de pai, isso é aquilo e time de futebol e aí eu ABC futebol clube. Ai ele poxa Abc, ai eu é abC ai ele ha mas vocês quando vem do Norte vocês torcem para Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco (meu time). Eu nao gosto de ser indelicado com ninguém, voce que esta me conhecendo agora, me conhece e viu isso, então não gosto de ser indelicado so que nesse momento eu cheguei e fui um pouco indelicado cheguei para ele e falei olha primeiro que eu não sou do Norte do Brasil eu sou do nordeste e segundo o único time que eu tem tenho é abc então eu acho que paixão e time de futebol

você só tem um então se você quiser colocar na matéria sobre futebol sobre meu time vai ser abC não vai ser nenhum outro, então eu acho que esse orgulho que eu tenho de ser potiguar local onde eu morei a minha vida toda lá em Natal que é o bairro chamado mãe Luiza é mais conhecido muito mais pela

violência muito mais pela criminalidade é periferia de Natal mas eu nasci ali vive e passei grandes momentos da minha infância e adolescência tive muitos amigos lá que infelizmente muitos morreram por questões de droga outros não foram por um caminho tão bom como acontece mas outros também foram para um caminho legal mas eu nasci ali e eu tenho maior orgulho de falar isso e é tanto que hoje a minha mãe continua morando lá quando eu comecei a ganhar dinheiro na natação eu até sugeri para ela poxa vamos morar comigo no Rio de Janeiro ou então vamos morar em outro local aqui de Natal e ela não vamos morar aqui que eu nasci aqui e eu também concordei na hora que é um lugar que eu gosto sempre que eu vou a Natal faço questão de ficar na casa da minha mãe no bairro de Mãe Luiza e eu tenho certeza que as pessoas hoje lá me respeitam muito mais porque sempre eu tô lá e as pessoas poderem dizer poxa Clodoaldo poderia ir para qualquer lugar de Natal poderia morar em qualquer lugar do mundo mas sempre está aqui então eu espero que isso sirva de exemplo também para aquelas pessoas da comunidade principalmente crianças e adolescentes porque eu fui aquela pessoa que nasci ali que vi tudo que tinha que ver de coisas boas e coisas ruins mas que consegui ser um grande atleta, ser um grande cidadão eu acredito que isso também seja um grande exemplo para eles (beleza, eu também considero desta forma).

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

Eu acho que primeiro persistência, a determinação e depois veio o apoio, veio a importância da família na minha vida porque sem isso eu não teria conseguido nem sair de casa como eu falei eu tenho três irmãs e um irmão o único com deficiência sou eu mas a minha mãe ela nunca me tratou como coitadinho ela nunca me tratou como diferente então o que eu queria fazer eu fazia muitas vezes, não fazia, sofria

preconceito sofria discriminação mas por eu ter esse incentivo em casa meu filho você não é diferente você quer fazer vai lá se você não conseguir você pelo menos tentou e sempre acontecia isso ir no jogo de futebol sempre tentando me interar com outras crianças então muitas vezes não conseguia fazer perfeitamente como aqueles outros faziam mais aquele preconceito e discriminação do início passava por respeito passava por admiração porque eles viram que eu estava tentando é tanto que no jogo de futebol eu consigo ficar em pé ai naquela época ficava em pé com a muleta como goleiro ai a bola sempre vinha eu jogava a muleta para um lado eu pulava para o outro isso quase nunca dava certo e aí muitas vezes quando eu tomava (obrigado, valeu) um frango como se dizem os caras vinham pô Clodoaldo não pode levar esse frango me xingavam, essa coisa, ficavam bravos e eu ficava feliz porque, pô os caras não estão vendo o Clodoaldo deficiente os caras estão vendo (goleiro) o Clodoaldo que poderia pegar aquela bola então isso me deixava feliz e essa questão de ser tratado de uma forma não diferente mas de igual para igual com todo mundo isso me incentivou a continuar no esporte e isso me incentivou a todas as vezes que eu tinha uma grande dificuldade isso era uma grande motivação para mim portanto é tanto que a minha vida toda um não era um sim então quando me diziam não eu ia lá e vou tentar mesmo que eu não consiga mais eu vou sair aqui com um pensamento tranquilo porque eu tentei então essa determinação essa perseverança essa importância do apoio familiar é fundamental é claro que eu tive muita sorte porque eu fui criado desta forma mas também muitas vezes o que acontece na questão geral das pessoas com deficiência às vezes a família eles querem proteger eles gostam só que super protegem demais e ai você acaba não crescendo justamente porque a família te vê de uma forma diferente porque quer te colocar numa redoma e isso não é legal então graças adeus eu não passei por isso.

**E dentro deste começo da vida esportiva teve o suporte estrutural, financeiro, suporte de algum professor para começar na natação?**

Então o que aconteceu em 96 quando eu acabei minha quarta e última cirurgia meu médico recomendou a natação e aí uma professora minha do ensino fundamental que naquela época eu fazia a sétima série do primeiro grau ela conhecia uma professora de natação de uma academia tutubarao lá em natal ela me falou, disse onde era o endereço falou com essa amiga dela e eu fui lá na escola de natação cheguei, vi quais eram os procedimentos para poder entrar para poder começar a fisioterapia fiz a minha inscrição e aí comecei a nadar como processo de reabilitação terça e quinta então até aí como não era nada de alto rendimento não tinha um investimento e até mesmo para eu chegar até lá era complicado para eu chegar e retornar pra casa porque naquela época era dado uns tíquetes para as pessoas com deficiência e era um número limitado só que naquela época eu estudava, eu trabalhava e eu ia pra fisioterapia também então eu pegava muitos ônibus e era senão me engano era 60 tíquetes para 30 dias ou seja duas viagens por dia que você tinha e então meus tíquetes que eu recebia la da prefeitura de Natal acabavam nos primeiros 15 dias e os outros eu tinha que pedir para o motorista para o cobrador alguns me deixavam entrar no ônibus outros não deixavam eu tinha que esperar o outro e era assim dessa forma que eu levava minha vida então no início foram muitas dificuldades isso foi em 96 e aí eu fazia a fisioterapia pela manhã que era Hidroterapia só que eu soube que a tarde a equipe de paraatletas do Rio Grande do Norte treinavam naquela piscina e aí eu coloquei um objetivo pra mim eu vou fazer parte dessa equipe eu vou ganhar dinheiro com a

natação e eu vou ajudar minha família e vou ser um grande nadador e aí coloquei este objetivo sempre quando eu via atletas que não poderiam treinar a tarde e iam pela manhã ou o técnico tentava me mostrar pra eles nadava para lá e para cá para tentar que me vissem passou ano de 96 ninguém me viu veio no ano de 97 e eu com aquele mesmo objetivo e aí no meio do ano de 97 surgiu a oportunidade para eu fazer um curso de datilografia e aí fui fazer a inscrição do curso de datilografia a moça chegou pra mim e falou Clodoaldo nós temos dois períodos manhã e tarde qual o período que você escolhe? aí eu falei me coloca no curso pela manhã. fiz a inscrição no mesmo momento fui lá na piscina e aí falei com a moça olha próxima semana começa um curso de datilografia mas infelizmente só tem no período da manhã tem como você me coloca a tarde antes da equipe de paraatletas, pra eu não deixar a natação e nem perder o curso, ai ela falou tudo bem temporariamente até o curso acabar você fica a tarde, assim que acabar o curso você volta para de manhã pra fisioterapia beleza e aí comecei a nadar a tarde antes da equipe sempre dava aquele jeitinho brasileiro de permanecer um pouco mais na piscina para poder me mostrar para os atletas para o técnico eu sei que três semanas depois eu tava saindo da piscina aí o técnico da seleção na época que é José Roselio Vilar o Zeca Vilar ele veio pra mim e falou olha te vi nadando e aqui nós temos uma equipe de paraatletas que competem regionalmente, nacionalmente, internacionalmente eu queria te fazer um convite para fazer parte desta equipe e aí eu cheguei até pra ele falei bom eu nem sabia que aqui tinha uma equipe que legal aquela cara de surpresa tinha que fazer um charme então então ingressei no esporte Paraolímpico na equipe em meados de agosto de 97 e ali comecei a treinar com equipe já, até aquele momento não tinha nenhum suporte financeiro não tinha nada pelo contrario como eu te falei trabalhava e estudava naquele momento já estava treinando com a equipe e ai com a promessa de 98 no início do ano começar a vir as competições e aí me saindo bem nas competições poderia ter um patrocínio poderia ter um rendimento e aí começou o ano de 98 toda equipe começou a treinar a tarde e outros novatos também se juntaram à equipe e um dos novatos era eu e naquele ano de 98 nós tínhamos um calendário de competições muito extenso só que os novatos obrigatoriamente tinham que participar das fases regionais para chegar no Nacional e aí legal a fase regional que eu ia participar era em março treinando, treinando chegando uma semana antes de participar da competição eu ansioso pra caramba a competição foi adiada, foi para o mês seguinte, sempre era adiada, sempre era adiada até que se eu não me engano em agosto de 2008, falaram que não ia haver mais regional, (de 1998) de 1998 isso aí, que não ia mais haver regional e ai o técnico Zeca chegou pra gente falou olha pros novatos vocês não tem mais nenhuma obrigação de treinar porque esse ano infelizmente vocês não vão ter regional e conseqüentemente não vão ter Campeonato Brasileiro então vocês podem vir quando quiserem podem vir três vezes na semana porque vocês estão liberados agente vai ficar com a equipe que participa de competições nacionais e internacionais e isso foi desestimulando todos só que pra mim aquilo serviu de motivação e eu não desisti eu ia todos os dias, eu fazia academia, eu fazia piscina todos os dias só que a outra galera novata começou a desistir, desistia um, dois, três de repente eu estava vendo só eu de novato treinando com a equipe e aí ali com toda a dificuldade continuava indo e muitas vezes eu com fome que não tinha nada para comer só que aí veio o mundial para os meninos da equipe na Nova Zelândia e eu estava servindo de coelho já para os atletas já tava bem já tava nadando bem para caramba e estava servindo de coelho pra galera e num certo momento o técnico o Zeca chegou pra mim e aí Clodoaldo quero conversar com você vem aqui

na secretaria olha a partir de agora eu vou te dar R\$ 230 por mês porque eu estou vendo a tua dedicação pô você não tem nenhuma obrigação de vir você está vindo esta contribuindo pra galera essa coisa e isso foi meu primeiro dinheiro natação na verdade foi 130 era um salário-mínimo naquela época era 130 reais e cara eu fiquei bem feliz que era o meu primeiro dinheiro da natação e engraçado que nesse momento também lá em casa a gente sempre passou muito sufoco e aquele momento não era diferente e aí agente, nós estávamos passamos sufoco e aí eu recebi esse dinheiro (interrupção na entrevista, alguém parou para falar....) aí minha vida se encontrou e aí sempre passamos dificuldades a minha família essa coisa de pagar o aluguel ter o que comer essa coisa toda é só que eu peguei esse dinheiro e aí eu guardei não falei pra minha mãe não falei com ninguém e pensei não em uma dificuldade maior quando realmente precisar eu pego e dou pra minha mãe e aí eu tinha uma caixinha de tênis na verdade uma caixinha de tênis para mim é gigantesca que eu calço 45 e aí eu colocava as fitas cassete e eu coloquei o dinheiro embaixo e aí aquele dinheiro ficou ali aí num certo dia eu chego em casa minha mãe com a cara de desespero filho vem cá vamos conversar e aí eu iii que que eu fiz que merda eu fiz dessa vez ela chamou o que cê tá fazendo você está fazendo algo de errado, assim e tal, eu não tava sabendo não mãe porque porque eu encontrei esse dinheiro aqui eu não estava bisbilhotando suas coisas mas eu fui limpar aqui acabou caindo e tudo duas fitas eu encontrei esse dinheiro que dinheiro é esse? Ai eu expliquei minha mãe, essa coisa toda, isso foi uma parte bem engraçada porque minha mãe pensou que eu tivesse fazendo alguma coisa errada mas esse aí esse dinheiro foi meu primeiro da natação e 98 naquele ano eu não tinha perspectiva nenhuma eu só poderia participar de um nacional que ia ser no final do ano se eu participasse do regional só que o técnico e na época o presidente do comitê Paraolímpico Brasileiro que era o João Batista, João Batista Carvalho ele também foi pra Natal Zeca que falou de mim essa coisa toda e aí acabei participando do campeonato nacional sem participar do Regional pela questão da minha dedicação pela questão de eu estar evoluindo nos treinamentos e aí em 98 em dezembro participei do meu primeiro campeonato nacional que naquela época chamava-se terceira edição dos jogos para desportivos do Brasil naquela época nas três primeiras provas que foram 50, 100 e 200 livres eu ganhei três medalha de ouro e aí dali fui classificado no Brasil como S4 e no ano seguinte o Clodoaldo Silva já começou a participar de outros campeonatos campeonatos regionais campeonatos nacionais e 99 veio o mundial da Nova Zelândia para novatos participei naquela época fui classificado também deu a mesma categoria (classificação) S4 e aí e 15 dias depois fui para o parapanamericano no México houve outra reclassificação comigo que também deu S4 e aí no nos jogos mundiais eu consegui três medalha de ouro no ParaPan eu conseguir quatro medalhas de ouro e aí comecei a receber um incentivo, um investimento dos Correios que naquela época nos patrocinava e aí comecei a ganhar dinheiro na natação e aí depois vieram os grandes campeonatos paraolímpidas, mundiais parapanamericano então tudo isso surgiu em 98 ali no campeonato nacional disputado no Rio de Janeiro (muito legal).

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Cara eu acho que realmente as maiores situações de dificuldades pra eu ingressar foi a questão de eu vir de uma família muito humilde, essa questão de eu sair de casa, pela questão de acessibilidade mas principalmente naquele primeiro momento

quando acabava meus tickets que eu até te expliquei anteriormente eu tinha que pedir um a outro, um a um, uns deixavam outros não deixavam passava muitas vezes por constrangimentos essa coisa toda mas como eu falei eu sempre tive um objetivo eu sabia o que eu queria primeiro era a fisioterapia o que antes de 96 eu não tinha independência eu não conseguia ficar em pé, não conseguia dar passada depois que eu fiz as cirurgias eu comecei a ficar em pé, eu comecei a dar passadas, eu comecei a andar em pé me segurando nas coisas e aquilo pra mim cara eu acho que era uma alegria inexplicável então eu sabia que fazendo a nataçãõ fazendo a fisioterapia eu iria melhorar muito mais então como sabia que eu tinha um objetivo e então eu queria chegar naquele objetivo não importava o que eu tinha que passar pra chegar lá entendeu então isso sempre passava despercebido (passava desapercibido) e o que acontece quando eu vi uma piscina em 96 quando eu fui lá fazer minha inscrição pra fazer fisioterapia foi a primeira vez que eu vi uma piscina pô água toda azulzinha aquele monte de gente era uma piscina de 25 m eu fiquei encantado sabe aquela coisa apareceu e você vê um popstar alguma coisa eu fiquei encantado é tanto que fui lá falei com a moça e ela até falou ô a professora está ali vai lá conversar com ela para vocês alinharem o horário e aí eu fui na professora me apresentei ela se apresentou e aí ela você está com a sunga, você sabe nadar? Ah eu sei nadar sim lá aonde eu moro em Mãe Luiza perto de praia e eu nado pra caramba na praia sou um dos maiores nadadores essa coisa toda e aí ela beleza então você está com a sunga, tô, então vem aqui e já faz um teste e a piscina e 25 de comprimento e 12,5 de largura e aí ela olha eu quero que você nade até lá aí beleza comecei a nadar aquele nado de lagoa nem cheguei até a metade então foi bem engraçado porque eu ia a praia e eu ficava na correnteza sentado me deslocava me mexia e eu achava que sabia nadar que me achava que era o maior nadador do mundo, né então cara todas essas dificuldades que eu tive para ingressar na fisioterapia, ingressar no esporte foram mínimas porque eu sabia aonde eu queria chegar só que a gente sabe que isso não acontece com todo mundo na primeira na segunda dificuldade já desisti e eu já vimos muitos atletas muito melhores que eu desistirem no meio do caminho justamente por essas dificuldades então acredito que hoje eu sou um grande nadador essa coisa mas eu tenho certeza que lá trás tiveram muitos outros talentosos o que eu tive um pouco mais foi de persistência.

**O que você acha que pode ser melhorado para que esses outros que você comentou não desistam?**

Hoje Vinicius tá muito mais fácil, muito mais fácil porque está tendo investimento no esporte Paraolímpico principalmente na base foi algo que depois que eu voltei de Atenas com seis medalhas de ouro e uma de prata e tive oportunidade de poder tá divulgando o meu esporte poder estar divulgando o movimento paraolímpico houve investimentos hoje pelo Ministério Federal nós temos quatro níveis de bolsas que é o nacional que é o estudantil, o nacional, o internacional paraolímpico e apareceu a quinta agora que a bolsa podium então hoje nós temos esse investimento em alguns estados que ainda são pouquíssimos também tá tendo investimento todo ano acontece aqui em São Paulo às paraolímpidas escolares que são as maiores do mundo então eu acredito que hoje é muito mais fácil se têm muito mais oportunidade do que na época em que eu comecei em 96 com fisioterapia e 98 como a alto rendimento, né então mas eu acredito que tem mas acredito que possa ter mais capacitação para técnicos para pessoas com deficiência se bem que eu hoje nas faculdades hoje se tem essas disciplinas (é obrigatório ter) é obrigatório ter

então acredito que a questão de acessibilidade que pegava muito mas também era questão de acessibilidade, ônibus que naquela época não tinha ônibus acessíveis hoje em todo Brasil a gente consegue ver ônibus adaptados também obrigação, né é claro que eu espero que tudo isso possa se manter depois de 2016 essa minha incerteza do que vai acontecer depois de 2016 porque no momento eu acredito que o investimento para todos os níveis está sendo um investimento satisfatório que consegue ai a colocando estas pessoas que estão iniciando para poder estar indo para o alto rendimento é tanto que o Brasil hoje nós temos uma meta bem audaciosa de ser a quinta potência do mundo lá no Rio de Janeiro e todos os dias a gente sempre vê novos atletas surgindo então graças a esse investimento hoje está bom mas eu espero que isso possa continuar não só pra 2016 mais para as paraolimpíadas seguintes.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Cara na minha foi fundamental, na minha foi fundamental primeiro por esse fato que eu te contei o meu primeiro salário na piscina não foi pelo resultado mas ele viu minha dedicação viu meu empenho e foi por merecimento porque até ali eu não tinha participado de nenhuma competição não tinha ganhado nenhuma medalha não tinha nada e graças a deus eu sempre tive bons técnicos meu primeiro Técnico foi o José Roselio Vilar que foi o primeiro técnico da seleção brasileira paraolímpica depois veio Rodrigo Vilar que é o filho dele então eu não perdi muito porque sempre o filho tava acompanhando só que o filho era novo depois ele convivia com a gerente fez a faculdade educação física e quando se formou o pai passou o bastão e ai depois veio o Carlos Paixão que é de Natal também e atualmente eu estou com o Leonardo e o Marcelo que tem toda uma equipe e cara esses técnicos na minha formação foram primordiais foram fundamentais porque nunca, eu sempre fui um atleta que eu não tive grandes derrotas eu comecei tendo sempre vitórias, vitórias, vitórias mas por mim e por eles também nós sempre nos falávamos Clodoaldo sempre vão te cobrar mais para que você possa se sentir o mais tranquilo possível a gente tem que treinar tem que treinar muito mais do que treinou ontem tem que treinar amanhã muito mais que treinou hoje então a cobrança vai vir e também como pessoa também como pessoa essa questão de se deslumbrar essa questão de sempre estar com os pés no chão então eu fico feliz porque hoje eu nem considero técnicos eu considero amigos considero irmãos que me deram toda a força todo apoio e também contribuíram para que eu vou ser a pessoa que eu sou hoje (perfeito).

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Então eu acho que a primeira grande ação foi a Lei Agnelo Piva aqui surgiu em 2001 a lei Agnelo Piva também foi muito importante na minha vida porque até 2001 eu trabalhava, estudava e treinava é tanto que eu comecei a trabalhar aos 14 anos de idade meu primeiro emprego foi como um artesão eu fazia cadeiras de corda em natal na praia do meio isso foi um dos meus 14 ou 16 anos meu segundo emprego foi com em uma cooperativa e oficina de trazer orteses e próteses e o meu terceiro emprego e último emprego foi dos 19 aos 21 anos de idade em uma drogaria em Natal eu era auxiliar de escritório lá e 2001 eu estava com 21 anos de idade

precisava treinar precisava estudar e trabalhar só que estava muito complicado pra mim eu não poderia deixar os estudos eu não poderia deixar o trabalho e chegou um momento que eu tava me vendo mais no trabalho do que na piscina e eu comecei a dar uma prioridade um pouco maior para o trabalho e aí em 2001 a Lei Agnelo Piva e naquele ano ou Comitê Paraolímpico Brasileiro ele instituiu uma lei lá que os medalhistas de 96 que foi Atlanta e 2000 que foi Sidney em Sydney eu voltei com três pratas e um bronze iriam receber um auxílio, uma ajuda de custo para se manter no esporte e como eu era medalhista de prata eu passei a receber R\$ 1800 esse dinheiro foi fundamental porque era o dobro que eu recebia na drogaria e aí eu comecei, eu deixei o trabalho pra me dedicar somente a natação e com essa dedicação de nove meses só fazendo natação só treinando eu bati meus três primeiros recordes mundiais na Argentina em 2002 foi aí depois que eu pude ter uma tranquilidade para me preparar para ou para Pan de 2003 e depois para as Paralimpíadas de 2004. em 2004 foi quando teve o boom do esporte Paraolímpico quando Brasil naquele momento fez a maior e melhor campanha de todos os tempos e eu sai com seis medalhas de ouro e uma medalha de prata aquele resultado não foi só do Clodoaldo mas de toda sedação contribuiu para muitas coisas uma forma para que a sociedade brasileira pudesse ver as pessoas com deficiência e os atletas como atletas e não como coitadinhos e depois em 2004 surgiram investimentos que foi 2005 foi instituído a bolsa do Ministério Federal naquele tempo aquela bolsa atleta nos quatro níveis em alguns estados começou a ter bolsas estaduais também e aí começou a ter esse trabalho depois dali em 2004 com as loterias caixas começaram a apoiar o esporte paraolímpico e o Comitê Paraolímpico Brasileiro com mais força embora a caixa começou a patrocinar o comitê em 2002 mas não era nada oficial mas oficialmente em 2005 eles começaram com todo suporte e ali surgiu naquele ano o Circuito loterias Caixa de natação e atletismo que começou a descobrir grandes talentos e os grandes talentos começaram a ser descobertos em 2005 e aí veio Daniel Dias veio o Andre Brasil na natação e em outras modalidades veio a Terezinha vieram outros grandes atletas que eu tenho certeza que tudo aquilo começou em 2004 então surgiram os investimentos surgiram os novos talentos então em 2004 teve seu papel fundamental para evolução para o que é hoje o esporte Paraolímpico (OK).

### **Porque você acha que 2004 foi diferente por causa por causa da mídia!**

(Ele interrompe e responde) por causa da mídia porque a sociedade, eles sempre ouviam falar que nós íamos competir sempre depois dos Olímpicos mas eles só ouviam falar, isso começou com o comitê, o comitê foi criado em 95 mais em 96 o comitê já tinha feito um trabalho de mídia mas não foi um trabalho tão grande mas fizeram em 96 fizeram em 2000 só que em 2004 pela primeira vez foi um canal de TV por assinatura que foi o Sport TV que mostrou as provas ao vivo então as pessoas não haviam mais falar as pessoas passaram a ver e conhecer grandes histórias ali de atletas e ali, então a grande diferença de você ver e ouvir então depois que eles passaram a ver os atletas chorar porque perdiam medalhas ficavam alegres quando ganhava medalhas sabe então a sociedade viu que aqueles atletas tinham uma deficiência mas que não eram incapazes e aliás a gente conseguiu fazer uma campanha histórica e ali foi a primeira vez primeira vez de tudo sabe eu tive a sorte de ter saído de lá com o o grande nome de Atenas por eu ter essa facilidade de me comunicar por eu ter essa facilidade de passar uma mensagem de ser carismático essa coisa toda o Brasil começou a ver o esporte paraolímpico com outros olhos por isso que 2004 foi fundamental mas principalmente também pela

mídia porque também não teve só televisão em 2004 foi realmente quando a internet começou a ser mais conhecida as pessoas começaram a ter mais intimidade, Rádios também foram lá, jornais impressos também então toda essa questão favoreceu muito para evolução do esporte para olímpico (perfeito).

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara eu vejo que se não for o melhor é um dos melhores do mundo porque só aqui você vê um campeonato com um calendário voltado para as pessoas com deficiência, lá fora tem muitas competições são campeonatos convencionais que pessoas com deficiência também podem nadar podem participar é legal é legal mas eu acho que o esporte convencional tem que ter a sua competição e o esporte para pessoas com deficiência também têm que ter a sua competição primeiro que se for uma competição de natação por exemplo se for participar atletas convencionais e atletas com deficiência no mesmo torneio vai demorar muito porque a natação paraolímpica tem muitas categorias e isso não ... além de ser cansativo para os atletas vai ser cansativo para quem vê Também e eu acho que cada um na sua cada um tem que ter o seu espaço o esporte olímpico tem que ter seu espaço o esporte Paraolímpico tem que ter seu espaço é claro que nem um nem outro pode ofuscar é tanto que hoje nós já temos o premio Brasil Olímpico que já faz tempo e hoje nós temos o prêmio Paraolímpico então eu acho que tem que ter essa diferenciação esses seguimentos separados como o nosso comitê hoje em Brasília o Comitê Olímpico é no Rio e nessa questão de organização como eu falei aqui no Brasil é o único local que tem um torneio com várias etapas montado somente para pessoas com deficiência em outros lugares temos competições voltadas somente para pessoas com deficiência mas apenas é um ou dois torneios não é um torneio com várias tapas né, então eu posso dizer que hoje se não for o melhor do mundo a organização é uma das melhores mas é o tipo da coisa o Brasil hoje está investindo muito no esporte então eu vejo que é uma obrigação você ter que dar essa estrutura se você está recebendo investimento você tem obrigação de fazer bem é tipo pô eu tenho uma estrutura técnica muito boa essa coisa toda então é obrigação minha fazer um tempo bom porque eu estou tendo essa estrutura muitos me perguntam Clodoaldo quem foi o melhor presidente do comitê Paraolímpico Brasileiro eu falo cara com certeza hoje é o Andrews mais porque, porque hoje tem um investimento muito maior do que em 96do que em 2011 então é uma evolução que está havendo investimento por isso está tendo essa organização que é uma das melhores do mundo (...vini temos a maior competição escolar do mundo as paraolimpíadas escolares) as paraolimpíadas escolares são uma das melhores do mundo e hoje os atletas todos tanto das paraolimpíadas escolares e outras competições nos ficamos em hotel cinco estrelas mas a questão do hotel não é porque estamos querendo esnobar e assim porque estes hotéis que realmente nos dão toda a acessibilidade nos dão toda a tranquilidade de ir e vir infelizmente hotéis menores hotéis com estrelas menores já não tem acessibilidade o elevador é pequeno então hoje pela questão do investimento agente consegue ficar num local bom e não por ser chique mas por nos dar uma acessibilidade adequada.

**O que você acha que pode ser aprimorado para que novas gerações paraolímpica se desenvolveu?** cara eu acho que primeiro do que tudo eu acho que hoje se tem mas ainda falta no meu ver, falta o comitê Paraolímpico Brasileiro ele

tem que ter uma comunicação mais ampla com todos os clubes de todo Brasil de Roraima de Natal no Rio Grande do Norte essa coisa ao meu ver eu acho que não é errado mas ao invés de concentrar todos os atletas aqui, tirar das suas casas eu acho que o comitê poderia até trazer mas eles poderiam dar um suporte nas cidades dos atletas para o que a gente tenha em cada clube possa ter nos seus clubes no seu estado porque eu acho muito injusto com os técnicos e os atletas por exemplo um técnico trabalhar a vida toda com aquele atleta sua base a iniciação, a base, o alto rendimento como começa se destacar e chegar seleção brasileira e convidado para vir para cá e o técnico que passou toda aquela fase com ele como é que fica o clube come é que fica também porque muitas vezes e tipo o futebol você investe num cara você investe, bom esse vai ser vai ser vai ser o cara que vai despontar que vai dar mídia para o meu clube isso e aquilo aí quando ele começa a despontar ai ele vem para para a seleção e para aqui então não é errado mas eu acho que para podermos aprimorar isso todo Brasil poder justamente pô fizemos aqui e vamo fazer lá no estado de Roraima la no Estado do Rio do Norte no centro então se você não puder fazer nas regiões regiões norte, Nordeste, Sul, sudeste e centro-oeste então eu acho que ir isso sim isso poderia aprimorar e poderia dar um salto muito maior de qualidade para o Esporte.

**Você fala como os centros paraolímpicos como os que está sendo construído São Paulo?**

Isso, isso, pois e (exato), então acho que poderia ser dessa forma (concordo)

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não cara eu acho que você perguntou muita coisa eu já respondi tudo também eu acho que só eu tenho uma preocupação muito grande com o pós- atleta com a minha aposentadoria e agente vê grandes exemplos aí até do futebol futebol que os caras não se preparam para parar para aposentadoria ganham muito dinheiro e aí torram tudo durante o seu auge e quando acabar o que que eu vão fazer um grande exemplo aí mais recente é o Adriano o cara não pode dizer que nunca teve oportunidade sempre foi dado e hoje não tem clube, hoje o cara se engana, eu vou começar eu vou entrar em um clube e tal daqui a pouco é capaz vai acabar como Garrincha que muitos falam foi melhor que Pelé que foi melhor que não sei quem mas como o Garrincha acabou então eu tenho essa grande preocupação é tanto que eu hoje eu tenho um programa de televisão nem um programa de televisão até o ano passado lá no rio tem programas de rádio todos eles voltados para pessoas com deficiência então hoje eu faço natação porque eu gosto porque se eu quisesse parar eu tenho um investimento tenho apartamentos lá em Natal tenho um apartamento no rio então tudo que eu ganhava aqui na natação eu investia fora dela porque eu sei que um dia eu vou parar e o que que eu vou fazer então eu sempre tento na roda de amigos nas palestras motivacionais que eu realizo está falando desta questão de aposentadoria que se esporte convencional esporte olímpico é difícil imagina para o paraolímpico porque as oportunidades são muito menores, inclusão de mercado de trabalho a gente só tem 5% de vagas e muitas vezes dependendo da sua deficiência você tem capacitação mais você não vai conseguir entrar na

empresa porque a empresa não tem acessibilidade para te receber então a gente tem que se preocupar com esta questão de aposentadoria é o que eu estou fazendo agora eu espero aí que a galera possa estar vendo esta outra parte porque o Esporte é hoje não é amanhã.

**Você como atleta e outros atletas possuem algum suporte para o pós carreira?**  
nenhuma

**Nenhuma orientação?** Não, tem hoje no comitê Paraolímpico Brasileiro eu e outros atletas começamos isso que é o Conselho Nacional de atletas então eu fui um dos primeiros integrantes deste conselho quando ele se iniciou de 2009 a 2012 começamos essa discussão na questão de carreira após atleta e poder estar tendo capacitação poder estar fazendo alguma parceria com empresas para poder estar fazendo palestras para poder estar capacitando estar fazendo cursos com atletas falamos também, discutimos também a questão da aposentadoria para os atletas mais esse caso é bem complicado é algo, que ainda tem que ser conversado tem que discutir muito para chegar a um denominador comum mas as reivindicações as conversações começaram mas atualmente não se tem nada cada atleta que tem sua cabeça tem seu pensamento é que hoje ele tem que procurar então hoje no esporte para olímpico de alto rendimento está se recebendo muito bem os atletas eles tem que ser essa preocupação com o pós carreira e como eu te falei tem algumas coisas começaram algumas conversações como aposentadoria capacitação cursos mas por enquanto ainda tem nada de fato.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 02****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 12/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Foi por indicação do meu antigo técnico, antigamente eu treinava com pessoas sem deficiência desde criança, e em 2008 meu técnico assistiu os Jogos Parapanamericanos no Rio 2007 né, e ele viu atletas com deficiência semelhantes a minha, o mínimo grau de deficiência, aí ele chegou para mim e perguntou, primeiro ele chegou no meu pai e disse: *Acho que ele poderia participar dessa competição e tal, mas eu não queria chegar nele, conversando com ele que ele se sintia constrangido por eu estar chamando de deficiente.* E meu pai disse: *Acho que ele não vai se constranger, acho que ele vai aceitar na boa.* Aí ele veio conversar comigo, aí ele falou assim: *Porque você não tenta uma vaga para os Jogos de Pequim 2008?* Aí eu falei assim: *Mas o índice é muito forte. Não mas como Paraolímpico!* Aí eu olhei para ele e falei assim: *Tá.* Na época, nessa época minha família tava tendo uma crise financeira e tal, se der certo vou ter a ganhar e se der errado eu não tenho nada a perder né, porque não? aí desde então eu fui...entrei em contato com o órgão...com a FUNAB lá em João Pessoa, que é o órgão para deficientes físicos lá em João Pessoa e eles me mandaram para uma competição em Natal, o Circuito Loterias CAIXA-Etapa Regional, aí eu fui fazer minha classificação né, para saber se era poderia ou não, se era elegível ou não, aí eu consegui a classificação, fui classificado como S10, participei da competição, na própria competição já fiquei ranqueado como segundo melhor no mundo e dessa competição já fui pré-convocado porque eu precisava ter uma classificação internacional, eu precisava passar por outra classificadora internacional e fazer a avaliação novamente, um mês e meio depois eu embarquei para a Alemanha, participei de um campeonato aberto lá, e logo em seguida fui para Republica Tcheca onde fui fazer minha classificação internacional, aí foi onde eu fui declarado como S10, legível para participar de competições paralímpicas, desde então eu estou no movimento paralímpico, uma ascensão muito rápida, cheguei, ninguém me conhecia já estava no segundo do ranking mundial, cheguei nos jogos de Pequim, ganhei duas medalhas de prata, ninguém me conhecia, tanto que eu fiquei assim, só caiu a ficha quando eu cheguei em casa, depois dos jogos.

**Tu acredita que essas ascensões rápidas ainda acontecem no movimento paraolímpico?**

Acontece, principalmente na minha classe, porque é aquela classe que a gente chama: *Bordline*, que esta mais para dentro do que para fora, entendeu, ou seja, na nossa classe é o mínimo de deficiência sabe, e tipo assim, tem gente que pode ter a mesma deficiência que eu que não vai se considerar um deficiente físico, mas ta lá treinando e tal, aí do nada, foi indicado e ta lá, sempre pode acontecer isso, entende.

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

Motivação, principalmente dentro de casa, quando...meus pais sempre me incentivaram muito para participar de um esporte, sempre que eu não fazia nada eles estavam sempre querendo me colocar para fazer alguma coisa, minha família é que fez com que eu participasse do esporte sabe, se você não tem a base, fica meio complicado, para você querer, você tem que ter gosto e gosto você tem que ter desde pequeno, depois de grande você adquire o gosto mas não fica aquela paixão, mas qualquer hora você deixa de lado, e quando você é criança, você vai criando aquela paixão, vai criando aquela graça que tem o esporte sabe, e quando eu era criança, sempre fiz natação, quando não fazia natação, fazia futebol e via o pessoal competindo com aquelas roupas de nadar, achava o máximo aquilo, dizia: *Caraca, um dia quero usar isso, um dia quero estar nesse pódio, um dia quero estar na TV.* E hoje eu to realizando um sonho de criança entendeu, assim, graças aos meus pais, eles sempre fizeram de tudo para que eu pudesse estar nadando, competindo, crise financeira eles faziam...Eu não sei de onde meu pai tirava dinheiro para me levar para competição, meu pai era, meu pai era o cara entendeu, meu pai era mágico! E hoje em dia, graças a deus, estou bem financeiramente graças ao esporte, uma coisa que eu dou graças a deus é ganhar dinheiro fazendo uma coisa que eu gosto entendeu, eu nunca passei por isso, mas uma coisa que deve ser chata é trabalhar onde não gosta. Mas base da família, minha família foi tudo.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Não no paraolímpico, não, não.....mais ou menos, mais financeiramente sabe, e não no esporte paraolímpico.....ah teve um negócio sim...quando eu tava indo para minha primeira competição, eu pensei assim: *Caraca brother, um monte de deficiente físico, fiquei pensando assim, vou ver de tudo.* E quando eu era criança eu tinha vergonha de andar de bermuda, pelo fato de minha panturrilha ser mais fina que a outra e meu pé também ser menor do que outro, e eu tinha vergonha de andar de bermuda e sandália. Aí quando cheguei lá eu fiz assim: *Caraca, tem muito deficiente aqui veio.* Na primeira hora foi um baque né, aí quando cheguei lá e vi assim, disse: *Caraca, putz! os caras estão ruim hein.* Aí, parei assim e pensei: *Pow, os caras estão desse jeito e estão com um p\*\*\* sorriso no rosto e eu aqui me lamentando por causa do meu pé véio??* Não foi uma coisa negativa sabe, foi negativo para mim que estava sendo pessimista, mas logo em seguida foi positivo para mim sabe, assim, eu pensei negativo mas acabei colhendo bem positivo sabe, não cheguei a ter dificuldades sabe, tive dificuldade com colegas de classe funcional, que começaram a perder para mim e começaram a querer fazer protesto, entendeu? e principalmente que eu cheguei e já fui pré-convocado teve gente na seleção pronta para ir para Pequim, que tiveram que mudar, tiveram que tirar certas pessoas por minha causa aí acabou tendo algumas complicações em relação a isso, mas diretamente a mim não.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Ah, sem eles a gente não faz nada, não tem como nos guiarmos, por exemplo, o meu técnico...ele é meu pai, meu técnico eu confio nele 120%, não é 110 e nem 100, é 120%, porque? Ele quer que eu de resultado, ele quer que eu de o meu melhor, se ele ta reclamando comigo por causa de alguma coisa? É por que ele quer

o meu melhor, e isso é coisa de pai, se você esta em casa e seu pai vai reclamar porque você quebrou um copo e poderia se machucar, é ele querendo seu melhor, é a mesma coisa o técnico, quase uma figura paterna. E ele....a gente conversa como técnico atleta, é amigo por fora, tem dias que eu digo assim: Vai ter dias que eu vou estar estressado, vou xingar todo mundo, você inclusive, mas você vai estar lá para segurar, preparador físico e técnico é fundamental para isso, para manter a gente focado, se a gente tem um objetivo, eles estão ali para lhe guiar, eles estão ali para ajudar você a atingir aquele objetivo, é 50-50, 50 do técnico e 50 do atleta, porque o seguinte, o técnico sente quando o atleta ta cansado, quando ta bem, quando ta mal psicologicamente, ou seja, os dois estão juntos, os dois estão interligados, é fundamental.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Motivação principalmente, eu tenho minha meta pessoal de ano em ano sabe, claro, eu viso 2016, mas assim, daqui para lá tem 2 anos ainda e tem um caminho bem longo e você pode ficar desmotivado no caminho, eu procuro fazer metas assim, exemplo, esse ano eu tive meta em agosto e estou tendo meta em dezembro, para não ficar tão chato o ano, treinando sem competição, sem base. Eu me motivo a cada 6-7 meses, no mínimo e no máximo 2 competições por ano, o que mais me motiva é aquela sensação de: *Putz, toquei na frente!* sabe? passei 4 anos sendo segundo lugar, ganhava vez ou outra, quando eu ganhei a primeira vez, Cara, o gostinho é fantástico! Aquilo que eu quero. É a sensação sabe, interna. Fica mais visível e eu sempre fui muito competitivo, muito, mas muito mesmo!! Você não tem noção veio! Esse ano eu cheguei para mim: Vamos ganhar tudo! Que se exploda o resto, até hoje to ganhando, e se eu ficar em segundo por 0,01 é o fim, é como se não tivesse nadado.

Também.....hoje eu tenho meus patrocinadores particulares né, tenho também um do governo federal e um do governo estadual, que seria a Bolsa-Pódio e o TIME RIO, que é do governo do Rio de Janeiro com parceria, eu tenho esses patrocínio e Loterias CAIXA, então hoje, graças a deus com isso eu tenho tudo que preciso para me manter no esporte de alto rendimento, o que preciso eles me fornecem, sempre que eu preciso fazer algo por fora, ter que pagar por conta, graças a esses patrocínios em tenho condições suficiente para fazer isso, eu fui morar em Manchester, Inglaterra e eu estava me bancando entendeu, graças a deus nunca faltou dinheiro em relação a isso e graças aos meus patrocínios e ao incentivo do governo eu consigo viver bem, pessoalmente e no esporte, o investimento que eu faço em mim mesmo é alto, mas com a ajuda do governo e meus patrocinadores eu consigo me manter bem.

**Quais os suportes você acha importante para um atleta que esta iniciando no esporte paraolímpico?**

Tem que incentivar, incentivo principalmente desde criança, principalmente no esporte paraolímpico que é meio complicado, porque quando você é mais novo a família tem que privar muito a criança em relação a medo, segurança sabe, e isso acaba prejudicando, você vê lá fora, porque que a Austrália, estados Unidos, Holanda, Canadá tem muitos atletas novos? Porque desde criança, lá no colégio eles são tratados como ...como deficientes claro, mas também como esportistas entendeu, ou alguma coisa sem ser deficientes sabe, eles vão para clinica fisioterapia ai começa a fazer e..ah, eu gosto de natação! Aí a fisioterapeuta diz: Porque você não faz natação? Não vem de casa o incentivo, vem de fora entende. A

família priva muito as crianças, priva por medo, medo de se machucarem, não conseguem fazer, por desconhecimento. Eu morei fora do país né, dois anos, lá na Inglaterra eu vi várias coisas, eu vi como funciona o momento, visitei vários projetos lá e assim, o interessante que lá, das poucas crianças que estão lá, os parentes estão na piscina, no dia a dia com eles, eu cheguei a fazer clínica para pessoas com deficiência na natação, e o que eu via com as famílias era que tipo assim, ele me olhavam e diziam assim: *Caraca, o cara   o cara*. Aí no final da clínica eles vinham me agradecer e me diziam: *Será que meu filho consegue?* Não depende só dele,   70% neles e 30% em vocês, vocês tem que ajudar eles em casa também, tem que incentivar eles...mas, a falta do conhecimento mesmo do esporte paraolímpico, de 2008 para cá melhorou bastante, tivemos muitos atletas novos aqui no Brasil, mas ainda falta muito mais para melhor. E o Brasil está muito na frente em rela o aos programas para atletas com deficiência, entre aqui e lá fora, o Brasil está muito na frente, por exemplo, aqui a gente tem escolares, l  na Inglaterra eles não tem escolares, lá eles não tem campeonatos escolares, eles tem regionais e nacionais, ou seja, fica meio complicado, principalmente por ser um país frio, entende, assim, eles tem....ah, tem projetos, tem um projeto chamado Panathlon que   meio de escolar, agora que eu lembrei, só que o Panathlon ele abrange esporte que não são paraolímpicos, que não estão no movimento paraolímpico, para acolher as crianças com deficiência, mas assim, o incentivo que o Brasil tem hoje   maior do que tem l , a diferença está no foco que o Brasil d ,   o alto rendimento, a gente começa no escolar, do escolar vai para o brasileiro e dali alto rendimento, e l    uma coisa lúdica para criar gosto e tentar fazer alguma coisa por ventura.

**PESQUISADOR: Como você v  a organiza o geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

De 2008 para cá, eu não sei como era antes, vem melhorando bastante, hoje a gente na nata o principalmente, a gente   uma das maiores potências mundiais, a gente tem tudo que precisa, no alto rendimento isso, a gente   visto lá fora como top, top 3, porque? Vários atletas multimedalhistas entendeu, e isso vem do investimento do Brasil, do Bolsa-Pódio, Bolsa-Atleta, investimento simples que deram futuro, e hoje em compara o a 2008 por exemplo, a gente está sendo comparado com o esporte olímpico, e a gente ganha mais medalhas que o esporte olímpico, isso   fato, e isso porque? Não   porque   mais fácil, e porque a gente trabalha duro mesmo,   claro, a concorrência do olímpico   bem maior mas, não interessa quantidade, interessa qualidade, a equipe do Brasil   uma das menores equipes paraolímpicas do mundo, a gente foi para Londres com 20 atletas, a equipe da Grã-Bretanha foi com 54, a China 53, a Rússia com 53 também, a maioria foi assim, mais de 26, 28 entendeu, então para você v , com a ajuda da nata o a gente ficou entre os 7 do mundo, e hoje a gente   referência mundialmente.

**PESQUISADOR: Em rela o a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Cara...   complicado, porque teve a rela o do preconceito quando eu era criança, mas isso vai ter sempre, até com pessoas de diferente etnias e tal, classes sociais, sempre rola, até o jeito que você se veste, isso sempre vai ter em todo canto, a diferença   como você vai lidar com essa situa o, entendeu, se você   de bem com você mesmo, não importa o que os outros acham, foi isso que eu vi na minha primeira competi o paraolímpica, foi a melhor li o que eu tive, contanto que você

esteja bem com você mesmo, se aceito o que você é, não interessa o que os outros acham, hoje o pessoal olha para mim e vê minha perna e eu fico olhando para eles assim: O que esse cara deve tá me olhando? Entendeu, amadureci muito mais assim depois que eu comecei a participar do movimento paraolímpico, mais ou menos isso.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 03****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Então foi por meio de indicação médica que comecei para melhorar os movimentos de membros inferiores e aí encontrei uma técnica e ela me convidou para treinar e aí eu fui desenvolvendo e comecei a participar de algumas competições e vem dando resultado até agora. O início foi em Goiânia, foi no clube... no ginásio Rio Vermelho, que é um centro que tem piscinas, quadras, é tipo...do governo sabe, tipo iniciação para pessoas com deficiência e sem deficiência em conjunto.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Cara, foi muito importante treinar todos os dias sabe, porque se você não treina você não vai ter resultados e o mais importante que eu acho mesmo foi isso aí, antes eu treinava tipo, era, fazia duas vezes natação e três vezes fisioterapia na semana, antes de começar a competir né, assim que eu comecei a competir aí eu parei de fazer fisioterapia e continuei só na natação e eu sinto que a natação deixa eu melhor que com a fisioterapia. No início eu não tive nenhum suporte, tipo ninguém falou vamos te patrocinar aqui, o início foi muito mais por conta e tal, claro tinha a associação lá em Goiânia que banca as viagens e tudo, mas assim, questão do pagamento não tinha.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Cara, não, assim da minha parte eu não vejo nenhuma, foi bem tranquila assim eu consegui....só questão de apoio assim do estado que dificulta um pouco mas não...tipo um apoio financeiro para o atleta, um apoio com a estrutura melhor porque o estado pode oferecer isso para o atleta paralímpico e não só pra paralímpico mas para outros atletas também, é isso aí só. Pra iniciação tinha um profissional capacitado, que foi a professora que me iniciou no esporte.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

Toda, porque sem um técnico bom assim, sem uma técnica, que seja, o atleta não vai desenvolver por conta própria, porque tem que ter .. tipo, periodização certinha, fazer tudo certo, técnica, tudo, esse papel do treinador, assim na escola eu sempre fui bem participativo nas aulas de educação física, apesar de ter vezes que eu não conseguia fazer algum esporte pela deficiência né, mas sempre procurava estar presente e tipo os professores sempre incentivavam isso assim, Ah Italo, vamos fazer tal coisa! eu sempre fui incentivado assim, por eles. Nunca teve um que chegou e disse: ah, fica ai que eu te dou nota. Não. Sempre falavam: ah, faz alguma

coisinha e tal, tipo nunca deixava eu ficar parado num canto só vendo os outros brincar.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Cara, é uma das ações é a criação do Centro de Treinamento do CPB, isso motiva bastante saber que o vamos estar com uma nova estrutura aí, coisa de primeiro mundo mesmo, isso vai contribuir bastante para geração que está agora e para geração que vai vir também a questão das bolsas motivou bastante os atletas os iniciantes e os que estão hoje, porque hoje para você ser um atleta exige um custo muito alto, questão da suplementação, profissionais à sua volta e essas ações do governo assim, são essenciais para manter o atleta, atualmente esses custos eu pago, mas eu tenho incentivado do governo federal que é a Bolsa pódio e os profissionais que nós temos são do CPB, pelo Centro de Referência.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara, então eu entrei muito cedo assim, faz pouco tempo que eu estou no esporte paralímpico, mas hoje pelo que eu percebo está muito melhor do que quando eu entrei é muito mais organizado assim, tipo... um exemplo de organização: as paralímpiadas escolares, cara quando entrei, tipo assim ninguém sabia o que era, hoje é um mega evento tipo, sai em todos os lugares, na época que eu entrei ninguém, tipo, mas hoje conseguiram dar uma baita visualização para as paralímpiadas Escolares, e essa ação e contribui bastante pra que novas gerações cresçam no país, eu particularmente não sabia que existia paralímpiadas escolares quando comecei, e tipo, ela já vinha acontecendo entendeu? E, tipo crianças assim, podem estar participando, isso é um incentivo muito grande saber que tem competições a nível nacional para estudantes assim. Hoje a nataçao está muito boa mas ainda tem muitas coisas para melhorar que vão ser com tempo, que essas coisas vão se encaixando, questão de estrutura de treinamento, que...estamos esperando sair o centro de treinamento né, tem muita coisa que pode melhorar, assim, já melhorou mas ainda pode melhorar ainda mais.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não, tranquilo.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 04****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

No esporte paraolímpico de alto rendimento mesmo, foi quando eu me mudei para Florianópolis, eu tinha.., foi por volta de 2007 que eu comecei a competir na nataação, foi lá que eu comecei, eu sempre nadei né, sempre tive nataação não como um esporte mas por diversão mesmo, ai quando em mudei de Bagé no Rio Grande do Sul para Florianópolis, foi que eu comecei a buscar competir e foi quando eu competi pela primeira vez. Eu comecei lá em Bagé com 08 meses de idade, nataação para bebê né, pela deficiência já recomendaram a piscina pra..por hidroterapia essas coisas assim, mas eu sempre gostei muito da água, vivia o tempo todo no clube lá em Bagé na água, sempre que dava eu tava dentro da piscina, mas era por diversão, porque dentro da água a deficiência não existia para mim né, então era bem tranquilo. Por volta de 2008 eu percebi que podia ser atleta, que eu podia investir nisso, quando eu mudei para Florianópolis eu comecei a praticar vários esportes né, fiz basquete, fiz...tudo que está na lista clássica assim né, eu comecei a fazer, ai eu passei a não gostar muito dos esporte coletivo por depender muito dos outros, e enquanto eu fazia os outros esportes eu seguia praticando nataação, por gostar mesmo. Ah eu vou tentar nataação né, já que eu sempre fiz nataação, daí eu fiz e tive um bom resultado já de início e daí eu só investi mais e continuo até hoje.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Acho que foi mais exemplos né, porque eu comecei no...eu conheci o esporte paraolímpico na verdade vendo o Clodoaldo, eu vi ele na TV daí foi a primeira vez que eu, foi o primeiro contato que eu tive com esporte paraolímpico, eu não conhecia antes, eu achava que não existia, ai quando eu vi ele já abriu a quantidade de possibilidades que tinha para mim né, ai foi mais por inspiração né, me inspirava no pessoal, eu via eles e queria ser parecido assim, foi em 2004, nas Paraolimpíadas de Atenas, ai eu... como não tinha nada lá em Bagé nossa família começou a perceber que as oportuniades lá seriam poucas para mim, ai..como Porto Alegre também era complicado, ainda é complicado hoje em dia, ai a gente resolveu dar uma fugida, escapada, ai fui para Florianópolis e lá que comecei a praticar o esporte paraolímpico né, porque lá tinha: associação, tinha tudo certinho e foi lá que eu fui iniciado no esporte mesmo para competição.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

É, mais ignorância né, falta de conhecimento de profissionais de educação física, professores de academia, por não conhecer tanto o esporte paraolímpico quanto a deficiência em si, achava que não tinha como, achavam que era complicado mesmo.

Eu lembro que em Bagé eu tinha um professor de educação física que...ele também não conhecia nada de esporte paraolímpico né, ele era árbitro de basquete, ainda é árbitro e eu lembro que ele foi na internet, foi em tudo que é canto pesquisar, procurar para mim, trouxe tudo que é regra e a gente começou a fazer lá mesmo em Bagé, então é a diferença de profissional né, enquanto outros que não sabiam o que fazer só se afastavam assim, *ah..então faz o que pode ai que eu vou seguir ganhando meu salário, cada um na sua*. Maior problema assim foi esse. Estrutura é geral né, não tem muito erro, um lugar com piscina já existe o esporte, já favorece o esporte, na natação é mais tranquilo, onde tem piscina já tem modalidade.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Ah muito grande. Até porque eles que direcionam a gente, se fosse de qualquer forma já tinha parado há muito tempo, eu quando fui para Florianópolis tive a sorte de ter um treinador muito bom que começou a me acompanhar lá e começou a me instruir né no caminho do esporte, ele já era atleta da natação, ele é treinador de uma equipe máster e daí ele abraçou a causa né, e começou a me ajudar bastante, sempre me incentivando, mostrando os caminhos, com muita dificuldade né, ele não tinha experiência com o esporte paraolímpico, foi a primeira vez, então foi que nem o professor de educação física lá de Bagé né, a pessoa que é interessada, ele viu uma oportunidade e começou a pesquisar, começo a aprender e daí a gente foi muito longe desse jeito.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

O governo sempre ajudou no quesito de bolsa né, bolsa atleta sempre foi...eu no caso nunca tive patrocínio, agora que eu, depois de 2013 que eu fui ter meu primeiro patrocínio da caixa, mas antes eu tinha o bolsa atleta que foi o primeiro incentivo que eu tive financeiro no esporte e eu sei que hoje em dia ele é um incentivo para muita gente não largar o esporte e para muita gente começar no esporte, as pessoas que estão meio na dúvida, por casa que quando descobrem que tem essa oportunidade, de melhorar um pouco sua vida com o esporte, da uma motivação a mais para depois acabar se descobrindo que é aquilo mesmo que ela quer fazer e que ...todas as possibilidades que tem. Mas não é a mais importante para se manter como atleta, acredito que no Brasil tem uma confusão muito grande de incentivo para atleta que é dinheiro né, mas acho que...como a gente viaja muito, muita competição internacional, treinamento fora, a gente vê que lá fora os melhores atletas não é questão financeira que faz a diferença, é a questão estrutural que eles tem, então não é que o atleta precise ganhar 50mil por mês, isso aí, se ele vai conseguir dinheiro, é bom que ele consiga pela meritocracia né, pelos resultados que ele tem e tudo mais, só que para o atleta conseguir chegar lá e ele conseguir manter o resultado bom ele precisa de uma estrutura, o dinheiro incentiva, só que só o incentivo assim não se consegue medalha só por vontade, tem que ter o treinamento muito bem feito e tem que ter toda uma estrutura para isso. Hoje está melhorando, eu sai de Florianópolis por conta disso, por que lá não tinha estrutura, tive a estrutura para começar e consegui ir bem longe com ela, só que em 2013, véspera do Mundial, eu fui chamado para ir para...integrar o grupo da seleção que tava treinando exatamente para o mundial, era o grupo que está aqui em São Caetano-SP praticamente, e a gente foi para o Rio de Janeiro-RJ treinar, foi a

primeira vez que eu fiquei longe da família e a primeira vez que fui para uma estrutura realmente de alto nível né, no Maria Lenck lá que é uma estrutura...a estrutura do Pan e tudo mais, e lá fez toda a diferença, porque em Florianópolis além de eu não ter muito apoio não tinha estrutura, era tudo meio complicado, exatamente pelo pessoal não conhecer, não saber direito, então eu resolvi correr atrás. Na minha opinião, a principal questão por não formarmos tantos novos atletas é essa questão estrutural e de...digo o exemplo do Clodoaldo mesmo né, que a gente tem pouco, nós temos poucos espelhos, hoje em dia já tem mais, depois de Londres 2012 teve um incentivo bem maior, a natação começou a ter maior visibilidade, só que mesmo assim o espaço no Brasil, questão de mídia e tudo mais é bem complicado para a natação e para todos os esportes que fogem do padrão...padrão do futebol por exemplo, dizem que é questão de....eu entendo como funciona essa questão mídia, de marketing, tudo mais, só que é difícil cobrar, não ter atletas novos e tudo mais se eles não tem visibilidade para que as pessoas se inspirem com isso, como eu me espelhei com o Clodoaldo nas Paralímpiadas. Tu vê o esporte Olímpico mesmo, as vezes a gente chegava aqui na piscina do São Caetano ou qualquer piscina do Brasil, quantidade de atleta tinha na natação, piscina lotada, sempre lotada, lotada, só que poucos atletas realmente atravessam para o lado do alto rendimento para competições internacional por exemplo, para buscar uma Olimpíada ou Paralímpiada e isso é mais porque acaba saindo tanta coisa negativa vindo de tudo que é lado quebrando o sonho do atleta e acaba, *ah é melhor arrumar um emprego que isso aqui não vai me levar a lugar algum*. Só que na verdade é apenas uma barreira que tem que se quebrar né...*ah. to tendo dificuldade agora só que se eu treinar, investir mais em mim eu vou conseguir resultado*. Só que é difícil o atleta acreditar em si mesmo quando não se tem em quem se espelhar. A mídia pode ajudar nisso, ainda tem um olhar muito antiquado para o esporte paraolímpico, porque o esporte paraolímpico começou era por integração social né, e não de alto rendimento, era muito mais para questão social, inclusão social né, o deficiente na sociedade e tudo mais e hoje em dia o esporte paraolímpico evoluiu muito, então tem lado científico, todas as áreas do esporte paraolímpico hoje em dia...até em algumas áreas é referência para o esporte olímpico né, então, eu acho que ...mais ou menos por isso, por aí.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Minha opinião é boa, boa, tá melhorando ainda, tem bastante para melhorar ainda, só que, desde que eu comecei no esporte paraolímpico uma coisa que incentivou foi pelo comitê paralímpico brasileiro era uma coisa bem organizado, eu não cheguei a pegar antes como foi, eu sempre ouvi muitas histórias –não muito boas-, só que eu conheci bastante o esporte olímpico né, e a gente sabe que tem muitos problemas o esporte olímpico, sem..não vou fazer intriguinhas né, mas a gente sabe que o CPB ele tem uma visão muito boa para esporte paraolímpico, sempre investiu muito bem no esporte paraolímpico, talvez por isso os resultados vieram tão rápidos em relação ao curto tempo de vida do esporte paraolímpico. Na natação como é um dos carros chefes do CPB, como atletismo e natação então sempre teve um apoio bom, só que natação paraolímpica sempre teve um resultado maior por conta de poucos atletas né, poucos atletas que conseguiam maior número de medalhas, hoje em dia isso está começando a mudar, com o investimento melhorado do próprio CPB, começou

a incentivar mais atletas de fora, de outras regiões, outros atleta né, é que não adianta, acaba sendo o que o Clodoaldo fez por mim por exemplo, o que o Clodoaldo fez pelo Daniel Dias, pelo André Brasil, e é o que André Brasil faz por outras pessoas, o que o Daniel Dias faz outras pessoas e o que o Clodoaldo ainda faz pelas pessoas e é aos poucos que vai trazendo pessoal e fazendo o pessoal acreditar que da para conseguir bons resultados no esporte.

Acho que ainda pode melhorar o incentivo de base né, porque eu quando comecei não tinha tanto na questão de conhecimento como incentivo motivacional mesmo, do esporte, porque como era longe do polo, acabava sendo esquecido, não tinha muito apoio, então sempre acabava bem distante assim, então acho que um apoio para quem esta começando é importante, hoje em dia no Brasil a gente tem um apoio muito bom para quem já esta com resultados, só que quem ta chegando perto, quem ta correndo atrás não tem, então precisa ter resultados para ter apoio e não da para ter resultado sem ter apoio, é meio complicado. A Paralímpiada escolar é muito importante para isso, eu mesmo comecei com a Paralímpiada escolar em 2007, primeira que participei e isso foi um incentivo muito grande para mim, logo depois eu fui chamado para minha primeira competição internacional que foi em 2008, foi pelo resultado dessa Paralímpiada escolar que foi um Mundial Jovem, nos Estados Unidos, e se não tivesse isso eu não sei exatamente como seria né, se não tivesse essas competições, porque o atleta treina só que ele não treina por diversão, ele treina para competir e é preciso ter competição.

**PESQUISADOR: *Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?***

Não sei, assim de cabeça acho que é isso.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 05****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Então, é..eu sofri um acidente de trem aos 9 anos, aí minha recuperação foi bem rápida assim, fique 23 dias no hospital, depois eu já estava em casa, e minha mãe como toda família tinha muito medo né cara, de eu ficar em casa, de eu não fazer nada e eu já tava muito gordo né, por causa da cadeira de rodas, eu fiquei um ano e seis meses na cadeira até colocar a primeira prótese então eu precisava fazer alguma coisa, então o CEPE que é o Centro esportivo para pessoas especiais, que é uma associação lá de Joinville foi até minha casa e me convidou para nadar e daí desde então eu segui nadando, eu comecei né, por lazer, sem intenção ai logo depois eu ...comecei com uns10 anos, com uns12 eu já estava treinando, aí, a primeira vez que fui para o estadual já consegui índice para o brasileiro, no brasileiro consegui medalha e em 2009 eu participei da minha primeira competição internacional que foi na Colômbia, e depois em 2010 eu já era da seleção permanente, principal. Fui para o mundial absoluto na Holanda e foi seguindo..Eu graças a deus eu tive boas pessoas no meu caminho na questão da escola, meus professores da escola sempre tentaram fazer eu fazer parte daquilo, eu fazer parte da educação física, só que o incentivo é muito fraco, é pouco e assim, como eu tava na natação já, eu acabava não participando da educação física né, por como se tornou profissional já era um risco né, então acabava deixando de lado a educação física da escola para não ser uma risco de se machucar e para poder treinar, mas até então eu sempre fui apoiado assim..e tudo mais, só que eu acho pouco, eu acho que o professores tem que estar mais preparados, é professores e professores né cara, por exemplo, eu tive um que não me colocava para fazer nada, ele falava: Ah, fica aí. E outro me obrigava a fazer as coisas né, então assim, ta certo, tem que fazer..então eu acho que falta mais preparo mesmo mesmo, não só com os professores de educação física, todos no geral, porque as vezes eles não conseguem lidar com a deficiência do aluno as vezes eles não conseguem lidar com isso e daí não conseguem fazer o aluno explorar mais ainda, falta conhecimento específico do seu aluno, sei lá, as vezes tem medo né, até machucar a criança uma coisa assim, com certeza atrapalha.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Ah cara, assim....é complicado para mim falar isso, por exemplo condição financeira, eu fiquei nadando até os meus 15 anos sem receber nada praticamente entendeu, aí eu recebia para pagar a suplementação, então assim, a ajuda financeira, o retorno financeira demorou muito para vim, então com certeza não foi um ponto sabe, mas é... é que cara, eu realmente eu gosto do que faço, eu gosto muito de nadar, então não tem: *Ah eu segui nadando porque..* não tem essas baboseiras, tipo eu segui nadando para deixar minha mãe feliz, segui nadando porque..sabe, com certeza né cara, qualidade de vida, questão de saúde, agora eu emagreci entendeu, eu tava bem gordo já por causa da cadeira de rodas, tudo isso

né, disposição né cara, qualidade de vida em si, ela aumenta muito mais, você acaba não querendo deixar de praticar né, você acaba querendo seguir praticando o esporte, mas eu sempre gostei muito né cara, quando eu comecei que eu vi que eu gostava, então essa minha dedicação sempre foi muito grande por gostar do que eu faço né.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Ah, sem dúvida, a questão financeira é uma né, é difícil, hoje o esporte paralímpico não é como antes, hoje é difícil de chegar aqui, hoje não é tão fácil, hoje não é sua escola que te chama para um campeonato escolar, você vai lá e ganha uma medalha e vai para um mundial no ano que vem, tipo, hoje é difícil, hoje você realmente tem que treinar, realmente tem que se dedicar nisso, você tem que dar a vida nisso aqui para você conseguir ser alguém, então, sem ajuda financeira se torna muito mais difícil, né, que nem eu falei, eu por muito tempo eu recebia 900 reais por mês, então era, gastava quase 200 de suplemento por mês, então fazia o que com o resto sabe, aí paga técnico, paga não sei o que, paga não sei o que, paga academia...a ajuda que o CEPE me deu, vamos dizer assim, eu acho que responde um pouco da tua pergunta, a ajuda que o CEPE me deu, vamos dizer que...a grande pessoa que eu tive do meu lado foi o CEPE, foi a instituição CEPE, eles me ajudaram muito, foi eles que me deram, eu nunca precisei pagar a piscina, por um bom tempo a gente conseguiu um apoio de academia, tava sempre ajudando, sempre tentando melhorar então, com certeza eles somaram para eu chegar até aqui, muito assim, mas com certeza esse foi um ponto, o meu peso foi uma dificuldade, eu demorei para conseguir emagrecer, então meu peso foi uma dificuldade, mas nada que eu pensasse em largar ou pensasse em abandonar, eu sabia que ia ser passageiro, era só um obstáculo. Então assim é por isso que eu falo é porque eu gosto muito cara porque eu amo que eu faço porque senão é difícil por exemplo: o CEPE eles eram uma instituição, eles não tinham piscina, eles não tinham nada, então tudo que a gente tinha era do estado ou era de alguma forma particular mas ajuda sabe...tipo piscina particular de tal escola mas que ajuda a gente então, foi difícil porque chegou um ponto que eu precisava de muito mais do que aquilo para dar resultado, que eu não podia mais ...tipo, eu precisava mais do que aquilo é não tinha, a gente não tinha o que a gente está tendo hoje, a gente não tinha Bolsa pódio, então isso foi um momento difícil só que assim, é que nem eu falo, eu particularmente eu nunca pensei: ah! vou largar. tipo, eu sempre estava buscando o melhor, a gente ficou, foi, morei um ano no Rio de Janeiro treinando com a seleção, agora está aqui em São Paulo indo para o segundo ano, então agora é outra realidade outra outra realidade do que eu vivia, tem estrutura, tem academia, tem estrutura profissional, e eu sempre tive um ótimo técnico, que lá em Joinville é o mesmo técnico do Ricardo Fischer é uma atleta de peito, aí tipo ele é um excelente técnico, assim, ele faz milagre numa piscina de 25 e mais nada sabe, então eu fiquei por muito tempo lá também para não sair do CEPE e daí quando rolou isso aqui eu acabei vindo né porque é muita diferença.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

Ah cara, é como se... por exemplo, é de tudo né, de profissional a pessoal sabe, então ajuda e ajuda muito tudo, para mim, eu sou muito amigo do Henrique que é um dos treinadores aqui e assim, ele me ajuda muito no pessoal como no profissional sabe, como a gente está longe de casa, longe da família, então acaba se tornando uma parte da família, acaba se tornando uma família, uma família de fora né então sem dúvidas ajuda, conselhos e até fazer você ficar na linha, eu sou meio taxado como rebelde pela galera aí, com certeza você já sabe né eu sou meio taxado como tudo aí por eles então é bom teu alguém para ouvir também.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Bolsa pódio né cara, que é do governo aí, time São Paulo que hoje é um dos meus patrocinadores que ajudam muito, a caixa econômica, que eu sou patrocinado pela Caixa Econômica também, e é isso aí cara, hoje meus três patrocinadores vamos dizer assim né, Bolsa pódio, Caixa e time São Paulo, e assim cara, cada um deles é uma parte muito importante sabe, então hoje eu não gostaria de abrir mão de nenhum, realmente são importantes, não trocaria por nada também o suporte tecnológico sem dúvida, a gente tá aqui com ...um exemplo né, a gente tá aqui com nosso Biomecânico que está ajudando pra caramba, os profissionais, não tenho que falar né cara, a gente tem profissionais bons e a estrutura eu acho que dá pra melhorar bastante, tá legal mas dá pra melhorar, dá uma "upada" grande aí..e tem o centro né, o centro é tudo que a gente está precisando, uma boa piscina, uma boa academia, uma ótima academia, tudo que a gente ...que um atleta de alto rendimento precisa, tudo perto entende, tu não precisa se deslocar daqui pra ir pra academia entendeu, tudo no mesmo ambiente, tu sai da água vai pra academia, sai da academia e volta pra água com certeza isso faz o próprio treinamento evoluir por conta própria né, consegue ter mais habilidade, consegue ser um treinamento mais dinâmico sabe. E atualmente acho que nada está dificultando, não tem nada que impede. Assim, sempre pode melhorar né, mas atualmente não tem nada que esteja atrapalhando.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara eu acho que poderia ser bem melhor, questão de organização questão de competições nacionais, questão de Open nacional, assim o CPB ele sempre busca melhor, isso sem dúvida, mas as vezes a gente sente que se perde assim no caminho, rola um deslize sabe, então eu acho que poderia ser bem melhor, eu particularmente acho que poderia melhorar, desde a medalha que você recebe as vezes a gente vê que é muito feito em cima da hora, a gente vê que é muito...e assim para gente que da seleção a medalha mais importante é a do Mundial por exemplo, agora para muita gente a mais importante é aquela, então tudo que tem que se pensar tudo tem que não é porque o campeonato é pequeno perto dos outros que ele não deixa de ser uma coisa grande para muitas pessoas, então sei lá eu acho que dá....a organização dá pra ser muito melhor, a gente... é que nem tu me

falou no começo da matéria: ah, o CPB me passou algumas coisas mas talvez estejam errados. isso não pode acontecer conter cerca a gente atleta deles, eu sou do CPB desde 2010 eu sou atleta da seleção e os cara não tem uma cópia da minha identidade, os cara não sabem o meu CPF, como é que pode sabe, para mim é falta de organização, falta de organização total.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Estou aí, estou buscando meus objetivos, estou treinando muito, a intenção é conseguir tanto no para ParaPan desse ano quanto no Mundial conseguir o ouro, a minha evolução é notável, eu estou cada vez tentando melhorar, sempre procurando, por mais que galera me taxe como locão, tatuado e não sei, e gosta de festa e não sei o que, a natação a minha vida sabe, pow! isso aqui é minha vida, a gente largou tudo pra estar aqui, a gente deixou família, a gente deixou ....então assim, eu sou bem locão mesmo, mas a prioridade é natação sabe nunca vai mudar então, quero nadar muito bem esse ano ainda no Mundial no ParaPan, quem sabe chegar mais perto ainda do recorde mundial nos 100 costas que está quase lá, muito trabalho ai pela frente, é isso cara, nada de específico.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 06****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Frequentava um centro de apoio do deficiente visual e aí todo final do ano tem uma avaliação postural daí o meu técnico, o primeiro técnico foi lá dar uma olhada e foi convidar o pessoal pra nadar. Ah você tem o perfil para nadar e tal ...ele me disse. aí eu comecei a nadar comecei três vez por semana, assim eu depois que entrei na nataçãõ, o que me manteve lá não foi nem por nadar, porque eu nem sabia nadar direito, foi o fato de ter outros deficientes e assim o pessoal do esporte é muito de superaçãõ eu desde pequena eu sempre gostei disso sabe, então assim, lá no centro de apoio deficiente visual eu via aquele pessoal todo largado, que não se arrumava, não sabia conversar, aí eu cheguei lá na nataçãõ, era época da Regiane Lucia, uma advogada conhecida, Regiane super independente, fazia tudo sozinha, faculdade, trabalho pessoal super pra cima e eu fiquei encantada.nossa ! então não é tão ruim ser deficiente. Eu estava começando a perder a visão nessa época ai eu falei: nossa! que legal aí eu comecei a ir porque eu ficava conversando com eles, pela socialização mesmo, aí eles mesmos me ensinaram a nadar, porque o cara que dava treino lá ele começou num projeto desses de deficiente visual porque que antigamente deficiente visual ele não conseguia fazer nada na escola né, até pouco tempo, até hoje assim, eu sofro um pouco disso, ah não você não vai poder jogar bola, você não vai poder fazer isso, só que antigamente era muito mais limitado isso, então, pessoal era obesa, não fazia nada sozinho, ai esse Luis começou com um projeto de colocar varias pessoa no esporte, ai a nataçãõ vingou e a nataçãõ continuou. Ai eu comecei a nadar e teve uma competiçãõ de cegos, de deficientes visuais né, foi aqui mesmo, era uma associaçãõ que organizou só de DV, ai eu participei e ganhei duas medalhas de ouro, ai eu fiquei encantada assim, nossa! Que legal, eu conheci o mundo do esporte, pessoal dando parabéns, nossa, que legal. Aí eu comecei a levar um pouco mais a sério, claro, eu tinha doze anos, não queria ir para o treino, queria ficar em casa, seis horas da manha, não hoje ta chovendo, minha mãe dizia: Não. Você vai, você vai. Aí eu ia, aí depois que, depois de dois anos teve uma competiçãõ sub-21 na Colombia em 2009, ai eu fui convocada para ir, aí pronto, comecei a treinar todos os dias, comecei a levar a sério mesmo, em 2010 com o técnico virou para mim...eu nunca tive uma base na nataçãõ, ai o técnico disse assim: Letícia, o que você espera da Nataçãõ? Eu falei: Putz, esse cara vai me mandar desistir da nataçãõ agora. Aí eu falei assim, a Regiane que treinava lá comigo na época tinha ido em um Parapan, ai eu disse: É, meu sonho é participar de uma Paralímpiadas,foi em 2010, morrendo de vergonha né, porque nadava mal, nadava com o pessoal forte pra caramba, ficava perdida lá, aí ele me falou assim: Olha, então você pode acreditar em seu sonho porque você esta evoluindo bastante, e isso vai ser possível, não em 2012, porque falta dois anos, e você só começou a treinar agora, em 2010, mas em 2016 eu to apostando que você é capaz de ir. Aí em 2012 eu comecei a levar bem a sério a nataçãõ, em 2011 eu comecei a receber bolsa-atleta e aí em 2012 eu fui convocada para a seleçãõ, já participei das Paralímpiadas de Londres.

**PESQUISADOR: O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?**

Acho que a base, a parte da base, parte da técnica, até a parte psicológica mesmo, de explicar como funciona, porque não só na natação paraolímpica na natação olímpica também tem um pouco disso que o pessoal tá nadando, não faz nenhuma base mesmo de técnica quer dar o resultado logo, quer ganhar medalha e não é bem assim que funciona, hoje eu sofro muito por isso, que eu não tive essa base e eu acho que é isso, o que mais falta na natação paraolímpica é isso, e também assim, as pessoas terem mais conhecimento de como tratar o deficiente não é tratar ele com diferença mas também saber que ele está ali, que ele precisa de um tratamento especial, por exemplo: eu sou deficiente visual, eu preciso de uma pessoa que me toque, toque na minha mão, e assim, antigamente não tinha isso o pessoal falava lá eu entendia errado e fazia tudo errado precisava de... assim, estudar as particularidades da deficiência.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Sim, a falta de incentivo do clube, falta de incentivo da cidade, por exemplo, eu participei desse Sub-21 em 2009, mas antes disso eu nunca tinha participado de um brasileiro, porque o clube que paga as passagens e hospedagens, não quis deixar, eu até tinha falado: Ah, paga a passagem que eu pago a hospedagem lá em Fortaleza né, para participar. É muito importante essa coisa de conhecer, estar no meio, que nem para mim, Londres, eu não tinha chances reais de ganhar medalhas, fiquei em nono lugar, mas assim, é fundamental você conhecer, estar no meio, vivenciar a atmosfera, faltou muito disso. Eu fui participar do nacional depois de ter ido a uma competição internacional, que o comitê convocou, por conta do clube que não quis bancar a passagem, é um incentivo financeiro né.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Hoje assim, é fundamental porque eu passo mais tempo aqui com meus treinadores do que na minha própria casa, com meus pais, principalmente eles que estão morando aqui, eles tem muito conhecimento e meio que transferem a figura de autoridade dos pais para o treinador, então eles tem bastante autoridade, bastante autonomia, tudo ele tem controle sobre os atletas, então é bem legal isso. Os professores na escola no começo não me incentivavam a praticar educação física, eles não deixavam eu jogar bola, jogar vôlei, não você não vai jogar é perigoso, mas daí depois que eu virei atleta: ah não agora pode.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

O Bolsa-Pódio. É a principal delas, porque para você ser um atleta de alto rendimento, você precisa estar integralmente dedicado, não tem como você trabalhar, então como você vai sobreviver sem dinheiro, então você precisa ter um incentivo financeiro. Também a estrutura né, esse projeto aqui, esse centro de treinamento, é mais o CPB que está bancando, porque era para ser o governo, era ter começado o ano passado aí o governo enrolou, aí o pessoal tava sem treinar, sem piscina, aí o CPB começou logo com o projeto, mas tá para sair um muito bom lá né, no centro de referência, isso vai ser um grande incentivo de estrutura né, mas por enquanto, agora não.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Evoluiu bastante né, mas ainda tem muito que evoluir na parte de organização, divulgação, eu acho que está caminhando né, o fato de ter as Paraolimpíadas 2016 aqui no Brasil está colaborando bastante, mas ainda tem muito que evoluir. Eu acho que depois do Rio 2016 vai dar uma diminuída assim, porque, nunca se teve tanto incentivo como está tendo agora, mas foi que nem t em 2007 no Parapan, super incentivo, piscina, tal, depois não faz manutenção de piscina e tal, depois da uma caída, não me preocupa tanto porque eu pretendo me fazer como atleta até 2016, depois que você já tá no topo, no Brasil isso facilita, problema é para você chegar lá, por exemplo, hoje eu tenho essa estrutura, mas quem está começando, que treina lá no MESSE comigo, que não tem índice para nada, treinando numa piscina de 24 metros fervendo, não tem técnico, não tem fisioterapeuta, não tem academia, não tem nada.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não, acho que já falei.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 07****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Eu...quando eu tinha, cerca de uns 12 anos eu comecei a sentir dores na coluna e eu era muito novo para isso e o médico ele ... pediu para eu começar a nadar que seria bom para mim, ai foi quando ele me recomendou a natação, comecei mais por indicação medica mesmo, e após um tempo eu comecei a gostar e querer cada vez mais treinar, treinar naquela época era nadar né.. e ai, eu tinha uns 14 anos, teve uma competição interna lá, e aí eu nadando só com o pessoal convencional, aí, inclusive ganhei de todos eles e aí tinha uma técnica lá que treinava o pessoal em Goiás e me viu lá e me chamou para treinar, foi aí que começou né, com uns 14, 15 anos eu comecei...mas eu comecei em função da reabilitação mesmo né, para não agravar mais o meu problema de coluna.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Quando eu comecei? Cara, quando você começa no esporte sem a intenção de nada, igual eu comecei, eu acho que você tem outra visão das coisas, tudo bem que hoje eu nado profissionalmente então hoje você sempre tem...você pensa um pouco nessa parte, porque naquela época era muita diversão entendeu? você não tinha nada: Putz, tenho que fazer um tempo, tenho que fazer isso, você não tinha objetivos assim, era mais diversão mesmo, quando você é novo você começa nessa perspectiva, depois de um tempo começou um pouco competitivo eu comecei a ter novos desafios. Nesse momento, eu acho que o apoio familiar, porque foi o que...no início, pelo menos no meu caso, no meu caso por exemplo eu não tinha condição de nada, eu não podia comprar suplemento, não podia comprar uma roupa tecnológica para nadar, eu não tinha nada disso, eu custava ganhar um óculos da minha mãe para treinar, mas minha mãe sempre me dava força, sempre me apoiava, então eu acho que isso aí é principalmente um...a principal parte disso é o apoio familiar.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Olha, essa parte financeira é uma parte complicada, porque se você quer entrar no esporte de alto rendimento, precisa realmente de ter um apoio financeiro de até...digo nem um apoio financeiro, mas...na época que eu comecei não tinha nenhum investimento, não do comitê, mas do estado entendeu, não tinha investimento nenhum lá, tinha piscina, se você quer se tornar um bom atleta, piscina se torna, sei lá... 30-40% do que você tem que fazer, porque e uma junção de um monte de coisa, então foi bem complicado no início isso aí, minha mãe tentava ao

máximo me ajudar, me ajudava em tudo que eu precisava, mas acho que essa é a parte mais complicada.

Cara o CPB ele tem um investimento muito grande, tem trabalhado muito para essa questão de inclusão né, então, primeira vez que eu fui numa competição, eu tinha hotel pago, eu tinha...eu lembro disso como se fosse hoje, aquilo para mim..eu gostei sabe, porque era uma nova visão da minha vida, porque eu não tinha condição para estar num lugar daqueles, e eu tava. Então aquilo ali já me deu um gás maior porque eu criei ali um objetivo, nunca tinha ido para uma competição, foi inclusive num centro oeste, um campeonato regional, nunca tinha ido para uma competição daquele nível, cheguei lá para nadar naquele lugar e aquilo ali já começou a ser um foco: Putz, ano que vem quero estar aqui de novo. Então eu acho que isso ai deu esse gás para continuar, mas a questão do estado lá cara, pelo menos de onde eu vim, tudo que eu precisei foi bem complicado cara, mais o CPB tem tentado abrir algumas portas em alguns locais do Brasil, mas ainda é uma coisa muito limitado sabe...aqui é o centro, mas lá em outros locais que eu também sei que são locais complicados se o CPB não vier, é complicado. Com certeza se tivesse novos centros de treinamento no país em diversas regiões do país novos atletas surgiriam com certeza, se você tem o local onde você tem o apoio...não digo nem o apoio financeiro, mas um lugar onde você se sente bem, você sai da sua casa, chega lá e tem o que se alimentar, tem...se ocupa no esporte ali, já é um ponto de partida muito bom, e centro de treinamento, cara, acho que é um pouco distante de ter, mas cara, nada que acho que seja impossível, mas é uma p\*\*\* ideia né, e acho que chamaria sei lá, 400, 500 vezes mais do que tem hoje no esporte entendeu.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Cara, é total, não adianta você ter o talento, não adianta você ter o esforço se não tiver um cara que você possa chamar de mestre lá do lado né, eu tinha um técnico meu de Goiânia, o cara era muito profissional, eu gostava muito dele, ele falava para mim: *Cara, foca na piscina, faz a parte braçal que a parte de pensar eu faço, é comigo.* E aquilo me deixava muito tranquilo, porque eu confiava no trabalho nele, isso eu acho que tem que existir, acho que em questão de importância é mais de 100%, porque eu, se você falar: Vanilton, você vai se tornar o melhor atleta porque você tem dom, então vai lá, é você e você. O cara acho que não sai 10% do que poderia fazer se ele tivesse um bom profissional que ta empenhado junto com ele. Meus professores sempre me incentivaram, a maioria das pessoas quando entra numa profissão ela entra porque gosta, então aquilo ali, acho que a pessoa tem um empenho, não falo que é 100% porque eu também já conheci muitas pessoas que eu vi trabalhando e fazendo aquilo pela questão do dinheiro mesmo, mas a maioria se empolga mesmo quando vê você dando resultados, quando vê você rendendo nos treinos mesmo, isso já vi muito, você que aquilo ali tem um sentimento maior entendeu.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Cara, olha, agora começou um projeto muito forte que é o Plano Brasil Medalhas, esse projeto eu acho que para o atleta que já está em alto rendimento é um ótimo projeto, porque o atleta despreocupa da vida financeira, tudo que ele tem que comprar, ele vai ter como comprar sabe entendeu, ele não precisa ficar fazendo pedido, ele não precisa ficar correndo atrás de nada, porque patrocínio hoje em dia é muito complicado, até porque a demanda de atletas, a demanda de muitas coisas aumentaram, então, vamos supor, no passado surgia na nataçãõ 4 ou 5 atletas bons, então os 5 tinham que correr atrás de patrocínio, se tinha 300 empresas, para os 5 ficava um tanto legal para cada um correr, e até mesmo para empresa ficava mais fácil porque eram poucos, agora hoje em dia não, hoje em dia só de atleta de alto rendimento que tem um índice técnico bom na competição paraolímpica tem 90, então isso aí aumentou bastante, então o crescimento de empresa eu acho que não acompanhou esse negócio, então aí que eu acho que a área governamental tem que entrar, porque se quer montar bons atletas tem que ter um investimento e igual a esse projeto do Ministério eu acho que é um p\*\*\* projeto que você tem o dinheiro para você compra o que você tiver necessidade né, você não ficar tendo que economizar com uma coisa que é necessidade né, para ti ter uma ideia, hoje nós estamos com...creio eu que, se não os melhores, um dos melhores profissionais na área de nutrição e na área de educação física e de tudo eu acho que a gente tá aqui com uns caras muito feras, e inclusive na nutrição, ele..o nosso nutricionista é um cara que pede suplementos específicos, e os suplementos que ele pede são muito mais caros que os outros, então, se eu não tiver o dinheiro para comprar, o que vou fazer? Se um nutricionista me passa uma proteína para tomar, eu não vou chegar lá e comprar uma proteína de R\$600,00 eu vou chegar lá, se eu sei que tem uma que custa R\$100,00, eu vou comprar uma de R\$100,00!! Mas aqui não, esse projeto da uma força pra caramba, se não tem que economizar, você passou uma coisa, você vai lá e compra. Esse é um dos projetos.....tem o TIME SÃO PAULO aqui, que foi criado aqui, tem o TIME RIO, o CPB está abrangendo tá pegando muitos atletas e distribuindo bem, igual ao patrocínio que tem com a CAIXA, tem vários projetos aí que o CPB tá fazendo, que está movimentando o esporte paralímpico, tem o próprio centro de treinamento, putz, ali é um centro de excelência mesmo, porque,...inclusive é colocado em nossas reuniões que tu pode contar nos dedos os centros de treinamento que tem no mundo que vai ser equiparado ao daqui do Brasil, as Paralimpíadas Escolares, inclusive o Andrew (presidente do CPB) na última abertura ele falou: *É o principal evento que a gente tem no Brasil*. Porque? Porque é ali que os meninos começam, é ali que... pessoa que não tem idade para estar em um campeonato brasileiro começa, é ali que eles sentem o gosto da competição primeiro, tem a chance de ganhar medalhas sem estar nadando com um pessoal mais velho, então ali é..tudo começa com a criança né.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara, dividi a organização paralímpica nos aspectos federal, estadual é uma coisa que você aumenta o nível 10 vezes, porque o CPB hoje, ele tem feito um trabalho que....eu que comecei mais novo não peguei...até o pessoal que começou antes bem antes de mim fala que hoje não tem comparação com o que foi no passado, mas hoje o CPB ele tem investido, ele tem buscado fazer ao máximo suprir todas as necessidades dos atletas de alto rendimento, e até mesmo pensado no resgate e na criação de novos talentos, então isso é bom. Agora em nível estadual, isso acaba, acaba, porque o CPB não tem como ir em cada estado fazer, montar alguma coisa, hoje não tem esse poder econômico para criar um centro de treinamento, mandar uma equipe ali para buscar novos talentos, começar um treinamento, porque um trabalho para dar resultados, cara, é muitos anos, então o CPB ainda não tem como investir, então ele tenta aos poucos aumentar o trabalho para tentar buscar, mas pode ser demorado, mas em questão estadual não presta, não presta. Pelo menos assim, nos lugares que eu conheço. Exceção é TIME RIO E SÃO PAULO onde estão concentrados a maioria dos atletas, por exemplo aqui, os Jogos Abertos, nos outros estados é bem difícil ter, em Goiás também tem, só que aqui, o pessoal até contrata atleta paralímpico contrata, mas é porque vê a necessidade de estar ganhando, não é uma coisa que o pessoal: *Ah não, a gente quer fazer porque quer a inclusão*. No estado de Goiás da mesma forma, não tem investimento nenhum lá, não tem necessidade nenhum, não tem empenho, se não tiver como fazer a competição paralímpica lá, eles não fazem, é melhor para eles entendeu, é menos gasto. Aí você vê que falta um pouco, não é fazer por obrigação mas por vê que tem uma sociedade que necessita daquilo e também é preciso para uma inclusão social né.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não cara, hoje eu estou no Centro de Treinamento da seleção que eu acho que a seleção ta segurando bem para ajudar a gente, claro que tem muitas coisas que não da para fazer agora, porque esta sem o Centro Paralímpico, mas a gente está com uma equipe de primeira ai que eu acho que da para desenvolver bem o trabalho, eu estou no primeiro ano aqui com eles, e ..cara, daqui para frente é só acertar as coisas que acho que o caminho é esse entendeu, ta muito certo as coisas, está bem encaminhado, os resultados estão aparecendo.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 08****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Eu comecei em uma piscina da Prefeitura perto da minha casa, até então eu não conhecia a natação paralímpica aí eu comecei, eu fiz um teste e eu comecei a frequentar as Aulinhas e pouco tempo depois eu comecei a ir para as competições e aí me dei bem e comecei a...e entrei no treinamento e foi lá que comecei, no João do pulo lá em Guarulhos. Eu fui a primeira atleta paraolímpica a aparecer lá e eu entrei com as aulas normais com crianças normais entrei no treinamento depois com os atletas normais.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

O que foi importante? eu dei muita sorte assim as pessoas que eu encontrei lá nessa piscina me ajudaram bastante me colocaram no rumo certo e também a minha família que acreditou demais assim e me deu força me deu coragem para não parar nunca também meu treinador, a chefe...técnica lá do lugar, de início foram esses dois muito importantes. Tipo quando eu conheci a natação paralímpica era uma coisa assim ..totalmente diferente, quando eu ..antes de conhecer eu era uma pessoa muito tímida, tinha vergonha na escola eu achava que hora única no mundo diferente mas depois eu comecei a frequentar as competições eu conheci muita gente com deficiências de todos os tipos e aí eu comecei a ver que não era nada né...que o meu problema não era nada, e aí foi depois desse acontecimento na minha vida que eu comecei a me soltar mais, comecei a viver então minha vida pessoal ficou muito melhor com esporte.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Ah não, é que...eu comecei pequenininha então, faz muito tempo na minha vida que eu estou nisso né, é complicado né mas eu tenho isso para minha vida, eu já me formei, eu já ... eu tenho ... eu ganho um salário para fazer isso então eu dedico toda minha vida para isso eu faço 24 horas por dia eu me preparo para o treino.

**PESQUISADOR: *Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)***

Ah é uma importância ...são fundamentais né, porque um atleta não é nada sem um treinador, não dá pra treinar sozinho ou falar que não é importante porque é a pessoa mais importante, ele te prepara todos os dias para você fazer o seu trabalho né, chegar no dia da competição e nadar bem né, ele é a pessoa mais importante, não existe atletas sem um treinador né. Também meus professores de educação física sempre me incentivavam a praticar esporte, na escola eu sempre tinha competições da ginástica olímpica, de atletismo e eles sempre davam um jeitinho de me encaixar, eu comecei correndo, fazendo corrida, aí depois na escola a gente aprendeu ginástica olímpica, os esportes com bola e a natação veio depois.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Precisa ter à disposição uma piscina muito boa, é os profissionais, o treinador como eu disse se o atleta não se identifica com a pessoa, com o estilo de treinamento dele, também não dá, tem que tudo combinar, os fisioterapeutas são importantíssimos, o psicólogo também em indispensável porque um atleta também precisa muito de um acompanhamento psicológico e um nutricionista bom porque o atleta precisa estar sempre mudando a dieta né dependendo do treinamento que ele faz né, também um atleta precisa ter um salário né porque é um gasto muito grande, lógico no meu caso precisa muito do apoio da família, precisa ...não sei mais.(risos) hoje eu tenho todo esse apoio, tenho estrutural para treinar, tenho o salário e os profissionais capacitados para auxiliar. Outras ações que contribuem? tem ..tem tem as Paralimpíadas escolares, acho muito legal, eu acho que eu participei umas três vezes e eu acho que é uma ação muito legal para o movimento paraolímpico brasileiro porque ela pega muitos jovens né, é ali onde tudo começa né, então se eles promovem essas competições, dá uma animo pra eles e muitos se identificam na vida de atleta e continuam a partir dessa, dessa competição que é muito boa.

**PESQUISADOR: Quando você iniciou no esporte, você se espelhou em algum atleta?**

ah em todos que eu conheci né, o meu ídolo, ídolo assim desde que eu comecei foi o Daniel Dias e o Clodoaldo, primeiro foi o Clodoaldo e depois o Daniel Dias e fora todos os outros que eu conheci né, eram todos meus amigos, são todos ótimos exemplos.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Ta melhorando demais né, a ajuda, principalmente a ajuda financeira está cada vez mais reconhecido né, por causa do Daniel, do Clodoaldo que ganharam várias medalhas e apareceram bastante na mídia, então eles estão, ainda é pouco, mas ele estão começando a olhar para o lado de cá né, mas eu acho que ainda poderia mostrar mais ainda.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Acho que não, não sei. Acho que é isso.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 09****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 11/12/2014****Local da Entrevista: E.C. São Caetano, São Caetano do Sul-SP****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Cara, eu comecei a nada com 07 anos, por orientação médica para não ter um problema mais sério na coluna né, porque eu tinha a postura muito ruim, ficava parado, todo torto, quase uma escoliose na coluna já, aí o médico me indicou que o melhor era a natação né, aí desde os 07 anos eu comecei, foi lá na cidade onde eu sempre morei que é Pindamonhangaba, no interior de São Paulo, e até então eu não conhecia muito o movimento paraolímpico né, com 12 anos eu fui convidado por um técnico da prefeitura de Pindamonhangaba a ingressar na equipe paraolímpica, era PCD até como o pessoal chamava, que tava começando o projeto e tal eles me viram nadar na academia e acharam que eu nadava bem e me convidaram e desde então eu comecei a conhecer o movimento, me aprofundar mais nas coisas, procurar mesmo conhecer o que eu tava fazendo e desde então eu estou aí.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Ah cara, acho que o esporte além de tudo...além de conquista, de...realização pessoal acho que o meio esportivo te dá muitas amizades né, dá algumas muito verdadeiras e bem estar né, a saúde, poder estar praticando esporte todo dia, apesar de cansativo, apesar de algumas dores no caso de treino e tudo, é uma coisa muito prazerosa sabe cara, acho que o esporte na minha vida eu costumo dizer que é tudo sabe cara, é o que eu sei fazer de melhor é o que eu vivo para fazer, se hoje em dia eu fosse obrigado a parar eu não sei o que faria sabe, porque é tudo que eu sei fazer e é tudo que eu quero fazer por muito tempo.

**PESQUISADOR: *Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Cara, que eu me lembre não cara, que a hora que eu comecei a nadar numa cidade, na prefeitura então geralmente é mais difícil verba, o pessoal levar, ainda mais que quando eu comecei o esporte paraolímpico já estava crescendo no Brasil, meu primeiro circuito foi em 2009 então já tinha...galera já tinha nadado muito bem Pequim, já tinha uma visibilidade maior, mas querendo ou não ainda tem um pouco daquilo né: *Nossa, Paraolímpico*. Pessoal não vê como alto rendimento ainda, acho que a única dificuldade que teve foi isso, conseguir verba para ir em competição, pessoal valorizar mesmo as conquistas sabe, acho que foi mais isso, mas em questão de preconceito, da galera: *Não, não pode porque não vai conseguir*. Isso não cara, isso nunca.

Também a estrutura, as piscinas que eu nadava lá em Pindamonhangaba eram boas cara, assim para treino sabe, nunca achei tão ruim não e sempre que ficava fria a piscina começava a ficar gelada eles pagavam uma academia para gente treinar, então em questão assim, eu nunca...nunca foi problema não cara, sempre tive uma piscina de 25 metros para treinar sabe, pelo menos um período por dia, então de estrutura, essas coisas para mim não foi problema, na verdade foi bem tranquilo assim, porque eu sempre gostei de nadar, aprendi os quatro estilos muito

rápido, sempre fui interessado, sempre fui muito competitivo também, quando fazia aulinha de natação eu sempre queria chegar na frente da turma também, eu lembro que sempre nadava com minha irmã até, minha irmã começou a nadar também no começo e a gente sempre competia no começo, então isso já estava dentro de mim já sabe, só faltava alguém puxar, e na hora que puxaram eu fui.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Cara, sem treinador eu acho que não existe atleta né? Acho que os dois caminham juntos cara, é uma coisa muito importante, porque eu confio muito no trabalho que eu faça sabe, muito, independente do técnico que eu tava quando eu tava em Pindamonhangaba, eu confiava muito no trabalho que eu fiz, quando treinei no..., confiei muito no meu técnico, agora que estou aqui em São Caetano eu confio muito no trabalho dos técnicos daqui também, eu sou de uma opinião cara, eu nunca fui obrigado a treinar com ninguém, sempre treinei com quem eu quis e cara, se eu estou ali e estou treinando com quem eu quero é porque eu confio muito no trabalho da pessoa entendeu? E se eu não confiar não tem porque eu estar onde estou, então é isso cara, sem atleta não existe treinador e sem treinador não existe atleta também sabe, acho que os dois caminham junto, é uma parceria que quando dá certo colhem muitos frutos, eu sou apaixonado por educação física sabe, e eu tenho.. no meu ensino médio eu tive um professor de educação física, faz 3 anos que sou formado no ensino médio e até hoje a gente é amigo sabe, é uma cara que sempre me incentivou, Professor Roner, o nome dele, sempre me colocava para cima, era um amigo mesmo sabe cara, foi até além dos professores, ele que me incentivava, não só ele como outros professores de educação física que eu tive me incentivaram, acho que isso é muito importante do professor de educação física né, além de ensinar a matéria é incentivar as pessoas a praticar esportes, pode não ser um dia ser atleta mas pelo menos não ser sedentário, mas ter uma vida ativa, uma caminhada, uma corrida, até mesmo uma natação, hoje em dia tá muito fácil de fazer uma atividade física né cara, esse é um papel muito importante do professor

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

Cara, a vida de atleta é muito regreda né, todo atleta tem uma vida muito regreda, e comigo não é diferente, eu procuro me alimentar bem, descansar bastante, dormir cedo, final de semana não sair, sair o mínimo possível, principalmente em época de pré-competição assim, umas 3 semanas antes da competição, eu procuro ficar bem concentrado mesmo e cuidar do meu corpo né, que é meu instrumento de trabalho, então não bebo, não fumo, me alimento bem e acho que é isso cara, quando mais eu me cuidar mais longa vai ser minha vida no esporte. Também existe as bolsas né cara, agora também o bolsa-atleta, o bolsa-pódio, eu faço parte de um projeto muito bom aqui do governo do estado junto com o CPB que é o TIME SÃO PAULO também, que dá um suporte muito grande, principalmente para a gente aqui, eu que to morando sozinho aqui em São Caetano, então para sustentar, é uma coisa que ajuda bastante.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

Cara, melhorou muito né, muito, muito, muito. É que, antigamente eu não posso dizer né, porque eu não tava no meio e não entendia né, mas as vezes conversando

com o Clodoaldo Silva que treina aqui com a gente, até mesmo com a galera que entrou um pouco depois do Clodoaldo, como Daniel Dias, André Brasil, pessoal fala que não dá para comparar sabe cara, claro que tem coisas para melhorar né, sempre tem coisas para melhorar né, porque quando chegar na perfeição o Brasil vai estar no topo e acho que a gente tá caminhando faz muito tempo para chegar no topo, mas ainda tem muitas coisas para melhorar, mas acho que é uma gestão muito boa que está tendo. Acho que pode melhorar, são coisas pequenas que podem ser melhoradas ainda, acho que tem mais coisas boas do que ruins sabe, são coisas pequenas, agora na cabeça não me vem alguma que eu posso citar, mas tem muito mais coisa boa do que ruim acontecendo.

**PESQUISADOR: *Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?***

Acho que foi tudo esclarecido aqui na entrevista, acho que tá certinho.

**Transcrição de Entrevista****Atleta: 10****Modalidade: NATAÇÃO****Data: 08/01/2015****Local da Entrevista: Casa do atleta, Brusque-SC****PESQUISADOR: *Você pode me dizer como foi seu ingresso no esporte paraolímpico?***

Ele aconteceu em 2007 minha primeira competição foi as paraolimpíadas escolares em Brasília e depois em 2008 eu só competi uma vez aqui em SC que foi o parajasc que é uma competição aqui do estado de SC, na nataação, essa época eu treinava 3 vezes por semana, estava ainda estava na escola e existia uma falta de competições, era difícil me dedicar mais né, meu pai me acompanhava muito nos treinos e também nas competições até 2013, 2014 ele foi meu *tapper* então ele pegou muita só parte do início até hoje...hoje em dia, nas competições ou vou sozinho nas competições internacionais ou nas nacionais estou dando oportunidade para minha mãe poder ir comigo saber como é a parte de competir saber como funciona mas voltando à pergunta, em 2000 e eu comecei a competir nos regionais da Caixa loterias em 2009 que foi e quando através de um amigo do meu pai que se chama o Oderlei ele estava no comite paraolímpico na parte de futebol para cegos então esse amigo, falou...ele falou que conhecia o coordenador da nataação e ele falou assim: vou conversar com o Gustavo e já vamos ver as competições que ele pode ir...e ai em 2009 eu participei do primeiro regional e logo depois com o resultado, o coordenador da Nataação já falou: Poxa, você nada bem, tem técnica, tem futuro e agora já tem o mundial de Jovens da IBSA nos EUA, ele falou, vamos participar, vamos lá. Aí voltei desse mundial de jovens com 4 ou 5 medalhas, 3 ou 4 de prata, preciso ver certinho ali quantas foram. E depois com o passar dos anos foi se confirmando que é o que quero para hoje e para um futuro longo se Deus me permitir. E ai depois disso, só deram coisas boas, em 2010 eu fui convocado para a seleção de jovens e hoje to na seleção principal do comitê. Na escola, sempre tinha um professor que me incentivava, ele dizia: vamos correr um pouco. Tanto que participei de um evento de corrida aqui em Brusque, eu já nadava né, me faltou base né, questão de treinamento. Assim, para se iniciar a gente pensa que é fácil, então eu não sei se o problema esta na desinformação ou superproteção dos pais ou na mentalidade de pensar que o esporte não é um futuro, hoje em dia ta mudando, a parte de mídia esta mostrando mais, desde 2004 esta mostrando mais, tem que agradecer, mas as famílias precisam se conscientizar mais. Também tem isso né, tem atletas que precisam trabalhar, não consegue se manter só nos treinos, muitos amigos daqui, na escola, pararam cedo, falavam: Não deu, não ganhei nada, tive que sair dessa. É triste porque a gente procura sempre a competitividade, procura adversários, tanto que 90% das vezes que melhorei meu tempo foi em competições grandes.

**PESQUISADOR: *O que você considera importante para o início de sua vida esportiva?***

Olha, é...eu acho que o inicio foi o incentivo enorme da minha família, as vezes a pessoa pensa que o esporte não dá futuro, uma desinformação sabe. E eu tive isso,

todo incentivo da família, no início eu não sabia sobre a natação e fui muito incentivado pelo meu pai. Vamos lá, você aprende. Então, eu aprendi, hoje em dia a natação é uma paixão, é um amor, eu amo o que eu faço. No início fui aprendendo desde da base técnica até o que eu sinto hoje. E quando a competição é boa, cada vez vai ficando mais difícil melhorar, mas eu venho sempre melhorando os tempos e acredito muito que com o treino pesado, com a equipe toda, nutrição, psicólogo, fisiologista, é..fisioterapeuta, médico, treinadores juntos ...eu acredito que dá para chegar, dá para melhorar. Eu coloquei metas muito ousadas para 2015 e 2016. Acho que o céu é o limite, se a gente não pensar grande..é..não pode se frustrar, não da para desistir, o que não é meu caso.

**PESQUISADOR: Você pode me dizer se existiram situações que dificultaram seu ingresso no esporte paraolímpico?**

Hoje em dia eu também encontrei os treinadores aqui em Brusque, o Marcelo Fugimori, tem o Leonardo que ta comigo na piscina aqui em Brusque, tem o Rogério Branco que é da parte funcional, e todas essas pessoas..assim, trabalhar com mais de um treinador é um desafio, são visões diferentes. Só complementando a informação, tenho a equipe.. tem a Nadia Ventura que é a nutricionista de Blumenau, a Jamile a psicóloga de Bal. Camboriu, fisiologista Fabio Cardoso de Blumenau, mas enfim, a dificuldade no início foi encontrar um treinador bom, também a logística né, eu estava estudando a escola dava uma flexibilidade boa para mim e...eu acho que de dificuldade mesmo faltou a base mesmo, aquilo que falei.

**PESQUISADOR: Qual a importância dos professores e treinadores para sua vida esportiva? (Desde seu ingresso)**

Acho que total importância, eu sempre falo e sempre dou o mérito, acho que sem eles eu não seria ninguém na natação, que hoje eu estou aqui é por conta deles, eu confio muito neles. As vezes recebo um treino e pergunto porque essa série? Eu recebo e eu faço, eu não questiono, não reclamo que sei que é bom, se o cara estudou e eu estou com ele até hoje é porque eu confio ...se eu quero chegar no topo tem que seguir né. Os professores na escola, tive bastante incentivo da parte deles, não posso reclamar, foi bem bacana.

**PESQUISADOR: Quais são as ações que contribuem para se manter como atleta paraolímpico de alto rendimento? E quais dificultam?**

A Bolsa-Pódio do Ministério, que acho que é fundamental, como o Bolsa-Atleta nos diferentes níveis, importante para quem ta começando, tem nacional, estudantil..então assim, para quem vai se dedicar..é lógico eu a pessoa precisa..assim, quando comecei teve investimento da família, para eu começar a receber patrocínio é...algum tipo de dinheiro, eu levava..eu juntei revistas, jornais e tudo e ia levando nas empresas da cidade mesmo, olha...quase como pedir esmola mesmo, tentar encontrar o dono da empresa e me apresentar..na época era para Londres em 2012..ai consegui algumas empresas daqui...e a parte do governo teve o Ministério e a Caixa né. Também o incentivo de estrutura né, mais piscinas de 50m, não envolve só governo né..o Centro Paralímpico por exemplo, no papel esta muito legal, to muito esperançoso, todo mundo fala bem da piscina, que competições irão acontecer lá mesmo, então eu acho que o que o governo faz não

envolve só eu, mas...tudo eu envolve estrutura, técnico bom e de qualidade, bem remunerados, eles merecem tanto quanto o atleta, porque...se não...é uma equipe, ta junto sabe, tem que incentivar um pouco mais.

**PESQUISADOR: Como você vê a organização geral do esporte paraolímpico no Brasil? E em sua modalidade?**

É..de outros esportes é injusto eu falar, eu não conheço, a natação, a coordenação mudou ano passado, o Leonardo Tomasselo entrou ano passado, melhorou muito com um sistema de metas, acho que os profissionais foram se adaptando, os horários eram diferente dos meus aqui, porque são 3 a 4 semanas de treino por ano lá em São Caetano, para eles eu estão lá em São Caetano, as piscinas eu acho que são muito geladas, pessoal diz que as vezes é difícil treinar porque os aquecedores estão com problema...mas eu acho que a estrutura legal né, isso do pessoal que esta lá na seleção principal né, outros atletas podem ter problemas de estrutura, técnico né..tudo que passei né..mas acho que seria isso assim, a comissão como ela tá, tá legal, só gostaria que meu técnico fosse valorizado, ta legal?ta legal mas pode melhorar, ele ta comigo desde 2010 né e hoje ele ..a posição dele ainda é auxiliar técnico.

**PESQUISADOR: Em relação a sua vida esportiva, existe alguma que você gostaria de dizer que não foi perguntado?**

Não, acho que..acho que o financeiro graças a deus tem o bolsa-pódio, tem a caixa, mas ainda sim, toda essa equipe que esta comigo, lá em São Caetano o comitê banca né, aqui ninguém banca nada, para mim é pesado, tenho três técnicos, então, tenho psicólogo, nutricionista, tenho tudo..é uma escolha que eu fiz..poderia ir para São Paulo, mas preferi me manter aqui, principalmente para quem não ter bolsa e acaba parando por isso, não consegue nem bancar os técnicos. Era isso.